

MICHAELUS

**MAGNETISMO
ESPIRITUAL**



MAGNETISMO ESPIRITUAL

MICHAELUS

MAGNETISMO ESPIRITUAL



Copyright © 1952 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

11ª edição – 1ª impressão – 1 mil exemplares – 1/2020

ISBN 978-85-9466-297-2

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB
SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil
www.febeditora.com.br
editorial@febnet.org.br
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB
Comercial
Tel.: (61) 2101 6155/6177 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

T586m Timponi, Miguel, 1893-1964
Magnetismo espiritual / Michaelus (pseudônimo de Miguel Timponi) –
11. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2020.
291 p.; 23 cm
Inclui referências
ISBN 978-85-9466-297-2
1. Magnetismo. 2. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.
CDD 133.9
CDU 133.7
CDE 30.03.03

Sumário

Magnetismo Espiritual

4Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Referências

Índice geral

MAGNETISMO ESPIRITUAL

A FEB Editora tem o júbilo de trazer a lume reedição da clássica obra *Magnetismo espiritual*, autoria do saudoso jurista Miguel Timponi, autor também da excelente *A psicografia ante os tribunais*, que trata do famoso processo judicial pertinente ao caso dos direitos autorais sobre a obra de Humberto de Campos psicografada pelo inolvidável Francisco Cândido Xavier.

O autor adota o pseudônimo Michaelus para assinar o livro, publicado pela primeira vez como artigos em *Reformador* nas edições de agosto de 1950 a abril de 1953. *Magnetismo espiritual* seria publicado em formato de livro em sua primeira edição apenas seis anos depois, em 1959, sendo que a última reimpressão ocorreu em julho de 2011. Atualmente, a obra está na 10ª edição, com tiragem total de 40.000 exemplares.

O livro propõe um estudo sobre o magnetismo e a sua relação com o Espiritismo. Tem como objetivo esclarecer o leitor sobre a vida mental do ser humano, bem como explicar os fenômenos tidos como sobrenaturais. Dentre as temáticas abordadas por Michaelus, destacamos: ação magnética; curas realizadas por Jesus; fluido vital; pensamento e vontade; perispírito; e prece.

Em linguagem didática e de fácil compreensão aos leigos em assuntos técnicos, a leitura de *Magnetismo espiritual* permitirá elucidar que o Espírito, a vontade, o perispírito, o fluido e o corpo físico são os elementos integrantes do fenômeno magnético e que este repousa em Leis Naturais ou Leis Divinas da Criação.

Trata-se de leitura indispensável aos estudiosos do Espiritismo e a todos que desejam conhecê-lo mais de perto.

Brasília (DF), novembro de 2019.

GERALDO CAMPETTI SOBRINHO

Vice-Presidente da Federação Espírita Brasileira

CAPÍTULO 1

“Entre os seres pensantes, há ligação que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreendereis melhor.” (KARDEC, 2016a, q. 388).

4

.

1

Deus, o Criador de todas as coisas, se fizesse perfeito o homem, desde o seu nascimento, teria construído um mundo sem trabalho, um mundo absolutamente evolvido, onde nada haveria por descobrir. A existência das criaturas não teria um sentido ou uma finalidade. Um mero capricho do Criador — fazer aparecerem diante do mundo seres que nem sequer se preocupariam em ensinar e transmitir conhecimentos, pois que todos seriam igualmente evolvidos e sábios.

Mas assim não acontece. Na obra de Deus não é conhecida a palavra paradoxo; ao revés, tudo obedece a leis e a princípios inflexíveis. Ao homem compete o estudo dessas leis e desses princípios, como tarefa primária para ascender a escala infinita da absoluta perfeição. E nessa trajetória luminosa, embora árdua, quanto maior a ascensão, tanto mais profunda será a compreensão dos ainda misteriosos desígnios do Alto, e tanto mais nítida a contemplação da beleza e da harmonia da Obra Divina.

A Humanidade está positivamente situada no início da escala, acertando ainda os seus passos tateantes e inseguros. Incipiente é a sua ciência,

acanhados são os seus recursos e métodos de observação e análise. E para vencer a rotina, há mister de poderosa concentração de energia, porque o pouco que se conhece forma a inércia dos preconceitos, uma imensa barragem ao livre curso do pensamento e das novas ideias.

Por isso, todos os precursores de movimentos de renovação científica, filosófica ou religiosa experimentaram e amargaram dissabores e decepções de toda a ordem. Dir-se-ia que os homens opõem obstáculos ao descobrimento das próprias verdades indispensáveis ao seu progresso e à sua felicidade. Há um amor-próprio coletivo, como há um orgulho de casta, uma vaidade científica, um preconceito filosófico e uma intolerância religiosa. O transbordamento violento das paixões é o apanágio da exaltação de inferiores sentimentos e, principalmente, do egoísmo. São esses os grandes inimigos, que nos espreitam a cada passo, que nos tolhem a liberdade de pensar bem e alto, e que emperram o triunfo de todo ideal de progresso, conforme o atesta a própria História da Humanidade.¹

4.

2

Tudo isso, entretanto, está na lei. É necessário purificar, antes de tudo, o nosso coração, expurgar os resíduos deletérios das paixões, recalcar os instintos inferiores, dominar as expansões da animalidade, libertar, enfim, a alma do jugo da matéria, para sorvermos a longos haustos os fluidos de uma atmosfera superior que nos porá no caminho da Lei Divina, lei que não procede das convenções ou conveniências humanas, e cuja sanção, por isso mesmo, nos aguardará infalivelmente. Quanto mais rápida for essa transformação, tanto mais acelerada será a nossa ascensão às culminâncias do conhecimento universal. Esse é o preparo moral e espiritual para a reforma do indivíduo e, portanto, para o progresso da Humanidade.

A ciência positiva nos fornece com os seus métodos experimentais e por meio de raciocínios lógicos o primeiro elemento de penetração num mundo ignorado de conhecimentos transcendentais.

É indispensável, porém, que no limiar desse maravilhoso laboratório nos apresentemos de coração puro. Esta é a condição do longo aprendizado que nos dará a posse de todas as verdades e de todo o saber.

4.

3

O título do nosso trabalho — *Magnetismo espiritual* — define por si mesmo a complexidade da matéria de que trataremos em uma série de estudos.

Esboçava Kardec uma nova obra sobre as relações entre o Magnetismo e o Espiritismo, quando lhe chegou a ordem de partida. Muito já havia trabalhado e a sua missão neste mundo estava plenamente cumprida. Não lhe seria dada outra tarefa, mesmo porque a revelação continuaria a processar-se dentro dos altos desígnios, à medida que os conhecimentos pudessem ser ministrados ao homem. A questão 388 em *O livro dos espíritos*, que encima este capítulo, talvez fosse a advertência de que não lhe seria dado prosseguir nos trabalhos sobre assunto que somente mais tarde poderíamos melhor compreender.

Como quer que seja, Kardec deixou desbravado o caminho, tendo coligido observações preciosas e estabelecido os princípios norteadores da nova ciência por meio de artigos e notas, algumas das quais foram posteriormente publicados em *Obras póstumas*.

Concomitantemente, J.-B. Roustaing, na sua obra *Os quatro evangelhos*, nos apresenta notável estudo, dilatando ainda mais os conhecimentos sobre a matéria, mas advertindo acerca da vastidão imensa do caminho ainda a percorrer:

Tudo é atração magnética no Universo. Essa a grande lei que rege todas as coisas. Quando o homem tiver os olhos bastante abertos para apreender toda a extensão dessa lei, o mundo lhe estará submetido, visto que ele poderá dirigir a ação material daquela força. Mas, para lá chegar, ser-lhe-á necessário um estudo longo,

aprofundado das causas e, sobretudo, muito respeito e amor àquele que lhe confiou tão grande meio de ação.

Quando, sob os auspícios desse respeito e desse amor, ele, toda humildade e desinteresse, houver conquistado, pelo estudo e pelo trabalho, o conhecimento de todos os fluidos, das suas naturezas diversas, de suas propriedades e efeitos, das diferentes combinações e transformações de que são passíveis, possuirá o segredo da vida universal e da formação de todos os seres, em todos os reinos, sob a dupla ação espírita e magnética, pela vontade de Deus e segundo Leis Naturais e imutáveis (ROUSTAIN, 2008a, v. 1, N. 31, p. 119).

4.

4

O magnetismo animal não surgiu com Mesmer [Franz Anton, 1734–1815]. A sua prática remonta a eras imemoriais. Os sacerdotes nos templos dos deuses, no antigo Egito, segundo parece, já eram iniciados nos segredos da experimentação magnética. Já no século XV, atesta Medeiros e Albuquerque (*Hipnotismo*, 3. ed. p. 3), se falava na simpatia magnética, designando um sistema perfeitamente análogo, nas suas bases essenciais, ao que tinha sido formulado por Paracelso [*Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim*, 1493–1541]. E no século XV Van Helmont [Jan Baptist, 1579–1644] já usava o nome de magnetismo animal.

Não se pode, entretanto, negar que Mesmer foi realmente quem despertou a atenção pública para os fenômenos magnéticos e provocou a intervenção acadêmica, agitando e alimentando polêmicas em torno do assunto, muito embora tivesse sido acusado de métodos charlatanescos e extravagantes.

A essência do Mesmerismo, que é o nome com que foi denominada a doutrina de Mesmer, encontra-se nas 27 proposições da sua primeira memória impressa, em 1779, intitulada *Memóire sur la découverte du magnétisme animal*, das quais as mais importantes são as seguintes: 1ª) a

influência dos astros uns sobre os outros e sobre os corpos animados; 2ª) o fluido universal é o agente dessa influência; 3ª) essa ação recíproca está submetida a leis mecânicas; 4ª) os corpos gozam de propriedades análogas às do ímã; 5ª) essas propriedades podem ser transmitidas a outros corpos animados ou inanimados; 6ª a moléstia é apenas a resultante da falta ou do desequilíbrio na distribuição do magnetismo pelo corpo.

Em favor da doutrina de Mesmer, ergueu-se Deslon [Charles-Nicolas d’Eslon, 1750–1786], membro da Faculdade de Medicina. As hostilidades da ciência oficial tocaram, então, às raias do inconcebível.²

Em 1787, o marquês de Puységur (Armand-Marie-Jacques de Chastenet, 1751–1825) foi chamado para socorrer um camponês de 18 anos, que se encontrava de cama, acometido de uma doença do peito. Puységur o magnetizou e disse: “Qual foi a minha surpresa, ao ver, ao cabo de meio quarto de hora, o doente profundamente adormecido em meus braços, sem convulsões e sem dores. Vítor, assim se chamava o rapaz, estava em estado de sonambulismo perfeito.”

4.

5

Assim, casualmente, Puységur descobriu a um só tempo o sonambulismo, a sugestão mental e a transmissão do pensamento.

Em 1818, Chardel [Casimir-Marie-Marcellin-Pierre-Célestin, 1777–1847], a quem devemos considerar como um dos pioneiros do magnetismo, apresentou uma curiosíssima obra à consideração da Academia de Berlim, sob o título *Mémoire sur le magnétisme animal*,³ sem ter logrado um pronunciamento favorável.

Em 1785, Deleuze (Joseph Philippe François, 1753–1835), bibliotecário do Museu de História Natural em França, iniciou os seus estudos e as suas observações sobre o magnetismo, que, até então, considerava como obra de loucos, não acreditando nas curas maravilhosas de que lhe davam notícia. Tendo conhecimento de que Mesmer se encontrava em Aix, onde fazia

experiências, servindo-se de um sonâmbulo, para lá partiu. A ocorrência foi relatada por ele mesmo:

Às três horas, com efeito, o doente chega acompanhado de algumas pessoas que deveriam formar a cadeia.⁴ Pus-me nesta cadeia e vi, depois de alguns minutos, o doente adormecer. Eu tudo contemplava com espanto, mas não pude fazê-lo por muito tempo: em menos de um quarto de hora também eu adormeci. Durante o meu sono falei pouco, mas agitei-me a ponto de perturbar a corrente, o que me foi dito ao despertar, quando percebi que todos riam em torno de mim. No dia seguinte, porém, não mais adormeci, tendo observado toda a experiência. Pedi, então, que me instruissem sobre o processo de magnetização (*Histoire critique du magnétisme animal*, v. 2, 1819).

4.

6

Deleuze tornou-se um grande magnetizador e, pela sua prudência, critério e operosidade, muito fez pela causa do magnetismo, em cujo fenômeno reconheceu não só um efeito físico, mas também espiritual.

Em 1819, Bruno publicou um livro, “*Dos princípios e dos processos do Magnetismo animal e das suas relações com as leis da Física e da Fisiologia*”, repleto de experiências e de observações, tendo realizado com êxito a magnetização a distância. Na opinião de Rouxel (*Rapports du magnétisme et du spiritisme*), Bruno foi um “médium curador” sem o saber e antes que essa denominação surgisse na Codificação de Kardec. Ao iniciar a magnetização, habitualmente proferia a seguinte prece:

Ó Deus! Criador e conservador de tudo o que existe, a minha confiança eu a deposito em vós; permiti que eu faça a esta criatura todo o bem que estiver em meu poder e de que seja ela suscetível. E vós, seres imateriais e benfeitores, se vos for permitido ter qualquer

influência sobre minhas operações, ajudai-me a obter o êxito que desejo. Assim seja.

Logo a seguir, ainda em 1819, surgiram dois notáveis magnetizadores, que, pelas realizações conseguidas e pela popularidade que obtiveram, facilmente levaram adiante a obra dos seus antecessores. Foram eles: barão Du Potet [Jules Denis, 1796–1881] e Charles Lafontaine [1803–1892], ambos autores de interessantes livros e memórias.

Muitos outros, entretanto, se ocuparam da questão, quer nos domínios puramente técnicos, quer no campo experimental. A eles nos referiremos à medida que desenvolvermos o estudo e para sua documentação e ilustração.

Estava o problema assim situado, quando, em 1841, o médico inglês James Braid [1795–1860], depois de profundamente impressionado com as experiências de Lafontaine, lançou as bases do hipnotismo moderno, o qual, sem sombra de dúvida, como o reconhece Medeiros e Albuquerque (*Hipnotismo*, 3. ed. p. 3), deriva diretamente de Mesmer.

Em resumo, o médico inglês acreditou ter descoberto a causa fisiológica do fenômeno, afirmando

4.

7

Que o olhar fixo e prolongado, paralisando os centros nervosos nos olhos e suas dependências, e destruindo o equilíbrio do sistema nervoso, produz também os fenômenos em questão (Braid, *Neuro-hipnologia*. Tratado do sono nervoso ou hipnotismo).

Um novo processo, uma nova teoria, um novo nome — eis as condições com que a ciência oficial poderia acolher o magnetismo. Palavras, palavras e sempre palavras..., atroz dissimulação do orgulho científico, que não invalidam os fatos, os fenômenos, com todas as suas consequências. Mas a verdade que de tudo isso ressalta é que o magnetismo seria o caminho certo a indicar, a explicar, a provar a tese espírita...

José Lapponi confessou isso mesmo sem tergiversações:

O magnetismo animal de Mesmer e dos seus sectários é em geral a mesma coisa que o hipnotismo, mas em casos especiais, e nas mãos de algumas pessoas, torna-se um misto de hipnotismo e de Espiritismo, com predominância ora de um ora de outro (*Hipnotismo e espiritismo*, 2002).

Todavia, Mesmer era materialista, ao passo que Braid era espiritualista...

1 Nota do autor: Em 1306, Eduardo I interditou o uso do *carvão*, por causa do fumo e do cheiro. Colombo foi excomungado no Concílio de Salamanca, por ter falado na *redondeza da Terra*. Galileu teve contra si os professores de Florença, porque se referiu à existência de *Júpiter*. Em 1663, esteve às voltas com a Inquisição, como se sabe. Giordano Bruno foi queimado em 1600 por sustentar que o *Universo* era Infinito. A Luigi Galvani denominaram – o *mestre de dança das rãs*. Berthelot (29 de julho, 1790), Lavoisier, Laplace e Arago não sabiam com que sarcasmos acolher a ideia dos *bólidos*, e o sábio Ernst Chladni, em 1819, ainda provocava o riso com sua crença na *pedra dos céus*. A Academia de Ciências de Paris foi hostil à *vacina* de Jenner. Harvey foi considerado doido com a sua *circulação do sangue*. Napoleão disse de Fulton [Robert Fulton pioneiro do uso do vapor como meio de propulsão dos navios] que ele estava maluco com aquela ideia de transportar suas tropas para a Inglaterra, com *água fervendo*. Em 1835, quando foi estabelecida a via férrea Nuremberg a Furth, a Igreja e a Faculdade de Medicina de Munique levantaram uma enorme campanha (Extraído da obra *Der Baumeister*, de Hans Malik). Vide *Reformador*. jun. 1954, p. 131.

2 Nota do autor: Deslon pleiteava o pronunciamento da Faculdade de Medicina sobre o magnetismo animal. A decisão foi a seguinte: 1º) intimação ao Sr. Deslon para ser daí em diante mais circunspecto; 2º) suspensão durante um ano de voto deliberativo nas assembleias da Faculdade; 3º) expulsão, no fim de um ano, do quadro dos lentes, se não tiver, até essa época, abjurado as suas observações sobre o magnetismo; 4º) rejeição das propostas do Sr. Mesmer.

3 Nota do autor: A nota surpreendente da obra de Chardel, que o coloca na situação de um dos precursores de Kardec, é o seu profundo espiritualismo. No livro de Rouxel [Auguste Leroux, 1871–1954], *Rapports du magnétisme et du spiritisme*, encontra-se um resumo da sua teoria em que ele se refere ao fluido nervoso, do qual se forma um outro fluido mais sutil, mais luminoso, a que Chardel chama *vida espiritualizada*; o seu erro está em supor que esse fluido emana da luz solar. O magnetismo, diz ele, é uma transfusão de vida espiritualizada do organismo do operador para o do paciente.

4 Nota do autor: Pessoas ligadas pelas mãos, em fila, e esta ligada a uma das mãos do magnetizador, formam a *cadeia comunicativa*, que intensifica sobremodo a ação.

CAPÍTULO 2

5

.

1

“[...] Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo que existe, a trindade universal. Mas ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as

qualidades que a gravidade lhe dá.” (KARDEC, 2016a, q. 27).

Como já dissemos, o hipnotismo moderno deriva diretamente do mesmerismo. Havia necessidade de substituir o nome — magnetismo — que feria suscetibilidades científicas e filosóficas, Mesmer, embora materialista, baseava sua teoria no fluido universal, que, segundo afirmava, é de uma sutileza sem comparação e que penetra todos os corpos. Essa matéria sutil é o agente do magnetismo.

Tal concepção não soava muito bem aos ouvidos dos homens de ciência, que nela viam algo de sobrenatural. Mas como os fenômenos não podiam ser contestados ou negados, não havia como mudar-lhes o nome e atribuir-lhes outra causa. Isso foi conseguido pelo sábio inglês com a denominação de hipnotismo, embora não abrangendo toda a ordem de fenômenos realizados pelo magnetismo. Destarte, Braid pôde definir o estado hipnótico como “o estado particular do sistema nervoso, determinado por manobras artificiais, tendendo, pela paralisia dos centros nervosos, a destruir o equilíbrio nervoso” (*Neuro-hipnologia*. Tratado do sono nervoso ou hipnotismo).

5.

2

O temor reverencial dos doutores com assento nas academias estava por esse modo desviado. Nada de fluidos, nada de matéria sutil, nada de agentes sobrenaturais, mas um estado fisiológico causado pela destruição do equilíbrio nervoso — eis o que é o hipnotismo.

Ficou assim prestigiado o hipnotismo através dos tempos pela ciência oficial e relegado o magnetismo com os seus passes, as suas imposições e os seus fluidos para o monturo das teorias condenadas como obra do charlatanismo.

Assim aconteceu em toda a parte. Entre nós, inúmeros foram os professores e cientistas que se dedicaram ao assunto, destacando-se entre

eles Francisco Fajardo, Érico Coelho e Medeiros e Albuquerque. Entretanto, tem um alto sentido o conceito emitido pelos eminentes mestres Juliano Moreira e Miguel Couto, quando prefaciaram o livro de Medeiros e Albuquerque (*Hipnotismo*, 3. ed. p. 3).

Afirmou, então, Juliano Moreira:

Convencido que estou das vantagens da psicoterapia, em suas modalidades, testemunha que tenho sido dos resultados do hipnotismo, quando conscienciosamente aplicado, faço votos para que o novo livro de Medeiros e Albuquerque se espalhe no país, com tamanha rapidez que não venha longe uma nova edição, da qual espero desaparecerá a pequena jaça presente: algumas palavras um tanto ásperas, referentes a Charcot e outros neurólogos, cujos serviços à neuriatria são tantos que os absolvem dos erros em que hajam por acaso incorrido.

A opinião de Miguel Couto, que merece especial destaque, em virtude das suas reservas, que são, em parte, as mesmas que opuseram os magnetizadores, é a seguinte:

Em matéria de terapêutica sugestiva, eu entendo que o âmbito do emprego do hipnotismo é bem restrito, e que a sua eficácia se esgota rapidamente, no mesmo doente, para o mesmo mal, ao passo que Medeiros e Albuquerque escreve: “Quando se pergunta para que moléstias pode servir a sugestão hipnótica, há o desejo de responder: para todas”. Proposição, aliás, atenuada na seguinte: “Evidentemente ninguém pensa em dizer que a sugestão hipnótica pode tudo curar”. Tirante este desacordo, só elogios tenho para a obra etc.

5.

3

De um lado, pois, o acatado neurólogo Juliano Moreira reconhece as vantagens do hipnotismo, que é apenas, dizemos nós, um dos fenômenos do

magnetismo, uma modalidade dentro da generalidade; de outro lado, o eminente prof. Miguel Couto opõe-lhe evidentes restrições.

Propositadamente transcrevemos essas duas opiniões para melhor documentação das nossas assertivas. Braid não procurou reproduzir todos os fenômenos do magnetismo, do qual o sono magnético ou sonambulismo são apenas ocorrências naturais. Mas foi precisamente isso que o impressionou ao assistir a uma sessão, realizada por Lafontaine, e os seus processos, conforme se deduz do próprio título da sua obra, outro objetivo não tiveram senão provocar o sono nervoso, a que deu o nome de hipnotismo.

Os magnetizadores, ao revés, que sustentavam a teoria do fluido, curavam as moléstias pela aplicação dos passes, das imposições, dos sopros etc., sem se preocuparem direta e especialmente com a produção do sono. E não foi de outra maneira, senão naturalmente, casualmente, que foi descoberto o sonambulismo, por Puységur (Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*, v. 2, 1819) Mais ainda: embora possam os magnetizadores, por meio de passes apropriados, provocar o sonambulismo, não o fazem senão em circunstâncias excepcionais, deixando sempre que o fenômeno se opere em toda a sua espontaneidade. Isso porque entendem que há nessa prática um excesso prejudicial e quase sempre desnecessário. O primeiro a profligar o abuso foi o próprio Mesmer:

Depois que o meu método de tratar e de observar os doentes foi posto em prática [...] diversas pessoas, quer por um zelo imprudente, quer por *uma vaidade sem cabimento* e sem consideração pelas reservas e as precauções que eu julgara necessárias, deram publicidade prematura aos efeitos e principalmente à explicação deste *sono crítico: não ignoro que tenham daí resultado abusos, e observo com sentimento que voltaram com ardor os antigos preconceitos!* (*Le magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 1 – *Hipnotismo e Magnetismo*).

5.

4

De sorte que o hipnotismo, ou melhor — o ramo especializado do magnetismo, especialmente criado para provocar o sono nervoso — criou foros de cidade e empolgou as academias. A época do magnetismo já passou, disse-o Antonio Austregésilo (*Forças curativas do espírito*), numa lacônica sentença de condenação. Pensamos, *data venia*, de modo contrário: a época do magnetismo ainda não chegou, porque ele não conseguiu o domínio sobre o misonéismo tirânico e ridículo. Mas se não venceu ainda como teoria, como sistema, na integridade dos seus processos e das suas virtudes, triunfou na deformidade do seu sucedâneo, venceu com a máscara que o orgulho filosófico e a vaidade científica lhe colocaram.

Não é nosso intuito estabelecer um estudo comparativo dos dois sistemas e decretar irremediavelmente a condenação dos processos hipnóticos. Mas não podemos evitar a declaração de inferioridade desses processos, reconhecida francamente pelo seu autor, por meio da seguinte passagem:

Todavia, a julgar pelo que os magnetizadores declaram produzir em certos casos, parece haver muita diferença para que se possa considerar o hipnotismo e o mesmerismo como dois agentes distintos: os magnetizadores afirmam que podem realizar certos efeitos que eu nunca pude provocar com o meu método, posto que o houvesse tentado.

E ele acrescenta em nota:

Os efeitos a que aludo são, por exemplo, ler a hora num relógio colocado por detrás da cabeça ou na cavidade epigástrica; ler cartas dobradas ou um livro fechado; reconhecer o que se passa à distância de alguns quilômetros; indicar a natureza das moléstias e prescrever seu tratamento, sem possuir conhecimentos médicos; magnetizar

sonâmbulos à distância de muitos quilômetros, sem que eles tenham conhecimento da operação que se propõem realizar.

É fácil compreender, observa Rouxel (*Rapports du magnétisme et du spiritisme*), porque Braid não conseguiu realizar todos os fenômenos obtidos pelos magnetizadores; é que não levou em consideração a influência física e psíquica do operador e que causas diferentes deveriam forçosamente produzir efeitos também diferentes.

5.

5

Isso, porém, não nos pode conduzir à conclusão de que os partidários do hipnotismo jamais apresentaram fenômenos dignos de registro. A copiosa literatura sobre o assunto e os trabalhos notáveis de sábios de renome, em todo o mundo, nos desmentiriam de imediato.

No entanto, é necessário atentar para uma circunstância singular: os hipnotizadores, embora conservando a denominação hipnotismo, no campo experimental dividiram-se, admitindo muitos deles as teorias fluidistas⁵ e, conseqüentemente, o processo dos passes dos magnetizadores.

Daremos, apenas, um grande exemplo nesse sentido. É do eminente fisiologista Charles Richet [1850–1935], que assim descreve o seu método de hipnotismo:

Faço sentar o paciente numa cadeira defronte de mim; tomo cada um dos seus polegares em uma das mãos e aperto-os fortemente, mas de uma maneira uniforme. Esta manobra é prolongada durante três ou quatro minutos. Em geral as pessoas nervosas sentem logo uma espécie de peso nos braços, nos cotovelos e principalmente nas pálpebras. No princípio das minhas tentativas, eu pensava que fosse necessário mandar fixar um objeto qualquer pelo paciente: vi mais tarde que era uma complicação inútil. A fixação do olhar tem talvez alguma influência, mas não é indispensável. Entre um e outro

operador havia diferenças no modo de proceder, diferenças que não vale a pena expor aqui longamente. *Tratava-se de projetar o fluido magnético no corpo do paciente.* Isto se fazia em maior ou menor quantidade, ou carregando o corpo inteiro, ou especialmente quer o tronco, quer a cabeça, quer alguns dos membros, conforme os fenômenos que se tratava de obter, ou a sede da moléstia. *O que havia geralmente de comum eram os passes.* Por eles se fazia a transmissão. Esses passes eram sempre de cima para baixo (*Traité de métapsychique*, 2. ed. de 1923; grifo nosso).

5.

6

O processo de Charles Richet é tipicamente o processo dos magnetizadores, conforme se vê da descrição minuciosa que Du Potet (*Traité complet du magnétisme animal*) faz dos diferentes métodos. Registramos o fato com especial agrado, não só porque Richet conseguiu a produção dos mais extraordinários fenômenos, assim como, segundo a opinião de Charles Baudouin,⁶ com os seus trabalhos começa “a gloriosa época do hipnotismo” (sed la glora epoko de hipnotismo komenciĝas per la laboroj de Charles Richet).

Parece acertado, pois, concluir que Richet, como muitos outros, empregavam indiferentemente as expressões magnetismo e hipnotismo, devendo acentuar-se, todavia, que, no trecho supracitado, somente se nota o uso das palavras magnetização, fluido magnético, passes etc.

Dessa mistura e confusão de métodos diversos resulta que não se pode afirmar se, em determinada operação, prevaleceram ou não os processos puramente magnéticos. Por essa razão, observou com justeza Alphonse Bué que, “a todo momento, quem se acredita *magnetizador, hipnotiza*; e quem se julga simplesmente *hipnotizar, magnetiza*” (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 2 – *Das diferenças existentes entre o magnetismo e o Hipnotismo*).

Tudo quanto se pode asseverar é que os hipnotizadores provocam o sono nervoso e ministram as sugestões. Para isso, usam de uma variedade de meios, tanto físicos como químicos e também de ordem psicológica, que, se não agem diretamente, auxiliam a hipnotização. As drogas mais usadas são o cânhamo indiano, o cloral, o sedol, a morfina, a escopolamina e até mesmo o éter e o clorofórmio. Nos Estados Unidos alcançou extraordinário êxito, com o uso da escopolamina, o Dr. Robert E. House (*The use of scopolamine in criminology*), que garantia poder arrancar a verdade aos mais façanhudos criminosos, sendo, por isso, esse processo conhecido como o *sérum* [soro] *da verdade*.

Vemos, desse modo, como a ciência oficial é indulgente para consigo mesma, a ponto de prescrever o uso dos mais violentos tóxicos na prática hipnótica. Que não se diria se os magnetizadores seguissem semelhantes processos? Entretanto, são eles, os magnetizadores, chamados charlatãs, que pedem contas aos mestres da Medicina por tão nocivos e condenáveis desvios.

5

.

7

[...] Não nos iludamos [diz um deles]; o clorofórmio, o éter, o cloral, o sulfonal, a cocaína, a morfina e seus congêneres são os mais temíveis agentes *deprimentes* do sistema nervoso; param os batimentos do coração, causam náuseas e vertigens, suores profusos, dilatam os vasos cutâneos e cianosam o sangue. Não atuam somente sobre os elementos nervosos, mantendo os nervos nas tonalidades baixas da sensibilidade geral; são também violentos venenos musculares, aumentada a dose, provocam ataques tetânicos, análogos aos produzidos pela estricnina [...] uma muito frequente repetição deste estado compreende-se que traga, com o correr do tempo, uma profunda decadência dos sistemas nervoso e muscular, e

consecutivamente a ruína completa da tonalidade (*Le Magnétisme curatif – Phycho-physiologie*, v. 2, cap. 5 – *Só há um remédio*, it. Anestésicos).

Tudo isso é realmente pernicioso... mas é *científico*.

É tempo, portanto, de seguir o magnetismo a sua trajetória, dentro dos seus postulados. Ele nos conduzirá ao domínio pleno da Espiritualidade. Aquilo que os seus adversários repeliram por lhes parecer sobrenatural — o fluido — continua a receber, dia a dia, a adesão da verdadeira ciência, que, nas suas observações, o descobre em tudo e por toda a parte.

[...] O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão a matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente (KARDEC, 2016a, q. 27-a).

Foi esse fluido que os magnetizadores pressentiram e que o Espiritismo, mais tarde, reconheceu e proclamou, segundo as comunicações dos Espíritos e por meio de observações e experiências. A questão do fluido é de importância capital, porque demonstra a existência no homem de um princípio espiritual independente da matéria (Bertholet, *Le Fluide des magnétiseurs*, 1927).

Exclama Léon Denis:

[...] Tudo que está em nós está no Universo e tudo que está no Universo encontra-se em nós. Pelo corpo fluídico e pelo corpo material, o homem acha-se ligado à imensa teia da vida universal; pela alma, a todos os mundos invisíveis e divinos. Somos feitos de sombra e luz; somos a carne com todas as suas fraquezas e o espírito com as suas riquezas latentes, as suas esperanças radiosas, os seus surtos grandiosos, e o que em nós está, em todos os seres se encontra. [...] (DENIS, 2016b, cap. 9 – *Evolução e finalidade da alma*, p. 115).

5.

8

— Com o fluido da nossa fé e do nosso amor, tornemos mais riosas as esperanças e mais grandiosos os surtos do nosso Espírito.

⁵ N.E.: Partidário do fluidismo, doutrina que proclama a existência do magnetismo animal considerada como proveniente de um fluido particular.

⁶ Nota do autor: *La Arto de memdisciplino: psikagogio* (Escrito originalmente em Esperanto).

CAPÍTULO 3

6

.

1

“[...] o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa.” (KARDEC, 2011, pt. 1, *Manifestações dos Espíritos*, § I – O perispírito como princípio das manifestações, it. 10).

O magnetismo, insuladamente considerado, não pode ser definido como ciência. Ele está entrosado na fenomenologia supranormal como meio, como processo. Logicamente, o Espiritismo não pôde considerá-lo de outra maneira, quer em face dos ensinamentos dos Espíritos, quer em face dos princípios gerais do sistema.

Já dissemos, com a comprovação do Dr. Billot, Deleuze, Du Potet e outros, que os magnetizadores pressentiram o Mundo Espiritual. E repetimos, agora, com apoio na autoridade de Delanne, que “O magnetismo foi o primeiro a fornecer meio de penetrar-se no domínio inacessível do amanhã da morte. O sonambulismo, descoberto por de Puységur, constituiu o instrumento de investigação do mundo novo que se apresentava. [...]” (DELANNE, 2010, cap. 2 – *Estudo da alma pelo magnetismo*, it. A vidente de Prévorst).

Mesmer afirmava que o fluido obedecia a leis mecânicas e que os efeitos do magnetismo eram exclusivamente de ordem física, ao passo que a

maioria dos magnetizadores viu nele um fenômeno espiritual sujeito a leis psíquicas e não físicas. Van Helmont não teve dúvida em afirmar que “os Espíritos são os ministros do magnetismo”, mas referindo-se aos Espíritos encarnados. Do mesmo modo refere-se Louis Alphonse Cahagnet à resposta de um dos seus sonâmbulos, quando perguntado se o magnetismo é uma propriedade do corpo ou da alma: “é uma propriedade da alma; o corpo é a máquina por intermédio do qual ele se filtra” (*Arcanes de la vie future dévoilés*, v. 1, p. 4).

6.

2

Entendemos, portanto, que os magnetizadores devem ser classificados entre os médiuns curadores. Diz Kardec que “[...] Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo [...]” (2016b, cap. 14 – *Dos médiuns*, it. 175). Entretanto, obteve Kardec as seguintes respostas às perguntas que, sobre o assunto, dirigiu aos Espíritos:

1ª) Podem considerar-se as pessoas dotadas de força magnética como formando uma variedade de médiuns?

“Não há que duvidar.”

2ª) Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; ora, o magnetizador, haurindo em si mesmo a força de que se utiliza, não parece que seja intermediário de nenhuma potência estranha.

“É um erro; a força magnética reside, sem dúvida, no homem, mas é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se magnetizas com o propósito de curar, por exemplo, e invocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo teu doente, ele aumenta a

tua força e a tua vontade, dirige o teu fluido e lhe dá as qualidades necessárias.”

3ª) *Há, entretanto, bons magnetizadores que não creem nos Espíritos?*

“Pensas então que os Espíritos só atuam nos que creem neles? Os que magnetizam para o bem são auxiliados por bons Espíritos. Todo homem que nutre o desejo do bem os chama, sem dar por isso, do mesmo modo que, pelo desejo do mal e pelas más intenções, chama os maus.”

4ª) *Agiria com maior eficácia aquele que, tendo a força magnética, acreditasse na intervenção dos Espíritos?*

“Faria coisas que consideraríeis milagre.”

5ª) *Há pessoas que verdadeiramente possuem o dom de curar pelo simples contato, sem o emprego dos passes magnéticos?*

“Certamente; não tens disso múltiplos exemplos?”

6ª) *Nesse caso, há também ação magnética, ou apenas influência dos Espíritos?*

“Uma e outra coisa. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois que atuam sob a influência dos Espíritos; isso, porém, não quer dizer que sejam médiuns escreventes, conforme o entendes.”

7ª) *Pode transmitir-se esse poder?*

6.

3

O poder, não; mas o conhecimento de que necessita para exercê-lo, quem o possua. Não falta quem não suspeite sequer de que tem esse

poder, se não acreditar que lhe foi transmitido (2016b, cap. 14 – *Dos médiuns*, it. 176).

Segue-se, portanto, que os magnetizadores, em face da Doutrina Espírita, não podem ser considerados senão como verdadeiros médiuns curadores.

Diz Roustaing:

[...] além do magnetismo mineral, vegetal, animal existem o magnetismo *humano* e o magnetismo *espiritual*.

O magnetismo humano consiste na concentração, por efeito da vontade do homem, dos fluidos existentes nele e na atmosfera que o cerca, e mediante os quais, a certa distância, ele atua sobre outro homem ou sobre as coisas.

O magnetismo espiritual resulta da concentração da vontade dos Espíritos, concentração por meio da qual estes reúnem à volta de si os fluidos, *quaisquer que sejam*, encerrados no ser humano ou disseminados no espaço, e os dispõem de modo a exercerem ação sobre o homem ou sobre as coisas, produzindo os efeitos por eles desejados (2008a, v. 1, N. 31, p. 120 e 121; grifo nosso).

A lição de Kardec é esta:

A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1º) pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2º) pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

3º) pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de veículo para esse derramamento. É o *magnetismo misto, semiespiritual*, ou, se o preferirem, *humano-espiritual*. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador (2016d, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 33).

6.

4

Essa distinção do magnetismo humano e do magnetismo espiritual, conforme a natureza do agente — se o homem ou o Espírito —, é acertada.

Entretanto, atendendo à natureza do fenômeno e à maneira pela qual ele se produz, consideraremos, em o nosso trabalho, como espiritual a ação magnética, quer ela provenha do homem, quer provenha direta e exclusivamente dos Espíritos. E daí a razão de ser do título deste livro.

Esse modo de proceder não é, como se poderá supor, arbitrário e sem fundamento. Além dos ensinamentos dos Espíritos, acima transcritos, de Kardec, pelos quais se verifica a intervenção e a assistência das entidades desencarnadas junto aos magnetizadores humanos, há ainda a considerar a própria lição de Roustaing, nos seguintes termos:

Tudo quanto, pela ação do magnetismo humano, o magnetizador pode fazer com outro indivíduo, podem-no igualmente, pela ação do magnetismo *espiritual*, os Espíritos, já que estes atuam com maior discernimento e mais ciência do que o homem sobre o homem e nas condições necessárias à obtenção dos efeitos que queiram produzir, dos resultados que desejem alcançar. Podem (como o sabeis, graças à ciência espírita) fazer que o paciente sinta pancadas, ou dores, que aparecem ou desaparecem à vontade dos operadores invisíveis. Também sabeis, por numerosos fatos observados em todos os

tempos e agora mesmo, como são sentidas essas pancadas, essas dores.

Devemos ainda explicar-vos a ação do magnetismo sobre o Espírito do magnetizado. O que a este respeito vamos dizer se aplica tanto ao magnetismo humano, quanto ao espiritual. *Apenas* a ação deste é mais pura em suas causas e efeitos. Os mesmos são, entretanto, os resultados da ação de um e outro: o desprendimento do Espírito encarnado se produz em condições mais ou menos boas, conforme o magnetizador (humano ou espiritual) é mais, ou menos elevado (2008a, v. 1, N. 31, p. 126 e 127).

Não pretendemos, portanto, combater, alterar ou modificar a distinção estabelecida por Kardec ou Roustaing entre o magnetismo espiritual e o magnetismo humano. Atendendo, porém, à fenomenalidade espiritual da ação magnética, desejamos especialmente encarar a questão sob esse prisma, sem contrariar contudo a distinção estabelecida, que, de resto, é racional e lógica.

6.

5

Rouxel (*Rapports du magnétisme et du spirítisme*), inspirado em Van Helmont, depois de estabelecer as íntimas relações entre o Espiritismo e o magnetismo, propôs-se a escrever uma obra com título semelhante — *Traité théorique et pratique de magnétisme spiritualiste* — que não sabemos se surgiu à luz da publicidade.

O título, todavia, que nos pareceu mais acertadamente em consonância com a realidade dos fatos, é o que adotamos — *Magnetismo espiritual*.

Uma outra razão, ainda, nos fez inclinar para essa preferência. É que não convém aos espíritas a dissociação de fenômenos da mesma natureza, que intimamente se entrelaçam, e que a eles, mais do que aos magnetizadores, competirá a tarefa de reivindicar para o magnetismo a verdadeira conceituação que lhe foi dada desde remotos tempos.

Repeliram o magnetismo, porque viram nele uma filosofia transcendente (Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*, 8. ed., p. 40) e suspeitaram de uma causa sobrenatural, expressão de que se tem abusado por ignorância ou má-fé. A repulsa abrangia, por igual, o Espiritismo, que o aceitou como fenômeno natural e que deve agora prosseguir nas pesquisas que conduzirão o magnetismo ao seu verdadeiro lugar.

Cumpra que, de coração desnublado de paixões e preconceitos, estudemos e compreendamos as Leis Divinas, que tais são todas as Leis Naturais.

Kardec diz que:

O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em Leis Naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais o Espiritismo demonstra a impossibilidade e irracionalidade (KARDEC, 2016d, cap. 1 – *Caráter da revelação espírita*, it. 40).

6.

6

Resulta, portanto, de tudo quanto vem exposto, que o magnetismo repousa sobre as propriedades e sobre os atributos da alma, devendo ser, por isso, classificado entre os fenômenos de ordem psíquica, ou espiritual.

“[...] o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa”, eis a síntese do mecanismo de toda a ação magnética.

A vontade de fazer o bem parte do Espírito, que o deseja e o quer; essa vontade é determinada ao perispírito, órgão sensitivo do Espírito, corpo fluídico que o envolve, e que é o intermediário das suas manifestações, agindo no duplo sentido de força centrífuga e centrípeta, isto é, recebe do exterior e transmite ao Espírito e recebe deste para transmitir ao exterior; a execução é feita por intermédio do corpo físico, que emite os fluidos do perispírito.

O Espírito, a vontade, o perispírito, o fluido e o corpo físico — são, pois, os elementos integrantes do fenômeno magnético.

O magnetismo, portanto, vem a ser o processo pelo qual o homem, emitindo os fluidos do seu perispírito, age sobre outro homem, bem como sobre todos os corpos animados ou inanimados.

CAPÍTULO 4

7

.

1

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma que pensa. O pensamento é um atributo.” (KARDEC, 2016a, q. 89-a).

Vimos que os elementos integrantes de toda a ação magnética são: o Espírito, a vontade, o perispírito, o fluido e o corpo físico.

Segundo a lição de Kardec:

[...] há no homem três coisas: 1º), o corpo ou ser material análogo ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º), a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º), o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito (2016a, *Introdução*, it. VI).

A alma, pois, vem a ser o Espírito encarnado no corpo.

A origem, a natureza e a formação do Espírito são fenômenos que escapam à nossa compreensão. Nós outros, comenta Kardec:

[...] somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de

comparações sempre imperfeitas ou por um esforço de imaginação (2016a, comentário de Kardec à q. 82).

Contentemo-nos, portanto, em repetir os princípios gerais: os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material.

No que tange ao objetivo do nosso trabalho, o Espírito, que é, como já se disse, a alma encarnada no corpo, é encarado como agente principal da ação magnética. Quando dizemos que o Espírito quer, afirmamos simultaneamente que ele pensa e delibera. Pensamento e vontade são, pois, os dois elementos de ordem espiritual que dão início à ação.

7.

2

O processo pelo qual se opera o fenômeno pensamento é problema que a ciência oficial não pôde até hoje desvendar, tendo-se limitado a sustentar arbitrariamente que ele mais não é senão secreção do cérebro. Herbert George Wells [conhecido com H. G. Wells], Julian Huxley e George Philip Wells,² sábios que não se comprazem com a tese espírita e, por isso mesmo, insuspeitos, confessam que, em termos gerais, a Ciência pode explicar o mecanismo físico do cérebro, mas não como o seu funcionamento nos faz sentir e perceber, nem tampouco, porque sentimos e percebemos; vemo-nos, assim, em face de um enigma, que zomba de toda e qualquer explicação puramente fisiológica e mecânica da vida; nem a Filosofia, nem a Teologia conseguem solucioná-lo.

Mas se a Filosofia e a Teologia podem explicar o maquinismo sobre o qual se apoia a sensação, mas não a sensação em si mesma, o Espiritismo, entretanto, dentro da lógica do seu sistema, nos apresenta notável preleção por meio da seguinte página:

— Estamos diante do órgão perispiritual do ser humano, adeso à duplicata física, da mesma forma que algumas partes do corpo carnal têm estreito contato com o indumento. Todo o campo nervoso da

criatura constitui a representação das potências perispiríticas, vagorosamente conquistadas pelo ser, através de milênios e milênios. Renascendo entre as formas perecíveis, nosso corpo sutil, que se caracteriza, em nossa esfera menos densa, por extrema leveza e extraordinária plasticidade, submete-se, no plano da crosta, às leis de recapitulação, hereditariedade e desenvolvimento fisiológico, em conformidade com o mérito ou demérito que trazemos e com a missão ou o aprendizado necessários. O cérebro real é aparelho dos mais complexos, em que o nosso “eu” reflete a vida. Por meio dele, sentimos os fenômenos exteriores segundo a nossa capacidade receptiva, que é determinada pela experiência; por isso, varia ele de criatura a criatura, em virtude da multiplicidade das posições na escala evolutiva. Nem os símios ou os antropoides, a caminho da ligação com o gênero humano, apresentam cérebros absolutamente iguais entre si. Cada individualidade revela-o consoante o progresso efetivo realizado. O selvagem apresenta um cérebro perispiritual com vibrações muito diversas das do órgão do pensamento no homem civilizado. Sob esse ponto de vista, o encéfalo de um santo emite ondas que se distinguem das que despede a fonte mental de um cientista. A escola acadêmica, na crosta planetária, prende-se à conceituação da forma tangível, em trânsito para as transformações da enfermidade, da velhice ou da morte. Aqui, porém, examinamos o organismo que modela as manifestações do campo físico, e reconhecemos que todo o aparelhamento nervoso é de ordem sublime. A célula nervosa é entidade de natureza elétrica, que diariamente se nutre de combustível adequado. Há neurônios sensitivos, motores, intermediários e reflexos. Existem os que recebem as sensações exteriores e os que recolhem as impressões da consciência. Em todo o cosmo celular agitam-se interruptores e condutores, elementos de emissão e recepção. A mente é a orientadora desse universo microscópico, em que bilhões de corpúsculos e energias multiformes se consagram a seu serviço. Dela

emanam as correntes da vontade, determinando vasta rede de estímulos, reagindo ante as exigências da paisagem externa, ou atendendo às sugestões das zonas interiores. Colocada entre o objetivo e o subjetivo, é obrigada pela Divina Lei a aprender, verificar, escolher, repelir, aceitar, recolher, guardar, enriquecer-se, iluminar-se, progredir sempre. Do plano objetivo, recebe-lhe os atritos e as influências da luta direta; da esfera subjetiva, absorve-lhe a inspiração, mais ou menos intensa, das inteligências desencarnadas ou encarnadas que lhe são afins, e os resultados das criações mentais que lhe são peculiares. Ainda que permaneça aparentemente estacionária, a mente prossegue seu caminho, sem recuos, sob a indefectível atuação das forças visíveis ou das invisíveis.

[...]

7.

3

[...] se existe a química fisiológica, temos também a química espiritual, como possuímos a orgânica e a inorgânica, existindo extrema dificuldade em definir-lhes os pontos de ação independente. Quase impossível é determinar-lhes a fronteira divisória, porquanto o espírito mais sábio não se animaria a localizar, com afirmações dogmáticas, o ponto onde termina a matéria e começa o espírito. No corpo físico, diferenciam-se as células de maneira surpreendente. Apresentam determinada personalidade no fígado, outra nos rins e ainda outra no sangue. Modificam-se infinitamente, surgem e desaparecem, aos milhares, em todos os domínios da química orgânica, propriamente dita. No cérebro, porém, inicia-se o império da química espiritual. Os elementos celulares, aí, são dificilmente substituíveis. A paisagem delicada e superior é sempre a mesma, porque o trabalho da alma requer fixação, aproveitamento e

continuidade. O estômago pode ser um alambique, em que o mundo infinitésimo se revele, em tumultuária animalidade, aproximando-se dos quadros inferiores da vida, porquanto o estômago não necessita recordar, compulsoriamente, que substância alimentícia lhe foi dada a elaborar na véspera. O órgão de expressão mental, contudo, reclama personalidades químicas de tipo sublimado, por alimentar-se de experiências que devem ser registradas, arquivadas e lembradas sempre que oportuno ou necessário. Intervém, então, a química superior, dotando o cérebro de material insubstituível em muitos departamentos de seu laboratório íntimo (XAVIER, 2016c, cap. 4 – *Estudando o cérebro*, p. 52 a 55).

7.

4

E na impossibilidade de transcrevermos todo o admirável capítulo, para o qual, entretanto, remetemos o leitor, assinalemos esta definição: “[...] O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana.” (p. 56).

A citação, embora longa, foi feita propositadamente para pôr em relevo que a alma, sempre suscetível de progresso, na escala evolutiva, até galgar os últimos degraus da perfeição, é quem pensa e delibera. E essa é a razão pela qual a ciência materialista se sente em face de um enigma, que zomba de toda e qualquer explicação puramente fisiológica e mecânica da vida, para explicar os problemas de ordem espiritual.

Essa, igualmente, é a lição de Adolfo Bezerra de Menezes quando afirma que:

A alma é que sente, que recebe, que quer, segundo as impressões que recebe do [mundo] exterior ou interior [...] E tanto é assim, que, separada do corpo, pela morte ou por simples desprendimentos, ela exercita todas as funções psíquicas que exercia quando ligada ao

corpo; possui e exercita a inteligência e a razão [...] a vontade, a memória; a consciência [...]

7

.

5

Logo, os fenômenos intelectuais e morais, que se manifestam no correr da vida corpórea, são devidos às faculdades anímicas, e não às propriedades do corpo. [...] (MENEZES, 2010, cap. 2 – *Do Espírito em suas relações*).

Mas se transcende dos nossos conhecimentos e da nossa própria compreensão a subjetividade do fenômeno, assim não acontece com a sua objetividade. Com efeito, pela observação e pela experimentação, a Ciência não pode desconhecer a força e o poder do pensamento. E é isso precisamente o que importa para a magnetização: pensar e manter a vontade firme para a ação.

Irradiando pensamentos de amor e de bondade, já beneficiamos largamente os nossos semelhantes. E, com a vontade de fazer o bem, completamos o ato inicial da nossa deliberação.

Por isso, ensinam os Espíritos que o nosso principal cuidado deve ser a educação do pensamento por uma mente sã e boa, a fim de só pensarmos em assuntos belos, puros e elevados, pois as forças que dele emanarão serão, igualmente, belas e benéficas.

Pensar é uma ação divina, disse Aristóteles. Pensar é criar condições atrativas de pensamentos idênticos. O que se faz mister é saber pensar, dominar o pensamento, amoldá-lo à vontade, sujeitando todos os elementos somáticos do organismo ao domínio superior do Eu.⁸

Todos os escritores que versaram o assunto afirmam que os melhores magnetizadores têm sido aqueles dotados de grande força de vontade e

atenção (Aubin Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

A nossa vontade atua mais sobre nós mesmos do que fora de nós; produz uma atividade maior no cérebro e em todos os plexos, e daí resulta uma emissão maior e mais intensa na ação; quanto mais a vontade se exprime com firmeza e continuidade, tanto mais a emissão se faz abundante e intensa.⁹

7.

6

Todavia, a vontade só por si não terá a virtude de tornar eficiente a ação magnética, se não for acompanhada de um outro elemento — a confiança. Ora, se sustentamos a tese que o magnetismo é fenômeno de ordem espiritual, o elemento confiança há de surgir necessária e logicamente da nossa fé e do auxílio que sempre recebemos do Alto. É, pois, a prece, a prece sentida, fervorosa, dita pelo coração, e não somente por palavras, que nos aproxima de Deus e que nos transmite a confiança na sua Infinita Misericórdia.

Os Espíritos hão dito sempre, observa Kardec, que:

[...] “A forma nada vale, o pensamento é tudo. Ore, pois, cada um segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras, com as quais nada tenha o coração.” (2017, cap. 28 – *Coletânea de preces espíritas*, it. 1).

Roustaing nos diz que:

Todas as vezes que empregais com fé o magnetismo e visando *exclusivamente* a obter alívio para a Humanidade, vossos guias vos auxiliam, pela ação do magnetismo espiritual, *imperceptível para vós*. E esta ação mais se desenvolve, se lhes pedis com fervor a assistência.

Praticai com ardor, com perseverança e desinteresse esta ciência celeste que o Senhor vos confiou e também vós fareis, se vos dominarem a fraternidade e a abnegação, que se empertiguem os que se acham curvados, que os surdos ouçam e que os cegos vejam; também vós podereis cauterizar as chagas, sustar as perdas de sangue, fortalecer os fracos e endireitar os coxos. Não dizemos que a vossa vontade baste. Ainda não vos desprendestes suficientemente da matéria para que seja assim. Mas, a vossa perseverança, auxiliada pela assistência e pela intervenção oculta de vossos guias, obterá *com o tempo* o que unicamente a vontade do Mestre conseguia *num instante*. Repetimos: não desprezeis o tesouro que o Senhor vos confiou. A prática *séria e perseverante* desenvolverá os vossos poderes. Praticai, pois, *com fé* e o Senhor abençoará os vossos esforços (2008a, v. 1, N. 81, p. 547 e 548).

É certo que a incredulidade não impede a produção dos efeitos magnéticos, assim como não impede a própria manifestação mediúnica. O que se deve assinalar, entretanto, é que os incrédulos deixam muita vez de atingir a meta e de conseguir êxitos, precisamente pela falta de fé.

Diz Kardec:

7

.

7

O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força de sua vontade dirigida pra o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam

de efeito de uma Lei Natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus discípulos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé (2017, cap. 19 – *A fé transporta montanhas*, it. 5).

Nos diz Carlos Imbassahy:

Se a prece não é infalível em todos os atos de nossa vida, visto que não temos a medida no pedir, se não cabe a Deus fazer por nós o que só a nós compete fazer, nem por isso deixa de haver ocasiões em que nada realizamos sem o concurso da oração. Ela é, então, imprescindível.

Com mais de vinte anos de prática diuturna, em estudos psíquicos, sabemos que nos trabalhos espiritualistas a prece é necessária (2002, cap. *A prece*).

Há, por último, que acrescentar, ainda de acordo com os princípios gerais da Doutrina, que tanto maior será a força do magnetizador quanto mais puro for o seu coração. Quanto mais o homem se elevar espiritualmente, tanto maior será o poder de sua irradiação.

⁷ Nota do autor: *A nossa vida mental*, da série *A ciência da vida*, de H. G. Wells, Julian Huxley, G. P. Wells, tradução do prof. Almir Andrade, p. 18.

⁸ Nota do autor: Dr. Schwartz Roemer, *O magnetismo psíquico*. Versão portuguesa de João Antunes.

⁹ Nota do autor: Lafontaine, *L'Art de magnétiser, ou Le Magnétisme vital*; Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*; Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*.

CAPÍTULO 5

8

.

1

O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale (KARDEC, 2016a, comentário de Kardec à q. 662).

Já vimos que quanto mais forte for a nossa vontade e quanto mais positiva for a nossa confiança, tanto mais eficientes serão os efeitos da magnetização. Afirmamos, por igual, que quanto mais nos elevarmos espiritualmente, tanto maior será o poder de nossa irradiação.

O perispírito, que é o órgão transmissor do pensamento e da vontade da alma, recebe, logicamente, a influência da elevação espiritual em que aquele se encontrar. Os mais evolvidos terão necessidade de órgãos mais perfeitos para a transmissão de sua vontade e do seu pensamento. À medida que ascendemos na imensa escala evolutiva da espiritualidade, o nosso

perispírito, como órgão intermediário entre a alma e o corpo, vai paulatinamente se aperfeiçoando.

Ainda aqui nos socorremos do substancioso trabalho mediúnico de Francisco Cândido Xavier, transcrevendo este trecho elucidativo:

— Nos lobos frontais, André, exteriorização fisiológica de centros perispíricos importantes, repousam milhões de células, à espera, para funcionar, do esforço humano no setor da espiritualização. Nenhum homem, dentre os mais arrojados pensadores da Humanidade, desde o pretérito até os nossos dias, logrou jamais utilizá-las na décima parte. São forças de um campo virgem, que a alma conquistará não somente em continuidade evolutiva, senão também a golpes de autoeducação, de aprimoramento moral e de elevação sublime; tal serviço só a fé vigorosa e reveladora pode encetar, como indispensável lâmpada vanguardeira do progresso individual (XAVIER, 2016c, cap. 9 – *Mediunidade*).

8.

2

Não seria arrojado afirmar: alma mais evolvida equivale a pensamento mais elevado, perispírito mais delicado, fluido mais puro e corpo físico mais sadio.

Tudo, pois, está intimamente entrosado dentro da Sabedoria Divina.

O perispírito, portanto, como transmissor do fluido magnético, forma entre os agentes da ação.

Bezerra de Menezes dá-nos uma

[...] ideia do fenômeno físico da ação e reação do Espírito sobre o corpo e vice-versa, mediante o perispírito. Este recebe, pelo sistema nervoso sensitivo, todas as impressões do corpo, e, como um espelho, reflete-as. O Espírito (alma) toma, por tal arte,

conhecimento delas e imprime no perispírito suas volições, que são transmitidas ao corpo, mediante o concurso dos nervos motores. O cérebro, de onde decorremos os dois sistemas de nervos, é a grande pilha que segrega o fluido nervoso de que os fios de cada sistema são simples canais condutores, e é por isso que o cérebro é constituído de duas substâncias, branca e cinzenta, das quais uma segrega o fluido sensível e a outra o motor.

Assim, por exemplo, se um mosquito nos pica, a impressão é levada ao cérebro pelos nervos sensíveis ou do sentimento, e ali gravada no perispírito, que é ligado a todas as moléculas do corpo, e, no perispírito, a alma toma dela conhecimento e sente a dor, e, sentindo-a, procura remover a causa. Esta resolução traduz-se em movimento imposto ao corpo pelo Espírito, mediante o perispírito, que a transmite ao cérebro, o qual, sempre pela força da vontade anímica, põe em ação os nervos motores, necessários à ação de mover, suponhamos, o braço, para matar ou afugentar o mosquito.

O perispírito, portanto, é quem transmite à alma as impressões do corpo, concentradas no cérebro, e é quem transmite ao corpo as volições da alma, pela impulsão dada ao cérebro, como centro do sistema nervoso.

O corpo é simples meio de pôr a alma em relação com o mundo externo, ligando-se-lhe pelo perispírito (MENEZES, 2010, cap. 2 – *Do Espírito em suas relações*).

8.

3

Vê-se, assim, que a ação magnética que o Espírito (alma) do magnetizador imprime no seu perispírito vai influenciar o perispírito de quem recebe a ação.

Vale dizer que a transfusão do fluido nervoso se opera de perispírito a perispírito. E, em se chegando a essa conclusão, mais seguramente se compreenderá a natureza espiritual da ação magnética e as íntimas relações entre o Espiritismo e o Magnetismo. É por esses motivos que consideramos o magnetismo como meio, como processo, e não como ciência especializada.

O fluido magnético, vital ou fluido nervoso no entender de alguns, que emana do corpo dos magnetizadores, e que tem sido o motivo principal das críticas da ciência materialista, é uma transformação ou modificação do fluido universal, que, por sua vez, sai do “todo universal”, ou seja, do conjunto dos fluidos existentes no espaço.

Diz Roustaing:

O fluido universal, que toca de perto a Deus e d’Ele parte, *constitui*, pela sua quintessência e *mediante as combinações, modificações e transformações* de que é passível, o instrumento e o meio de que se serve a inteligência suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da Natureza, de tudo que se move, vive, é.

O Apóstolo Paulo sentia a potência criadora do Senhor, quando dizia: “Tudo é d’Ele, tudo é por Ele, tudo é nele; “ex ipso et per ipsum et in ipso sunt omnia.” [*Epístola aos romanos*, 11:36]. – “É nele que temos a vida, o movimento e o ser: in ipso vivimus et movemur et sumus.” [*Atos dos apóstolos*, 17:28] (2008a, v. I, N. 56, p. 290 e 291).

Existirá mesmo o fluido? Como se poderá provar a sua existência? Mera ilusão, concepção gratuita e arbitraria, afirmam sectaristas de todos os matizes de cambulhada com os materialistas, pois nem sequer a *Bíblia* a ele se refere... E houve mesmo certo autor que, no afã de destruir mais essa “mistificação”,¹⁰ alterou conceitos fundamentais, confundindo o perispírito com o “ectoplasma, *od*,¹¹ força vital, fluido humano” e outros supostos

sinônimos, que apenas revelam profunda e absoluta ignorância da própria doutrina que criticam.

8.

4

Entretanto, aceitando, como aceitam a concepção adâmica da raça humana, tal como se encontra na *Bíblia* — “*Formavit Deus hominem de limo terræ et inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ*” — deviam pelo menos desconfiar que o sopro da formação do homem teria sido a emanção do fluido magnético, do fluido universal, que tão intransigente e confusamente negam.

Pelos métodos da ciência positiva e, portanto, pela experimentação, pela observação, pela análise, pelo raciocínio lógico, deduzirão os céticos a sua conclusão. Desejam real e sinceramente a prova? Então, porque não experimentam, porque não observam? São falhas, gratuitas, desonestas as demonstrações que fazemos, a ponto de nos truncarem as palavras e os conceitos fundamentais? Há, então, uma só alternativa: a demonstração contrária ou o silêncio.

Os casos de telepatia e de transmissão de pensamento, não podem, sem escândalo, ser negados, bastariam por si só para demonstrar a existência de um fluido humano, qualquer que seja a denominação que lhe queiram dar os mais sábios.

Com efeito, observa Edouard Bertholet (Carl de Reichenbach, Albert de Rochas, *Le Fluide des magnétiseurs*) para que possa ocorrer a comunicação telepática entre dois cérebros é necessário que exista entre eles um veículo que se propague de um para o outro como onda nervosa ou fluídica. Assim como é impossível conceber a existência da telegrafia sem fio sem as ondas elétricas, que atravessam o espaço e influenciam os aparelhos receptores, assim também não se pode conceber o fenômeno da telepatia sem a existência de um agente fluídico.

Os experimentadores são unânimes em afirmar¹² que os sonâmbulos não só veem o fluido, que se escapa dos dedos dos magnetizadores, como

também atestam a sua maior ou menor intensidade e a sua qualidade pela cor mais ou menos brilhante. A força magnética do operador pode ser igualmente indicada por eles.

8.

5

Lafontaine (*L'Art de magnétiser*) apresentou a um sonâmbulo um copo d'água magnetizada por diversos dos seus discípulos e o paciente descreveu tantas camadas de fluidos quantos eram os magnetizadores, distinguindo uns dos outros.

No entanto, em se tratando de assunto de tamanha magnitude, não há como invocar em nosso auxílio Kardec, transcrevendo esta brilhante e decisiva lição:

A telegrafia humana! Aí está uma coisa de molde certamente a provocar o riso dos que se negam a admitir o que não caia sob os sentidos materiais. Mas, que importam as zombarias dos presunçosos? As suas negações, por mais que eles as multipliquem, não obstarão a que as leis naturais sigam seu curso, nem a que se encontrem novas aplicações dessas leis, à medida que a inteligência humana se ache em estado de lhes experimentar os efeitos.

[...]

Se se pudesse suspeitar do imenso mecanismo que o pensamento aciona e dos efeitos que ele produz de um indivíduo a outro, de um grupo de seres a outro grupo e, afinal, da ação universal dos pensamentos das criaturas umas sobre as outras, o homem ficaria assombrado! Sentir-se-ia aniquilado diante dessa infinidade de pormenores, diante dessas inúmeras redes ligadas entre si por uma potente vontade e atuando harmonicamente para alcançar um único objetivo: o progresso universal.

Pela telegrafia do pensamento, ele apreciará em todo o seu valor a lei da solidariedade, ponderando que não há um pensamento, seja criminoso, seja virtuoso, ou de outro gênero, que não tenha ação real sobre o conjunto dos pensamentos humanos e sobre cada um deles. Se o egoísmo o levava a desconhecer as consequências, para outrem, de um pensamento perverso, pessoalmente seu, por esse mesmo egoísmo ele se verá induzido a ter bons pensamentos, para elevar o nível moral da generalidade das criaturas, atentando nas consequências que sobre si mesmo produziria um mau pensamento de outrem.

Que serão, senão consequência da telegrafia do pensamento, esses choques misteriosos que nos advertem da alegria ou do sofrimento de um ente caro, que se acha longe de nós? Não é a um fenômeno do mesmo gênero que devemos os sentimentos de simpatia ou de repulsão que nos arrastam para certos espíritos e nos afastam de outros? (KARDEC, 2011, *Fotografia e telegrafia do pensamento*).

8.

6

Há certamente aí um campo imenso para o estudo e a observação, mas do qual ainda não podemos perceber senão as massas. O estudo dos pormenores resultará de um conhecimento mais completo das leis que regem a ação dos fluidos, uns sobre os outros.

Em verdade, aí reside a nossa imensa ignorância, isto é, no conhecimento das leis que regem a ação dos fluidos, as suas modificações e as suas combinações — eis o infinito campo por desbravar e que até aqui vem zombando da nossa limitada capacidade de entendimento e compreensão. Não se trata, portanto, de demonstrar a existência do fluido, coisa que a observação e a experiência hão comprovado, mas sim de penetrar nos domínios dessa nova química espiritual, com a qual o misonéismo se apavora.

Repetimos que a observação e a experiência são suficientes para demonstrar a existência do fluido, qualquer que seja a denominação que se lhe queira dar — magnético, nervoso, elétrico, vital, nêurico etc

Propositadamente, não nos referiremos aqui aos aparelhos inventados para o registro e medida do fluido magnético, como o magnetômetro de Fortin, o biômetro de Baraduc, o estenômetro de Joire, e a pêndula magnética de M. Gerbouin como, por igual, não mencionaremos as eletrografias, as fluviografias (imagem do fluido que se obtém pela colocação das mãos do magnetizador sobre uma chapa fotográfica, quer a seco, quer em banho revelador) e nem tampouco às experiências de G. Mondeil (*Le Fluide humain devant la physique révélatrice et la métapsychique objective*), que conseguiu obter a iluminação de lâmpadas comuns pelo contato e fricção das mãos. Essas e outras invenções são sempre objeto de infundáveis controvérsias, ao passo que a experimentação pessoal conduz, do mesmo modo, à certeza, com a vantagem das informações que nos dão os sensitivos pela visão direta do fluido (Célestin Saint-Jean, *Guide du magnétiseur spirite*). Os aparelhos poderão trazer-nos a certeza. Mas, sob pretexto, como tem acontecido, de combater e apontar as falhas desses instrumentos, combateriam a ideia em si mesma, isto é, negariam a existência do fluido.

10 Nota do autor: ROSSI, Agnelo (P.e). *A ilusão espírita*. v. VI. Biblioteca Apologética, p. 47.

11 N.E.: Suposta força que se difundiria pela natureza e por todos os indivíduos, produzindo fenômenos como o magnetismo, o hipnotismo etc. Do al. *Od*, palavra criada pelo barão Carl-Ludwig von Reichenberg (1799–1869), filósofo naturalista alemão.

12 Vide: Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*; Deleuze, *Magnétisme animal*; Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*.

CAPÍTULO 6

9

.

1

“Uma mulher que por doze anos estava padecendo de uma hemorragia e a quem ninguém podia curar, chegando-se por detrás, tocou-lhe a fímbria da capa, e imediatamente cessou a sua hemorragia. Perguntou Jesus: Quem me tocou? Negando-o todos, disse Pedro: Mestre, a multidão te aperta e te oprime. Mas Jesus disse: Alguém me tocou, porque eu percebi que saíra de mim uma virtude. A mulher, vendo-se percebida, veio, tremendo, prostrar-se diante d’Ele, e declarou na presença de todo o povo o motivo por que o havia tocado e como fora imediatamente curada. Ele lhe disse: Filha, a tua fé te curou; vai-te em paz.” (*Lucas, 8:43 a 48*).

Quando um magnetizador, depois de estabelecer contato com o paciente e de fazer a sua rogativa ao Alto, impõe-lhe a mão, não tardará muito que do seu corpo, principalmente dos dedos, dos olhos, da boca, da cabeça e do tórax, saiam correntes de matéria fluídica sobre o magnetizado. Essa matéria fluídica é que se denomina fluido magnético, muito sutil, que penetra todos os corpos.

Mostrai vossas mãos a um sonâmbulo e ele verá escapar-se de vossos dedos um vapor luminoso, mais ou menos intenso, mais ou menos brilhante, conforme o poder da vossa emissão magnética e da qualidade do vosso fluido.

Não necessito de outra prova, exclama Lafontaine (*L'Art de magnétiser*), para a demonstração da existência do fluido, a despeito das experiências de outra ordem, realizadas com instrumentos de precisão, que nos dão a certeza da sua existência e da sua transmissão a todos os corpos vivos ou inertes.

Na passagem do Evangelho de *Lucas*, acima mencionada, está perfeitamente caracterizado, na sua quintessência, em toda a sua pureza e sublimidade, o fluido magnético, que se desprendia do corpo de Jesus, e a que Ele denominou como — *uma virtude que saíra do seu corpo*.

9.

2

Lucas foi mais minucioso no relatar esse episódio do que os demais evangelistas, o que levou Gauthier (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, 1845) a indagar qual a razão dessa superioridade de Lucas sobre os outros e por que a frase característica da *virtude* atribuída a um simples toque. E ele mesmo responde:

É que Lucas era médico. Seu Evangelho oferece mesmo essa particularidade em relação à Medicina e ao Magnetismo, sendo ele o único que, ao referir-se à mulher doente, esclareceu: que ela havia despendido tudo quanto possuía, com os médicos, e que nenhum deles a havia curado. A cura, para Lucas, era por causa da virtude saída do corpo do seu Divino Mestre. Ora, a virtude magnética, que residia em grau incomparável em Jesus, existe em grau inferior em todos os homens. E cada vez que o magnetizador impõe suas mãos, *sai d'Ele uma virtude*.

Mas o texto evangélico explica ainda a outra razão da cura, dada por Jesus —“Filha, a tua fé te curou” —, que, também, no magnetismo espiritual, é elemento precioso de êxito, conforme veremos oportunamente.

O certo é que aos sonâmbulos magnéticos devemos as noções sobre o fluido e sua existência, que podem ser resumidas, segundo as observações de diversos magnetizadores,¹³ da seguinte maneira:

1) O fluido magnético, que se nos escapa continuamente, forma em torno do nosso corpo uma atmosfera. Não sendo impulsionado pela nossa vontade, não age sensivelmente sobre os indivíduos que nos cercam; desde, porém, que nossa vontade o impulsiona e o dirige, ele se move com toda a força que lhe imprimirmos.

2) O fluido penetra todos os corpos animados ou inanimados.

3) O fluido possui um odor, que varia segundo o estado de saúde física do indivíduo, dos seus dotes morais e espirituais, e do seu grau de evolução e pureza. Melhor diríamos afirmando, em síntese, que o odor e a coloração do fluido estão na razão direta do estado de evolução da alma ou do Espírito.

Assim, nos diz Kardec:

9.

3

[...] Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, soporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão etc. O quadro dos fluidos seria, pois, o de todas as paixões, das virtudes e dos vícios da Humanidade e das

propriedades da matéria, correspondentes aos efeitos que eles produzem (KARDEC, 2016d, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 17).

4) O fluido é visto pelos sonâmbulos como um vapor luminoso, mais ou menos brilhante, e que pode tomar outras colorações — azul, vermelha, escura etc. — não só, como já se disse, em razão da evolução de cada um, mas também como resultante de um estado accidental da alma, em virtude de doença física ou moral.

Fora impossível fazer-se uma enumeração ou classificação dos bons e dos maus fluidos, ou especificar-lhes as respectivas qualidades, por ser tão grande quanto a dos pensamentos a diversidade deles.

Os fluidos não possuem qualidades *sui generis*, mas as que adquirem no meio em que se elaboram; modificam-se pelos eflúvios desse meio, como o ar pelas exalações, a água pelos sais das camadas que atravessa. [...] (KARDEC, 2016b, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 17).

[...]

Os meios em que superabundam os maus Espíritos são, pois, impregnados de maus fluidos que o encarnado absorve pelos poros perispíricos, como absorve pelos poros do corpos miasmas pestilenciais [substâncias nocivas, ou curativas] (it. 18).

Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. Uma assembleia é um foco de irradiações de pensamentos diversos. É como uma orquestra, ou coro de pensamentos, em que cada um emite uma nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios, cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição (it 19).

5) O fluido magnético não é o fluido elétrico; um e outro são modificações, totalmente diferentes, do fluido universal, convindo assinalar que a maior parte dos sonâmbulos têm verdadeira idiosincrasia pela eletricidade.

6) O fluido se propaga a grandes distâncias, o que depende, entretanto, da qualidade e da força do magnetizador, e igualmente da maior ou menor sensibilidade magnética do paciente.

7) O fluido está também sujeito às leis de atração, repulsão e afinidade. Nem todos os corpos são igualmente bons condutores; há até os nocivos, v. g.,¹⁴ o cobre, que comunica más qualidades ao fluido que o atravessa, causando ao paciente irritação e até queimaduras.

8) Precisamente porque o fluido varia de indivíduo a indivíduo, é de notar-se que certos magnetizadores têm mais facilidade em curar determinadas moléstias do que outras. Sob esse aspecto, porém, convém não esquecer que, além do fluido propriamente humano, outros fluidos, dotados de diferentes propriedades, que ainda não conhecemos, poderão intervir na ação magnética.

Diz Sayão:

Antes mesmo, porém, que chegue às condições de se utilizar diretamente desses fluidos, poderá o homem servir-se deles com bom resultado, mediante o auxílio dos Espíritos Protetores da Humanidade, os quais, valendo-se do magnetismo espiritual, lhos colocarão ao alcance, como, aliás, já o fazem com os médiuns curadores (2011, p. 195).

9) O estado atmosférico pode de certo modo aumentar ou diminuir a intensidade do fluido e, portanto, a eficácia da magnetização. O tempo seco, principalmente no verão, é mais favorável à ação magnética. Durante os dias tempestuosos, quando a atmosfera está carregada de eletricidade, é aconselhável evitar a magnetização. Os sonâmbulos (Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*), nessas circunstâncias, acusam, depois de despertados, um acentuado gosto de enxofre.

10) “A quantidade de fluido não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Alguns há, que se acham, por assim dizer, saturados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. [...]

9.

5

A quantidade de fluido se esgota. Pode tornar-se insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm” (KARDEC, 2016a, comentário de Kardec à q. 70).

11) “São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado [...] doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade. [...]” (KARDEC, 2016d, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 32). O fluido pode fornecer princípios reparadores ao corpo. A cura se opera mediante o fortalecimento e reequilíbrio das moléculas malsãs.

[...] O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas, depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido. Depende ainda das intenções daquele que deseja realizar a cura, *seja homem ou Espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas (KARDEC, 2016d, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 31).

12) A ligação entre o fluido magnético e os corpos que o recebem é tão íntima que nenhuma força física ou química pode destruí-lo. Os reativos

químicos e o fogo nenhum efeito têm sobre ele. Diversas experiências foram realizadas pelo prof. Reuss e pelo Dr. Loewenthal, médicos em Moscou, e repetidas pelo barão Du Potet (*Traité complet du magnétisme animal*, 8. ed., 1930, p. 189), os quais submeteram à ação do fogo e de reativos químicos objetos magnetizados, que, como intermediários, haviam produzido o sono em seus pacientes. Apresentados novamente esses objetos, depois de lavados em álcool, amoníaco, ácido nítrico, ácido sulfúrico concentrado, ácido muriático etc., os pacientes, de olhos vedados, voltaram ao sono. A mesma experiência foi feita com a cera, o enxofre e o estanho, fundidos, e com uma folha de papel reduzida a cinzas, sempre com o mesmo êxito.

Donde se conclui que há muito pouca analogia entre os fluidos imponderáveis que os físicos conhecem e o fluido magnético.

9.

6

13. Por último, não é demais repetir que o magnetismo ensaia os seus primeiros passos e que muito pouco sabemos sobre o seu principal veículo — o fluido —, e que só o estudo e a experimentação poderão um dia descortinar o vasto e ilimitado caminho a percorrer.

O magnetismo não constitui um jogo para divertimento dos curiosos; não é uma ciência ligeira destinada *apenas* a aliviar alguns sofrimentos. É um estudo grave, profundo, que reclama, para se tornar proveitoso, ilimitado desinteresse, fé viva, inesgotável amor ao próximo. Com esses três auxiliares, podereis, homens, colher ousadamente os frutos da árvore da Ciência; repelireis horrorizados o mal e caminhareis a passos largos na senda do progresso.

Magnetizadores, a vós outros é que especialmente nos dirigimos. Trazeis em vós a fonte de todas as descobertas, de todas as ciências. Abri, trabalhando seriamente, as páginas desse grande livro e aí descobrireis todos os dias alguma beleza nova e vereis até onde pode

chegar o poder do homem, quando tem a sustentá-lo o amor do bem, da verdade e do belo (ROUSTAINING, 1995, v. 2, N. 183, p. 417).

Por isso que os sonâmbulos encontram diferença entre os fluidos, atestando a sua qualidade excepcional para a cura de cada moléstia, somente a experiência pessoal poderá guiar com segurança o magnetizador neste e em outros sentidos.

Dentro do princípio “[...] o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa”, hemos passado em revista os elementos integrantes de toda a ação magnética — o Espírito, a vontade, o perispírito, o fluido. Resta-nos examinar o último elemento — o corpo, ou mais claramente, o magnetizador.

¹³ Nota do autor: Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*; Aubin Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*; Du Potet, *Manuel de l'étudiant magnétiseur*; Bertholet, *Le Fluide des magnétiseurs*.

¹⁴ N.E.: Abreviatura de *verbi grati*, que quer dizer “por exemplo” em latim.

CAPÍTULO 7

1

0.

1

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o Evangelho a toda criatura. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado. Aos que creem acompanharão estes milagres: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas; pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará; imporão as mãos nos enfermos e estes sararão. Depois de lhes ter assim falado, o Senhor Jesus ascendeu ao Céu, onde está assentado à direita de Deus. Os discípulos partiram e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra pelos atos que se lhes seguiam.”
(*Marcos, 16:15 a 20*).

Todos podem magnetizar, porque todos possuem o fluido magnético ou fluido vital.

Já vimos que o magnetismo resulta principalmente das faculdades da alma; o corpo é apenas o instrumento da execução. Assim como a qualidade

do fluido está na razão direta do estado de evolução da alma, assim também a maior ou menor eficiência da magnetização depende da saúde do corpo.

A razão é óbvia: um corpo sem saúde não pode transmitir aquilo que não possui; a sua irradiação seria fraca, ineficaz e mais nociva do que útil, para si e para o paciente.

Deve-se, entretanto, distinguir entre uma pessoa incessantemente doente, portadora de moléstias que alteram profundamente o “tônus” vital, da que é apenas atingida de uma doença local (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*), v. g ., um mal de estômago, dos rins etc., embora de caráter crônico.

Adverte, Bué:

10

.2

Entretanto, não se creia que o poder magnético caminhe de par com a força muscular; um homem solidamente constituído, de envergadura hercúlea, é muitas vezes menos apto para a produção dos efeitos magnéticos, do que um homem de aparência mais delicada, porém dotado de constituição física especial: provém isso de que o sistema nervoso representa aqui um grande papel para condensar no interior e projetar no exterior; e essa faculdade de condensação e emissão não apresenta nenhuma relatividade com o vigor corporal, que não poderia supri-la (*Le Magnétime curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 2 – *Das condições necessárias para magnetizar*, it. 24 – Saúde).

Aplicam-se ao magnetizador todas as cautelas salutareas aconselhadas aos médiuns em geral, quer em relação ao seu estado físico e moral, quer em relação ao meio em que deve operar.

Deleuze (*Histoire critique du magnétisme animal*. v. 1, p. 130) apresenta o melhor magnetizado como aquele que possui bom temperamento; caráter

ao mesmo tempo firme e tranquilo; gérmen de paixões vivas sem ser subjugado por elas; vontade forte sem entusiasmo; atividade reunida à paciência; faculdade de concentrar a atenção sem esforços; e que, magnetizando, se ocupe unicamente do que faz.

A atenção e a direção da vontade não devem sofrer nenhuma solução de continuidade; devem ser constantes, uniformes, tranquilas, sem vacilações, sem objetivo de produzir fenômenos curiosos, mas somente de fazer o bem.

Célestin Saint-Jean (*Guide du magnétiseur spirite*) nos apresenta o exemplo do réptil que atrai o pássaro. Seu olhar vivo, horrível pela imobilidade, fascina sua vítima; o fluido se lhe escapa da pupila, e o pássaro, dominado, com suas asas estendidas, numa atitude de recuo, a atestar que sua vontade está sendo forçada nos movimentos que executa. Bastaria, para subtrair-se à morte quase inevitável, um só golpe de asas, mas que ele não pode dar. Uma força invisível, mas poderosa, o domina; ele avança sempre para aquela goela aberta, que irá tornar-se seu túmulo. Mas se o réptil se distrair um segundo, a atração cessa e o pássaro toma o seu voo.

10

.3

Kardec muito bem assinalou as qualidades que deve possuir o magnetizador:

A faculdade de curar pela imposição das mãos deriva evidentemente de uma força excepcional de expansão, mas diversas causas concorrem para aumentá-la, entre as quais são de colocar-se, na primeira linha: a pureza dos sentimentos, o desinteresse, a benevolência, o desejo ardente de proporcionar alívio, a prece fervorosa e a confiança em Deus; numa palavra: todas as qualidades morais. A força magnética é puramente orgânica; pode, como a força muscular, ser partilha de toda gente, mesmo do homem perverso; mas só o homem de bem se serve dela exclusivamente para o bem,

sem ideias ocultas de interesse pessoal, nem de satisfação de orgulho ou de vaidade. Mais depurado, o seu fluido possui propriedades benfazejas e reparadoras, que não pode ter o do homem vicioso ou interesseiro.

Todo efeito mecânico [...] resulta da combinação dos fluidos que emitem um Espírito e um médium. Pela sua conjugação esses fluidos adquirem propriedades novas, que separadamente não teriam, ou, pelo menos, não teriam no mesmo grau. A prece, que é uma verdadeira evocação, atrai os bons Espíritos, sempre solícitos em secundar os esforços do homem bem-intencionado; o fluido benéfico dos primeiro se casa facilmente com o do segundo, ao passo que o do homem vicioso se junta aos dos maus Espíritos que o cercam (KARDEC, 2011, *Manifestações dos Espíritos*, it. 52).

Por isso mesmo que todos estão sujeitos às influências dos bons ou dos maus Espíritos, não só Kardec, mas também todos os que se entregaram ao estudo do magnetismo, inclusive os não espíritas, advertem que os pacientes devem ter muito cuidado e muita cautela na escolha dos magnetizadores.

Na verdade, sendo a faculdade de magnetizar, ou de fazer o bem aos seus semelhantes por influência de sua vontade, a mais bela e a mais preciosa que Deus deu ao homem, deve-se encarar o exercício do magnetismo como um ato religioso, que exige o maior recolhimento e a intenção mais pura, considerando-se uma espécie de profanação magnetizar por curiosidade, por divertimento ou para provocar efeitos singulares ou surpreendentes (Deleuze, *Instruction pratique sur le magnétisme animal*).

10

.4

Os que se entregam mais amiúde à prática do magnetismo costumam seguir um regime de higiene física e mental, que não é de todo desaconselhável. Alguns procuram obter o domínio de si mesmos e

aumentar o poder de sua vontade e atenção por meio de exercícios vários e contínuos. Outros preferem seguir um regime de alimentação adequado, de preferência o vegetariano, ingerindo em abundância água pura. Outros ainda se inclinam aos banhos de sol e aos exercícios respiratórios, evitando todas as substâncias que possam diminuir a faculdade irradiadora; há mesmo alguns outros que apresentam uma curiosa relação de alimentos antimagnéticos, como chocolate, carne de porco, batata doce e muitos outros (Edmund Shaftesbury, *Instantaneous personal magnetism*, 1926).

De um modo geral, deve-se evitar tudo quanto importa no desgaste ou perda de energia: excessos sexuais, trabalhos demasiados, alimentação imprópria, hiperácida, hipercarnívora, energética, bem como o álcool, a nicotina e os entorpecentes de toda espécie; deve-se, enfim, viver mais naturalmente e adquirir melhores qualidades (Fred Wachsmann, *Pela vitória do espírito*).

Em resumo, diz com muita precisão Carlos Imbassahy:

O ser compõe-se de duas partes principais: o corpo e o espírito. O primeiro, material, pesado, é a sede dos órgãos, pelos quais o espírito exerce a sua atividade. Sem o corpo, não poderia este habitar os mundos como o nosso, onde executa seu aprendizado, onde adquire os seus conhecimentos, onde eleva a sua moral, onde aprimora as suas faculdades, onde se fortalece, nas lutas e nos sofrimentos da Terra, para as grandes jornadas do futuro. Em regra as religiões descuram o corpo, maltratam-no, desprezam-no, e julgam até ponto de fé, princípio doutrinário ou prática indispensável para levá-lo ao Céu, enfraquecê-lo pelas vigílias, pelos jejuns, pelos cilícios, pelos flagelos, pela sordícia, pela falta de higiene, pela falta de ar, pela falta de água, pela falta de luz. Erro gravíssimo é este para o qual não nos cansaremos de chamar a atenção de nossos semelhantes. O Espiritismo, muito ao contrário do caminho que seguem os religiosos de vários matizes, aconselha que preservemos o nosso corpo dos elementos ou fatores que lhe diminuam a capacidade de resistência, e assim teremos que nos alimentar, sóbria, mas

suficientemente; não podemos perder a noite em prazeres inúteis ou os dias em maus contubérnios e em vícios; não devemos entregarmo-nos à ociosidade; não usaremos vestes impróprias ao clima; não procuraremos exagerar o recato até o ridículo; não sacrificaremos as benesses da Natureza em nome de convenções ou de uma moral movediça, intermitente, errática, oriunda dos mitos, das superstições ou da ignorância. É, enfim, nosso dever, promover a robustez, entreter a saúde, alimentar a existência, por meio do exercício físico, da ginástica, tornando-se o homem forte, não para agredir os seus irmãos do planeta, não para lhes fazer mal, senão para resistir às agrestias do meio ambiente; às intempéries de toda a ordem, a que está sujeito; às dificuldades de todo o gênero, que o cercam; para sobreviver na luta pela vida, que tem por diante constantemente, e que deve enfrentar em benefício próprio, em benefício do progresso universal. Cremos que é este o ensino dos nossos maiores (*Corpo e espírito*, 1946).

10

.5

Vida sóbria, moderada, sem abusos e desequilíbrios, sem excessos e desvios, é o que se prescreve ao magnetizador.

É evidente que, se existem substâncias que perturbam, enfraquecem e aniquilam a ação magnética, desequilibrando as funções nervosas, outras deverão existir que, do mesmo modo, facilitam, aumentam e exageram a ação. E, de fato, existem, segundo o testemunho de muitos experimentadores. Entretanto, esses expedientes não naturais são desaconselháveis. Bastará o regime de alimentação e higiene, com observância dos preceitos indispensáveis que a autoeducação nos indica e sem esquecimento do cultivo da vida interior. Nesses exercícios de oração, meditação, contemplação e concentração, que o cultivo da vida interior reclama, desenvolve-se prodigiosamente a intuição, e, mercê dessa intuição,

eles se enriquecem com os fulgores descidos do Céu, veiculadores de verdades divinas, que nenhum pensador humano pode, sem esse auxílio, receber, nem, por conseguinte, revelar (AGUAROD, 2010). Deixemos as drogas e os tóxicos para os hipnotizadores e reservemos para os magnetizadores a medicina do Espírito, pois na alma se concentra toda a sua força e todo o seu poder.

Já dissemos que se aplicam ao magnetizador as cautelas preconizadas aos médiuns em geral. Assim, o exercício muito prolongado da magnetização, tal como da mediunidade, ocasiona um dispêndio de fluido e, conseqüentemente, a fadiga, que cumpre reparar pelo repouso (KARDEC, 2016b, cap. 18 – *Dos inconvenientes e perigos da mediunidade*, it. 221, 2ª questão).

10

.6

Nunca é demais insistir na observância das cautelas necessárias que todo magnetizador deve ter em relação à sua própria força. O homem não é uma máquina que segrega o agente magnético, adverte Du Potet (*Traité complet du magnétisme animal*). O fluido vital é essencial à vida, e isso é quase pleonástico; logo, não se deve transmitir, em nome de nenhum princípio, uma força já em grau de esgotamento, a qual, por um lado, não beneficia a quem a recebe, e, por outro, prejudica a quem a transmite.

O magnetizador que abusa da sua força, sem repouso para recuperá-la, estiola-se, esgota-se: “*Tenez de l’huile en réserve, si vous ne voulez que votre lampe s’éteigne*” (Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*).

A fadiga que resulta das experiências muito prolongadas ou muitas vezes repetidas reflete-se, particularmente, no cérebro, na cavidade do estômago e nas articulações (Célestin Saint-Jean, *Guide du magnétiseur spirite*).

Por último, cumpre observar que os homens de idade avançada não devem magnetizar; de resto, salvo casos excepcionais, a sua força não é eficiente. Os homens na idade adulta são os mais aptos para a prática

magnética, desde que reúnam, da mesma maneira, as demais condições necessárias.

CAPÍTULO 8

1

1.

1

“Sucedeu que, ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmola. Ouvindo o tropel da multidão que passava, perguntou o que era aquilo. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré quem por ali passava. Logo clamou ele: Jesus, filho de Davi, compadece-te de mim! Os que iam à frente o repreendiam, para que se calasse; ele, porém, clamava cada vez mais forte: Filho de Davi, tem compaixão de mim! Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego. Ao aproximar-se este, falou ele: Senhor, faze que eu veja! Jesus lhe disse: Vê; tua fé te salvou. Imediatamente, o que era cego viu e foi seguindo a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, tendo visto aquilo, louvava a Deus.” (*Lucas, 18:35 a 43*).

Já passamos em revista as qualidades do magnetizador e as condições que deve observar para manter-se em estado de operar.

Agora trataremos do paciente, isto é, do magnetizado. Nem todos os homens são sensíveis à ação magnética, e, entre os que o são, pode haver maior ou menor receptividade, o que depende de diversas condições, umas que dizem respeito ao magnetizador e outras ao próprio magnetizado, além de circunstâncias ocasionais oriundas de diversos fatores.

Comumente, o magnetismo não exerce nenhuma ação sobre as pessoas que gozam de uma saúde perfeita.¹⁵

1

1.

2

Entretanto, o mesmo indivíduo, insensível à ação magnética no estado de saúde, torna-se extremamente sensível quando doente (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Do mesmo modo há doentes em que o magnetismo nenhuma influência exerce; outros há em que a ação é desde logo evidente e decisiva. Não se pode no estado atual dos nossos conhecimentos explicar todas essas anomalias, que, como dissemos, ora dependem do magnetizador, ora do magnetizado, ora de ambos.

Sob esse aspecto, convém ter em mente esta página de Angel Aguarod:

O magnetismo, em certos estados de origem psíquica ou espiritual, basta, e, para certos indivíduos, é o melhor agente curativo. [...] Porém, não se pode preconizar o magnetismo como agente curador exclusivo, para a maioria dos casos e dos indivíduos; é preciso ter isto em conta, para se não cometerem erros de tratamento, em prejuízo e descrédito, por efeito de inconsciente fanatismo, de um poderoso agente de cura.

Aos indivíduos materializados, doses mais fortes de medicamentos; aos sensitivos, menos materializados, doses mais atenuadas; aos notavelmente espiritualizados, mais medicina espiritual do que

humana. Essa a regra; as exceções encontrá-las-eis em cada caso, se elevardes o vosso Espírito ao Alto, para que chovam sobre vós as bênçãos divinas.¹⁶ (2010, cap. 9 – *O problema da saúde*, it. III – Defesa contra a enfermidade).

Os autores, em geral, apontam diversas condições que o magnetizado deve observar para melhor êxito da operação ou, pelo menos, para facilitar a receptividade da ação. Entre essas condições, as mais importantes são: a simpatia, a fé e a paciência.

Há uma relação ou uma simpatia física, moral e espiritual entre alguns indivíduos. É uma decorrência da Lei de Afinidade e, por paradoxal que pareça, essa relação já é um princípio de magnetização.

1

1.

3

É muito comum a simpatia que nasce pela leitura de um nome, pela audição de uma voz, pelo modo de falar, pelo olhar etc. Edmund Shaftesbury (*Instantaneous personal magnetism*, 1926) fez uma interessante observação sobre o assunto, apesar do caráter especulativo da sua obra, classificando, v. g., uma voz magnética, um olhar magnético e até uma caligrafia magnética.

Como quer que seja, a simpatia é espontânea. Na ausência de simpatia, que gera a confiança, é necessário, pelo menos, que entre operador e paciente não haja antipatia, um motivo de repulsa que possa diminuir e até anular a ação magnética.

Alguns autores negam a necessidade da fé, quer para os magnetizadores, quer para os magnetizados, e a substituem pela confiança.

Não é possível transigir nessa troca, somente admitida por aqueles que apenas veem no magnetismo um fenômeno de efeitos puramente físicos.

Na verdade, a iterativa advertência evangélica, que decorre de diversas passagens, como a que encima este capítulo, nos mostra que a fé é a maior condição de receptividade, e nela se incluem todas as outras.

Por isso mesmo, o nosso conselho é no sentido de que o magnetizador deverá, antes de iniciar o processo de magnetização, fazer uma ligeira doutrinação, a fim de que o paciente se coloque por si mesmo em piedoso recolhimento e que erga com o coração a sua rogativa ao Alto, qualquer que seja a sua crença ou a sua religião. Será a maneira mais eficiente para coadjuvar a emissão e a recepção do fluido.

A paciência, outro fator de êxito, é o que, em regra, falta aos doentes.

É necessário considerar que o magnetismo excita muitas vezes as dores na parte do corpo em que se acha situado o mal e provoca outras crises, como veremos mais adiante. Entretanto, esses fatos não devem atemorizar o doente; eles são até certo ponto um prenúncio de êxito, porque revelam a reação do organismo para triunfar sobre a moléstia.

Toda cura, principalmente dos males crônicos, demanda tempo. E os piores doentes são os inconformados, sem nenhuma resignação.

Alphonse Bué apresenta uma série de conselhos salutares, que merecem sempre lembrados. Assim diz ele, em resumo:

1

1.

4

1) O paciente deve observar com a maior atenção todas as sensações que experimenta e transmiti-las ao magnetizador, quer durante a magnetização, quer no intervalo das sessões.

2) Deve evitar ser influenciado pelo meio em que vive; não contrariar a ação do magnetismo, tomando, às ocultas do magnetizador, substâncias cujos efeitos este não poderá, por isso, distinguir, nem prever.

3) Deve evitar os excessos de todo gênero: vigílias, fadigas do corpo e do espírito, emoções vivas ou deprimentes, tudo quanto, em uma palavra, possa perturbar o equilíbrio do organismo ou o repouso da alma.

4) Não deve abusar, quer de abluções, quer de banhos; a ação repetida de duchas, quentes ou frias, diminui, no decurso do tempo, a receptividade magnética, determinando uma excitação periférica, que se transmite pelos nervos vasomotores, ao centro do grande simpático.

5) Todo agente manifestante sedativo ou revulsivo, isto é, que retarda ou excita o movimento vital, deve ser moderadamente empregado em concorrência com o magnetismo, de modo que não lhe embarace o efeito.

6) É principalmente importante abster-se de tudo quanto possa tender a destruir ou amenizar a sensibilidade nervosa, tais os perfumes, narcóticos e bebidas espirituosas; sob a influência deprimente dos anestésicos ou dos tóxicos, a tensão vital acaba por se embotar de tal modo, que se torna impossível ao magnetismo despertar no corpo uma reação qualquer.

7) As pessoas que fazem ou fizeram uso imoderado da morfina, da antipirina, do éter, do ópio, do cloral, do clorofórmio e do sulfonal, ou que foram tratadas durante muito tempo por tóxicos violentos, tais como a acetanilide, a estricnina, o salicilato de sódio e as variedades de brometos ou iodetos, perdem toda a receptividade magnética e se tornam incuráveis pelo magnetismo.

8) A quinina em altas doses, a atropina, o cólchico, o abuso do álcool e do fumo têm os mesmos efeitos sobre o organismo (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 3 – *Das condições necessárias para ser magnetizado*, its. 41 a 46).

Du Potet chama especialmente a atenção para os preparados farmacêuticos de mercúrio, arsênico, cobre, para o nitrato de prata e para todo o gênero de venenos que a nova Medicina nos apresenta como remédios. Antes de pretender aliviar os doentes, o magnetismo tem necessidade de eliminar, de expulsar da circulação esses estranhos produtos de infelicíssima invenção, que tantos males têm causado à Humanidade (*Manuel de l'étudiant magnétiseur*).

1

1.

5

Assim como existem pessoas de ambos os sexos que não podem ser magnetizadas e outras cuja receptividade é maior ou menor, assim também existem animais, vegetais, minerais, que recebem mais ou menos facilmente o fluido magnético e os que não o toleram.

Segundo Mesmer, depois do homem, os vegetais, sobretudo as árvores, são os mais suscetíveis de magnetização (*Magnétisme animal. Mémoires et aphorismes*, it. Procedimentos do magnetismo animal, aforismo 304).

Todos os corpos animados ou inanimados — animais, vegetais e minerais — que se aproximam de um doente ou possam com este estabelecer contato, devem ser magnetizados para que não se rompa a harmonia pela disparidade de fluidos (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Experiências realizadas por Lafontaine provaram não só a analogia das propriedades dos fluidos nos três reinos da Natureza, como também que, pela magnetização, eles deixam de ter influência própria, tornando-se verdadeiramente neutros em relação àqueles que foram submetidos à mesma ação magnética (*L'Art de magnétiser*).

Entretanto, não podemos deixar de reconhecer com Bruno que há um magnetismo mineral, um magnetismo vegetal, um magnetismo animal, mas que se deve distinguir cuidadosamente o do homem dos demais, porque o magnetismo humano resulta não somente das propriedades do corpo, mas também das faculdades da alma.

Por outro lado, não devemos esquecer que cada animal, cada vegetal e cada mineral tem uma radiação própria. E essa radiação, em relação a certos

indivíduos, poderá produzir um mesmo efeito, ao passo que, em relação a outros, efeitos diferentes e até opostos.

Assim, por exemplo, Prosper Despine (*Étude scientifique sur le somnambulisme*) nos conta que, nas suas experiências com os sonâmbulos, a aproximação de um gato causava viva repulsa ao paciente, ao passo que Hector Durville (*Traité expérimental de magnétisme*) nos apresenta o seguinte curioso fato: um eclesiástico, de cerca de 30 anos, estava em franca agonia, sob a influência de uma febre aguda e pertinaz, que resistira a todos os recursos da Medicina. O doente estava saturado de quinina e já não podia nem sequer abrir a boca para tomar novas doses. O médico assistente prognosticara com toda a segurança a sua morte. O gato do eclesiástico, sempre de ronda, aproveitou o momento em que haviam deixado o doente a sós, para, sorrateiramente, galgar o leito e deitar-se sobre o moribundo. Sempre afugentado pela enfermeira, voltou de novo à carga, durante vários dias. O primeiro contato do gato havia produzido uma transpiração abundante com a conseqüente diminuição da febre. Com o segundo contato a transpiração tornou-se extraordinária. A crise da cura, afinal, ocorrera: o doente estava salvo. Quanto ao gato, que se revelara tão dedicado médico, este havia desaparecido. Encontraram-no morto, no fundo do jardim, com os pelos eriçados e os membros contraídos. O bravo animal havia pago com a sua vida a cura do seu senhor.

1

1.

6

O mesmo autor relata ainda o caso de um senhor, de nome M. Dumas, que estava atacado de um forte reumatismo articular. Possuía ele um belo cão, de 3 anos. Todas as vezes que sobrevinham as crises reumáticas, ele fazia o cão deitar-se ao seu lado, porque lhe parecia que o corpo do animal, junto da região dolorosa, o aliviava. O cão, que de ordinário era muito alegre e carinhoso, passou a apresentar sinais positivos de doente e, quando conseguia escapar-se daquela situação, que tanto o afligia, refugiava-se nos cantos mais afastados da residência. Uma noite, porém, em que as crises o

assaltaram com excepcional intensidade, M. Dumas reteve o animal junto do seu corpo até o amanhecer. No dia seguinte as dores haviam desaparecido e o doente estava curado. E dois dias depois, em meio a convulsões horríveis, o cão expirava.

A propósito dos importantes resultados terapêuticos obtidos por meio da equitação, assim se pronunciou um médico de Nova Iorque sobre a influência magnética do cavalo sobre o cavaleiro:

O cavalo é uma verdadeira pilha para a produção de eletricidade animal. Os vapores das suas narinas e do seu corpo estão carregados de magnetismo. O homem a cavalo se encontra envolvido numa atmosfera de fluidos magnéticos que seu corpo enfraquecido absorve como a terra ressecada absorve avidamente a água da chuva (Durville, *Traité expérimental de magnétisme*).

1

1.

7

É também sabido que o ar exalado pelos animais é um antisséptico poderoso que mata os micróbios a uma certa pressão de calor.

Mas o contrário também ocorre, atestando os perigos dessa zooterapia. As radiações dos animais causam muitas vezes males desconhecidos, principalmente quando não gozam de boa saúde.

O mesmo acontece com os vegetais e com os minerais. Todos têm uma radiação própria e podem afetar os indivíduos de maneiras diferentes, beneficiando uns e prejudicando outros.

Vê-se, assim, quão complexo e profundo é o estudo das propriedades dos fluidos nos três reinos da Natureza e quão longo é o caminho a percorrer para a descoberta de todas as combinações desses fluidos, que levarão um dia o magnetismo ao seu justo lugar como supremo agente da cura de todos os males que afligem a Humanidade.

15 Nota do autor: Hector Durville, *Théories et procédés du magnétisme*; Alphonse Cahagnet, *Thérapeutique du magnétisme et du somnambulisme*.

16 Nota do autor: A lição está de acordo com a lógica da comunicação, quando afirma: “A causa das enfermidades é o que se deve buscar, para, suprimindo-a, acabar com os estados enfermiços. A causa, eu vos posso afirmar, está na alma. Toda enfermidade corporal acusa uma enfermidade anímica; quando não houver almas enfermas, também não haverá corpos sem saúde, salvo os estados mórbidos derivados, naturalmente, da idade e da condição humana, ou devidos ao ambiente em que viva a criatura”. É, como se vê, mais um argumento em socorro da nossa tese, quando afirmamos que o magnetismo é de ordem espiritual.

CAPÍTULO 9

1

2.

1

“O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância teceu um sem-número de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas Leis da Natureza e o que não passa de ridícula credence.” (KARDEC, 2016a, comentário de Kardec à q. 555).

Passaremos agora a tratar do processo da magnetização.

Quem compulsar os tratados sobre magnetismo observará desde logo a grande variedade de processos usados para concentrar e dirigir o fluido magnético. E quem tiver feito seus estudos e experiências reconhecerá que a diversidade dos processos resulta principalmente da própria natureza e das

propriedades do fluido de cada magnetizador. Uma observação acurada nos levará à convicção de que o essencial é agir de acordo com os princípios, sem ficar preso aos métodos prescritos, mas anotando aquele que for, em cada caso, o mais consentâneo e eficiente.

Como um dos nossos objetivos é equiparar os magnetizadores aos médiuns curadores, procuraremos orientar nosso trabalho no sentido de uniformizar igualmente, tanto quanto possível, o modo geral de ação que uns e outros devem observar de acordo com o método mais conveniente.

A razão é óbvia, pois, como vimos, as pessoas dotadas de força magnética formam apenas uma variedade na classificação dos médiuns curadores, e muitas vezes ignoram que possuem essa qualidade.

12

.2

Tentaremos, portanto, escolher um conjunto de conselhos, para estabelecimento de um sistema comum, hauridos nos melhores autores, e adaptá-los à prática mediúnica em geral.

O magnetizador deverá, antes de tudo, certificar-se do ambiente em que vai operar, de maneira que possa agir com calma, atenção, recolhimento, sem receio de que possa ser perturbado. Para isso, salvo os casos de formação da cadeia magnética, não deve permitir aglomeração de pessoas no recinto e aconselhar o maior silêncio. Todavia, é útil a presença de uma, duas ou três pessoas, preferentemente das que mais desejam a cura do paciente.

Tomada essa cautela, deve o magnetizador, como ato preliminar, dirigir o seu pensamento ao Alto e orar fervorosamente, lembrando-se sempre do conselho espiritual: “Quando te achares na incerteza, invoca o teu bom Espírito, ou *ora a Deus, soberano Senhor de todos, e Ele te enviará um dos seus mensageiros, um de nós.*” (KARDEC, 2016a, q. 523).

Passará, então, o magnetizador à tomada de relação, isto é, a estabelecer entre ele e o paciente uma relação magnética, pela qual se possa realizar a

transmissão do fluido de um para outro.

Para isso, sentado ou deitado o paciente, comodamente, e de modo que o operador fique sempre em ponto mais alto, quer sentado ou de pé, ele iniciará a ação por um dos processos aconselhados comumente pelos experimentadores. Esses processos variam. Mesmer, Puységur, Deleuze, Gauthier e Bruno faziam o contato pelos polegares do paciente dirigidos para cima e que eles seguravam com as mãos fechadas levemente durante uns cinco minutos, processo esse ainda seguido moderadamente por J. Réno-Bajolais (*Technique moderne de magnétisme humain*, p. 6); outros estabelecem o contato pousando uma das mãos sobre os rins e a outra sobre o epigástrico, conservando deste modo o corpo do paciente entre as duas mãos; outros ainda agem só com uma das mãos colocada na cabeça ou sobre o epigástrico.

O barão Du Potet, que sempre procurou inovar os processos de magnetização, só empregava a ação a distância, sistema, aliás, que achamos mais eficiente, mas depois de tomado o contato pela imposição da mão direita ou esquerda, indiferentemente, sobre a cabeça do paciente. Recomendamos, por isso, este último processo, sem deixar de reconhecer, todavia, que a prática, segundo as circunstâncias, é a melhor conselheira, principalmente para aqueles que, sempre bem assistidos, recebem as melhores intuições.

12

.3

A relação se estabelece ordinariamente dentro do espaço de cinco minutos, tempo esse que poderá ser diminuído nas magnetizações posteriores e até mesmo, o que dependerá de observação, ser suprimido o ato preliminar da tomada de relação.

Quando já se está um pouco exercitado, diz Bué, sente-se depressa quando a relação se estabelece: grande calor nas mãos e formigamento na ponta dos dedos são os inícios mais comuns.

Em relação ao paciente, os sintomas habituais são: sensação de calor ou frio, opressão, peso na cabeça, sonolência, palidez, ansiedade, convulsões, agitação, contraturas, dormência nos membros, tremuras, aceleração ou diminuição do pulso etc (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 4 – *Da maneira de pôr-se em relação*, it. 53).

Estabelecida, assim, a relação magnética, o operador inicia o seu processo.

Antes, porém, de iniciarmos o estudo da ação magnética, que se constitui essencialmente pelas imposições e passes, vamos transcrever o processo do barão Du Potet, que, além da sua simplicidade, tem o mérito de facilitar o entendimento do leitor. Diz ele:

Quando o paciente pode assentar-se, nós o colocamos em uma cadeira, permanecendo de pé à sua frente algum tempo, sem tocá-lo. Em seguida, nos assentamos também em uma cadeira mais alta que a sua, de maneira que os movimentos que deveremos executar não nos fiquem muito. Quando o doente estiver deitado, permanecemos de pé, ao lado do seu leito, e o convidamos a aproximar-se de nós o mais que for possível. Preenchidas essas condições, entregamo-nos, por alguns instantes, ao recolhimento, observando o doente com atenção. Logo que nos julgarmos com a tranquilidade e a calma de espírito necessária, levaremos uma de nossas mãos, com os dedos ligeiramente separados, sem contração e sem rigidez, à altura da cabeça do doente, fazendo-a descer lentamente, mais ou menos em linha reta, até os pés, repetindo esses movimentos [passes] de uma maneira uniforme, durante cerca de um quarto de hora, examinando com cuidado os fenômenos que se desenvolvem.

Nosso pensamento está ativo e não tem outro objetivo senão o de penetrar o conjunto dos órgãos e, sobretudo, as regiões onde se esconde o mal que queremos atacar e destruir. Fatigado um braço, servimo-nos do outro, e nosso pensamento e nossa vontade, constantemente ativos, aceleram a emissão de um fluido, que, segundo a nossa *suposição*, parte dos centros nervosos e segue o trajeto dos condutores naturais, os braços e os dedos. Nossa vontade põe evidentemente em movimento um fluido de uma sutileza extrema, que se dirige e desce em direção dos nervos até à extremidade das mãos, ultrapassa a pele, indo atingir os órgãos sobre os quais se pretende atuar. Quando a vontade não sabe conduzi-lo, ele é levado, por meio de irradiação, de uma parte para outra, conforme a atração que sofrer; caso contrário, ele obedece à direção que lhe é determinada e produz o que dele exigis, dentro dos limites do possível.

Os efeitos mais ou menos rápidos, resultantes de toda magnetização, estão em razão da energia da vontade, da força emitida, da duração da ação e, principalmente, da penetração do agente através dos tecidos humanos.

Tenhamos sempre no pensamento que as emissões magnéticas sejam regulares e que nossos braços e nossas mãos não estejam em estado de contração e tenham a leveza para executar sem fadiga sua função de condutor do agente.

Se os efeitos que resultam ordinariamente dessa prática não ocorrerem prontamente, repousaremos um pouco, pois temos observado que a máquina magnética humana não fornece de uma maneira contínua, conforme nosso desejo e nossa vontade, o poder que dela exigimos. Após cinco ou dez minutos de repouso, recomeçamos os movimentos de nossas mãos [passes], como de início, durante um novo quarto de hora, cessando finalmente com o

pensamento de que o corpo do paciente está saturado do fluido que supomos ter emitido.

Essa prática tão simples, tão fácil, tão inócua na aparência, fornece-nos, entretanto, os maiores resultados (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 425).

Como dissemos, a ação magnética se constitui essencialmente de imposições e passes.

12

.5

Hoje, os magnetizadores não dizem mais imposição das mãos, mas simplesmente *imposição*, que se compreende pelo ato de colocar a mão sobre o paciente. Essa prática vem da mais remota antiguidade e era usada pelos sacerdotes e pelos iniciados nos mistérios do culto, entre os egípcios, que, por esse modo, operavam curas maravilhosas. Ela foi igualmente seguida pelos imperadores Vespasiano e Adriano, e pelos reis de França, de Clóvis até Luís XV (Durville, *Théories et procédés du magnétisme*). A imposição da mão sobre o doente era seguida das seguintes expressões: “Le Roi te touche, Dieu te guéris”.

As imposições podem ser feitas igualmente à distância de uns 10 a 15 centímetros, sendo geralmente precedida do contato. Elas se executam com a mão estendida naturalmente, tendo a face palmar para baixo e os dedos ligeiramente afastados, sem rigidez e sem contração.

Os efeitos das imposições com contato e das imposições a distância variam extremamente de caso a caso, devendo o operador observá-los atentamente para se orientar com segurança. Homens há, diz Deleuze, que aliviam só com o simples contato; outros há que não fazem menos benefício, e não necessitam tocar (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*).

Bué relata o curioso caso do couraceiro do 11º Regimento em Angers, França:

[...] esse homem querendo fazer um assalto à força com seus camaradas à casa do encarregado das armas, ferira-se gravemente na coxa, manejando uma bigorna; a imobilização forçada do membro, em consequência deste ferimento, produziu uma pseudoanquilose na articulação do joelho, que um tratamento de muitos meses não logrou reduzir e eu consegui restituir-lhe o uso da perna em doze dias.

Logo que fiz a imposição da mão sobre o joelho doente a perna ficou dormente e imobilizou-se como se estivesse pregada ao soalho. Entretanto, não havia insensibilidade, por isso que logo que eu afastava a mão, desenvolviam-se na articulação dores intensas que faziam gritar o doente, como se eu lhe tivesse revolvido o joelho com um ferro em brasa; e – o que é notável –, é que quanto mais me afastava dele, tanto mais as dores tornavam-se intoleráveis; porém cessavam instantaneamente desde que eu tornasse a colocar a minha mão sobre a parte doente.

12

.6

Admirei-me bastante, assim como as pessoas diante das quais eu operava, de um fenômeno que me parecia insólito, mas tive depois tantas ocasiões de verificar-lhe a constância, que hoje não duvido mais da sua realidade. [...] (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v, 1, cap. 7 – *Das ações à distância*, it. 91).

Em regra as imposições precedem e preparam os passes, mas também podem com estes últimos ser combinados e intercalados, de acordo com as circunstâncias.

Os movimentos que se fazem com as mãos sobre o corpo do doente com o pensamento e a vontade de curá-lo chamam-se passes.

Os passes, portanto, precederam de muito o Espiritismo codificado por Allan Kardec, eis que o magnetismo era conhecido e usado desde os mais remotos tempos. E eles precederam também o próprio magnetismo, porque encontramos a sua origem, conforme nos adverte Durville, no Velho Testamento, em que as imposições e os movimentos das mãos aparecem em diversos episódios (*Théories et procédés du magnétismo*, tomo II, p. 82).

Assim, quando Moisés designou Aarão para conduzir o povo de Israel à terra prometida, primeiramente aquele lhe impôs as mãos.

E Josué, filho de Nun, estava cheio do espírito de sabedoria, porque Moisés lhe impôs as mãos; e os filhos de Israel o ouviram, fazendo o que o Senhor havia ordenado a Moisés (*Deuteronômio*, 34:9).

Na guerra que Moisés fez aos amalecitas, verificava-se que, se ele se voltasse para o inimigo e erguesse suas mãos para o céu, seu exército estava vitorioso, ao passo que, quando, fatigado, ele as deixava cair, os inimigos retomavam coragem e venciam:

E cada vez que Moisés erguia sua mão, Israel vencia; e quando ele a abaixava vencia Amalec. Mas as mãos de Moisés estavam pesadas, por isso eles apanharam uma pedra e a colocaram debaixo dele e ele se sentou nela; e Aarão e Hur mantinham suas mãos, um de cada lado; e suas mãos ficaram na posição certa até o pôr do sol. E Josué dominou Amalec e seu povo pela espada (*Êxodo*, 17:11 a 13).

1

2.

7

Isso no Velho Testamento. E que dizer do Novo Testamento, em que as curas chamadas milagrosas se sucediam pela simples imposição das mãos do Divino Magnetizador!?

Entretanto, para assinalar o grande contraste e como curiosidade histórica, tem cabida aqui a transcrição da “Carta Encíclica da Santa

Inquisição romana e universal a todos os bispos contra os abusos do magnetismo”, concebida nos seguintes termos (Binet et Féré, *Le Magnétisme animal*, p. 38):

Quarta-feira, 30 julho 1856.

Na reunião geral da Santa Inquisição romana universal, realizada no convento de “Sainte-Marie sur la Minerve”, SS. EE. RR. os cardeais inquisidores gerais contra a heresia em todo o mundo cristão, depois de terem maduramente examinado tudo o que lhes foi relatado de diversas fontes por homens dignos de fé, relativamente à prática do *magnetismo*, resolveram dirigir a presente encíclica a todos os bispos para reprimirem os abusos.

Pois está perfeitamente verificado que um novo gênero de superstição surgiu dos fenômenos magnéticos, aos quais muitas pessoas hoje se apegam, não para esclarecer as ciências físicas, como se deveria fazer, mas para seduzir os homens, na persuasão de que podem ser descobertas as coisas ocultas, remotas ou futuras, por meio ou pela influência do magnetismo, e sobretudo por intermédio de certas mulheres que ficam unicamente sob a dependência do magnetizador.

Já várias vezes a Santa Sé, consultada sobre casos particulares, deu respostas que condenam como ilícitas todas as experiências feitas fora da ordem natural ou das regras da moral, e sem empregar os meios permitidos; assim, em casos semelhantes, foi decidido na quarta-feira, 21 de abril de 1841, *que o uso do magnetismo, tal como o expõe a consulta, não é permitido*. Do mesmo modo, a santa congregação julgou com o propósito de proibir a leitura de certos livros que divulgavam sistematicamente o erro sobre esta matéria. Mas como, além dos casos particulares, havia necessidade de um pronunciamento sobre a prática do magnetismo em geral, foi estabelecido, como regra a seguir, na quarta-feira, 28 de julho de

1847: “Afastando-se todo o erro, todo o sortilégio, toda invocação implícita ou explícita do demônio, o uso do magnetismo, isto é, o simples ato de empregar meios físicos, não interditos alhures, não é moralmente proibido, contanto que isso não seja para um fim ilícito ou mau; quanto à aplicação dos princípios e de meios puramente físicos a coisas ou a efeitos verdadeiramente sobrenaturais para os explicar fisicamente, isso não é senão ilusão, de imediato condenável, e uma prática herética”.

12

.8

Posto que esse decreto geral explique suficientemente o que há de lícito ou de proibido no uso ou abuso do magnetismo, a perversidade humana foi levada a ponto de, abandonando o estudo regular da Ciência, fazer com que os homens, consagrados à pesquisa do que pode satisfazer a curiosidade em detrimento da salvação das almas e mesmo em prejuízo da sociedade civil, se vangloriem de ter descoberto um meio de predizer e de adivinhar. Daí essas mulheres de temperamento débil, que, entregues, por gestos que nem sempre respeitam o pudor, às encenações do *sonambulismo* e do que se chama *clarividência*, pretendem ver toda a sorte de coisas invisíveis, e se arrogam, na sua audácia temerária, a faculdade de falar sobre religião, de evocar as almas dos mortos, de receber respostas, de descobrir coisas desconhecidas ou remotas; e de praticar outras superstições desse gênero, que lhes rendem e aos seus mestres ganhos consideráveis, em virtude do seu dom de adivinhação. Qualquer que seja a arte ou a ilusão de todos esses atos, por isso que se empregam meios físicos para obtenção de efeitos que não são absolutamente naturais, há mistificação de imediato condenável, herética, e escândalo contra a pureza dos costumes. Também para

reprimir eficazmente tão grande mal, decisivamente funesto à religião e à sociedade civil, não se poderia deixar de invocar a ativa solícitude pastoral, a vigilância e o zelo de todos os bispos. Tanto quanto possam, pois, com o auxílio da graça divina, empreguem os ordinários dos lugares, ora as advertências da sua paternal caridade, ora a severidade das repreensões, ora, enfim, todas as vias de direito, segundo o que julgarem útil diante do Senhor, levando em conta as circunstâncias de lugar, tempo e pessoas; que ponham todos os seus cuidados no reprimirem esses abusos do magnetismo, fazendo-os cessar, a fim de que o rebanho do Senhor esteja defendido dos ataques do homem inimigo, que o santuário da fé seja guardado, salvo e intacto, e que os fiéis confiados à sua solícitude sejam preservados da corrupção dos costumes.

Dado em Roma, na Chancelaria do Santo Ofício do Vaticano, em 4 de agosto de 1856.

V. CARD. MACCHI

12

.9

Deixando de lado as digressões, que já passaram para o domínio da História, voltemos a tratar da nossa *heresia*...

Os passes se executam, como vimos no exemplo de Du Potet, com os braços estendidos naturalmente, sem nenhuma contração, e com a necessária flexibilidade para executar os movimentos.

Como regra geral, que deve ser rigorosamente observada, os passes não podem ser feitos no sentido contrário às correntes, isto é, de baixo para cima, o que seria, se assim podemos nos exprimir, uma verdadeira desmagnetização, de consequências graves.

Por isso, cada vez que se repete um passe, deve-se ter o cuidado de fechar as mãos e afastá-las do corpo do doente e, assim, voltar rapidamente ao ponto de partida do primeiro passe.

Os passes que se fazem ao longo do corpo, isto é, de cima para baixo, chamam-se longitudinais.

Esses passes, quando praticados lentamente (cerca de 30 segundos da cabeça aos pés), a uma distância de 5 a 10 centímetros do corpo, saturam o doente de fluido, e são ativos e excitantes. Quando feitos a uma distância de 15 centímetros a um metro ou mais, recebem o nome de passes de grandes correntes, e dão ao doente uma sensação de bem-estar e calma, e servem para debelar a agitação e extinguir o calor das febres. Os passes de grandes correntes, mas praticados rapidamente (cerca de dois segundos, da cabeça aos pés), têm notável poder dispersivo e sua ação é também calmante e, além disso, regularizadora da circulação.

Os passes da cabeça aos pés, adverte Deleuze, são fatigantes e nunca podem ser continuados por muito tempo; assim, em vez de conduzir a ação de uma extremidade a outra do corpo, de um só jato, pode-se, então, fazer o passe parar nos joelhos e, depois de certo número desses passes, fazer igual número dos joelhos à extremidade dos pés (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*).

12.

10

Os passes longitudinais, portanto, que são os feitos ao longo do corpo ou dos membros, nas condições acima apontadas com a mão direita ou com a mão esquerda ou com ambas as mãos, podem ser praticados tanto pelos médiuns curadores não autômatos (os autômatos não dirigem a ação e são meros instrumentos), como pelos magnetizadores em geral.

Podem ser feitos igualmente ao longo da coluna vertebral, da nuca aos pés, de um só jato, ou em dois tempos, isto é, da nuca até à altura dos joelhos e dos joelhos aos pés.

No fim de cada sessão, será de todo conveniente fazer cerca de seis passes de grandes correntes (a um metro de distância do corpo do doente), da cabeça aos pés, muito rapidamente, para dispersar os fluidos e equilibrar o organismo.

CAPÍTULO 10

1

3.

1

“Próximo a esse lugar havia uma propriedade pertencente ao chefe da ilha; seu nome era Publius; ele nos recebeu e bondosamente nos hospedou por três dias. E o pai de Publius encontrava-se doente e de cama, com febre e disenteria; Paulo foi ter com ele, orou e, impondo-lhe as mãos, o curou. E depois desse fato, também os outros habitantes da ilha, que tinham doenças, vieram e foram curados; estes também nos distinguiram com muitas honras, e, ao partirmos, puseram a bordo tudo de que necessitávamos.” (*Atos dos apóstolos*, 28:7 a 10).

Falamos sobre os passes longitudinais, que são feitos ao longo do corpo, dos membros, braços ou pernas, de cima para baixo.

Simultaneamente com esses passes — sempre que houver ingurgitamentos, abscessos, obstruções, irritações intestinais, cólicas, supressões e os males em geral do baixo ventre —, são usados os passes rotatórios. Estes se executam com a palma das mãos ou com os dedos

(movimento rotatório palmar ou digital), com ou sem contato, mui lentamente, operando-se movimentos circulares da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, “tal qual se quiséssemos polir o castão de uma bengala” (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et le somnambulisme*), virando os dedos delicadamente “[...] como se se desse corda a um relógio. [...]” (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 7 – *Das ações à distância*, it. Passes à distância, n. 104).

Todos os processos magnéticos são mais ou menos eficientes, desde que se respeitem os princípios essenciais do magnetismo. Mui oportunas e judiciosas são as ponderações de Deleuze, quando estabelece uma diferença entre os princípios e os processos:

13

.2

Uns são imutáveis, e outros variáveis; deve-se sempre respeitar os princípios e deles nunca nos afastarmos; quanto aos processos, o mesmo não se dá, pois a experiência é tudo, e a prática pode, a cada momento, retificar o que se fazia na véspera (*Histoire critique du magnétisme animal*).

Já nos referimos ao método do barão Du Potet, que julgamos mais simples e mais prático do que os de Deleuze e de Lafontaine. Todos eles foram notáveis magnetizadores e apresentaram sábias observações hauridas em experimentações repetidas durante muitos anos.

Como não é nosso objetivo o estudo crítico dos diversos sistemas, e como transcende da orientação que nós traçamos ao dar ao nosso despretensioso trabalho uma extensão maior, com detalhadas informações, deixamos de transcrever aqueles métodos.

Todavia, não nos furtamos ao dever de citar o processo do Dr. Lucien Moutin, não só pela sua extrema facilidade, como também pelos excelentes resultados da sua aplicação, comprovados em diversas experiências.

Quer nas moléstias graves, quer nas benignas, o Dr. Moutin agia invariavelmente do seguinte modo: estando ao lado do doente, impunha-lhe as mãos — uma na nuca e a outra na boca do estômago, durante 15 a 20 minutos; depois fazia sobre todo o corpo do paciente ligeiras fricções,¹⁷ durante o mesmo lapso de tempo, insistindo sobre as partes mais dolorosas (*Le Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spiritualisme moderne*, p. 211).

Nada impede que se combine esse processo com o do barão Du Potet, como também que a imposição das mãos seja feita à distância de 5 a 10 centímetros da nuca e da boca do estômago (epigástrico), tudo dependendo da própria observação do operador, pois, como já acentuamos, o magnetismo age diferentemente sobre os indivíduos, determinando por vezes fenômenos completamente opostos.

Mas, a propósito do sistema do Dr. Moutin merece citado o seguinte curioso fato, extraído do seu notável livro:

13

.3

No mês de julho de 1903, foi levado à minha presença um menino, brasileiro, de 8 anos, filho de M. D'A., estabelecido em Manaus, mas de origem portuguesa.

Os D'A. são muito conhecidos em Portugal. Uma das grandes ruas de Lisboa traz o nome de um dos antepassados do jovem doente.

Aos 4 anos, o pequeno D'A. foi acometido de ataques de epilepsia. Os pais, gente de fortuna, nada mediram para curar seu filho.

Foram consultados todos os grandes médicos do Rio de Janeiro; continuando, porém, o mal, o pequeno veio a ser examinado e tratado pelas celebridades médicas da Europa, que, igualmente, não o curaram.

Na ocasião em que iniciamos o tratamento desse menino, estava ele sendo tratado por um célebre especialista de Paris, professor e

membro da Academia de Medicina.

Dizer a quantidade de drogas absorvidas por essa criança é impossível... Todos os tratamentos imagináveis haviam sido ensaiados sem o menor resultado.

A primeira vez em que o vimos, estava ele em estado lamentável: vários meses sem poder andar e sem se ter de pé, com 10 a 14 crises em cada 24 horas.

Um mês nos bastou para fazer desaparecer inteiramente todas as desordens nervosas. A criança tornou-se então irreconhecível.

Por precaução, continuamos nossos cuidados por mais 15 dias. Desde então, e já há quatro anos, o pequeno D'A. apresenta-se maravilhosamente: nunca teve uma recaída e tornou-se um guapo rapazinho (*Le Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spiritualisme modern*, p. 213).

Depois de mencionar muitos outros casos, o Dr. Moutin termina afirmando que seria impossível fazer uma relação completa dos êxitos obtidos com o seu sistema, o que exigiria um alentado volume, mas assegura: “fizemos andar os paralíticos, restituímos a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, curamos e aliviámos grande número de doentes por esses simples processos”.

Nunca é demais dizer que o fluido magnético, por si só, não apresenta nenhuma propriedade terapêutica, mas age principalmente como elemento de equilíbrio. De sorte que o desequilíbrio das forças, ou, digamos melhor, dos fluidos magnéticos que envolvem todos os órgãos do corpo humano, acarreta a desordem nas funções desses órgãos e, daí, a caracterização do que chamamos doença. Todas as vezes, portanto, que se rompe o equilíbrio, quer por excessiva condensação ou concentração, quer por excessiva dispersão de fluidos, cumpre restabelecê-lo e, daí, a cura.

Por isso, adverte Durville, o magnetizador deve procurar equilibrar a atividade do movimento do doente com o seu, diminuindo-a ou aumentando-a, de acordo com os casos, de maneira a dar-lhe uma sincronização conveniente. Nisso reside o segredo dos bons magnetizadores. A prática metódica facilmente se adapta a essas situações, pondo o operador nos estados vibratórios especiais e convenientes, às vezes por instinto e intuição (*Théories et procédés du magnétisme*).

Precisamente à argúcia do operador, à sua acurada observação e à sua pronta deliberação, denominou Lafontaine como a arte de magnetizar (*L'Art de magnétiser*).

Quintín L. Gómez conta-nos que se encontrava, certa vez, muito excitado, em virtude de forte aborrecimento que o levava a um estado de cólera, poucos momentos antes de atender a um dos seus doentes. Ele estava, pois, num estado de vibração, que lhe aumentava até certo ponto a energia da ação, mas que poderia, em consequência, perturbar o doente. Com efeito, durante a magnetização o paciente experimentou reações muito mais enérgicas do que habitualmente. No dia seguinte, dizia ele que não teria de que se queixar da magnetização da véspera, se não fosse à sensação de cólera e de irritação que, contrariamente ao seu humor costumeiro, suportara durante todo o dia. É evidente que o estado de alma do magnetizador refletiu sobre o magnetizado por meio da energia da ação (*El arte de curar por medio del magnetismo*).

Assim como o magnetizado recebe as influências boas ou más do magnetizador, este também pode sofrer, quando extremamente sensível, em virtude dos efeitos reflexo-magnéticos, as influências daquele. Convém acentuar, todavia, que os sensitivos, sofrendo a ação das correntes, não são os mais aptos a curar pela ação magnética, que exige uma qualidade radiadora sumamente equilibrada.

Contudo, há que distinguir os efeitos reativos da ação, que todos os magnetizadores, em maior ou menor grau, experimentam, constituindo o que se denominou de tato magnético, faculdade preciosa no diagnóstico das moléstias e que se pode desenvolver pelo exercício e pela prática.

13

.5

O estudo das sensações manuais, experimentadas pelos magnetizadores, levaram Deleuze, Bruno, Gauthier, Du Potet e outros às mesmas conclusões, que foram mais tarde repetidas por Alphonse Bué.

Assim, quando o operador sente em suas mãos um calor seco e abrasante, é indício de que no doente a circulação geral está entrvada por uma tensão anormal dos nervos. Quando o calor é brando e úmido, é sinal de que a circulação está livre e prenuncia cessação próxima, trazendo descargas orgânicas. Se, em vez de calor, a magnetizador sente frio nas mãos, é indício certo de que no paciente há atonia e paralisia dos órgãos. Titilações e formigamentos nos dedos denunciam a existência de excesso de bÍlis, sangue alterado, estado herpético. Adormecimento nas mãos e dores de câimbras nos dedos, que se propagam aos braços, é sinal de estagnações linfáticas, de embaraço na função digestiva e de acúmulo de viscosidades. Quando o magnetizado experimenta estremecimentos nervosos, vibrações, abalos rápidos e fugitivos, quais choques elétricos, é sinal de um estado congestivo do sistema nervoso e de congestões fluídicas no paciente.

Bué diz que:

É inútil insistir sobre o partido que se pode tirar dessa preciosa faculdade de percepção, que permite julgar do estado dos órgãos e da marcha das correntes. Estudando-se com atenção as sensações que se fazem experimentar a um doente, e as que experimenta em si mesmo ao magnetizar, adquire-se logo a melhor regra de exploração que pode guiar na conduta de um tratamento; pouco a pouco, essas percepções intuitivas, arrastando a mão do operador para tal ponto

do corpo do doente, de preferência a um outro, determinam a escolha dos processos magnéticos mais apropriados para combater as alterações mórbidas, das quais acaba-se por conhecer melhor a extensão, a sede e a natureza (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 18 – *Da sensibilidade magnética*, it. 239).

A observação, compreende-se, será tanto mais concludente e segura, quanto maior for o cabedal de conhecimentos do magnetizador.

Vale, a propósito, citar o fato ocorrido nesta cidade, com uma pessoa de nossas relações. Trata-se do comerciante S. A., homem robusto, de aproximadamente 40 anos. Certo dia, começou a sentir dores na perna direita, à altura da coxa, a princípio suportáveis, mas que foram aumentando de intensidade. Chamado o médico, aliás dedicado e competente, este aconselhou repouso numa estação de águas, suspeitando de algum mal dos rins. Homem de recursos, não foi difícil ao enfermo cumprir a prescrição. Melhoras ligeiras durante o tempo de repouso. No regresso, porém, as dores reapareceram com tamanha intensidade que o comerciante já não mais podia ter o conforto de um sono reparador. Submetido à magnetização, pôde ele dormir algumas horas, sentindo-se aliviado. Mas, no dia seguinte, as dores voltaram e nova sessão magnética foi realizada, verificando-se que os passes ao longo da coluna vertebral davam ao doente a sensação de verdadeiras punhaladas e faziam recrudescer as dores na perna. Repetidos os passes, o mesmo fenômeno se reproduziu, fazendo crer que o mal residia na grande rede nervosa — a coluna vertebral — dando a impressão de um estado congestivo do sistema nervoso. O magnetizador, embora nada entendesse de Medicina, apurou perfeitamente o fato, relatando-o, no dia seguinte, ao seu amigo, Dr. O. L., ilustre clínico aqui residente. Este, em face do que lhe fora relatado, respondeu que os sintomas revelavam a existência de algum foco infeccioso, possivelmente nos dentes, e que convinha examiná-lo, acabando por diagnosticar a existência de uma radiculite, moléstia de consequências graves pela atrofia muscular que pode produzir. Ora, tudo foi levado ao conhecimento do médico assistente, o qual fez examinar os dentes do comerciante, daí resultando a confirmação da suspeita. E, em face do diagnóstico ensejado pelo magnetismo, o mal foi atalhado em tempo.

13

.6

Assiste, por isso, razão ao Dr. Moutin quando diz que não é necessário que o operador conheça profundamente o magnetismo e nem os sintomas das moléstias para conseguir uma cura. O diagnóstico é assunto que interessa aos médicos, sendo de lamentar que muitos deles desconheçam a ação benéfica do magnetismo.

Bué cita alguns casos interessantes, que comprovam essa verdade:

O Sr. Oswald Wirth, bem conhecido pelas numerosas curas que obteve em Paris, tratava de uma bronquite em certa senhora, quando sobrevieram dores na perna esquerda, e o tornozelo inchou, como se houvesse sido fortemente contundido. Não havia absolutamente relação entre estes sintomas patológicos e a bronquite, mas a admiração do magnetizador cessou quando o doente lhe referiu que, alguns anos antes, havia caído de um carro, ferindo-se gravemente na perna, e nunca se curara totalmente desse acidente.

1

3.

7

O coeficiente de vitalidade que lhe traziam as magnetizações, dirigido contra a sua bronquite, determinando para a perna doente uma migração salutar das forças vitais, tinha permitido à Natureza recomeçar a obra de reparação que, entregue a si mesma, não poderia acabar. Pôde assim a doente desembaraçar-se ao mesmo tempo das consequências da queda do carro e de sua bronquite.

Este fato me lembra um outro não menos singular:

Uma senhora veio um dia pedir-me que a magnetizasse, por causa de um dos olhos que estavam sempre lacrimejando.

Ao cabo de duas ou três sessões de tratamento, o olho não ia melhor, mas a minha doente, muito surpreendida e alegre, informou-me de que perdas abundantes, minando-lhe as forças e a saúde já havia meses, tinham desaparecido; confessou-me que não havia falado dessas perdas, porque sabia terem sido produzidas por uma causa interna tão grave, que ela não julgava a ação magnética com o poder de combatê-la.

Todas as notabilidades [médicas] tinham de fato declarado incurável esta senhora. Apesar deste prognóstico pouco lisonjeiro, não somente cessaram as perdas por completo, como ainda a causa grave que as ocasionava desapareceu no fim de 40 sessões: a ação magnética, fora de todas as previsões, havia determinado essa migração das forças vitais para as regiões mais seriamente comprometidas, do mesmo modo que uma guarnição sitiada conduz, sob o impulso do seu chefe, o grosso das forças para os pontos ameaçados (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, cap. 11 – *Dos tratamentos*, it. 168).

Um indivíduo, Sr. R., de 60 anos, atacado de perturbações graves na bexiga, tinha sido muitas vezes auscultado por diversos especialistas, que nada haviam encontrado de anormal na coluna vertebral. Fiz colocar o Sr. R. sobre a cama e dispus-me a explorar o trajeto raquiano pelo sopro.¹⁸ Quando cheguei ao nível das vértebras lombares, o meu doente, que até então não se mexera com as primeiras insuflações, moveu-se bruscamente, perguntando-me o que lhe havia eu enterrado no dorso. Dificilmente convenci-o de que a minha ação tinha sido uniforme, e que tão somente o meu sopro havia determinado aquela sensação dolorosa. Tive que recomeçar muitas vezes para convencê-lo, e, depois de muitas provas, ficou claramente demonstrado absolutamente que ao nível das primeiras

vértebras lombares havia uma região, muito limitada, que recebia do sopro uma ação diferente daquela que era exercida tanto acima como abaixo. Esse ponto correspondia ao principal tronco nervoso que vai precisamente levar a enervação à bexiga e a todos os órgãos que lhe são dependentes. No fim de algumas semanas, quando o tratamento magnético regularizou a circulação nervosa, a sensibilidade mórbida desse ponto lombar desapareceu, e a enervação fez-se de então em diante sem paradas e sem obstáculo.. (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 8 – *Da massagem magnética*, it. 139).

13

.8

É certo que devemos agir sempre com muita atenção e prudência. Mas não devemos temer as consequências da ação magnética, porque assim como provocamos determinadas reações no organismo do magnetizado, assim também podemos fazer cessá-las. É preciso confiar. A falta de confiança, diz Gauthier, faz o timorato; teme-se o efeito magnético, em vez de o desejar; se ele se apresenta, é recebido com inquietação; os efeitos imprevistos enchem de pasmo o incrédulo, ou impelem a imprudências e exageros, que não se dariam em havendo por diretrizes a reflexão, o critério e a experiência (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Já vimos que se pode magnetizar indiferentemente com a mão direita ou com a esquerda ou com as duas mãos. Assim, porém, não entendem os polaristas, tendo à frente Durville, os quais afirmam que o corpo humano, como qualquer corpo na Natureza, é polarizado, sendo o lado direito positivo e o esquerdo negativo; que a polaridade é inversa nos canhotos; que os polos do mesmo termo (isônomos) excitam, e os polos de termo contrário (heterônomos) acalmam; que tendo, assim, cada mão uma influência magnética particular, não se pode magnetizar indiferentemente com a mão direita ou com a mão esquerda, por anular uma os efeitos produzidos pela outra, e reciprocamente (*Traité expérimental de magnétisme*, p. 165).

Du Potet (*Traité complet de magnétisme animal*), Deleuze (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*), Gauthier (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*), Cahagnet (*Thérapeutique du magnétisme et du somnambulisme*), Morand (*Le Magnétisme animal (hypnotisme et suggestion): étude historique et critique...*), Rouxel (*Rapports du magnétisme animal et du spiritisme*), Bué (*Le Magnétisme curatif*), Lafontaine (*L'Art de magnétiser*), Binet et Féré (*Le Magnétisme animal*) e muitos outros contestam as conclusões dos polaristas, afirmando que a potência volitiva do magnetizador unifica a ação radiadora e a conduz com igual segurança ao paciente, de face, de lado, pelas costas, de perto ou de longe, e, às vezes, mesmo de um compartimento para outro, através das paredes e sem estar vendo o paciente.

Em confirmação do que assevera a corrente contrária à teoria dos polaristas, citaremos um caso de magnetização de um compartimento para outro, através das paredes e sem estar vendo o paciente. Fez essa experiência Du Potet, no “Hôtel-Dieu”, em Paris, na presença do médico Husson [Henri-Marie, 1772–1853] e do prof. Recamier. Du Potet ficou num gabinete fechado à chave e a paciente, Srta. Samson (sonâmbula), na sala contígua, sem saber da presença do magnetizador. A um sinal convencional, sem que o operador soubesse onde e a que distância estava a paciente colocada na sala, iniciou-se a magnetização. Eram então 9h5; três minutos depois, viu-se a paciente esfregar os olhos e cair no seu sonambulismo ordinário.

Essa experiência foi repetida em diversos dias, porém a última vez por exigência do Dr. Bertrand, médico da Faculdade de Paris, que atribuía o sono magnético à coincidência de uma predisposição ocasional da paciente para dormir...

¹⁷ Nota do autor: São as fricções magnéticas que se fazem lentamente e mui suavemente, no sentido das correntes, isto é, de cima para baixo, e não como nas massagens médicas, como veremos mais

adiante.

18 Nota do autor: Sobre as insuflações falaremos mais adiante.

CAPÍTULO 11

1
4.
1

“Pedro e João subiam ao templo para a oração da hora nona. Era levado um homem, coxo de nascença, o qual punham cada dia à porta do templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. Este, vendo a Pedro e a João, que iam entrar no templo, implorava-lhes que lhe dessem uma esmola. Pedro, fitando os olhos nele, juntamente com João, disse: Olha para nós. Ele, esperando receber deles alguma coisa, olhava-os com atenção. Mas Pedro disse: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda. Tomando-o pela mão direita, o levantou; logo os seus pés e artelhos se firmaram e, dando um salto, pôs-se em pé, e começou a andar; e entrou com eles no templo, andando, saltando e louvando a Deus. Todo o povo, vendo-o andar e louvar a Deus, e reconhecendo ser este o homem que se assentava a esmolar à Porta

Formosa do templo, ficaram cheios de admiração e pasmo, pelo que lhe acontecera.” (*Atos dos apóstolos*, 3:1 a 10).

Já afirmamos que o fluido magnético se escapa também dos olhos. Existem mesmo certos magnetizadores que não prescindem da ação dos olhos simultaneamente com os passes, como Durville (*Théories et procédés du magnétisme*) e Réno-Bajolais (*Technique moderne de magnétisme humain*).

Entendem eles que, se admitimos que o olhar de certas pessoas pode influenciar outras, temos que admitir igualmente que o olhar doce e benevolente de um indivíduo simpático, de saúde equilibrada, exerce uma influência ou ação benéfica.

14

.2

Nesse sentido assim se exprime o Dr. Passavant:¹⁹

A força mágica do olhar executa milagres; cada olhar que fixamos de maneira constante, mesmo a grande distância, encontrará em breve os olhos aos quais é dirigido; do mesmo modo, cada pessoa que encontra um olhar, que lhe é fixamente dirigido, se sente tocada magicamente; não há ação e reação; a relação magnética logo se estabelece.

Pondera Durville que o olhar deverá ser dirigido sobre o doente ou sobre a parte do corpo que se quer acalmar e que, se, em vez de olhar docemente, o operador olha com dureza e energia, a ação seria excitante e o resultado procurado não seria alcançado.

Alguns indivíduos são dotados de uma força excepcional e são capazes de dominar os mais ferozes animais. Célebre é a experiência feita por Lafontaine com um leão, em Tours, no ano de 1840, sem que ninguém soubesse da sua intenção. Aproximando-se da jaula, Lafontaine fixou seus olhos nos da fera. Em alguns instantes, não podendo suportar mais, o

animal fechou os olhos. Lafontaine, depois de dirigir o fluido magnético sobre a cabeça do leão, durante o espaço de 20 minutos, conseguiu fazê-lo dormir profundamente. Aventurou-se, então, tocar com todas as precauções uma das patas que se encontrava junto das grades, picando-a em seguida, sem nenhuma oposição. Convencido de que havia produzido o efeito desejado, o magnetizador introduziu a mão na garganta do animal, com grande pasmo das pessoas presentes, que não ousavam acreditar naquilo que viam. Com os passes de dispersão, o leão abriu os olhos, recuperou a sua atitude, o que não animava a que se renovassem aqueles toques...

Inteiramente contrários foram os efeitos da ação do mesmo magnetizador sobre uma hiena. Logo que sentia o fluido, dava ela sinais de inquietação; desde então não mais sossegava, chegando aos paroxismos do furor. Com a renovação das tentativas, o mesmo ímpeto e o mesmo furor. Por último, bastava somente a presença de Lafontaine no pátio, para que a fera se debatesse assustadoramente, a ponto de o proprietário pedir insistentemente ao magnetizador para que não voltasse, pois temia, a despeito da solidez da jaula, um grave acidente.

14

.3

Um jovem médico e dois companheiros seus, conta-nos o mesmo autor, tendo lido em um livro que antigos mágicos, pelo poder do olhar, conseguiam a morte de um sapo, resolveram fazer a experiência, embora nada entendessem de magnetismo. Colocaram o sapo em um vaso de vidro de paredes muito altas, impedindo, destarte, que ele conseguisse escapar. O jovem doutor cruzou os braços e começou a olhar fixamente o sapo à distância de cerca de dois pés. Durante os dez primeiros minutos, os observadores não notaram nenhuma modificação na pessoa do experimentador. Depois, seu olhar passou a exprimir uma situação de descontentamento e de contrariedade. Uns 10 a 15 minutos depois, o doutor insensivelmente se aproximou mais, a 3 ou 4 polegadas do sapo.

Após 15 minutos, mudou a posição dos braços, fechou as mãos, apoiando-se sobre elas; parecia que crispavam. Seu olhar tomou a expressão

de cólera. De 15 a 18 minutos, seu semblante tornou-se sucessivamente muito vermelho, em seguida muito pálido, abundando em suores. Aos 18 minutos, o sapo estourou. Quanto a este último, nada haviam notado, a não ser que mantinha também os olhos cravados no doutor, fazendo-o experimentar uma sensação muitíssimo desagradável. Nesse duelo perigoso, acrescenta ainda Lafontaine, se o operador fraqueja, o fluido do animal poderá dominá-lo completamente, com risco da própria vida.

Durville confirma plenamente essas observações, relatando-nos o perigo a que se expôs o abade Rousseau (*Magnétisme personnel ou psychique*).

Um sapo, provavelmente mais robusto que outros, dando sinal de grande excitação, resistiu à ação mortal do experimentador. Renovou este a experiência. Mas, sofrendo por sua vez a ação do animal, caiu sem sentidos, tendo sido encontrado pelo seu criado, quase morto, algumas horas mais tarde. Tornando a si, lembrou-se de que o sapo furioso dardejava sobre ele os seus olhares ameaçadores; e de tal modo o fazia que, no fim de alguns instantes, se sentiu dominado por uma força que parecia emanar do animal. Quis resistir, mas fraquejou e caiu vencido.

Não menos curiosa foi a experiência de Lafontaine com uma víbora de 15 polegadas de comprimento, colocada em um recipiente de vidro branco de 15 centímetros de diâmetro por 30 de altura. Os olhos da víbora prontamente fixaram os do magnetizador. Alguns minutos depois, ela se retraiu, mas continuando a olhar; em seguida, voltou à ação, batendo a cauda, silvando e movendo a língua triangular. Furiosa, ela tentava picar o recipiente. Seus olhos, dizia Lafontaine, pareciam fogo. Depois de 19 minutos de violentos esforços de parte a parte, o réptil se ergueu um pouco de encontro à parede de vidro, abriu a goela, alongou a língua e ficou imóvel nessa posição: estava morto. E o magnetizador, vitorioso nesse duelo, foi curar-se de violenta dor de cabeça e banhar os olhos, que lhe ardiam, em água magnetizada...

É sabido que certas pessoas são dotadas de um poder extraordinário sobre os cães. A esse propósito, segundo se pode ver na obra do Dr. J. Lawrence, conta-se que um indivíduo, atacado por um cão, e não encontrando no momento outro meio de defesa, tomou a resolução extrema de avançar para o animal, fixando nele, com energia, os seus olhos. Com a fuga imprevista do agressor, notou ainda que o cão se acovardara, dando a impressão de grande terror. Repetiu as experiências por diversas vezes, acabando por tornar-se um curioso profissional de apostas, enfrentando sempre com êxito os mais ferozes caninos, até que um dia ganhou verdadeira fortuna de um duque inglês, ao pôr em fuga os mais ferozes cães da sua famosa coleção (*Magnetismo utilitário y milagroso*).

Não é necessário repetir o que conhecemos de conceitos vulgares, mas que no fundo revelam verdades incontestes: o olhar encanta, fascina, domina, subjuga, exalta, confunde, mata...

O estado de fascinação, o *prise du regard* dos franceses, constitui o exemplo típico do poder do olhar, muito usado pelos experimentadores hipnotistas. Esse estado se revela sob a influência de um olhar brilhante, de curta distância, em ambiente de luz muito viva e muito clara, sob a condição de que o *sujet* fixe os seus olhos nos do operador. O efeito é surpreendente: os olhos ficam desmesuradamente abertos, as pupilas dilatadas, o pulso de 70 passa a 120, e o *sujet* tem o olhar fixo no do operador, seguindo-o sempre, sem mais abandoná-lo até receber o sopro dispersivo sobre os olhos, quando, então, tudo volta à normalidade.

Nessa situação, o paciente fica insensível, embora tenha consciência do seu estado. Nos passos que dá para seguir os olhos do operador, os braços ficam imóveis. Uma figura sem expressão, uma verdadeira máscara petrificada. Se lhe baterem, se lhe picarem a pele, não sentirá dor. Se o insultarem, nem um músculo da sua face se moverá, nem uma palavra proferirá, parecendo que outra coisa não se apresenta ao seu cérebro senão esta ideia fixa: não deixar o ponto luminoso do olhar do experimentador. Em suma, nesse estado, segundo Dr. J.-S. Morand, o paciente se torna um perfeito “boneco articulado” (*Le Magnétisme animal (hypnotisme et suggestion): étude historique et critique...*). O estado de fascinação, chamado pequeno hipnotismo por J. Luys, era provocado por este autor, por

maneira singular. Ele punha o paciente a fixar espelhos rotativos, usados na caça de cotovias, de modo a alcançar os mesmos efeitos sobre o olho humano: “c’est le miroir à alouettes” (*Leçons cliniques sur les principaux phénomènes de l’hypnotisme*, p. 217).

14

.5

Os hipnotizadores apontam o exercício prático de, por meio da fixação dos olhos, fazer voltar uma pessoa que se encontra à sua frente (Medeiros e Albuquerque, *Hipnotismo*). Em um lugar de reunião, onde muitas pessoas estejam assentadas uma após outra, fixe o homem o seu olhar nas costas de outro, a uma distância de 2 e mesmo de 3 metros, concentrando toda sua energia na ideia de influenciá-la e de fazê-la voltar. Vê-se primeiramente a pessoa visada fazer alguns movimentos de ombros, como se provasse o efeito de cócegas. A sensação cresce, torna-se mais nítida, molesta e obriga quase sempre a pessoa a levar a mão ao ponto fixado e, finalmente, a voltar-se como consciente do toque e desejosa de impedir a ação.

Não é demais advertir que o magnetizador deve mostrar-se sempre cauteloso com o uso dos olhos para a cura das moléstias, não se esquecendo do conselho de Gauthier, de que se trata de um órgão muito delicado, que requer cuidados especiais (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*). Por igual, convém ter sempre presente no seu pensamento a condenação de Durville, de que fixar os olhos nos olhos dos seus semelhantes, para neles provocar o estado de fascinação, é uma prática brutal de que o magnetizador não tem necessidade de usar (*Théories et procédés du magnétisme*).

A mesma condenação é feita em termos veementes por Martins Velho:

Aludimos aos fascinadores, que produzem o sono mediante a simples fixação do olhar, ou os que, como o abade Faria, que, depois de haver feito sentar o passivo, lhe gritava de súbito ao ouvido, em voz retumbante — *dorme!*

É certo que os olhos e a voz são veículos efficacíssimos do fluido magnético; mas estes processos, atuando exclusivamente sobre o cérebro, tendem a produzir o mesmo desequilíbrio nervoso que se dá com o processo de Braid.²⁰

Se compararmos agora estas manobras com os processos magnéticos que empregam quase exclusivamente os *passes*, ver-se-á que eles diferem fundamentalmente entre si; pois que, enquanto que os hipnotizadores atacam exclusivamente o cérebro, perturbando-lhe o funcionamento, os magnetizadores, atuando pelos passes sobre o corpo todo, concentram especialmente os seus esforços sobre o epigástrico e sistema nervoso ganglionar, procurando equilibrar o melhor possível a corrente nervosa, de maneira a obter a mais alta expressão da autonomia funcional do ser. Aqueles destroem pela fadiga o “eu” consciente, estes o elevam ao seu grau sintético mais elevado. O magnetizador tem nos passes e nas imposições diversamente praticadas um meio efficacíssimo para regular e graduar o sono magnético (*O magnetismo*, p. 132).

O Dr. Charles de la Salzède escreveu uma obra notável sobre magnetismo animal (*Lettres sur le magnétisme animal, considéré sous le point de vue physiologique et psychologique*, Paris, 1847), estudando com sagacidade e talento todos os seus fenômenos, sem se render aos preconceitos filosóficos e religiosos, católico que era, pois que encontrou no magnetismo verdades úteis à Humanidade. Ao se lhe abrir o livro, encontra-se esta advertência — “C’est ici un livre de bonne foi, lecteur” —, palavras de Montaigne. E, na verdade, a obra plenamente justifica o conceito, revelando-se o autor, não só um homem de boa-fé, mas sobretudo um homem de ciência, sincero e honesto. Mas, por meio desse admirável trabalho, surge um outro, que vem a cada passo citado, que é igualmente

uma revelação de sinceridade e de coragem. É o livro do abade Loubert — *Le Magnétisme et le somnambulisme devant les corps savants, la cour de Rome et les théologiens* — que infelizmente, pelo tempo em que foi publicado, há cerca de dois séculos, deverá ter-se tornado raro.

1

4.

7

Não podemos deixar de transcrever, nesta altura do nosso trabalho, alguns dos trechos do abade Loubert, apontados pelo Dr. De la Salzède.

Faz o abade referência à prática do magnetismo entre os sacerdotes do Egito, os quais, “pela inoculação do princípio da vida, dobavam por assim dizer a atividade do sistema nervoso”, para, em seguida, afirmar que eles tinham sobre a questão “noções talvez mais completas do que as possuímos hoje”.

E continua:

Os monumentos que revelam a ação curativa das mãos são em grande número.

O templo de Ísis, consagrado à Natureza, continha hieróglifos, cuja tradução outra coisa não revelava senão a ciência do magnetismo. Vê-se aqui um homem colocado no leito e diante do qual um outro faz passes a distância; ali, um outro é submetido às mesmas práticas, mas colocado em uma cadeira e na atitude de adormecido; mais adiante, um operador dos mistérios egípcios segura um vaso de flores com a mão esquerda e com a direita exerce a ação magnética de cima para baixo (exerce *l'action magnétique en agissant de haut en bas*): acolá, um vaso cheio de líquido que recebe a mesma influência.

Diodoro de Sicília exprime-se assim: os sacerdotes egípcios pretendem que, do seio da sua imortalidade, Ísis prazerosamente

manifesta aos homens, durante o sono, os meios de cura e indica aos que sofrem o remédio próprio para seus males.

Prosper Alpinus, no seu *Tratado de medicina dos egípcios*, diz que as fricções médicas e as fricções misteriosas eram remédios secretos de que os sacerdotes se serviam para as moléstias incuráveis; depois de numerosas cerimônias, os doentes, envolvidos em peles de carneiro, eram levados para o santuário do templo, onde Deus lhes aparecia em sonho e lhes revelava o remédio que deveria curá-los; quando os doentes não recebiam as comunicações divinas, os sacerdotes chamados “oneirópoles” adormeciam por eles e Deus não lhes recusava o benefício solicitado.

E reconhecendo a prática constante e habitual do magnetismo entre os egípcios, acrescenta:

Seria impossível que nesse longo perpassar de séculos essa faculdade do homem não encontrasse observadores. Encontrou-os, para gáudio dos sacerdotes pagãos, que a exploraram, em benefício próprio, dando crédito aos templos de Esculápio, Ísis e Serápis. Sabendo provocar e dirigir o sonambulismo, eles se valiam do indivíduo dotado da faculdade de vista a distância e da previsão para torná-lo órgão do seu deus no santuário do templo. Outros, nas suas crises, sentiam a doença dos que se aproximavam, viam o estado orgânico do doente, indicavam os acessos e os remédios. Quando, no estado de sonambulismo, o paciente indicava o mal e o remédio, e como, ao despertar, não guardava a menor lembrança do acontecido, os sacerdotes, que haviam cuidadosamente recolhido suas palavras, persuadiam-no que tudo era obra de Deus.

O que a História nos transmite acerca dessas curas nos templos de Esculápio, Isís e Osíris, é, ao menos em muitos casos, a mesma história do magnetismo e a prova de sua existência e da sua eficácia em todos os tempos.

Os sacerdotes da antiguidade facilmente se punham nas circunstâncias mais favoráveis, pelo exercício e pelo método, para fortalecerem a sua faculdade magnética. Fácil lhes era pôr seus consulentes em estado sonambúlico, quer pela imposição das mãos, quer pelas fricções aplicadas no silêncio da noite, quer pelos reservatórios magnéticos ocultos e dissimulados adremente. Adotavam, além disso, vapores, perfumes narcóticos, certos sons harmoniosos de música, e muitos outros aparelhos que lhes permitiam obter resultados mais completos e mais constantes.

E, como se vê, um depoimento de alta significação que o Dr. De la Salzède põe diante dos nossos olhos, contrariando, assim, com absoluto destemor, as investidas dos negativistas, que não observam, que não experimentam e que não estudam.

Na cura do coxo colocado à entrada do templo, não devem passar despercebidas as minúcias da cena: “Pedro, *fitando os olhos nele* juntamente com João, disse: *Olha para nós*” (*Atos dos apóstolos*, 3:4).

A expressão portuguesa — *fitando os olhos* — parece-nos, não é bastante rigorosa. Do mesmo modo, a tradução latina — “*Intuens autem in eum Petrus cum Ioanne, dixit: Respice in nos*”. A nosso ver, a tradução do texto para o Esperanto²¹ nos dá ideia mais precisa da ação: “Kaj Petro, fikse rigardante lin, kun Johano, diris: Rigardu nin” (tradução literal: “E Pedro, olhando-o fixamente, com João, disse: Olha para nós”).

A tradução em Esperanto, como se vê, acrescenta ao verbo olhar o advérbio *fikse* (fixamente). Não se trata de uma questão meramente de preferência linguística, mas de precisão da ideia que melhor está em consonância com os princípios gerais da magnetização.

De sorte que Pedro olhou fixamente o coxo e a este disse: olha para nós. É evidente que havia mister do encontro dos olhares; de modo contrário, não seria possível transmitir e receber pelos olhos os fluidos poderosos que iriam operar a cura.

É também evidente que Pedro tinha segura intuição de que a cura que se ia operar não estava circunscrita tão somente ao corpo físico, mas, pelo merecimento do coxo, ela atuaria mais profundamente, restituindo-lhe a saúde da alma: “[...] e entrou com eles no templo, andando, saltando e louvando a Deus” (*Ato dos apóstolos*, 3:8).

O olhar de Pedro e de João foi o olhar da fé, aquele que transmite os fluidos quintessenciados de amor e benevolência em socorro dos nossos semelhantes.

A Humanidade não pode ainda valer-se dessa prática maravilhosa e dela obter instantaneamente os resultados que puderam conseguir os discípulos de Jesus. Aliás, estes mesmos algumas vezes coraram em face da advertência do Divino Mestre: “não o curastes, porque não tivestes fé” [*Mateus*, 17:20].

Essa mesma advertência nos acompanhará ainda por muito tempo, pois que nos faltam as condições essenciais de pureza, de amor e de fé.

As experiências humanas provaram, à evidência, que poderoso é o nosso olhar, mas que também poderoso é o olhar dos animais... Resta-nos transmitir pelos nossos olhos — não os fluidos que dão a morte — mas os fluidos que dão a vida, os fluidos da salvação, cujo reservatório imenso está à espera da nossa deliberação, do nosso amor, da nossa fé e da nossa caridade.

As vibrações curativas do Plano Espiritual, do Plano Divino, segundo a observação de Bertholet, quando transmitidas por um canal puro, são carregadas de vida divina, vida a que nada resiste e diante da qual toda moléstia desaparece. Assim se explicam as curas instantâneas ou súbitas de

moléstias graves julgadas incuráveis pela ciência médica. A subitaneidade da ação é a característica fundamental das curas de natureza espiritual (*Le Christ et la guérison des maladies*).

14.

10

De sorte que a diferença entre a prática seguida pelos sacerdotes do Egito, incontestavelmente avançados no conhecimento do magnetismo, e a que deverá seguir o médium curador, está em que este não pode e não deve recorrer à astúcia de transformar um fenômeno natural, que está dentro da Lei de Deus, em efeitos sobrenaturais ou milagrosos, com o fim de atemorizar, dominar ou de fazer proselitismo.

Sócrates disse que “Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, *é que tratam do corpo, sem tratarem da alma.* [...]” (KARDEC, 2017, *Introdução*, Resumo da doutrina de Sócrates e Platão, it. XIX).

E Kardec comentou:

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, nova senda para a Ciência. Com o lhe mostrar a verdadeira causa de certas afecções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos (KARDEC, 2017, *Introdução*, Resumo da doutrina de Sócrates e Platão).

E essa é a mesma razão por que a terapêutica magnética se socorre da terapêutica espiritual.

ADENDO

Estava já escrito o presente capítulo, quando a curiosidade nos levou a uma rigorosa busca na Biblioteca da Federação Espírita Brasileira. Bem

inspirado andamos: o compêndio, que reputávamos raro, lá se encontrava, perfeito, em excelente encadernação, como se fora dos mais modernos!

Compreende-se a nossa exultação e a nossa natural ansiedade. É que havíamos tomado como fiador o Dr. De la Salzède para decretarmos *in limine* a excelência do trabalho do abade Loubert.

Daí a sofreguidão com que o compulsamos para, ao cabo da leitura, reconhecer que o fiador era, em verdade, idôneo, tal como o havíamos considerado.

14

.1

1

Efetivamente, a obra merece relevo. Trata-se de um estudo profundo, detalhado, consciencioso do magnetismo, embora, em alguns pontos, como é compreensível, por força da posição ideológica do seu ilustre autor, tenhamos que dele discordar.

Logo na *Introdução* do livro (abade Loubert, *Le Magnétisme et le somnambulisme devant les corps savants, la cour de Rome et les théologiens*), nas primeiras palavras, surge esta confissão sincera:

As conversas no seio de minha família e nos meios mundanos me persuadiram de que o magnetismo e os que dele se ocupavam não mereciam senão o desdém e o desprezo. Habitado a encarar essa questão como mentira e os que a defendiam como charlatães, ou loucos, ou velhacos, estava eu de há muito na posse pacífica dessa alta sabedoria que julga sem exame. Muita gente deplorou e ainda deplorará, de minha parte, o abandono dessa sabedoria.

Mas o abade ouvia, como enfileirados nessa ordem de coisas, nomes venerados nos meios científicos, como Husson, Fouquier, Itard, Guersant, Hufeland, Koreff, Passavant e outros, e entrou a cogitar de proceder a um exame rigoroso da matéria, dizendo consigo mesmo: “Se é uma verdade,

vale a pena que eu a procure; se é uma mentira, procurarei por igual, porque um erro verificado é uma verdade reconhecida”.

Surpreendeu o abade, certo dia, um gato adormecido. Era o momento propício para a experiência. Os autores recomendam que para magnetizar os gatos é bom começar a operação quando eles se encontram em estado de repouso (De Rochas, *Les États superficiels de l'hypnose*, 5. ed., p. 139).

E o abade fez a sua experiência:

Sem dúvida, algum engraçado redator de folhetins ou de artigos de dicionário de Medicina em 15 volumes apontaria a maravilha, anunciando que um gato que já dormia pareceu, aos olhos do magnetizador crédulo, atirado ao sono pela sua ação magnética; ou melhor ainda, que se descobrira o segredo de despertar pelo magnetismo os gatos que dormem desprevenidamente. Mas deixo aos que fazem profissão de espíritos explorar o assunto por esse prisma, sem contestar-lhes o monopólio. Por mim, acrescentarei somente que, depois de alguns minutos de ação magnética, querendo experimentar se poderia produzir sobre o animal os movimentos ligeiramente espasmódicos que os magnetizadores asseguram determinar tão facilmente sobre as pessoas magnetizadas, adquiri desde logo a convicção de que isso era realmente assim. Pude, à vontade, fazer agitar espasmodicamente, a distância, ora a orelha direita, ora a esquerda, inúmeras vezes, com maior ou menor rapidez; produzi os mesmos fenômenos sobre a pata direita e a esquerda, alternada ou simultaneamente, como também sobre outras partes do corpo. Percebo, ainda uma vez, o efeito de tudo isso que ofereço à crítica, ao relatar esses detalhes; a culpa, porém, não é minha se os franceses procuram as mais das vezes rir do que instruir-se. Mais tarde, fiz experiências magnéticas deveras importantes e curiosas, tendo observado fenômenos sonambúlicos notabilíssimos. E unindo-me, a seguir, a Deleuze, que foi conduzido pelo estudo do magnetismo às ideias religiosas, como também a

Georget, igualmente arrancado, pela mesma via, ao materialismo tão comum entre os médicos, posso dizer como este último, em seu testamento: Novas meditações, e sobretudo os fenômenos do sonambulismo magnético, não me permitiram mais duvidar da existência em nós e fora de nós de um princípio inteligente, completamente diferente das existências materiais... *a alma e Deus*. Nesse sentido, há em mim uma convicção profunda, fundada em fatos que julgo incontestáveis.

14.

12

Em diversos lances do livro, na defesa do magnetismo, o abade Loubert se torna veemente e vibrante. “Sigamos”, diz ele, “um caminho mais proveitoso para a Ciência, mais consentâneo com a dignidade de uma questão que interessa o futuro do homem, tanto sob o ponto de vista filosófico como sob o ponto de vista médico”.

Transcreve um episódio do *Tratado de sortilégios*, de Guillaudus, ocorrido em Roma, quando um touro em fúria, conseguindo escapar-se, investiu ameaçadoramente contra a multidão que fugia. Surgiu, então, um homem, destemido e resoluto, estendendo as suas mãos sobre a cabeça do touro; o animal estancou vacilante, para depois acalmar-se e deixar que o prendessem, sem a menor resistência. Como recompensa da sua generosa ação, o herói foi levado para a prisão, pois pretendiam que respondesse a processo como feiticeiro.

Agora, o comentário do abade:

14.

13

Punir um homem porque possui ainda restos desse poder dominador de que Deus dotou sua criatura sobre toda Natureza! É ignorância e é

cegueira! Muitas vezes experimentei a influência do olhar do homem sobre os animais. E pude dominá-los completamente.

Passemos, todavia, a apontar o resumo das principais conclusões a que chegou o abade Loubert sobre o magnetismo:

O poder magnético é uma faculdade natural comum a todos os homens.

A faculdade magnética está submetida a todas as Leis Morais que regem as outras faculdades do homem. Ela tem também leis fisiológicas gerais e particulares.

A ação magnética modifica o indivíduo e é também modificada por ele.

Muitas objeções são devidas à ignorância e à presunção.

No livre exercício de todas as nossas faculdades, há limites, há leis de que não nos *devemos* libertar e há, também, as de que não nos *podemos* subtrair.

Todos os fatos negativos não destroem um só fato positivo.

Os médicos como os teólogos não devem e não podem julgar o magnetismo *a priori*, fazendo metafísica pura, porque esse estudo é também e sobretudo fisiológico e experimental.

Os fenômenos magnéticos são ora de manifestação lenta, ora quase instantânea.

Embora a ação magnética seja o resultado da vontade, não está em seu poder produzir tal ou qual fenômeno que lhe agrada. Ela tem leis que lhe são próprias.

A experiência mostrou que, na maioria dos casos, o indivíduo sonambulizado se revela de moral mais perfeita e mais religioso. Não é raro ver-se um sonâmbulo que, em estado de vigília, não tem sentimentos religiosos, passar a tê-los profundamente no estado

sonambúlico e orar a Deus com fervor (*il est plus porté à rentrer en lui-même*).

O sonambulismo não é nem um estado de vigília, nem um estado de sono rigorosamente falando; é uma combinação desses dois estados. É um modo particular de existir.

Mais frequentemente, no sonambulismo, o *sujet* conserva o uso de todas as suas faculdades, da sua própria liberdade, que se torna muitas vezes mais ampla e mais perfeita.

14.

14

O sonambulismo natural tem a maior analogia com o sonambulismo artificial.

No sonambulismo a alma não faz senão manifestar faculdades que ela já possuía,

O estado moral *habitual* influi sobre a natureza do fluido magnético. É uma ação do *homem*.

O estado moral *atual* também influi sobre o fluido magnético.

Considerado nos limites de uma ação natural, há um bom e um mau magnetismo.

Combate-se o magnetismo pelas falsas alegações atribuídas aos sonâmbulos.

Ignoram-se as leis mais simples e mais comuns da Fisiologia.

A ignorância da Fisiologia vem juntar-se a da Física, nas suas leis e nas suas relações numerosas com o homem são ou doente. Daí as objeções pueris e ridículas.

O estudo do magnetismo não ficou estacionário. Opuseram-se-lhe maiores obstáculos do que à Química, cujo estudo oferece enormes dificuldades.

Espíritos prevenidos truncam facilmente as citações ou não escolhem senão as que coincidem com uma opinião preconcebida.

A prevenção cega fere as regras da mais simples filosofia e contradiz os fatos mais comuns em relação ao homem em estado de saúde e de doença. A Religião não tem necessidade dessa maneira de argumentar: não é processo de honrá-la.

É em virtude da ignorância das leis do magnetismo que se assegura que ele é essencialmente imoral.

O estudo sério, principalmente o estudo cristão do magnetismo, conduz o homem ao amor do seu semelhante, elevando-o perante Deus; fá-lo descobrir novos benefícios de sua divina providência ao contemplar a mãe amorosa que aconchega junto ao seu coração, cobrindo-o de beijos, seu filho que sofre. Ele nos conduz ainda a reconhecer que nosso sentimento pelos males de nossos irmãos não nos foi concedido para nos atormentar ou somente para nos fazer procurar alhures os meios de lhes provarmos nossa boa vontade e para exclamarmos como loucos: e não posso aliviá-lo com sacrifício mesmo da minha própria vida!

14

.1

5

Se pudéssemos colocar sempre junto de um doente cristão um magnetizador também cristão; se quiséssemos ver as ordens religiosas entregues ao mister, pelas irmãs de caridade, de aliviar os doentes pelo emprego desse meio, teríamos belas páginas a escrever

sobre a faculdade magnética, sobre esse poder de praticar a caridade para com os entes sofredores. Poderíamos assim responder a muitas páginas amargas, injustas, superficiais; seria necessário que examinássemos a fundo a piedade e que indagássemos da nossa sensibilidade. Um sentimento interior parece dizer-nos que podemos, que devemos aliviar o doente, que nos agrada; apertar em nossos braços aquele que consolamos em seus sofrimentos.

E assim termina:

Nossa tarefa está concluída. Resta-nos augurar que a ciência magnética encontre um pesquisador versado em Fisiologia, que seja cristão, que saiba atar os laços que existem entre o mundo físico e o mundo moral e que seja intérprete imparcial da verdade científica e da verdade divina.

19 Nota do autor: *Recherches sur le magnétisme vital*, apud Lafontaine, *L'Art de magnétiser*, p. 330.

20 N.E.: James Braid descreveu o seu processo de hipnotização por meio de um objeto brilhante colocado de 25 a 45 cm dos olhos do paciente numa posição tal, acima da testa, que a pessoa tinha que fazer um esforço dos músculos dos olhos e das pálpebras para o fixar.

21 Nota do autor: *La Sankta biblio*, Londono, 1927.

CAPÍTULO 12

1

5.

1

“Andava Jesus por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as doenças e enfermidades entre o povo. A sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe todos os enfermos, acometidos de várias doenças e sofrimentos, endemoninhados, epilépticos e paralíticos, e Ele os curou. Muita gente o seguiu da Galileia, de Decápoles, de Jerusalém, da Judeia e dalém do Jordão.” (*Mateus*, 4:23 a 25).

Já falamos sobre os passes longitudinais. Trataremos agora das fricções e, em seguida, dos passes de dispersão e das insuflações.

Em magnetismo denomina-se fricção a ação de passar a mão sobre o corpo (Gauthier, *Traité pratique du magnetisme et du somnambulisme*), sem nenhuma pressão, mas por meio de um contato suave, e diretamente sobre a pele.

Alguns autores chamam-lhe afloração quando feita por meio de um contato muito superficial e por cima das roupas (Martins Velho, *O magnetismo*).

A fricção age profundamente, estimulando, a princípio, a ramificação dos nervos sensitivos do derma, para depois alcançar os tecidos subjacentes e estender-se por todos os órgãos (Durville, *Traité experimental de magnétisme*).

As fricções são palmares, digitais, longitudinais e rotatórias.

As fricções *palmares* são feitas, conforme o nome o indica, com as palmas da mão, em cheio, os dedos ligeiramente afastados, sem crispações e sem rigidez; as *digitais*, com a mão aberta, ficando os dedos ligeiramente afastados e um pouco curvados, evitando-se contração e rigidez, com o punho erguido; as *longitudinais* são executadas com a mão aberta, como as fricções palmares, ou somente com as pontas do dedo, como as fricções digitais, ao longo dos membros e do corpo, muito lenta e suavemente (cerca de um minuto da cabeça aos pés), no sentido das correntes, isto é, do alto para baixo, seguindo o trajeto dos nervos e dos músculos; as rotatórias são feitas igualmente com a palma das mãos ou com a ponta dos dedos, descrevendo círculos concêntricos no sentido dos ponteiros de um relógio.

15

.2

É também aconselhável, de quando em quando, e à medida que a mão ou os dedos deslizam pelo corpo, fazer ligeiras pressões como se quiséssemos deslocar alguma coisa aderente à pele (J. Réno-Bajolais, *Technique moderne de magnétisme humain*).

Não se deve esquecer que, ao fazer retornar a mão ao ponto de partida, o operador a conservará fechada e afastada do corpo do paciente, tal como age com os passes.

Vê-se assim que a fricção magnética nada tem de comum com a maneira pela qual são ministradas as fricções médicas, em que predominam

movimentos rápidos, às vezes violentos, praticados em todas as direções e geralmente com o emprego de pomadas, óleos e outros medicamentos.

É sobretudo importante, observa Bué, evitar “o emprego de substâncias mercuriais, arsênicais, iodadas ou canforadas, que embaraçam absolutamente a ação magnética, pervertendo mais ou menos a sensibilidade e a receptividade das ramificações nervosas do derma”.

E a esse propósito cita o seguinte caso elucidativo:

Eu tratava de uma paraplegia num indivíduo, de 58 anos. No fim de algumas sessões, movimentos autônomos se apresentaram espontaneamente; simples ações feitas à distância de 50 centímetros, e até mais metros separados do corpo, determinavam profundos abalos nos músculos e principalmente nos músculos das pernas, os quais iam e vinham em todos os sentidos, como se o paciente quisesse envernizar o soalho. Sentimos prazer com a aparição desta ginástica natural que nos anunciava o caminhar de migrações vitais, quando de repente, numa das sessões seguintes, sem causa aparente, o fenômeno cessou e tudo recaiu na passiva inação dos primeiros dias; depois de todos esses grandes movimentos que nos maravilhavam, nem um só estremezimento nos músculos. Onde podia provir a brusca interrupção? Tive em breve a explicação do enigma, interrogando o meu doente. Julgando proceder bem, ou, pelo menos, que não pudesse demorar a ação magnética, ele friccionou vigorosamente as pernas com álcool canforado. Ora, esta ação, aparentemente inofensiva, subtraindo momentaneamente às ramificações nervosas do derma toda a receptividade magnética, produziu a parada do fenômeno; e se eu duvidasse um só instante deste fato, bastava a confirmação que me trouxe alguns dias depois o restabelecimento dos movimentos, quando se esgotou a ação anestésica do álcool canforado. Poderia citar outros exemplos para corroborar este fato, mas *ab uno disce omnes* [...] (*Le Magnétisme*

curatif – Manuel technique, v. 1, cap. 8 – Da massagem magnética, it. Fricções).

15

.3

Os passes e as fricções produzem muitas vezes certos desequilíbrios orgânicos de pouca monta, e facilmente removíveis, oriundos de acumulação dos fluidos em uma ou algumas partes do corpo. Esses desequilíbrios consistem comumente em opressão no peito, contraturas e espasmos. Em casos tais, como invariavelmente no fim de cada magnetização, há necessidade de dispersar os fluidos assim acumulados.

A ação de dispersar, portanto, é ação de equilíbrio e não, como insinua J. Lawrence, ação de desmagnetização (*Magnetismo utilitário y milagroso*).

Diversos são os processos de dispersão. Citaremos, todavia, os mais usados.

Em primeiro lugar indicaremos os passes transversais e perpendiculares.

Os passes transversais se executam a alguma distância do corpo do paciente (30 a 50 centímetros). O operador, colocado de pé e defronte do magnetizado, estende os dois braços para diante, as mãos abertas, com a palma e, bem assim, os polegares para baixo; nessa posição, ele abre rapidamente e com muita energia os braços no sentido horizontal e depois volta com vivacidade à posição primitiva para recomeçar logo a seguir da mesma maneira. Esses passes são repetidos quatro ou cinco vezes e são dirigidos para o ponto do organismo em que se quer dispersar.

Nos casos de dispersão geral, como acontece no fim de cada sessão ou para despertar o sonâmbulo, esses passes são dirigidos, em série, sucessivamente, à altura da frente, ao peito e aos pés.

Pode-se também executar o passe transversal só com uma das mãos. Nesse caso, o operador impulsiona a mão, batendo vivamente o ar por cima e na altura de 5 centímetros da parte visada, como se fosse agredir o paciente, tendo o cuidado de, ao repetir o passe, fechar e afastar a mão.

Os passes perpendiculares somente são praticados no fim das sessões, mas *depois dos passes transversais*, quando houver necessidade de mais segura dispersão.

A sua execução se faz do seguinte modo: o magnetizador se coloca ao lado do paciente, que deve ficar de pé, e, impondo-lhe as mãos estendidas com as palmas, à distância de 5 centímetros, mais ou menos, por sobre a cabeça, desce-as rapidamente até ao chão, uma pela frente e a outra por detrás do corpo. Pode igualmente o operador colocar-se por diante ou por detrás do paciente, fazendo descer as mãos, nas mesmas condições, pelos lados do corpo. Esses passes devem ser repetidos, com muita vivacidade, cinco ou mais vezes, tendo-se sempre a cautela de observar a regra do fechar as mãos e afastá-las ao recomeçar o passe.

Pode-se igualmente dispersar com uma imposição com contato, fazendo pousar a palma da mão sobre o ponto em que se quer dispersar, e ficando os dedos suspensos e arqueados para cima, inteiramente abertos, firmes e imóveis. Por esse processo facilita-se o escoamento dos fluidos acumulados pelas pontas dos dedos.

Devemos assinalar que a imposição sem contato, à distância de uns 3 centímetros, feita nas mesmas condições da precedente, pelo tempo que for necessário, é um excelente método para fazer cessar as dores e resolver os tumores e inflamações.

Poderoso meio de dispersão é a insuflação fria, de que trataremos a seguir.

Segundo a versão que nos dá o Velho Testamento, a vida foi transmitida ao homem pelo sopro: “Do pó da terra formou o Senhor Deus o homem, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se um ser vivente” (*Gênesis*, 2:7).

Se as Leis da Natureza opõem à concepção adâmica sobre a formação do homem razões poderosas e decisivas, não se pode recusar ao versículo, entretanto, a forte expressão de um simbolismo. Na verdade, o primeiro sopro anuncia a vida, e o último sopro, ou, como dizemos na linguagem corrente, o último suspiro, assinala a morte do corpo.

1

5.

5

Os pulmões, órgãos da respiração, são, no homem robusto e sadio, uma importante fonte de energia vital de que ele pode utilizar-se para o bem do seu semelhante enfraquecido ou doente. Quando se respira a plenos pulmões, apresenta-se realmente todas as aparências de saúde, ao passo que a dificuldade de respirar indica muitas vezes uma fraqueza geral, um desequilíbrio das funções vitais. A Medicina vale-se muitas vezes da insuflação de boca a boca nos casos de asfixia e, especialmente, de morte aparente dos recém-nascidos (Durville, *Théories et procédés du magnétisme*).

Os magnetizadores, em sua generalidade, sempre usaram com êxito as insuflações, classificando-as em quentes ou frias.

O processo da insuflação quente é o seguinte: coloca-se sobre a parte do corpo, em que se quer acionar, um lenço, ou um pano das mesmas dimensões, dobrado em quatro, de lã, linho ou algodão (preferentemente de flanela branca). Aplica-se a boca sobre o lenço, e, enchendo os pulmões com a máxima quantidade de ar que possam conter, sopra-se uma expiração muito lenta e o mais prolongado possível, sem empregar contração, nem força. Esgotada a provisão de ar, levanta-se a cabeça, afasta-se a boca, e aspira-se do ar ambiente, pelo nariz, nova provisão, e, aplicando novamente os lábios sobre o pano, começa-se outra insuflação.²²

Aplicadas seis insuflações sucessivas, é conveniente descansar alguns minutos para aplicar outra série, sendo necessário.

Deve-se ter o cuidado, ao recomeçar cada insuflação, em não aspirar, conservando os lábios juntos ao pano. Tal maneira de proceder prejudicaria o efeito propulsivo, que é essencial à insuflação, além do perigo de absorções nocivas para o magnetizador.

Quando a insuflação desenvolve um calor suave no local, e quando esse calor se espalha gradualmente pelas regiões vizinhas, é um bom sinal, porque denuncia que a circulação sanguínea se faz livre e normalmente. No caso contrário, devem repetir-se as insuflações para total desobstrução de qualquer possível congestionamento.

As insuflações quentes são empregadas com excelentes resultados nos ingurgitamentos, nas obstruções, asfixias, dores de estômago, cólicas hepáticas ou nefríticas, enxaquecas, afecções glandulares, dores de ouvido, surdez etc., tendo grande efeito sobre as articulações, sobre o alto da cabeça, o cerebelo, as têmporas, os olhos, as orelhas, o epigástrico, o baço, o fígado, os rins, a coluna vertebral e o coração.

15

.6

Precisamente porque a insuflação quente é demasiadamente excitante, deve-se tomar o cuidado de não aplicá-la quando houver lesões profundas e, especialmente, nos casos de aneurismas do coração e da aorta, e nos casos de tuberculose adiantada. Deleuze e Du Potet vão mais longe, asseverando que é sempre perigosa qualquer ação magnética sobre os tuberculosos em grau avançado.²³

A insuflação quente pode também ser feita à distância de uns poucos centímetros, em lugares mais acessíveis, como a cabeça, os olhos, os braços, os dedos etc. Nesse caso, não há necessidade de aplicar os lábios, e, em vez do sopro lento e prolongado, fazem-se expirações muito curtas e sucessivas, como se costuma proceder para limpar os óculos e para aquecer os dedos e as mãos no tempo frio.

Quando as conveniências não permitirem o sopro direto sobre certas partes do corpo, os magnetizadores costumam empregar um tubo de vidro,

mais ou menos longo, tendo uma das extremidades aplicada diretamente sobre o pano, e por meio do qual fazem a insuflação.

Sobre a ação poderosa da insuflação quente é típico o exemplo citado por Deleuze (*Intruction pratique sur le magnétisme animal*, p. 247) e também por Gauthier (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 127):

M. Thiriât, professor de Ginecologia e médico nas águas de Plombières, formara segura convicção sobre a ação magnética. Depois de um acidentado parto, a criança estava quase asfixiada, com os batimentos do coração fraquíssimos e lentos. Aplicou, primeiramente, fricções e imersão em água tépida, sem nenhum resultado. Foi, então, que se decidiu a agir mais diretamente sobre o coração e o diafragma. Aplicou na região desses dois órgãos um pano seco e começou a soprar quente sobre o coração, depois sobre toda a parte anterior e inferior do tórax, conseguindo assim estabelecer o funcionamento regular do coração, depois de desesperançado de obter qualquer êxito pelos meios terapêuticos ordinários.

1

5.

7

A insuflação é fria quando executada numa distância de 30 centímetros a um metro e, conforme o poder do operador, a uma distância maior.

Pode-se verificar por uma experiência pessoal que a insuflação é tanto mais fria quanto mais longa a distância em que for executada.

Faz-se a insuflação fria, soprando com rapidez e violência sobre a parte que se quer atuar, tal qual como quem de longe tenta apagar uma vela.

A insuflação fria é calmante e refrigerante, constituindo-se um poderoso e efficacíssimo processo de dispersão. É usada com excelentes resultados

para combater as dores de cabeça, convulsões, agitações febris, ataques nervosos etc. Aplicada na testa e nos olhos, desperta o paciente magneticamente adormecido, como também faz cessar as crises na epilepsia.

Nem todos os magnetizadores possuem um sopro poderoso e eficaz. Cahagnet afirma, no que lhe diz respeito, que não conhece recurso tão poderoso, citando, a propósito, o caso da sua sonâmbula Adélia Maginot:

A sonâmbula era lúcida. Cahagnet dava, invariavelmente, aos sonâmbulos lúcidos plena liberdade de apreciação, discussão e ação, durante o sono magnético. Em consequência de uma altercação com seu magnetizador, porque este não quis consentir que ela se erguesse da cadeira sem ser antes despertada, Adélia Maginot resolveu abandonar a sessão naquele estado sonambólico. Depois de ter empregado pacientemente todos os meios suasórios, a sonâmbula o desafiou a impedir sua saída. Os lúcidos têm às vezes desses caprichos que colocam o magnetizador num grande embaraço. Cahagnet estava, pois, diante deste dilema: ou travar uma luta corporal com a sonâmbula, de uma força extraordinária, ou abandoná-la nesse estado na via pública, deixando-a enfrentar os mais graves perigos. Recuperando a calma e fiado na sua vontade e na sua força magnética, colocou-se resolutamente em frente da sonâmbula, pensando que ela não passaria. Puro engano! O magnetizador foi violenta e brutalmente lançado para um lado, enquanto a fechadura da porta era estridentemente arrancada e atirada ao chão. Numa ação rápida, Cahagnet sai pela porta contígua e novamente se coloca face a face com a sonâmbula e, apesar da distância de cerca de dois metros que o separava desta, soprou-lhe fortemente sobre a testa. E tal foi a força da insuflação que a magnetizada instantaneamente vacilou, para cair em seguida em cheio nos braços do magnetizador, que assim a amparou. Grande foi, então, a surpresa do magnetizador, vendo a senhora, antes tão irritada e voluntariosa, levar a mão à testa, como se tivesse recebido um profundo golpe, e em seguida recuperar toda a calma (*Thérapeutique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 36).

22 Nota do autor: Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*; Martins Velho, *O magnetismo*; Bué, *Le Magnetisme curatif*.

23 Nota do autor: Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*, v. 1, p. 155; Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*, 8. ed., p. 266.

CAPÍTULO 13

1

6.

1

“Partiu Jesus daquele lugar e voltou ao mar da Galileia, e, tendo subido ao monte, ali se assentou. Veio a Ele uma grande multidão, trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos, e outros muitos, e lhos puseram aos pés; Ele os curou, de modo que a multidão se maravilhou ao ver mudos falar, aleijados ficar sãos, coxos andar, cegos ver; e glorificaram ao Deus de Israel!” (*Mateus*, 15:29 a 31).

“Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando todas as doenças e enfermidades. Vendo Ele as turbas, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas sem pastor. Então, disse a seus discípulos: a seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara, que envie trabalhadores para ela.” (*Mateus*, 9:35 a 38).

Já advertimos que muitos são os processos de magnetização e que o operador deve adotar aquele que melhor convier ao caso, segundo a sua própria observação, valendo-se do chamado tato magnético.

Trataremos agora da cadeia magnética, que, na opinião de Deleuze, é o meio mais poderoso para aumentar a força do magnetismo e para pôr em circulação o fluido (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*, p. 89).

A cadeia se forma de pessoas sãs, interessadas, ou que se possam interessar pela cura do doente, ou, então, pela reunião dos próprios enfermos, que se agrupam para seu comum tratamento.

16

.2

No primeiro caso, quando as pessoas se reúnem com o fim de aliviar um doente, a cadeia se diz *comunicativa*; no segundo caso, ela se denomina *ativa* (Mesmer, *Aphorismes*, p. 302).

Parece-nos, entretanto, mais acertado denominá-las, respectivamente, de *cadeia comunicativa*, quando muitos indivíduos comunicam sua força em benefício de alguém, e de *cadeia receptiva*, quando diversos recebem a influência magnética para o tratamento em comum.

Na formação da cadeia comunicativa, depois de escolhidas as pessoas interessadas pela sorte do doente e que possam concentrar toda a sua atenção e a sua vontade para o fim único de concorrer para a cura, o magnetizador estabelecerá a relação mediante contato com cada uma delas, pelo espaço de dois minutos.

A relação poderá ser estabelecida do seguinte modo: estender o magnetizador as mãos abertas, com a palma para cima, de modo que, cada uma a seu tempo, coloque nelas, em cheio, as mãos — palma contra palma —, tocando-se os dedos em toda a extensão.

Isso realizado, os componentes da cadeia comunicativa dão-se as mãos mutuamente, formando uma fila, da qual o primeiro tomará a mão do magnetizador, a fim de que este, com a mão que se conserva livre, possa

atuar por meio de imposição e passes sobre o doente, tal como se faz na magnetização em geral, obedecidos os preceitos e as regras que já passamos em revista.

Nessa altura, com as mãos já ligadas, levante alguém, com sinceridade e fervor, uma breve rogativa ao Alto, para que a assistência espiritual se faça sentir em toda a sua plenitude. E só então a magnetização terá começo, devendo terminar depois de 20 a 30 minutos.

Não será demais repetir com Bué, que, para tais casos, “[...] não se pode, de maneira alguma, contar com mercenários ou pessoas de fé vacilante, cujo ceticismo, sempre pronto à crítica ou à negação dos fatos, dificultaria a ação magnética, em vez de desenvolvê-la” (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 14 – *Da magnetização em comum*, ou tratamento pela cadeia, it, 202). Idêntica advertência faz Cahagnet, acrescentando que a harmonia produz a harmonia e a desarmonia produz a desarmonia (*Thérapeutique du magnétisme et du somnambulisme*).

16

.3

As cadeias comunicativas se formam com cinco a dez pessoas, as quais, tanto quanto possível, deverão ser conservadas nas subseqüentes sessões, se elas se repetirem, a fim de que não haja solução de continuidade na tonalidade da ação magnética.

A cadeia receptiva é um processo de comagnetização, de que usava com frequência Mesmer, porque não lhe sobrava tempo para tratar insuladamente grande número de doentes.

Ela se forma, como já dissemos, pela reunião dos próprios doentes, cujo número poderá ser ilimitado, o que dependerá exclusivamente do local em que se realizar a sessão.

É, entretanto, aconselhável, sempre que possível, intercalar algumas pessoas sãs entre as doentes para reforçar e acelerar a ação magnética.²⁴

Como princípio geral, *ninguém* poderá tomar parte em uma cadeia sem a tomada de relação, pelo espaço de dois minutos, mediante contato com o magnetizador, tal como foi exposto em relação à cadeia comunicativa. E essa precaução será tanto mais necessária se já estiver formada a cadeia.

A cadeia receptiva poderá ser formada, em relação à sua disposição e sistema de magnetização, de diversas maneiras, sendo as mais usadas as seguintes: em fila, em círculo com contato, em semicírculo sem contato.

Na cadeia, em fila, colocam-se cadeiras umas atrás das outras, o mais próximo possível, e nelas tomam assento os doentes. O operador, de pé, na frente do primeiro enfermo, atua por meio de imposições e passes, a distância, sobre a fila toda.

Essa disposição é sobretudo recomendada quando for pequeno o número dos doentes.

Na cadeia formada em círculo com contato, conforme está a indicar a denominação, as cadeiras são colocadas em círculo, estabelecendo-se o contato dos doentes, os quais, de vizinho a vizinho, dão-se mutuamente as mãos e tocam-se com o joelho e a extremidade dos pés.

O operador, de pé, conserva-se no centro do círculo e atua sobre os doentes, conjunta ou separadamente, por meio de imposições e passes a distância.

16

.4

As inconveniências e os perigos dessa formação são apontados por Gauthier, o qual afirma, entre outras coisas, que o magnetizador nem sempre conhece a natureza da moléstia de cada enfermo, se é ela contagiosa ou não, e que outras doenças, embora não transmissíveis, poderiam impressionar ou causar perturbações aos pacientes (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Bué ainda aponta o inconveniente de ficar o operador de costas voltadas para alguns doentes e, portanto, mal colocado para exercer a sua ação e

vigilância.

Na cadeia em semicírculo sem contato, as cadeiras são colocadas na distância de 25 ou 30 centímetros umas das outras, em linha curva, de modo a formar mais ou menos um semicírculo. O operador se conservará de pé, no centro, ou seja, equidistante das duas extremidades das cadeiras, e de modo a poder exercer facilmente a sua fiscalização sobre todos os enfermos, os quais nenhum contato fazem entre si. E nessa posição o operador iniciará a ação de acordo com as regras já estabelecidas para a magnetização em geral (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 14 – *Da magnetização em comum, ou tratamento pela cadeia*, it. 195, 3º Cadeira aberta, sem contato).

Convém repetir que, formada a cadeia, e antes de iniciar a ação, qualquer dos presentes fará a prece, rogando a assistência espiritual. É necessário considerar que a prece já é um princípio de magnetização. Quando se dirige “o pensamento para um ser qualquer, na Terra ou no Espaço [...], uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro [...]”. A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade (KARDEC, 2017, cap. 27 – *Pedi e obtereis*, it. 10). E a medida dessa energia está na simplicidade e na sinceridade.

Na cadeia receptiva, depois de alguns minutos de magnetização, todos os doentes sentem a ação e experimentam efeitos mais ou menos sensíveis, conforme o estado e a natureza de suas afecções. Sentem também os efeitos da magnetização as pessoas que são postas na corrente. Todos recebem e por sua vez transmitem os fluidos. E, estabelecida a uniformidade do movimento, o magnetizador poderá retirar-se da cadeia, o que muitas vezes acontece para atender particularmente algum doente possuído de crises nervosas. Em casos tais, o doente é retirado, recompondo-se a cadeia pela união mais próxima ou ligação, conforme o sistema usado, pelos dois vizinhos do enfermo afastado.

Vejamos agora o sistema empregado por Mesmer por meio do célebre *baquet*.

Todos sabem que se dava o nome de *baquet* a uma caixa circular de madeira, em que se encontravam pilhas de vidro, limalhas de ferro e garrafas cheias de água magnetizada, simetricamente dispostas. Pelos orifícios feitos na caixa, saiam hastes de ferro, as quais se uniam por meio de uma corda passada em tomo da cintura.

Medeiros e Albuquerque assim descreve como eram tratados os doentes:

Todos tomavam lugar em torno do *baquet*, e, ou se sentiam logo depois perfeitamente bons, ou entravam em convulsões: verdadeiros ataques de que frequentemente saíam curados. Estas convulsões eram as crises, que se consideravam salutares. O fluido, penetrando no organismo em desequilíbrio, produzia aquele abalo, mas acabava por fazer o seu efeito curativo. Apenas, como o número de crisiácos de grande violência era crescido, foi necessário preparar-lhes um aposento especial, todo acolchoado, onde pudessem debater-se à vontade; este aposento tornou-se célebre, sob o nome de *inferno das convulsões*. O efeito do *baquet*, como se deve ter notado, tinha a função de um condensador de força magnética, e era reforçado pelas vibrações de uma música que se fazia em sala próxima, vibrações que concorriam para melhor distribuição do fluido magnético (*Hipnotismo*, p. 5).

Deleuze, depois de mostrar as vantagens e os inconvenientes do tratamento simultâneo de muitos enfermos, preconiza a formação de pequeno *baquet* para um só doente. Na verdade, a composição de pequenos *baquets* seria admirável nos tratamentos isolados, tendo em vista principalmente a desnecessidade da presença do magnetizador, ao qual se poupariam o esforço e a fadiga (*Histoire critique du magnétisme animal*, p. 116).

Em relação ao emprego da música como processo auxiliar do magnetismo, convém assinalar que Mesmer, que tocava com perícia

harmônica, dava preferência aos instrumentos de sopro e às árias executadas em *ré menor*.

Todos os magnetizadores reconhecem que a música excita e desperta a alma, deleita os sentidos, ergue os espíritos melancólicos e deprimidos, acalma e adormece as paixões e perturbações.

16

.6

Conta-nos o Velho Testamento que: “[...] quando o Espírito se apoderava de Saul, tomava Davi a harpa e a tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio e o Espírito maligno se retirava dele.” (I *Samuel*, 16:23).

O médico inglês Richard Mead, citado pelo barão Du Potet, relata que um músico percebeu que um cão, que lhe ouvia constantemente as execuções, irritava-se de tal modo quando eram tocadas músicas de determinado tom, pondo-se a ladrar ininterrupta e desassossegadamente. Certo dia, desejando experimentar até que extremos chegaria o cão, o musicista insistiu tão longamente na execução da música, que o animal, muito sensível, pereceu, debatendo-se em convulsões (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 422).

Há pessoas que sentem efeitos particulares, ouvindo determinados instrumentos; outras há em que a intolerância e a repulsa são imediatas. De sorte que, quando se serve da magnetização acústica, é mister que o próprio paciente faça a escolha do instrumento, ou manifeste a sua preferência.

Gauthier afirma que a experiência demonstra que os sons que partem de um instrumento magnetizado produzem mais efeito do que de um que não o seja, tornando-se a ação mais viva e mais acelerada (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Por sua vez, Du Potet assevera que fez algumas experiências dessa natureza com os sonâmbulos, os quais reconheceram uma diferença muito sensível entre os sons dos instrumentos previamente magnetizados e dos

que não foram magnetizados (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 422).

Como um dos meios mais eficazes da magnetização simultânea de muitos enfermos, apontam os autores as árvores magnetizadas. Entre eles, Deleuze, o qual acrescenta:

Não porque as árvores sejam providas por si mesmas de alguma virtude, mas porque, reunindo-se várias pessoas em torno delas e em pleno ar, elas põem em circulação uma grande quantidade de fluido, que toma a direção e o tom do movimento que o magnetizador imprimiu aos da árvore (*Histoire critique du magnétisme animal*, p. 117).

Todavia, nem todas as árvores se prestam para a cura de enfermidades. Estão nesse número todas aquelas cujo suco é cáustico e venenoso.

1

6.

7

Magnetiza-se uma árvore do seguinte modo: o operador começa por abraçar o tronco, conservando-se nessa posição pelo espaço de cinco minutos, mantendo a firme vontade de transmitir-lhe seu fluido; depois, afasta-se cerca de 2 a 4 metros, conforme a altura da árvore, e dirige seus passes, com ambas as mãos, do alto para o tronco, de modo a abranger na descida os galhos mais grossos; desce em seguida as mãos para a base do tronco e daí às raízes; ao chegar às raízes, magnetiza o espaço de terra que estas ocupam, fazendo uma volta inteira em torno da árvore, para que o fluido as alcance em toda a sua extensão; terminado assim o primeiro passe, o operador se coloca no lado oposto da árvore, para fazer o segundo nas mesmas condições, continuando assim sucessiva e alternadamente pelo espaço de 30 minutos.

Essa operação deverá ser repetida durante quatro dias, à mesma hora.

Terminado o processo de magnetização, aos galhos mais acessíveis, sobretudo aos que partem do tronco, são ligados cordões ou cordas de lã que desçam até à terra, sem contudo a tocar. Esses cordões servem de condutores do fluido e são seguros pelos enfermos, que, se preferirem, poderão envolvê-los pelo corpo.

Não se pode precisar, diz Mesmer, quanto tempo uma árvore conserva o magnetismo. Crê-se, entretanto, que isso poderá alcançar muitos meses. O mais seguro, porém, é renovar a magnetização periodicamente (*Aphorismes*, p. 304).

Tornaram-se célebres os tratamentos realizados pelo marquês Puységur por meio da sua árvore magnetizada, ao pé de uma fonte, em Buzancy, França. Todos os autores tratam do assunto com os mais vivos comentários.

Puységur, a fim de atender à grande massa de doentes que o procuravam, tomou a resolução de magnetizar uma árvore, segundo os princípios do mesmerismo. Os efeitos foram surpreendentes: o primeiro doente que segurou a corda ligada aos galhos da árvore entrou inopinadamente em estado sonambúlico.

O espanto e a admiração do próprio marquês não tiveram limites e foram confessados numa carta de que nos dá notícia o abade Loubert:²⁵ “Je vous l’avoue, monsieur, la tête me tourne de plaisir en voyant le bien que je fais”.

16

.8

Deleuze, como vimos, não considera que as árvores tenham por si mesmas alguma virtude excepcional. Entretanto, a opinião de Mesmer é mais explícita, quando diz que a árvore goza de todas as virtudes do magnetismo; as pessoas são que se colocam ao pé dela, ou que a tocam, muitas vezes sentem os seus efeitos, principalmente as que já foram magnetizadas, as quais costumam ter as mesmas convulsões e as mesmas crises, como se estivessem ao lado de um *baquet* (*Aphorismes*, p. 304).

Da mesma opinião é Gauthier ao afirmar que as árvores estão carregadas de força e de vida e que, recebendo o fluido magnético, tornam-se poderosos reservatórios, sendo-lhes a ação quase sempre calmante, restabelecedora do equilíbrio nervoso e algumas vezes regularizadora da circulação do sangue (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 155).

Confirma Roustaing com estas palavras:

Ficai sabendo: os auxílios *estranhos* aos fluidos magnéticos podem servir, *combinando-se com estes*. Há simpatia entre as plantas que curam e os fluidos que para esse fim se assimilam. Aquelas se saturam destes fluidos e os levam ao organismo. Atraí-os em seguida, por meio do magnetismo humano, e obtereis duplo resultado. Eis por que os sonâmbulos lúcidos, livres, pelo desprendimento magnético, de quaisquer influências, se mostram aptos a escolher as plantas curativas.

Não desprezeis nenhum dos meios que o Senhor vos confiou para atingirdes o fim (1995, v. 2, N. 110, p. 78 e 79).

As passagens do Evangelho que encimam este capítulo nos dão conta de uma cadeia ativa ou receptiva, em que o fluido sublimado do meigo Nazareno operava sobre a multidão dos doentes e dos aflitos, restituindo-lhes a calma e a saúde.

O que não encontramos; porém, é o exemplo de uma cadeia comunicativa, em que várias pessoas de boa vontade se reúnem para aliviar os que sofrem atormentados pelas enfermidades e pelas aflições.

É curial que esse exemplo não nos desse o Evangelho, porque o Cristo não tinha necessidade de auxílio para realizar, pela sua vontade, pelo seu amor e pela sua misericórdia, as curas maravilhosas, que eram afirmações solenes de fé e de caridade.

Todavia, vendo as turbas aflitas e exaustas como ovelhas sem pastor, o Divino Mestre obtemperou que a seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos.

As cadeias comunicativas do nosso fluido, da nossa fé e do nosso amor ao próximo, esperam ainda os trabalhadores, que continuam sendo poucos. Roguemos, pois, ao Senhor da seara que nos envie sempre novos trabalhadores que nos ajudem a ter compaixão dos aflitos e dos exaustos.

Alphonse Teste (*Le Magnétisme animal expliqué*, p. 64) exclamou com razão que o Cristo resumiu por meio de dois versículos o código inteiro do magnetismo:

[...] Eles porão as mãos sobre os doentes e os doentes serão curados (*Marcos*, 16:18).

Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível (*Mateus*, 17:20).

²⁴ Nota do autor: Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*. p. 135; Deleuze, *Instruction pratique sur le magnétisme animal*. p. 91.

²⁵ Nota do autor: M. l'abbé J.-B. L. *Le Magnétisme et le somnambulisme devant les corps savants, la cour de Rome et les théologiens*. p. 205.

CAPÍTULO 14

1
7.
1

“No dia seguinte, ao saírem de Betânia, Ele teve fome, e, divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.” (*Marcos*, 11:12 a 14).

“Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. Pedro, lembrando-se das palavras do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa

tiverdes contra alguém, perdoai-lhe, a fim de que vosso Pai, que está nos Céus, também vos perdoe os pecados. Porque, se não perdoardes, também vosso Pai, que está nos Céus, não perdoará os vossos pecados.” (*Marcos*, 20 a 26).

Todos os corpos, animados e inanimados, já o dissemos, são suscetíveis de magnetização, isto é, podem carregar-se e saturar-se de fluido magnético.

Essa propriedade serve de base à magnetização indireta ou intermediária, que é a praticada com o auxílio de corpos previamente magnetizados.

1

7.

2

É um excelente acessório de que se valem os magnetizadores no tratamento das moléstias.

Todavia, é necessário proceder com muita cautela na escolha desses corpos, porque alguns, pelas suas propriedades peculiares, podem ser nocivos ao doente, e outros podem não ser bons condensadores das correntes.

Tudo, pois, pode ser magnetizado: vidro, ferro, aço, ouro, prata, lã, tecidos de algodão, madeiras, objetos manufaturados, bebidas, alimentos, medicamentos, vestes do homem e da mulher etc.

Embora a contestação de alguns autores, a seda é apontada como obstáculo à passagem do fluido. Como quer que seja, é aconselhável evitar-lhe o uso durante o tratamento (*Deleuze, Histoire critique du magnétisme animal*, p. 130).

Alguns sonâmbulos não toleram as cores preta, vermelha e violeta (*Gauthier, Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 151).

Mas, em todos esses casos, predomina ainda o princípio da observação do operador, pois aquilo que pode provocar a repulsa de um doente poderá

ser útil para outro, como tratamento adequado para os seus males.

Em regra, esses corpos, impregnados do fluido magnético, são colocados nas partes doentes, produzindo excelentes resultados. O fluido neles depositado não altera, mas aumenta a propriedade desses corpos.

A magnetização indireta ou intermediária nos levaria a reflexões mais complexas e mais profundas, pela demonstração de que o fluido universal, que se nos apresenta sob as mais sutis nuances, é a chave da explicação de muitos fenômenos supranormais.

Assim, v. g., os fenômenos da psicometria encontraram no princípio de Mesmer — de que todos os corpos da Natureza são mais ou menos suscetíveis de magnetização e, portanto, de se impregnarem do fluido — a sua explicação natural e lógica.

Folgamos em verificar que o clássico do assunto, Ernesto Bozzano (1999), não excluiu, mas admitiu clara e inequivocamente a hipótese do fluido como o *modus operandi* mais racional de toda a fenomenologia psicométrica.

Assim diz ele:

Na psicometria, muito pelo contrário, parece evidente que os objetos apresentados ao sensitivo, longe de atuarem como simples *estimulantes*, constituem verdadeiros intermediários adequados, que, à falta de condições experimentais favoráveis, servem para estabelecer a relação entre a pessoa ou meio distantes, à mercê de uma *influência* real, impregnada no objeto, pelo seu possuidor.

1

7.

3

Esta *influência*, de conformidade com a hipótese psicométrica, consistiria em tal ou qual propriedade da matéria inanimada para receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e

emanações físicas, psíquicas e vitais, assim como se dá com a substância cerebral, que tem a propriedade de receber e conservar em latência as vibrações do pensamento.

Após as experiências recentes e decisivas de Edmond Duchatel e do Dr. Osty nos domínios da psicometria, não é mais possível duvidar da realidade dessa *influência* pessoal, absorvida pelos objetos e percebida pelos sensitivos (p. 9 e 10).

E Bozzano conclui decisivamente:

Daí, o seguir-se que, para explicar os fatos, somos levados, em todos os casos, a admitir a existência de um *fluido pessoal humano*, ligando-se aos objetos.

É uma conclusão esta corroborada por tantas circunstâncias, tendentes todas a demonstrá-la, que a podemos considerara como definitivamente adquirida pela Ciência (p. 13).

A magnetização indireta ou intermediária nos poria, por igual, no caminho da magia, cujos fundamentos foram hauridos na mesma fonte.

Durante muito tempo, disse Eusèbe Salverte,²⁶ citado por Teste, “a magia dominou o mundos”, acrescentando este último que a sua história é a própria história do magnetismo (*Le Magnétisme animal expliqué*, p. 57).

De lado o exagero, é forçoso reconhecer que nos usos, nas tradições e superstições que a Antiguidade nos transmitiu, há muitas verdades que merecem analisadas e meditadas, segundo adverte Durville (*Traité expérimental de magnétisme*, v. II, p. 124).

Há muitas deturpações do magnetismo, no que se refere à magia, não só pelo sentido altruísta, mas também pelos processos postos em prática. Mas no fundo os princípios gerais são os mesmos.

1

7.

4

Alexandra David-Neel conta-nos curiosos detalhes da ação dos magos do Tibet no preparar objetos por meio dos quais procuram eliminar os seus inimigos. Mediante uma concentração do pensamento, depois de um adestramento psíquico, entendem que podem transmitir a qualquer objeto “ondas de energia”, como se carregassem um acumulador elétrico. A energia transmitida dá ao objeto uma espécie de vida, tornando-o capaz de mobilidade e, assim, apto a executar os atos que lhe tiverem sido ditados.

Assim procedem no preparo, por exemplo, de um punhal. Depois de uma concentração do pensamento, que dura vários meses, o mago transmite ao punhal a vontade de matar determinado indivíduo. Quando supõe que a arma está em estado de cumprir sua missão, procura colocá-la ao alcance do homem visado, de modo que este, infalivelmente, se vê obrigado a fazer uso dela, matando-se.

Assegura-se ainda que a arma, assim preparada, se torna perigosa para o próprio mago, que, se não tiver a habilidade necessária para defender-se, poderá converter-se em sua vítima.

Exemplos típicos dos princípios magnéticos aplicados à magia são os talismãs, amuletos, filtros etc., que, desde os mais remotos tempos, foram empregados pelos homens como defesa contra os seus inimigos ou como armas para dominar e vencer (*Místicos y magos del Tibet*, ed. castelhana, p. 252).

Cahagnet faz um estudo minucioso e sincero de todas essas práticas e, sobretudo, dos sortilégios, qualificando-as de “magnetismo de aparato, de agitações e perturbações”, que não visam ao bem da Humanidade, mas ao triunfo das paixões desvairadas, com o seu séquito de perversões e monstruosidades (*Magie magnétique ou traité historique et pratique*, p. 360).

Emmanuel nos diz que:

— Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão pela qual parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão somente os valores morais do homem na sua jornada para o perfeito (XAVIER, 2016a, q. 143).

1

7.

5

Kardec (2016a), com a síntese e a clareza de sempre, põe tudo nos seus devidos lugares:

“Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, se maus forem seus próprios Espíritos, caso em que possível se torna serem secundadas por outros Espíritos maus. Não creias, porém, num pretenso poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras Leis da Natureza. Os fatos que citam, como prova da existência desse poder, são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.” (q. 552).

“[...] Todas as fórmulas são mera charlatanaria. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.” (q. 553).

“Efetivamente, Espíritos há que indicam sinais, palavras estranhas, ou prescrevem a prática de atos, por meio dos quais se fazem os

chamados conjuros. Ficai certos, porém, de que são Espíritos que de vós escarnecem e zombam da vossa credulidade.” (q. 553-a).

“[...] Ora, muito raramente aquele que seja bastante simplório para acreditar na virtude de um talismã deixará de colimar um fim mais material do que moral. Qualquer, porém, que seja o caso, essa crença denuncia uma inferioridade e uma fraqueza de ideias que favorecem a ação dos Espíritos imperfeitos e escarninhos.” (q. 554).

“Aqueles a quem chamais feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, gozam de certas faculdades, como sejam a força magnética ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Os vossos sábios não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?” (q. 555).

Não se deve, portanto, confundir o magnetismo com a magia, que são práticas diferentes e com objetivos também diferentes.

Durville, tratando da magnetização intermediária, diz que é mais racional dizer que o movimento vibratório dos átomos do corpo que magnetiza se transmite aos átomos do corpo que é magnetizado, procurando explicar destarte o *modus operandis* da transmissão e fixação do fluido (*Traité expérimental de magnetisme*, v. II, p. 125).

1

7.

6

Em matéria de tamanha transcendência não arriscaríamos nossa humilde opinião. Mas assalta-nos ao espírito a intuição de que a explicação do fenômeno está no próprio fluido. O átomo compõe-se fundamentalmente de um próton, elemento elétrico positivo no núcleo atômico, rodeado de elétrons, elementos elétricos negativos que giram em torno do próton. Ora, como “[...] *tudo está em tudo!*” (KARDEC, 2016a, q. 33), e sendo o fluido

magnético e o fluido elétrico modificações ou transformações da matéria considerada como fluido universal, fácil é admitir novas combinações desses fluidos pelo princípio da afinidade.

Como não se manifesta nos corpos modificação alguma, pelo menos aparente, quando os magnetizam, seria difícil verificar o aumento das propriedades destes corpos, se não houvesse um meio de controle, que é o fornecido pelos sensitivos: “[...] os pacientes sensíveis sabem muito bem, no estado magnético, distinguir um objeto magnetizado de outro que não o é. [...]” (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 17 – *Da magnetização dos corpos inertes e dos acessórios que se podem empregar para as magnetizações indiretas*, it. 215).

A magnetização intermediária produz, às vezes, resultados que não se conseguiriam facilmente pela magnetização direta. E isso ocorre, embora como exceções, até mesmo com as pessoas que nunca foram magnetizadas.

A esse propósito, Lafontaine relata o seguinte fato:

Encontrava-se ele em Nápoles, nos salões do embaixador da França, M. de Rayneval. Nessa ocasião, Mme. Baudin, senhora do almirante, lhe pediu que magnetizasse um objeto qualquer, pois estava curiosa por ver o resultado que esse objeto lhe poderia produzir.

Lafontaine apanhou uma pequena caixa de ébano e prata, que se encontrava sobre uma mesa, magnetizando-a em alguns minutos. Mme. de Rayneval, que então passava pelo salão em que se achava o magnetizador, aguçada pela curiosidade, perguntou-lhe o que estava fazendo. Em face da resposta de que se tratava de um objeto magnetizado para uso de Mme. Baudin, ela pediu insistentemente ao magnetizador para que este lho entregasse. Recusar seria indelicado.

No momento em que recebeu a caixinha, Mme. de Rayneval exclamou com vivacidade: Oh! Não posso abrir a mão!... E meu braço... também não posso mexê-lo...

1

7.

7

Ocorrera o fenômeno muito comum da contratura do braço. Todos os que se encontravam no salão, cerca de 30 pessoas, aproximaram-se espantados. Cada qual se revelou mais solícito no procurar abrir a mão e estender os braços de Mme. de Rayneval, enquanto o magnetizador, ao lado, sorria... Inoperantes todos os esforços empregados. Afinal, com os passes dispersivos, a mão e o braço voltaram à situação normal, em poucos segundos (*L'Art de magnétiser*, p. 310).

Os corpos mais frequentemente usados, no tratamento das moléstias pelo magnetismo, são a água, o vidro, os tecidos, as plantas e os alimentos.

Da água trataremos em artigo separado, tal a sua importância na terapêutica magnética, atestada, pode-se dizer, pela unanimidade dos magnetizadores.

O vidro, igualmente, é considerado um excelente condensador e apontado como o corpo que mais intensamente atua no organismo humano.

Pedaços de vidro de todo tamanho e de todos formatos, como placas, campânulas, bocais etc., são colocados, depois de magnetizados, nas partes doentes.

Gauthier, de preferência, usava medalhões de vidro, que eram atados por uma fita ou cordão ao pescoço do doente, e de maneira a envolverem as partes afetadas (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 180). As experiências feitas por este e outros magnetizadores demonstraram que mui frequentemente o vidro magnetizado se prende à pele, aí se conservando durante horas, ou durante um dia ou uma noite.

Pode-se igualmente, sobretudo quando em uma situação de emergência, em que não se tenha tempo ou oportunidade de polir as bordas do vidro, ou de escolher um adequado, envolvê-lo em um tecido também magnetizado. Este processo tem a virtude de evitar qualquer perigo para o paciente.

Para magnetizar uma placa de vidro, basta segurá-la com os cinco dedos de uma das mãos, soprando quente sobre a sua superfície e fazendo, com a outra mão, passes, segundo as regras já conhecidas, pelo espaço de três a cinco minutos.

A magnetização dos óculos deve ser feita de vidro a vidro, mas separadamente. Coloca-se o polegar sobre um vidro, deixando-o aí em contato durante dois minutos, e fazendo-se, em seguida, durante igual tempo, passes do centro dos óculos para a extremidade. Procede-se da mesma maneira com o outro vidro.

17

.8

A magnetização dos tecidos para uso dos doentes é do mesmo modo eficaz no tratamento de determinadas moléstias.

Para magnetizar um lenço, um retalho de flanela ou de algodão, ou de qualquer outro tecido, basta conservá-los desdobrados na mão esquerda e sobre eles soprar quente, e com a mão direita, em seguida, fazer passes, segundo os preceitos gerais estabelecidos, pelo espaço de cinco minutos.

Para todas as dores em geral, principalmente provenientes do reumatismo e da gota, é necessário magnetizar as roupas ou vestidos, e não mudá-los senão por outros também magnetizados (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

A magnetização das vestes é feita de modo cômodo e simples: estendê-las em lugar adequado e proceder como se estivesse magnetizando partes do corpo da própria pessoa. A duração da ação deve ser pelo espaço de cinco minutos.

Pessoas há que conservam permanentemente os pés frios, principalmente durante a noite, impedindo-as muitas vezes de dormir. Nesses casos, o uso de sapatos de lã magnetizados, atraindo o calor para as extremidades, produz resultados satisfatórios.

Já verificamos que a árvore é um excelente reservatório magnético. Evidentemente, pelas mesmas razões, o são as plantas em geral.

As plantas que comumente conservamos em casa, em vasos e potes, ao mesmo tempo que se podem beneficiar com a ação do magnetismo, servem igualmente como meios acessórios na magnetização indireta.

Os doentes que guardam o leito poderão ligar aos galhos da planta cordões de lã, os quais são colocados nas partes doentes. A ação é essencialmente calmante. Magnetiza-se a planta por meio de passes com uma ou com ambas as mãos, do alto até à extremidade do vaso, durante dez minutos, à distância de 5 a 10 centímetros. Convém repetir periodicamente, à mesma hora, a magnetização, como também irrigá-la sempre com água magnetizada.

Os que ensaiam as primeiras experiências magnéticas poderão valer-se das plantas para verificar-lhes a eficácia e, ao mesmo tempo, avaliar a sua própria força. Para isso devem manter completamente separadas as plantas que recebem o tratamento de rotina e as que são tratadas pelos passes e pela água magnetizada. Não tardarão em verificar que o desenvolvimento e o crescimento das plantas magnetizadas superarão notavelmente os das não magnetizadas.

1

7.

9

Todos os magnetizadores apresentam observações positivas sobre o fato, e mais recentemente o Dr. Bertholet, por meio de múltiplas experiências (*Le Fluide des magnétiseurs*, p. 30).

Aconselhável é, por todos os motivos, a magnetização dos alimentos, quando os doentes, o que sói acontecer frequentemente, têm por eles repugnância ou intolerância.

O fluido magnético comunica muitas vezes às substâncias alimentícias e aos remédios uma qualidade que eles absolutamente não possuíam. Há

vários exemplos de pessoas que não podem tolerar o leite, mas que o bebem impunemente quando magnetizado (Deleuze, *Histoire critique du magnétisme animal*, p. 120).

Magnetizam-se os alimentos sólidos por meio de passes mui lentos, com uma das mãos, a alguns centímetros de distância, e terminando por passes mais rápidos. Basta proceder assim pelo espaço de três a cinco minutos.

A magnetização dos alimentos líquidos se faz pelo mesmo processo que o da água, de que trataremos ulteriormente.

Convém, por último, assinalar que há corpos, do mesmo modo que pessoas, que são como esponjas ao contato da água: subtraem avidamente todo o fluido magnético com espantosa rapidez, a ponto de esgotar o magnetizador, ou de prejudicar o doente, quando presentes ao ato da magnetização.

Nesses casos, não há outro remédio, diz Du Potet, senão afastá-las ou renunciar às experiências (*Manuel de l'étudiant magnétiseur*, p. 210).

A parábola do Evangelho acerca da figueira amaldiçoada nos leva a meditações sérias e profundas, no que tange ao mau uso da força magnética.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é *humana e divina*. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas (KARDEC, 2017, cap. 19 – *A fé transporta montanhas*, it. 12).

Teste, depois de afirmar que todos os preceitos do magnetismo estão resumidos em um livro divino, profere estas calorosas palavras:

Este livro é o Evangelho. E que esta alegação não vos surpreenda e nem vos escandalize, porque se acontecer que o magnetismo seja um dia aos vossos olhos, como é hoje para os meus, uma grande e bela verdade, e de todas as verdades a mais útil aos homens — não tereis mais o direito de vos espantar que o Filho de Deus, Ele mesmo, anexou as noções do magnetismo a todas as noções do justo, do verdadeiro e do belo, que Ele encerrou em seu livro (*Le Magnétisme animal expliqué*, p. 64).

Jesus fez secar a figueira, sabendo que não era tempo de figos.

Por que assim agiu o Divino Mestre?

Diz Roustaing que: “Jesus [...] dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar da figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria” (1996, v. 3, N. 248, p. 243).

A nosso ver, além das interpretações outras, a que chegaram pelo raciocínio lógico, os mestres da matéria, e a que o texto dá lugar, uma se impõe com justeza, encarado o fenômeno sob o aspecto da natureza da ação magnética: Jesus quis também significar que assim como podemos praticar o bem, podemos, por igual, abusar das nossas faculdades para a prática do mal, segundo o nosso livre-arbítrio.

“A figueira secou subitamente”, diz Sayão (2011, cap. 136), “por lhe terem sido retirados da seiva, a uma ordem mental de Jesus, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão vida à planta e os fluidos necessários à vegetação material”.

É óbvio, portanto, que estava no poder de Jesus não retirar da planta os fluidos necessários à vegetação, mas revigorá-los para curá-la da esterilidade, admitindo que esta esterilidade não fosse exclusivamente simbólica, mas efetiva e real.

17

.1

1

Entretanto, o Divino Mestre assim não fez, porque objetivava ensinar que pela fé, de coração puro, e portanto sem hesitações, nos será concedido tudo que pedirmos.

Mas advertiu também veladamente que quando orarmos — o que também equivale a dizer, quando agirmos pelo poder da nossa vontade, porque a boa ação é a melhor das preces — não devemos impulsionar, contra aqueles que nos fizeram mal, os fluidos maléficos da cólera, do ódio e da vindita, porém, perdoar-lhes para que possamos também ser perdoados, isto é, para que puros e divinos se tornem os fluidos do nosso Espírito.

26 N.E.: *Des sciences occultes ou essai sur la magie, les prodiges et les miracles.*

CAPÍTULO 15

1

8.

1

“Aquele que der de beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa.” (*Mateus*, 10:42).

De todos os corpos da Natureza, a água é o que mais completamente recebe o fluido magnético, e o recebe de maneira a chegar facilmente ao estado de saturação.

Desde a mais alta Antiguidade, a água foi considerada como elemento a que se emprestavam as mais diversas e excepcionais virtudes.

Com a tendência de divinizar todos os corpos essenciais à vida, os primeiros pagãos colocaram a água entre os principais elementos aos quais dirigiam suas orações. Segundo a Mitologia, Netuno era considerado como a divindade que presidia ao mar (Du Potet, *Traité complet de magnétisme animal*, p. 414).

Os hebreus possuíam a *água da expiação*, que era também denominada *água de separação*. Essa água era preparada com as cinzas de uma novilha

vermelha, sacrificada numa curiosa cerimônia religiosa, e servia para os males do corpo e do espírito.²⁷ Daí, sem dúvida, diz Du Potet, a origem da água benta da Igreja Romana, que se preparava com sal e o concurso de orações e exorcismos (*Traité complet de magnétisme animal*).

18

.2

Os iogues hindus entendem que a água é uma grande força restauradora do organismo humano. Partindo do princípio de que o nosso corpo é composto de 80% de água, eles ingerem, em cada dia, cerca de dois litros de água, mas o fazem aos goles, lentamente, e depois de “pranizá-la”. *Prana* vem a ser, segundo eles, o grande princípio universal de energia que penetra todos os corpos da Natureza. Para tornar a água carregada de *prana*, fazem-na passar de um copo a outro, em pleno ar, repetidamente. Aconselham também o uso da água quente, não morna, tomada principalmente pela manhã, em jejum, como um tônico e estimulante, sobretudo para os que sofrem de males do estômago.

Essa operação dos iogues, fazendo passar a água de um copo para outro inúmeras vezes, antes de tomá-la, não está de todo fora dos princípios do que se chama *magnetismo natural*.

Com efeito, Mesmer nos dá a seguinte lição:

Deve-se considerar a fluidez e a solidez como estados relativos do movimento e do descanso das partículas entre si; e nessas relações únicas encontra-se a razão de todas as formas e propriedades possíveis. Os sólidos pressupõem uma figura, e as figuras interstícios cheios da matéria menos sólida ou menos delgada; esta, consistindo em pequenas massas de forma determinada, oferece ainda interstícios para matéria mais fluida; essas divisões entre os interstícios e os fluidos se sucedem por uma espécie de gradação até à última das subdivisões da matéria, a que chamo *elementar* ou

primordial, a única de uma fluidez absoluta, em que os interstícios não estão ocupados, eis que não existe matéria mais sutil.²⁸

18

.3

Estando a mobilidade da matéria na razão inversa da falta de coesão, deve essa mobilidade corresponder à sua sutilidade: por conseguinte, a mais fluida e a mais sutil deve possuir a mais eminente mobilidade. As três ordens de fluidez que caem sob os nossos sentidos — a *água*, o *ar* e o *éter* — confirmam esta progressão. [Cumpre aqui recordar que entre o éter e a matéria elementar há séries de matéria, de uma fluidez graduada, capazes de penetrar e encher todos os interstícios.]

Cada um dos três fluidos que conhecemos pode ser *condutor de um movimento particular proporcionado ao grau de fluidez*. A água, por exemplo, pode receber as modificações do calor; o ar, todos os movimentos de vibração que o som, a harmonia e suas modulações podem produzir. O éter em movimento constitui a luz mesma. As suas modificações estão determinadas pelas formas, pelas superfícies, pelas relações das distâncias e dos lugares. Além disso, a água e o ar podem encerrar em seus interstícios partículas de uma importância específica análoga, e assim se tornarem os veículos dos corpúsculos que, mediante a sua *configuração*, são capazes de produzir tais ou quais efeitos (*Mémoire sur la découverte du magnétisme animal*, p. 64).

18

.4

A água por si mesma já é um elemento primordial à vida. Sob a ação da nossa vontade e da nossa fé podemos impregná-la de um fluido mais sutil, enchendo-lhe os *interstícios* até à saturação.

Por isso, como acessório de qualquer tratamento, os magnetizadores empregam a água magnetizada com resultados surpreendentes. Assim, não se deve, na terapêutica magnética, olvidar esse poderoso agente durante todo o tempo do tratamento de uma doença.

Deleuze, lamentando que os magnetizadores não empreguem constantemente a água magnetizada, que poderia evitar-lhes maiores trabalhos e fadigas, diz que pode dar testemunho dos efeitos maravilhosos que obteve com o seu uso, e que neles somente acreditou depois de repetidas experiências, porque chegou a temer que fosse presa de uma irresistível ilusão (*Histoire critique du magnétisme animal*, p. 120).

A água magnetizada tem a vantagem de não fazer mal e de ser ingerida facilmente pelos doentes.

Ordinariamente, segundo alguns experimentadores, a água não age senão nas pessoas que foram magnetizadas durante alguns dias. Entretanto, a água ingerida, desde o primeiro dia de magnetização, principalmente nas moléstias agudas, de um modo ou de outro, sempre produz bons resultados.

Nesse sentido, encontramos em Bué um caso elucidativo. Solicitado pela baronesa D. P., para socorrer um velho amigo, Sr. P., dirigiu-se para a residência deste, onde encontrou dedicado enfermeiro, que lhe foi logo dizendo:

O bom do homem (como ele familiarmente chamava o doente) está em maus lençóis; há muito se arrastava com dores reumáticas, que o forçavam, de vez em quando, a guardar o leito; mas há cinco ou seis meses que as coisas tinham-se complicado singurlamente; ele está de cama, sem poder mexer-se, constrangido desde a manhã até à noite, já não se alimentando e nem defecando, e o pior de tudo é que agora expelia as matérias fecais pela boca.

Ora, quando se tem 72 anos, acrescentava o enfermeiro, chegando a este ponto, há poucas probabilidades de salvação. Tudo se tem feito, entretanto, os médicos se têm sucedido, ensaiaram-se todos os tratamentos e nada de resultado. [...] receio muito que não seja o senhor melhor sucedido que os outros (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 5 – *Das causas*, 2º caso).

Introduzido no quarto, descreve o Sr. Bué o que encontrou:

Sobre uma cama, no fundo duma alcova acanhada, muito mal iluminada por uma só janela, jazia um moribundo, ofegante, contrafeito, deixando transparecer no rosto o sofrimento, e cujo olhar sem expressão volveu-se apenas, para mim, ao aproximar-me.

Em duas palavras expus o fim da visita, dizendo-lhe da parte de quem vinha; e no falar, dando à voz a mais suave vibração para vencer melhor a desconfiança que transparecia no olhar do velho, evitando a forma interrogativa para desobrigá-lo de qualquer resposta, tomei-lhe as mãos que mal se destacavam da alvura dos lençóis. Obtive, assim, naturalmente, uma relação que, pouco a pouco, pôs o meu doente em confiança e permitiu-me, alguns minutos depois, colocar uma de minhas mãos sobre o seu epigástrico.

Concentrando-me então energicamente, com o intenso desejo de aliviá-lo, apoderei-me insensivelmente da sua vontade hesitante: alguns instantes depois, seu olhar vago flutuou de minhas mãos para o meu rosto silencioso, como se procurasse compreender o que eu fazia; depois, suas pálpebras baixaram, a contração do semblante dissipou-se, a respiração menos brusca deixou de ser um lamento.

[...]

Esforcei-me, principalmente, em atuar sobre o cécum, que fazia uma saliência proeminente na fossa ilíaca direita e parecia muito tenso e doloroso, como se houvesse inflamação.

Depois dispersei os fluidos e, antes de retirar-me, magnetizei uma garrafa d'água que encontrara ao meu alcance, concitando insistentemente o Sr. P. a beber desse líquido, até à próxima visita, que lhe anunciei para o dia seguinte à mesma hora (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 5 – *Das causas*, 2º caso).

18

.6

Voltando no dia imediato, o Sr. Bué foi acolhido de muito mau humor pelo doente, que asseverava ter sofrido horrivelmente, sem dormir toda a noite, com a recrudescência notável dos vômitos.

Continua o magnetizador:

[...] Encontrei-o, portanto, pouco disposto a receber os meus cuidados; exprimiu-me, até, o receio de que o meu tratamento lhe aumentasse o sofrimento; tive, por assim dizer, que me impor e magnetizá-lo contra a vontade. Andei bem, por isso que a minha perseverança devia, como se verá, encontrar recompensa.

Efetivamente, no dia seguinte [...], aguardava-me uma verdadeira ovação; logo que apareci, o enfermeiro todo alegre correu ao meu encontro, gesticulando: “Vitória em toda a linha! Pela manhã, às oito horas, o Sr. P. fizera *três dejeções* naturais e não vomitara mais...”

[...]

[...] Mas esqueci-me de que a Rocha Tarpeia não dista do Capitólio! No dia [...] [imediato], uma tempestade formidável devia desabar-me sobre a cabeça!...

Nesse dia, à minha chegada, o porteiro e sua mulher receberam-me consternados: “Ah! senhor, exclamou ele, o doente está numa situação desoladora! Desde ontem às cinco horas da tarde, faz-se necessário colocá-lo à banca de duas em duas horas [...]. Diz que vai morrer e que o querem matar. Minha mulher e eu estamos numa dobadora; com estas idas e vindas e o serviço da casa, compreende que se isto durar muito tempo, não podemos continuar.” [...]

Durante a subida dos quatro andares, preparei-me para o acolhimento que aquelas palavras faziam prever. Mas não me passava ainda pela ideia a cena tragicômica que me aguardava.

Encontrei o doente sentado, porém muito superexcitado; já não era a atonia prostrada e choramingas dos primeiros dias; sob as mechas rebeldes dos cabelos brancos, o olhar brilhava como o fogo, com o ardor da febre; o sangue tingia levemente a região saliente do seu rosto; o pescoço estava agitado dum tremor convulso e ele, com os braços tensos para mim, parecia querer fulminar-me com a sua maldição. Com a voz que, pelo esforço visível que fazia para dominar-se, tornava-se sepulcral, dirigiu-me as mais acerbas censuras, acusando-me de haver muito liberalmente aberto à Natureza as saídas desde muito fechadas, e por ter desse modo abusado, por vaidade, sem dúvida, da minha força magnética, para pôr nesse estado um pobre velho que só tinha respiração.

18

.7

Por mais que me defendesse desta imputação, explicando-lhe que a Natureza ao chamar a si os seus direitos, age como lhe apraz e que nenhuma autoridade possuímos para regularizar o curso das coisas, ele não me quis atender.

“Sim, senhor”, repetia ele; “sim, abusastes dos vossos meios. E fizestes mal. Não podíeis contentar-vos com o maravilhoso resultado obtido em duas sessões? Não vos bastava ter sustado esses vômitos horríveis, que não conseguíamos parar? As dejeções naturais não estavam restabelecidas? [...]

Por que razão escravizar-me a esta perpétua necessidade que, dia e noite, não me deixa tréguas nem repouso? Já não posso mais, estou extenuado e sinto-me morrer.”

E, deixando cair a cabeça no travesseiro: “Não, é demais, é demais!” repetia com voz dolente.

Não era oportuno pensar em lutar contra essa excitabilidade nervosa e injustas prevenções; o alvitre mais prudente, no próprio interesse do doente, era retirar-me. Foi o que fiz (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 5 – *Das causas*, 2º caso).

Dias depois, entretanto, a cura se operara integralmente.

Os efeitos produzidos pela água magnetizada são múltiplos, às vezes mesmo até absolutamente opostos; alternativamente tônica ou laxativa, a água magnetizada fecha ou abre as vias de eliminação, segundo as necessidades do organismo, pois toda magnetização, direta ou indireta, tem por fim o equilíbrio das correntes e, conseqüentemente, o das funções. O efeito será tônico, quando houver excesso nas funções de eliminação; será laxativo, quando as funções de condensação forem exageradas.

O efeito laxativo da água magnetizada é notável e às vezes até instantâneo. Tomada em jejum e nas refeições, habitualmente, restabelece o equilíbrio das funções, fazendo assim desaparecer as prisões de ventre. E surpreendente é que a purgação pela água não abala e nem deprime; ao contrário, sente-se o doente mais animado e revigorado.

Se o uso interno da água magnetizada produz tão extraordinários efeitos, o seu uso externo não é menos eficiente. Assim, pode ela ser aplicada com os melhores resultados nas doenças da pele, como feridas, erisipelas, dertos, queimaduras etc., como também nas moléstias dos olhos.

Além dos efeitos apontados, a água magnetizada favorece a transpiração e a circulação do sangue.

A magnetização da água se opera de modo simples.

Se se tratar da água de um copo, segurar o copo com a mão esquerda e fazer com a direita, durante cerca de três minutos, imposições e passes sobre a superfície do líquido e ao longo das paredes externas do copo, convindo realizar os derradeiros passes aceleradamente e com vivacidade.

Se se tratar de uma garrafa ou de um jarro, colocar a vasilha, destampada, na mão esquerda, e fazer com a direita imposições e passes sobre a entrada do vaso e ao longo de suas paredes externas, pelo espaço de cinco minutos.

Se se tratar de um recipiente maior e que não se possa tê-lo na mão, deve-se colocá-lo sobre um móvel ou mesa, e envolvê-lo, do melhor modo possível, com os dedos abertos, durante dois minutos, fazendo, em seguida, imposições e passes com as duas mãos, pelo espaço de cinco minutos, sobre o líquido e ao longo das duas paredes externas do recipiente.

Na terapêutica magnética é muito usado o banho magnético para manter as forças do doente. Para magnetizar a água de um banho, passar a mão aberta pela superfície da água, de uma extremidade à outra da banheira, mantendo-a mergulhada cerca de três minutos; depois, estender a mão, fora da água, fazendo passes sucessivos, muito lentos, sobre a superfície do líquido, pelo espaço de 10 a 15 minutos, conforme o maior ou menor volume de água, tendo-se o cuidado de fazer o passe sempre na mesma direção (Gauthier, *Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 120).

Os espíritas têm em grande apreço a água fluidificada, que mais não é senão a água que recebe os eflúvios magnéticos do Plano Espiritual por intermédio das nossas rogativas fervorosas e sinceras.

São de Emmanuel²⁹ as seguintes palavras:

18

.9

Meu amigo, quando Jesus se referiu à bênção do copo de água fria, em seu nome, não apenas se reportava à compaixão rotineira que sacia a sede comum.

Detinha-se o Mestre no exame de valores espirituais mais profundos.

A água é dos corpos o mais simples e receptivo da Terra. É como que a base pura, em que a medicação do Céu pode ser impressa, por meio de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma, embora em processo invisível aos olhos mortais.

A prece intercessória e o pensamento de bondade representam irradiações de nossas melhores energias.

A criatura que ora ou medita exterioriza poderes, emanações e fluidos que, por enquanto, escapam à análise da inteligência vulgar, e a linfa potável recebe a influência, de modo claro, condensando linhas de força magnética e princípios elétricos, que aliviam e sustentam, ajudam e curam.

A fonte que procede do coração da Terra e a rogativa que flui do imo d'alma, quando se unem na difusão do bem, operam milagres.

O Espírito que se eleva na direção do Céu é antena viva, captando potências da Natureza superior, podendo distribuí-las em benefício de todos os que lhe seguem a marcha.

Ninguém existe órfão de semelhante amparo. Para auxiliar a outrem e a si mesmo, bastam a boa vontade e a confiança positiva.

Reconheçamos, pois, que o Mestre, quando se referiu à água simples, doada em nome de sua memória, reportava-se ao valor real

da providência, em benefício da carne e do Espírito, sempre que estacionem em zonas enfermças. Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos Espirituais, na solução de tuas necessidades fisiológicas ou dos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina, à frente de tuas orações, e espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido, com raios de amor, em forma de bênçãos, e estarás, então, consagrando o sublime ensinamento do copo de água pura, abençoado nos Céus.

27 Nota do autor: “Disse Jeová a Moisés e a Arão: Este é o estatuto da lei que Jeová ordenou, dizendo: Fala aos filhos de Israel que te tragam uma novilha vermelha perfeita, em que não haja defeito e que ainda não tenha levado o jugo. Entregá-la-eis ao sacerdote Eleazar, e ele a tirará para fora do arraial, e matá-la-ão diante dele. Eleazar, o sacerdote, tomando do sangue dela com o dedo, aspergi-lo-á sete vezes para a frente da tenda da revelação. À vista dele será queimada a novilha; queimar-se-á o couro, a carne e o sangue com o excremento, e o sacerdote, tomando do pau de cedro, hissopo e escarlata, os lançará no meio do fogo que queima a novilha. Então, o sacerdote lavará os seus vestidos, banhará o corpo em água, depois entrará no arraial e estará imundo até à tarde. Também aquele que a queimar lavará os seus vestidos em água, banhará o corpo em água e estará imundo até à tarde. Um homem limpo recolherá a cinza e a depositará fora do arraial, num lugar limpo, e ela ficará guardada para a congregação dos filhos de Israel, como a água de purificação: é oferta pelo pecado. Aquele que recolher a cinza da novilha lavará os seus vestidos, e estará imundo até à tarde; isto será estatuto perpétuo aos filhos de Israel e ao estrangeiro que peregrina entre eles. Quem tocar em algum morto, cadáver de algum homem, ficará imundo sete dias; esse purificar-se-á com esta água ao terceiro dia, e ao sétimo dia se tornará limpo; mas, se ao terceiro dia não se purificar, não se tornará limpo ao sétimo dia. Quem tocar em algum morto, cadáver de algum homem que tiver morrido, e não se purificar, contamina o tabernáculo de Jeová; essa alma será extirpada de Israel; porque a água de purificação não foi lançada sobre ele, ficará imundo, a sua imundícia ainda está nele. Esta é a lei, quando um homem morrer numa tenda; todo o que entrar na tenda e todo o que estiver na tenda estarão imundos sete dias. Todo vaso aberto, sobre que não houver pano atado, está imundo. Todo aquele que no campo tocar a alguém que for morto pela espada, ou a um cadáver, ou a um osso de homem, ou a uma sepultura, estará imundo sete dias. Para o imundo se tomarão da cinza da queima da oferta pelo pecado, e se deitarão por cima dela águas vivas dentro dum vaso. Um homem limpo, tomando hissopo, molhá-lo-á na água e o aspergirá sobre a tenda, sobre todos os vasos, e sobre as pessoas que estavam ali, e sobre aquele que tocou no osso, ou ao que foi morto, ou ao que faleceu, ou a sepultura. O limpo aspergirá o imundo ao terceiro dia e ao sétimo; purificá-lo-á no sétimo dia, e aquele que era imundo lavará os seus vestidos, banhar-se-á em água e ficará limpo à tarde. Porém, o homem que estiver imundo, e

não se purificar, será extirpado do meio da assembleia, porque contaminou o santuário de Jeová, a água de purificação não foi aspergida sobre ele; está imundo. Isto lhes será por estatuto perpétuo: quem aspergir a água de purificação, lavará os seus vestidos; e quem tocar a água de purificação, estará imundo até à tarde. Tudo quanto o imundo tocar, ficará imundo; e a pessoa que tocar essas coisas, ficará imunda até à tarde." (*Números*, 19:1 a 22).

28 Nota do autor: Convém assinalar aqui a concordância de Kardec em *A gênese*, nos seguintes termos: "A pureza absoluta, da qual nada nos pode dar ideia, é o ponto de partida do fluido universal; o ponto oposto é o em que ele transforma em matéria tangível. Entre esses dois extremos, dão-se inúmeras transformações, mais ou menos aproxima dali de um e de outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, os menos puros, conseguintemente, compõem o que pode se chamar *a atmosfera espiritual da Terra*. É desse meio, onde igualmente vários são os graus de pureza, que os Espíritos encarnados e desencarnados, deste planeta, haurem os elementos necessários à economia de suas existências. Por muito sutis e impalpáveis que nos sejam esses fluidos, não deixam por isso de ser de natureza grosseira, em comparação com os fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo se dá na superfície de todos os mundos, salvo ali diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias de cada um. Quanto menos material é a vida neles, tanto menos afinidades têm os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

Não é rigorosamente exata a qualificação de *fluidos espirituais*, pois que, em definitivo, eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De realmente *espiritual*, só a alma ou princípio inteligente. Dá-se-lhes essa denominação por comparação apenas e, sobretudo, pela afinidade que eles guardam com os Espíritos. Pode dizer-se que a matéria do Mundo Espiritual, razão por que são chamados *fluidos espirituais* (KARDEC, 2016d, cap. 14 – *Os fluidos*, it. 5).

29 Nota do autor: Mensagem sob o título *A Água Fluida*, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em sessão pública da noite de 5 de junho de 1950, em Pedro Leopoldo (MG); publicada no livro *Segue-me!...*, Casa Editora O Clarim.

CAPÍTULO 16

1
9.
1

“Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas, que se chama em hebraico Betesda, a qual tinha cinco galerias, onde em grande número se achavam deitados doentes, cegos, coxos e os que tinham ressecados os membros, todos à espera de que as águas fossem agitadas — porque o anjo do Senhor, em certa época, descia àquela e lhe movimentava a água e aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois de ter sido movimentada a água, ficava curado, qualquer que fosse a sua doença. Ora, estava lá um homem que se achava doente havia 38 anos. Jesus, tendo-o visto deitado e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou-lhe: Queres ficar curado? O doente respondeu: Senhor, não tenho ninguém que me lance na piscina depois que a água for movimentada, e, durante o tempo que levo para chegar lá, outro desce antes de mim. Disse-lhe Jesus: Levanta-te, toma

o teu leito e vai-te. No mesmo instante o homem se achou curado e, tomando de seu leito, pôs-se a andar. [...]” (João, 5:1 a 9).

Já verificamos que a água é o agente da Natureza que mais rápida e completamente absorve os fluidos. Daí, o grande valor terapêutico da água magnetizada, tanto para as moléstias internas como para as externas.

Na verdade, se detivermos a nossa atenção sobre o fato, verificaremos a realidade da afirmação, não somente no que tange aos fluidos, mas também em relação a muitas outras substâncias solúveis na água.

Outra não é a explicação das águas minerais, águas que se impregnaram, no subsolo, de substâncias minerais solúveis, formando uma grande variedade para uso terapêutico, constituídas das mais diversas propriedades e, por isso, aconselhadas também para usos diferentes.

19

.2

No Brasil, principalmente, pela sua natureza invejável, encontramos, a cada passo, sem nenhum esforço para descobri-las, as mais ricas fontes de águas medicinais, com as mais surpreendentes propriedades, quer pelos sais minerais que contêm, quer pela radioatividade que apresentam.

A água é receptiva e é também criadora.

Diz o Velho Testamento que Deus ordenou que as águas produzissem enxames de seres viventes:

Disse também Deus: Produzam as águas enxames de seres viventes, e voem as aves acima da terra no firmamento do céu. Criou, pois, Deus os grandes monstros marinhos, e todo os seres viventes que se arrastam, os quais as águas produziram abundantemente, segundo as suas espécies, e toda a ave que voa, segundo a sua espécie. [...] (Gênesis, 1:20 e 21).

Em *Nosso lar*, o interessante livro recebido pelo médium Francisco Cândido Xavier, no capítulo 10 – *No Bosque das Águas* há maravilhosos trechos que merecem aqui oportuna transcrição:

— Na Terra quase ninguém cogita seriamente de conhecer a importância da água. Em *Nosso Lar*, contudo, outros são os conhecimentos. Nos círculos religiosos do planeta, ensinam que o Senhor criou as águas. Ora, é lógico que todo serviço criado precisa de energias e braços para ser convenientemente mantido. Nesta cidade espiritual, aprendemos a agradecer ao Pai e aos seus divinos colaboradores semelhante dádiva. Conhecendo-a mais intimamente, sabemos que a água é *veículo dos mais poderosos para os fluidos de qualquer natureza*. Aqui, ela é empregada sobretudo como alimento e remédio. Há repartições no Ministério do Auxílio absolutamente consagradas à manipulação de água pura, com certos princípios suscetíveis de serem captados na luz do Sol e no magnetismo espiritual. Na maioria das regiões da extensa colônia, o sistema de alimentação tem aí suas bases. Acontece, porém, que só os ministros da União Divina são detentores do maior padrão de Espiritualidade superior, entre nós, e cabe a eles a magnetização geral das águas do Rio Azul, a fim de que sirvam a todos os habitantes de *Nosso Lar*, com a pureza imprescindível. Fazem eles o serviço inicial de limpeza, e os institutos realizam trabalhos específicos, no suprimento de substâncias alimentares e curativas. Quando os diversos fios da corrente se reúnem de novo, no ponto longínquo, oposto a este bosque, ausenta-se o rio de nossa zona, conduzindo em seu seio nossas qualidades espirituais.

[...]

— O homem é desatento, há muitos séculos [...]; o mar equilibra-lhe a moradia planetária, o elemento aquoso fornece-lhe o corpo físico, a chuva dá-lhe o pão, o rio organiza-lhe a cidade, a presença da água oferece-lhe a bênção do lar e do serviço; entretanto, ele sempre se julga o absoluto dominador do mundo, esquecendo que é filho do Altíssimo, antes de qualquer consideração. Virá tempo, contudo, em que copiará nossos serviços, encarecendo a importância dessa dádiva do Senhor. Compreenderá, então, que a água, como fluido criador, absorve, em cada lar, as características mentais de seus moradores. A água, no mundo [...], não somente carrega os resíduos dos corpos, mas também as expressões de nossa vida mental. Será nociva nas mãos perversas, útil nas mãos generosas e, quando em movimento, sua corrente não só espalhará bênçãos de vida, mas constituirá igualmente um veículo da Providência Divina, absorvendo amarguras, ódios e ansiedades dos homens, lavando-lhes a casa material e purificando-lhes a atmosfera íntima (XAVIER, 2016b, grifo nosso).

Já tratamos da eficácia dos banhos em água magnetizada e indicamos também processo geralmente seguido para a sua magnetização.

Seria igualmente possível a magnetização da água contida em uma piscina?

Respondem pela afirmativa alguns autores, entre os quais Mesmer e Gauthier, Mesmer estabelece o seguinte processo de magnetização: com um bastonete de vidro, ou qualquer outro condutor do fluido, traça-se uma linha na água, seguindo-se pela margem da piscina de leste para o norte e de oeste para o norte, e, depois, de leste para o sul e de oeste para o sul (*Magnétisme animal. Mémoires et aphorismes*, aforismo 307).

Gauthier, por sua vez, alvitra que, se a piscina é cercada de árvores, o uso dessas árvores, depois de convenientemente magnetizadas, pode servir para a magnetização da água da piscina, por meio de cordas ligadas aos ramos e ao tronco, e introduzidas na piscina (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 202).

Como se deve encarar a narrativa de João no tocante à piscina de Betesda? Seria por ação do magnetismo espiritual que as águas se agitavam? Seria por ação do mesmo magnetismo que as curas se realizavam?

Nada se poderia acrescentar, em resposta a essas perguntas, aos comentários da obra de Roustaing:

Abalos vulcânicos por vezes agitavam aquela fonte. Suas águas, tornadas tépidas por um efeito térmico, eram apropriadas à cura de certas moléstias. Desconhecendo a causa do fenômeno, os homens de então o atribuíam a uma ação “milagrosa”.

Havia exagero da opinião pública.

Quanto às épocas em que o fenômeno se produzia, nada tinham de regulares. A aproximação delas era pressentida por um ligeiro movimento na superfície da água. É que pequenos abalos a encrespavam algum tempo antes que fosse agitada pelas matérias calcárias, que a invadiam por ocasião das erupções subterrâneas.

Aquele que primeiro entrava na piscina, diz a narração evangélica, depois de ter sido fortemente movimentada a água, ficava curado de qualquer doença de que sofresse. Como nem sempre a cura fosse obtida, deduziram desse fato que, para que ela se operasse, eram necessárias determinadas condições.

Curavam-se os que mergulhavam com fé na piscina. Os que se achavam atacados de moléstias para as quais aquelas águas tinham aplicação curavam-se, auxiliados pelo magnetismo espiritual. Aqueles para cujas enfermidades elas nenhuma eficácia apresentavam eram curados *direta e unicamente* por efeito *desse*

magnetismo. Atraídos pela fé ardente com que esses enfermos ali iam, os Espíritos do Senhor exerciam sobre eles, invisivelmente, a ação magnética, servindo-se de fluidos apropriados à natureza da moléstia de que se tratava e desse modo produziam a cura.

Sabeis o que a fé pode alcançar. De fato, aquele que mergulhava na água, cheio de confiança, de reconhecimento e, mais que tudo, de submissão aos decretos da Providência, podia contar com a sua cura. Porém, ainda mais talvez do que atualmente, os que buscavam a piscina se limitavam, na sua maioria, a acompanhar a corrente, a cumprir uma mera formalidade, dominados pelo egoísmo, que não permitia se elevassem os Espíritos e rendessem graças àquele que é o autor de todos os dons perfeitos.

19

.5

Daí, não conseguirem muitos doentes curar-se, o que deu lugar à crença de que a cura dependia de uma condição especial. Por seu lado, os anciões e os doutores para evitarem a confusão e o tumulto que resultavam de quererem todos os doentes entrar na piscina, se aproveitaram daquela suposição e fizeram crer que só obtinha a cura o que primeiro entrava, donde a reputação que as águas de Betesda conservaram.

De modo que, havendo sempre doentes apressados e sucedendo, portanto, que muitos mergulhavam ao mesmo tempo, cada um julgando ser “o primeiro”, se alguns se curavam, era pela razão de que, por terem molhado seus corpos no mesmo instante, todos esses tinham sido *cada um o primeiro*. Se a cura não se dava, isso não podia provir senão de que os não curados, embora parecendo ter mergulhado ao mesmo tempo, só o haviam feito sucessivamente,

sem que tivessem sido *cada um o primeiro* (2008b, v. 4, cap. 5, N. 14, p. 240 e 241).

É possível a ação do homem sobre si mesmo?

Evidentemente é. E a isto se chama automagnetização ou ipso magnetização.

O processo é o mesmo. Usam-se na automagnetização as imposições, os passes, as fricções e insuflações.

É bem de ver que nem sempre é fácil agir sobre determinadas partes do próprio corpo, o que torna, por conseguinte, muito restrita a sua aplicação. Por igual, é impossível a aplicação quando o indivíduo já está dominado pela doença, em estado de fraqueza ou debatendo-se em febre. Assim como não podemos e não devemos, em situação de doentes, magnetizar os nossos semelhantes, assim, também, não nos podemos magnetizar a nós mesmos, em tal estado, porque a ação daí resultante seria completamente inoperante.

De sorte que a automagnetização é mais útil e proveitosa quando aplicada preventivamente contra as enfermidades, ou quando, em tempo, se presente a aproximação do mal.

19

.6

Por isso, Gauthier aconselha que os magnetizadores tenham sempre em sua casa um vigoroso arbusto magnetizado e um reservatório de água magnetizada, como também outros objetos usados para a magnetização intermediária, a fim de que se previnam contra todas as eventualidades (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 437).

O mesmo autor asseverou: “Devo à ação magnética, exercida sobre mim mesmo, a conservação de minha saúde muitas vezes comprometida por longos e penosos trabalhos.”

No mesmo sentido dá seu testemunho Alphonse Bué:

Tem-se dado comigo comigo mais de cem vezes, e diariamente ainda me acontece, restabelecer em poucos momentos as minhas funções perturbadas por qualquer circunstância fortuita, e é graças à automagnetização, não hesito em acreditar, que me tem sido possível prosseguir, sem um só momento de parada, durante mais de vinte anos, em trabalhos bastante penosos e difíceis; tenho evitado muitos defluxos, fazendo-os abortar em seu começo, e tenho atenuado consideravelmente as consequências de acidentes, tais como quedas, ou queimaduras (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 15 – *Da automagnetização*, it. 204).

Todavia, sobre a automagnetização cumpre advertir que não se deve recorrer a esse processo, senão quando absolutamente seguro do que se faz, conhecendo-se as crises habituais provocadas pela magnetização e os efeitos que, em regra, ela produz.

Na vida, encontramos o perigo a cada passo, mesmo nas coisas mais simples e inocentes. O que nos cumpre é manter sempre a nossa vigilância de conformidade com o meio e com as atividades que exercemos.

Contudo, o magnetismo não poderia fazer exceção à regra geral. Ele oferece inconvenientes e perigos em mãos inábeis e quando exercido por indivíduos de moralidade duvidosa, ou perversos. Voltaremos ao assunto oportunamente.

No momento, apenas fazemos a advertência em relação à automagnetização, citando um dos muitos exemplos encontráveis nos tratados de magnetismo.

Esse exemplo é relatado por Du Potet. É o seguinte:

1

9.

7

Um jovem estudante de Direito, testemunha dos cuidados que eu prodigalizava a sua mãe paralítica, pôs-se a repetir, a sós, em seu quarto, e sem que ninguém o soubesse, os gestos que eu fazia durante a magnetização. Ele se exercitou, assim, durante vários dias, voltando sobre si mesmo as mãos, antes de deitar-se. Sobreveio, em breve tempo, uma exaltação moral, que não se sabia a que atribuir, e, em seguida, um delírio furioso, que exigiu o chamamento de um médico e o emprego imediato da camisa de força. Suas forças eram sobre-humanas, e do mesmo modo se podia falar da sua linguagem. Ele espantava e surpreendia, confundindo a razão, pelas improvisações acerca de assuntos que ninguém seria capaz de supor que ele houvesse assim aprofundado. Ria-se da Medicina, dizendo-se menos louco do que ela, e que ele se curaria quando bem o quisesse, sem intervenção de qualquer pessoa ou de remédios, que, de resto, nenhuma ação teriam sobre ele. Sangrias, banhos e outras providências de nada valeram; seu estado parecia alarmante; o delírio não havia diminuído. Fui convocado para examiná-lo.

Ao magnetizá-lo, ele fez voltar sobre si mesmo suas próprias mãos, posto que estivessem envolvidas, e levava sua ação magnética até o plexo solar, isto é, à altura da boca do estômago. Travava-se assim uma curiosa luta entre duas vontades, duas ações, dois fluidos. Eu o acalmava por momentos; mas ele próprio destruía essa calma, essa sonolência, que os meus passes lhe produziam. E, seguro do seu poder, ria-se dos meus esforços. Foi, então, que ele me confessou a causa dos seus distúrbios, e como os havia produzido, sem que, entretanto, pudéssemos obter a promessa de que não mais se entregaria a esse perigoso exercício.

Nesse estado, era presa de febre nervosa, possuído de faculdades surpreendentes, cujo valor ele próprio sabia apreciar. Nenhum raciocínio, nenhum argumento ficava sem resposta; nada lhe parecia desconhecido, rejubilando-se com o espanto que causava aos

circunstantes por essa superioridade intelectual, que não era deles conhecida.

Ele passou assim cerca de quatro dias, com a língua seca, os olhos inflamados, e sem nada comer. Foi necessário transportá-lo para uma Casa de Saúde, onde lhe aplicaram duchas. Regressou calmo, tranquilo, e foi finalmente curado — não pelas duchas, ficou sabendo, mas porque não recebeu mais a excitação que ele próprio provocara com os seus passes. Cessando a causa que a produzia, cessou conseqüentemente o efeito (*Manuel de l'édudiant magnétiseur*, p. 260).

19

.8

Por meio de sugestões, Du Potet acabou transmitindo ao moço estudante a convicção de que nada houvera acontecido. E, concluindo, afirmou:

Esse pobre rapaz não possuía senão faculdades intelectuais muito limitadas, e a extraordinária força muscular, de que se achava possuído durante o delírio, havia igualmente desaparecido (*Manuel de l'édudiant magnétiseur*, p. 260).

Já dissemos acima que, na automagnetização, se usa o processo comum de magnetização que recomendamos nos capítulos anteriores deste livro. Assim, pode-se atuar sobre o conjunto do organismo, da cabeça aos pés, por meio de imposições e passes, segundo as regras já conhecidas. Pode-se do mesmo modo agir parcialmente sobre todas as partes do corpo ao alcance da mão e do nosso sopro.

CAPÍTULO 17

20

.1

“Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é venerável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude e se há algum louvor, seja isso o que ocupe os vossos pensamentos. O que também aprendestes, recebestes e ouvistes de mim e em mim vistes, isso praticai; e o Deus de paz será convosco.” (*Epístola de Paulo aos filipenses*, 4:8 e 9).

Já vimos que o magnetizador deverá revestir-se de toda a atenção, concentrando-a ao mais alto grau, de modo que a sua vontade não sofra solução de continuidade. Por igual, deverá obedecer aos princípios gerais da magnetização, mantendo sempre firme o seu grande desejo de fazer o bem, escudado na sua fé.

Lembre-mos de que nem sempre nos é dado realizar o nosso desejo. Poderá isso provir de nós mesmos, da nossa impureza, da nossa pouca fé, da nossa fraqueza, como também poderá provir do paciente, que não se encontra em situação de receber a assistência espiritual necessária para a boa recepção dos fluidos e, conseqüentemente, para a sua cura.

Todavia, quando não nos é dado curar, poderemos, contudo, aliviar os sofrimentos dos nossos semelhantes.

Mas estará o magnetismo isento de perigos? Poderá ser nocivo ao magnetizador ou ao magnetizado?

Já antecipamos em capítulos anteriores alguns casos em que o magnetismo não deve ser aplicado, como também os males que poderão advir para o próprio operador invigilante, acrescentando que os escolhos da magnetização são os mesmos da mediunidade em geral.

20

.2

Voltamos agora ao assunto para completar as nossas considerações.

Em relação à pessoa do magnetizador, devemos acentuar desde logo os perigos a que se expõe pelos excessos da prática magnética, sem o necessário descanso e sem o preparo físico aconselhado para o dispêndio das suas reservas fluídicas.

Daí resultam consequências graves, que poderão levar aos centros nervosos um desequilíbrio completo, quando não afetem outras partes do organismo, como, dores na articulação e nos plexos.

Os adolescentes não devem magnetizar, não porque lhes falte a força necessária, mas porque, na idade de crescimento em que se encontram, o fluido que despendessem far-lhes-ia falta para o seu próprio desenvolvimento.

Seria impossível fixar com segurança o limite máximo de idade em que se deve magnetizar, porque isso depende de cada caso, e, portanto, é variável conforme o estado hígido de cada indivíduo. Entretanto, alguns autores aconselham que não se deve magnetizar depois dos 60 anos.

Como quer que seja, não nos esqueçamos nunca de que o magnetizador depende muita energia e que se cansa muito mais do que geralmente se pensa. É necessário possuir uma constituição e uma saúde excepcionais

para que se possa magnetizar uma dezena ou mais de pacientes em um só dia.

Assim, o operador deverá precipuamente fiscalizar seu próprio organismo, observar detidamente a sua resistência e as suas possibilidades, e nunca abusar do exercício magnético.

Em relação, pois, ao magnetizador, além dos atributos de ordem moral, da firmeza absoluta de caráter, do regime de sobriedade que deve seguir sempre e da higiene física e espiritual que deve observar, conforme acentuamos em capítulo anterior, é aconselhável agir sempre com prudência.

Gauthier, depois de ter meditado longamente no juramento de Hipócrates para uso dos médicos, escreveu um outro para o magnetizador, assim concebido:

Pela minha honra e minha consciência, diante de Deus e dos homens,

Prometo ensinar a todos indistintamente os princípios da arte de curar os doentes pelo magnetismo, e instruí-los na prática, depois que tiverem, por sua vez, prestado este juramento.

Juro que cogitarei exclusivamente da saúde dos doentes postos sob a influência das minhas mãos, que estimularei neles a ação da Natureza, secundando-a e sem jamais contrariá-la, evitando todos os atos imprudentes e nocivos.

20

.3

Nunca exporei os sonâmbulos à curiosidade pública; não farei com eles nenhuma experiência contrária à sua cura.

Tudo o que me for dito em estado de sonambulismo, e que nunca deverá ser repetido, ficará para todos em segredo e será para mim

um depósito sagrado.

Onde quer que seja chamado, respeitarei as senhoras e moças; não as seduzirei, nem tentarei seduzi-las; sairei puro, sem ousar qualquer ação desonesta.

Se, em minha prática, descobrir qualquer meio de fazer o mal, não o divulgarei; e, àqueles que vierem a mim para aprendê-lo, recusarei torná-lo conhecido.

Manterei este juramento com fidelidade, sem violar um só dos seus enunciados; se fizer o contrário, se perjurar, que eu seja punido pela perda de minha reputação e pelo desprezo público (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 59).

Os perigos e os acidentes do magnetismo, via de regra, são provenientes dos experimentadores curiosos, que agem sem as necessárias cautelas e sem conhecimento dos princípios em que ele se funda, e dos quais não se pode afastar impunemente.

Na literatura sobre magnetismo encontramos a cada passo exemplos de acidentes devidos à imprudência e à ignorância dos experimentadores. Um deles é relatado por Lafontaine, e merece citado:

Na cidade de Mans, França, após uma refeição, ou seja, numa ocasião de todo inoportuna, pois não se deve perturbar a digestão com a prática magnética, diversas pessoas resolveram ensaiar o magnetismo. Apresentou-se como paciente um dos convivas, indivíduo forte e muito sanguíneo, e como operador um outro, que havia assistido às lições do próprio Lafontaine.

Iniciada a magnetização, não tardaram os primeiros efeitos. O magnetizador redobrou a sua ação e o acidente então surgiu. O paciente, angustiado, com distúrbios na respiração, tornou-se vermelho, depois azul, e rolou da cadeira para o assoalho, pesadamente. O operador perturbou-se e os presentes, cada qual mais assustado, fugiram. Felizmente, Lafontaine, avisado imediatamente da ocorrência, compareceu de pronto.

“Ataquei” — diz ele — “fortemente as carótidas, fiz refluir o sangue que se acumulava na cabeça, conseguindo despertar o magnetizado que se encontrava em síncope. Combati a seguir as desordens causadas pelo distúrbio da digestão; por meio de passes sobre o peito e o estômago, e insuflações quentes, acalmei as contrações; em meia hora o mal estava reparado. Fiz o paciente beber um copo d’água magnetizada para restabelecer a calma e destruir todas as desordens provocadas” (*L’Art de magnétisme animal*, p. 69).

Precisamente para evitar esses acidentes, Deleuze advertiu que toda experimentação deverá ter um fim útil e não a satisfação de uma curiosidade (*Histoire critique du magnétisme animal*, p. 69).

Mas nem sempre os acidentes podem ser atribuídos à imperícia ou à leviandade. Casos há em que eles ocorrem naturalmente, mas o operador sagaz, quando não os possa evitar, por surgirem de inopino ou por qualquer circunstância fortuita, conhece, pelo menos, os recursos para combatê-los com êxito, sem perder a calma tão necessária sempre em face do imprevisto.

Há, porém, pessoas, v. g., tão sensíveis à ação magnética, que, no curtíssimo espaço de 20 a 30 segundos, são presas de crises profundas, de uma agitação que poderá prolongar-se por muitas horas, rebelando-se contra todos os recursos de que o operador venha a lançar mão. Em casos tais, diz Du Potet, o único recurso é renunciar ao tratamento, porque todos os processos reconhecidos e proclamados como eficazes, para debelar esses estados, outra coisa não fazem senão aumentá-los de intensidade. O recurso mais seguro é afastar-se o magnetizador e esperar que uma modificação se opere naturalmente (*Manuel de l’étudiant magnétiseur*, p. 212).

Esses casos, felizmente, são excepcionais e ocorrem, por igual, na Medicina, pois há doentes cujos órgãos se irritam com a ingestão da mais inofensiva substância.

Um exemplo de acontecimento fortuito e inesperado, pondo em risco a vida do paciente, oferece-nos igualmente Lafontaine.

Tratava-se de uma jovem posta em estado sonambúlico, na presença de médicos e de outras pessoas de responsabilidade. Uma das senhoras presentes havia estabelecido contato com a sonâmbula, a quem se achava ligada pelas mãos. Em dado momento, partiram da rua gritos alarmantes de incêndio. A senhora em contato com a sonâmbula, abandonando a mão desta, pôs-se a exclamar: *Fogo! Ó meu Deus! Salvemo-nos!* Naquele estado de extrema sensibilidade, que é o estado sonambúlico, a jovem foi tomada de um terror tão violento, que se manifestaram desde logo os sintomas evidentes de um ataque de apoplexia. Percebendo a gravidade do caso, um dos médicos se lançou para a sonâmbula, de bisturi em punho, pronto para sangrá-la. Lafontaine, porém, subitamente interveio, atacando com decisão a carótida e as jugulares, detendo o curso do sangue para a cabeça, acalmando em seguida a jovem por meio de passes, conseguindo afinal despertá-la sem outros acidentes (*L'Art de magnétisme animal*).

20

.5

O experimentador não deve ser timorato, mas cauteloso. Conhecendo suficientemente os princípios do magnetismo e, portanto, os fenômenos que este pode produzir, nada deve temer. Ele tem em suas mãos todos os recursos necessários para enfrentar as situações imprevistas.

Por isso, Bué, adverte que:

[...] cumpre fazer um exame de si próprio e refletir maduramente: considerando o objeto a que se propõe, que é curar, como um verdadeiro sacerdote, é necessário tomar a resolução de imprimir a todos os seus atos o mais correto procedimento, as mais puras intenções, uma inteira discrição, uma dedicação absoluta e só empreender o tratamento quando se está certo de levá-lo a bom termo nas condições exigidas (*Le Magnétisme curatif – Manuel*

technique, v. 1, cap. 2 – *Das condições necessárias para magnetizar*, it. 33).

Entre os muitos fenômenos resultantes do magnetismo, um há que merece detida atenção, por se enfileirar entre os chamados perigos morais — o da atração dos sexos.

Embora se trate de fenômeno muito raro, Teste é de parecer que os magnetizadores não devem ocultá-lo, mas antes devem revelá-lo com toda a franqueza e verdade, como um dever de consciência, cumprindo aos experimentadores honestos conhecê-lo em toda a sua extensão, para se precatarem contra as suas consequências (*Le Magnétisme animal expliqué*, p. 264).

20

.6

E a esse propósito, Teste nos conta o caso de uma senhora da alta sociedade parisiense, que o procurara, certa vez, para submeter-se ao tratamento magnético:

Madame X. tinha então cerca de 28 anos. Nossa entrevista ocorreu com toda a naturalidade. As pessoas que me conhecem sabem que sou com os meus doentes, particularmente com aqueles que vejo pela primeira vez, de uma polidez antes reservada que expansiva. Tratava-se de uma afecção reumática do joelho direito, com dores vivas ao menor contato, e que havia resistido a todos os recursos da Medicina [Teste era médico], aconselhados para casos semelhantes, num tratamento que se prolongava já por três anos.

No dia seguinte, à hora aprazada, compareci na residência de Madame X. para a primeira sessão. A doente, que sofria um pouco, recostou-se num canapé e eu me assentei. Embora me tivesse declarado ser nervosa e de excessiva impressionabilidade, ela possuía todas as aparências de boa saúde e era de forte compleição;

mas o tom frio, cerimonioso, refletido, com que me fez essa confiança, parecia desmenti-la. Em breve, porém, tive ocasião de verificar-lhe a sinceridade.

Achei sempre que a ação geral favorece a magnetização, ainda mesmo quando se pretende fazer uma aplicação local. Por isso, comecei por alguns passes da cabeça aos pés. À medida que os passes eram feitos, a doente se inclinava imperceptivelmente para mim, sem dizer uma palavra, sem ensaiar sequer um gesto, e sua atitude, até o fim da sessão, foi de absoluta impassibilidade. Senti nas extremidades dos dedos um formigamento, o formigamento característico que dizem os doentes experimentar, e cuja intensidade me pareceu sempre proporcional aos efeitos produzidos. A sessão durou cerca de meia hora. Os dez primeiros minutos foram consagrados aos grandes passes longitudinais; durante o resto do tempo agi exclusivamente sobre o joelho doente, conseguindo eliminar as dores.

Terminada a sessão, Madame X., interrogada por mim sobre o que havia experimentado, não acusou nenhuma sensação particular, salvo a cessação das dores locais, ao mesmo tempo que manifestava uma tendência para o repouso, o que era natural com a supressão do sofrimento. A isso ficou limitada a nossa conversa, ficando designado o dia seguinte, às mesmas horas, para a segunda sessão.

20

.7

No dia seguinte, tendo saído muito cedo, soube, ao regressar, que uma jovem senhora se havia apresentado em minha casa. Pela descrição que me foi feita dessa senhora, não tive dúvidas de que se tratava da minha doente do dia anterior. Minha criada, em virtude do

ansioso desejo que a matinal visitante havia manifestado em ver-me, e da contrariedade extrema em não encontrar-me, disse-lhe que eu podia ser visto no escritório de publicações que dirigia. Com efeito, ela se dirigiu para a administração da *Enciclopédia do Século XIX*, onde já me não encontrou. Disseram-lhe aí que eu poderia ser avistado na tipografia, para onde imediatamente seguiu, não tendo, porém, tido a sorte de encontrar-me.

Bem é de ver o meu grande espanto ao tomar conhecimento dessa insistente procura. Que ocorrera? Teria acontecido alguma desgraça? Mas essa infatigável criatura, entretanto, não estava morrendo e nem estava morta. Urgentes ocupações não me permitiam dirigir-me imediatamente para a sua residência. Resolvi escrever-lhe. O empregado encarregado de levar-lhe minha carta regressou com esta resposta estranha e lacônica: “Tenho necessidade de ver-vos,” Para as pessoas alheias à prática do magnetismo, esta explicação se tornaria incompreensível. Entretanto, eu a compreendi e me precatei.

À noite, à hora convencionada, apresentei-me em casa de Madame X. Ela me confessou que desde às sete horas da manhã contava impacientemente os minutos; mas, mau grado esta confissão muito significativa, e as marchas e contramarchas da manhã, minha doente estava ainda mais cerimoniosa do que na véspera. Felizmente para ela, eu me apercebera em tempo da natureza da influência involuntária que eu exercia, e da necessidade de combater essa influência por meio de um remédio decisivo.

— Fiquei apreensivo, Madame — disse-lhe sem afetação —. Receava, em verdade, encontrá-la mais doente e que o magnetismo lhe tivesse agravado o mal.

— Não me fez bem nem mal — disse ela, rindo.

— Que tinha, pois, para pressurosamente me comunicar?

Ela abaixou os olhos, sem responder. E como eu insistisse, disse, corando:

— Peço-vos, senhor, não mo pergunteis.

Confirmava-se destarte o que eu já sabia. Senti-me, então, em grande embaraço quanto à atitude a tomar. Recomeçar a magnetização, seria agravar o mal; abster-me, sem uma explicação delicada, e que no momento não me ocorria, não seria de bom alvitre. Opinei por um meio termo, que me pareceu ser uma solução razoável: abstive-me dos passes gerais para não afetar os centros nervosos e limitei-me a magnetizar o joelho, o que fez desaparecerem as dores, que haviam voltado, em consequência do excessivo esforço realizado durante a manhã. A sessão durou ao todo 20 minutos. Retirei-me logo depois.

20

.8

No dia seguinte, recebi uma carta menos lacônica, mas muito mais expressiva do que a primeira. Uma visita e duas magnetizações, ao todo uma hora e meia, haviam sido suficientes para despertar em Madame X. uma incrível intimidade. “Ela me *amava*, sem saber o porquê, como se ama um velho amigo etc.”.

Essa carta singular terminava por uma injunção alarmante — de me transportar incontinenti para junto dela. E isso eu fiz, porque a moralidade não exclui a polidez. Depois de alguns minutos de explicações, disse-lhe que um acontecimento imprevisto me forçava a deixar Paris naquele mesmo dia, por um lapso de tempo, cuja duração seria impossível prever no momento, e que, além disso, me havia enganado sobre a natureza da sua doença, chegando à conclusão de que o magnetismo não era indicado e aconselhado para o caso. Teria Madame X. me compreendido inteiramente? Ignoro.

Todavia, nunca tive ocasião de me defrontar com uma senhora no estado de estupefação em que ela ficou... Ela me estendeu as mãos e chorou copiosamente, eu me retirei para nunca mais a ver.

Quatro meses depois, dela recebi o seguinte bilhete: “O magnetismo, senhor, é uma coisa horrível. Ele me custou dois meses de contínuos tormentos; mas, em compensação, vos trouxe dois amigos, de cuja dedicação podereis valer em qualquer ocasião: meu marido e eu”.

Em contato, depois dessa época, com diversos compatriotas de Madame X., fiquei sabendo que a moralidade dessa dama passava em seu país por ter sido sempre irreprochável. O que posso dizer, com toda a convicção, é que a súbita expansão de um sentimento, nascido no curto prazo das nossas relações, daria azo a que o mundo a acusasse de um crime, sem nenhuma atenção para a sua honra.

Essa dama estava submetida à influência de um poder desconhecido. Entre ela e mim, sem dúvida, a Natureza havia estabelecido uma espécie de afinidade que, desenvolvida pela ação magnética, se tornou, desde o primeiro dia, uma invencível atração.

20

.9

A observação do mundo moral oferece a cada instante exemplos desses sentimentos instantâneos, que não se justificam nem pela razão, nem pelos encantos físicos dos que no-los inspiram.

E Teste termina a sua narrativa, que constitui uma séria advertência aos magnetizadores em geral, afirmando:

O fenômeno tão caracterizado da atração moral, de que Madame X. nos forneceu um exemplo admirável, é felizmente muito raro. Digo felizmente, porque, se o magnetismo produzisse frequentemente semelhantes resultados, o mal que procederia do seu emprego

excederia o bem que ele pode produzir, e seria, portanto, sensato abandonar a sua prática (*Le Magnétisme animal expliqué*).

Outros acidentes de pequena monta poderão surgir durante a magnetização, principalmente nos primeiros minutos, como contraturas musculares, dispneia, ranger de dentes, riso convulsivo, lágrimas abundantes, palidez com transpiração abundante, forte pressão na cabeça etc.

Em casos tais, o magnetizador deve usar os passes dispersivos para restabelecer o equilíbrio e acalmar o doente, para depois prosseguir na sua ação. Moutin aconselha para combater esses acidentes massagem geral, da cabeça aos pés, sopro frio sobre a fronte e sobre o coração, além de passes transversais dirigidos para a testa e para o peito (*Le Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spiritualisme moderne*, p. 51).

Já acentuamos que o magnetizador não deve provocar o sonambulismo. O abuso de provocar esse estado, sobre ser nocivo, criou uma atmosfera de prevenções contra o magnetismo. Não há necessidade desse expediente na terapêutica magnética. Se o estado sonambúlico sobrevier naturalmente, então o operador, com as cautelas que serão indicadas quando tratarmos especialmente desse assunto, poderá tirar partido da situação, mas tão somente no que tange ao tratamento da moléstia, seguindo as prescrições estabelecidas pelo próprio sonâmbulo, mas nunca para interrogatórios meramente especulativos, que nada visam senão à satisfação de uma curiosidade, com evidente sacrifício do enfermo.

CAPÍTULO 18

2

1.

1

“Exercer o curandeirismo:

- I. prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;
- II. usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;
- III. fazendo diagnósticos.

Pena – detenção de seis meses a dois anos.”
(IMBASSAHY, 2002, *A Lei*, it. A Lei e a Pena).³⁰

Estranharão por certo os nossos leitores que as palavras colocadas no alto deste capítulo não sejam como aquelas outras citadas nas lições do Divino Mestre e dos seus discípulos, e de que habitualmente nos temos servido para roteiro da nossa dissertação.

Na verdade a Lei Divina nos aconselha:

Ide, antes, em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; ide e pregai, dizendo: o Reino dos Céus está próximo; curai os doentes,

ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios, dai de graça o que de graça recebestes (*Mateus*, 10:6 a 8).

A lei terrena nos contrapõe, pela boca dos seus autorizados intérpretes:

Permitir que um comerciante, um taverneiro, um operário, um engenheiro, um electricista, um motorista, sem habilitação médica, se arrogue a faculdade de curar, de receitar, de diagnosticar, sob pretexto de que é espírita, age sob a influência do sobrenatural, mediunizado, coisa é que o senso comum repele e nenhum país civilizado admite.

21

.2

A tolerância no caso, sobre ser um acoroçoamento à obra do embuste e da fraude... ainda representaria um singular privilégio, que se concederia a uma crença ou doutrina que se presume detentora de todas as verdades terrestres e ultraterrenas.³¹ (IMBASSAHY, 2002, *O Acórdão da Primeira Câmara*).

De sorte que o fundamento das decisões judiciais não está só e aparentemente na proibição da cura do doente por parte de quem não possua um diploma regularmente expedido pelas nossas faculdades de Medicina.

A parte expositiva de todos os julgados atinentes à espécie em exame é pródiga de digressões contra o Espiritismo, eis que essa doutrina interpreta com fidelidade as lições do Cristo, que se contrapõem às lições dos códigos:

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos (*Mateus*, 22:37 a 40).

Nessa lei de amar o próximo encontram os espíritas o verdadeiro roteiro da sua conduta cotidiana. Pelo magnetismo espiritual nada mais fazemos do que, pela nossa fé e pela nossa vontade, cumprir a Lei Divina, aliviando física e espiritualmente os nossos irmãos que sofrem.

E quando replicamos que a sanção da lei, tal como está sendo interpretada, impede a prática do Espiritismo, que outra coisa não é senão o Cristianismo Redivivo, o Cristianismo puro que não se deformou ao contato das seculares galas e das ostentações enganadoras do mundo, respondem-nos:

“É certo que se argui de unilateral a repressão, porque somente os prosélitos do Espiritismo têm a desfortuna de ser envolvidos em processos penais.

Vegetação do sofisma.

Se o fato ocorre singularmente, contribui para destacar a persistência dos espíritas em violar a lei — criando-se um estado que está a exigir uma mais severa repressão.”³² (IMBASSAHY, 2002, *O Acórdão da Primeira Câmara*, it. As religiões e as curas).

21

.3

Aí têm os leitores como é encarado, sob o ponto de vista da repressão, o exercício da mediunidade. Vale dizer que os juristas do século XX teriam condenado o Cristo com mais presteza e sem as dificuldades com que se defrontaram os juízes do século I. Cristo teria sido assim, na linguagem do século, um “curandeiro” persistente, contumaz, reincidente.

O antagonismo, portanto, entre as lições do Divino Mestre e os preceitos da lei terrena, é absoluto.

Dir-se-ia, porém, que uma coisa é o curandeiro, que, segundo os nossos léxicos, é aquele que cura ou intenta curar sem um título oficial, e outra é o exercício de uma prática espiritual, com fundamento na fé, e,

consequentemente, de natureza religiosa. E sendo assim, diante do texto constitucional, que garante a liberdade de consciência e o livre exercício dos cultos, escapa à sanção da lei o exercício da mediunidade curadora.

Assim deveria ser. Entretanto, não é essa a interpretação dos nossos tribunais, segundo se vê do aresto mencionado e de muitos outros que lhe seguiram.

Carlos Imbassahy, num primoroso livro, disse tudo quanto se poderia dizer sobre o assunto, com destemor e muito brilho.

Diz ele que:

Encontra-se na lei um caso interessante. Como se vê, ela proíbe quaisquer gestos que tenham a finalidade de curar. O que incide na sanção penal é querer pôr bom o seu semelhante. Não há punição para outros gestos. O cidadão é livre de bracejar à vontade; pode espreguiçar-se como quiser, esticar os braços como puder, encolerizar-se como entender, ferir o espaço com murros formidáveis; nada, absolutamente nada lhe fica mal. Mas se levantar, quase imperceptivelmente, os dedos sobre a fronte de alguém, procurando minorar-lhe os sofrimentos, está cometendo um crime.

Preso, pois, um indivíduo a fazer gestos, ele tem que demonstrar não possuir a menor intenção de curar; que nunca lhe passou pela cabeça aliviar o outro; que não entrou jamais em suas cogitações linimentar as dores alheias.

21

.4

Aí têm onde chegou a culminância do saber jurídico dos nossos doutos patrícios. Até então a característica do crime era a intenção de fazer o mal; agora, o que constitui o delito é a intenção de fazer o bem.

Diante desse prodígio de sabedoria legislativa, extasiaram-se e pasmaram os maiores vultos dos nossos tribunais. Um deles chegou a declarar que este resultado indica, na eloquência simples de sua significação inconfundível, a alta civilização cultural a que já atingiu o pensamento criminal brasileiro.

A alta civilização cultural a que já atingiu o pensamento criminal no Brasil consiste em impedir que alguém exerça um benefício que implica na minoração de uma dor, na cura de uma doença, na salvação de uma vida, e isto quando a Ciência tem os braços cruzados, quando já ninguém mais, fora do aludido benfeitor, poderia minorar a dor, curar a doença ou salvar a vida (IMBASSAHY, 2002, *A Lei*, it. A Lei e a Pena).

Não se diga que o magnetismo não esteja incluído entre as práticas condenadas e passíveis de repressão. Não. Ele mereceu especial referência do julgador, que, enfileirando entre “[...] o curandeirismo religioso e toda essa fecunda herança de superstições, que envolvem na nebulosidade *as almas simples dos crédulos impenitentes e dos timoratos.*” — ainda acentuou:

“Está-se a ver que o baixo Espiritismo tem, infelizmente, sido o clima favorável às ousadas práticas do curandeirismo, que numa parte se filiou à velha exploração do magnetismo, com aquele caráter que assumiu em França.” (IMBASSAHY, 2002, *O Acórdão da Primeira Câmara*, it. O baixo nível dos curadores).

Mas a afirmação de que nenhuma outra religião se entrega a essas práticas, mereceria mais amplos reparos se eles não excedessem ou exorbitassem dos nossos objetivos. Assinalemos, entretanto, que o espírito sopra onde quer. E quando nas outras religiões o fenômeno mediúnico surge inesperadamente (a mediunidade não é privilégio de nenhum credo e de nenhum homem), os seus corifeus, em ato arda, proclamam as excelências da sua crença e apontam, então, o milagre.

Ainda recentemente presenciamos um desses casos de curas supranormais, ocorrido com o padre Antônio Pinto, que também por meio de gestos — que tais são as bênçãos dos católicos, como os passes dos espíritas —, servido de uma extraordinária força magnética e amparado por uma profunda confiança em Deus, levou alívio a muitos enfermos.

É, pois, inútil reclamar, pelo menos, a igualdade na “liberdade de exercer a fraternidade”.

Ainda aqui tem absoluta razão Carlos Imbassahy:

Não há mais dúvidas sobre a maneira de agir, de resolver, de julgar. Aí está o acórdão. Nele se condensam as ideias gerais sobre o magno problema do psiquismo e as particulares sobre o curandeirismo, que é fulminado acremente. São vasculhados todos os pontos por onde se poderia infiltrar um argumento contrário; pareceria que o acórdão procurou seguir as pegadas de tantos quantos verberam a “velhacaria” das curas, mostrando as excelências da lei repressiva, como, talvez, a lucubração mais útil, mais eficaz, mais esclarecida que já brotou do engenho humano (IMBASSAHY, 2002, *O Acórdão da Primeira Câmara*).

Mas a intolerância, a incompreensão, a presunção, o sectarismo, o desconhecimento de fenômenos que tanto interessam o mundo científico, como os círculos religiosos, não são males somente indígenas. Existem com a mesma intensidade em outras plagas.

Ainda recentemente, em França, Pierre Neuville publicou um interessante livro *Les Meilleurs guérisseurs de France*, em que nos dá notícia das curas supranormais realizadas naquele país, principalmente por médiuns curadores dotados de força magnética. E nessa galeria, constituída de cerca de 18 curadores, Pierre Neuville apresenta, como credencial de

cada um deles, o número de vezes em que foram processados, em virtude de denúncias de médicos.

Relata, por sua vez, Bertholet as razões da condenação de um curador:

Não vos digo que não tendes obtido curas, disse o presidente do tribunal. Todas as testemunhas o proclamam. Mas é justamente por isso que eu vos condeno, pois não vos assistia esse direito (*Justice pour les guérisseurs*).

21

.6

É assaz conhecido o processo a que foi submetido em Montpellier o barão Du Potet. Este magnetizador, por nós constantemente citado, foi também denunciado pelo reitor da Academia de Medicina, tendo ele próprio proferido a sua defesa, que foi a seguinte:

Senhores juizes,

A Natureza oferece um meio universal de curar e preservar os homens. A Faculdade de Medicina não quer que isto seja verdade; censura aqueles que se oferecem para vos convencer deste fato; imitareis tal modo de proceder?

Não poderei, perante vós, justificar os magnetizadores da suspeita de impostores, que pesa sobre eles?

Todo o meu crime é ter solicitado o exame público, não de uma *doutrina*, mas de simples fenômenos que os sábios da vossa cidade ignoram. A mocidade respondeu ao meu apelo; quis formar sua opinião sobre uma coisa ainda fora da ciência atual; quis saber se o descrédito lançado pelos sábios contra o magnetismo era merecido; desdenhando, por momentos, as tradições da Escola, esses jovens estudantes apressaram-se a ver os novos fenômenos.

Condenar-me-eis por tal fato? Condenaríeis Paganini por ter arrancado sons novos do seu instrumento? o abade Parabère porque a sua organização lhe faz encontrar mananciais?

O primeiro que imantou uma barra de ferro e apresentou-a à multidão, não seria também culpado? Condenaríeis a Galvani e Volta,³³ se eles viessem demonstrar os incríveis efeitos duma pilha de metais diversamente superpostos?

Em que sou mais culpado do que eles?

Pequei contra a moral? — Ensino os homens a fazerem de suas reservas vitais o emprego mais nobre: *aliviar os sofrimentos dos seus semelhantes*.

Há nisto uma ciência, ou uma arte? Eu mesmo não sei; tudo quanto posso dizer-vos é que ensino a produzir o sono, *sem ópio*, a curar a febre, *sem quinina*; a minha ciência dispensa as drogas, a minha arte arruína os boticários.

2

1.

7

Nós, magnetizadores, damos forças ao organismo, sustentamo-lo quando ele sucumbe; *damos óleo à lâmpada, quando ela já não a tem*.

Vede quanto nos diferencamos dos sábios: estes, com toda a sua ciência, só conseguem eliminar a vida; nós lhe damos maior duração.

O seu saber está contido em um livro, o nosso reside na própria natureza de cada ser.

O nosso ensino é fácil e simples: não necessitamos de dissecar os cadáveres e os vivos.

Não é uma ciência de *palavras*: é uma ciência de *fatos*.

Considerais culpado um homem leal que quis dar provas daquilo que ele acredita ser uma potência nova capaz de prestar serviços importantes aos seus semelhantes? um homem que só procurou pôr em ação as propriedades do seu ser?

Será acaso necessário que eu vá pedir ao Sr. Ministro e ao Sr. Reitor permissão para caminhar?

Caminhar, magnetizar não constituem, em uma palavra, faculdade natural do homem?

Grande número de sábios crê honrar-se grandemente, rejeitando sem exame as coisas novas. O tempo, no seu curso, dar-lhes-á severa lição. Um dia o magnetismo será a glória das escolas, os médicos empregarão os processos que atualmente condenam.

Finalmente, não se pode impedir de proclamar uma verdade. Calar-se, porque esta verdade pode ofuscar certos espíritos prevenidos ou retardatários, é, na minha opinião, mais do que um crime: é uma covardia.

Bertholet indaga estarecido, porque os Estados, sobretudo os Estados cristãos, se conduzem como inimigos declarados dos curadores místicos e dos magnetizadores, sancionando leis absurdas, draconianas, ao invés de encorajar a todos os homens, que, dotados de dons excepcionais, queiram fazer o bem ao seu semelhante, coadjuvando o próprio Estado, cujo dever precípua é amparar e defender a saúde e o bem-estar dos seus governados?

Chega-se, diz ele, a esta situação paradoxal: é em nome da saúde geral e da higiene que se proíbe os curadores místicos de restabelecer a saúde dos doentes por meios diferentes daqueles que são *estampilhados* pelas faculdades de Medicina³⁴ ou reconhecidos

pelas autoridades sanitárias. O doente, de conformidade com essa concepção, passa para um segundo plano. Entretanto, para aquele que sofre é completamente indiferente ser curado por um processo médico sancionado pela Faculdade, ou por outros meios que ela reprova, as mais das vezes por não ter querido estudá-los; para o doente o que importa é *ser curado*, e se o médico não obtém o resultado desejado e se o curador místico ou o magnetizador realiza a cura, porque denunciá-los à Justiça para fazer condená-los? A semelhante atitude faltam a dignidade e a caridade. Parece que, no exercício do seu sacerdócio, os médicos deveriam interessar-se por todos os processos suscetíveis de curar o doente (*Les États et leur attitude à l'égard de la guérison spirituelle et du magnétisme*).

21

.8

O magnetizador Louis Gastin escreveu uma interessante brochura *Le Droit de guérir*, sobre o direito de curar e fundou a “Liga de Defesa dos Doentes”. Neste livro, depois de estranhar a perseguição que sofrem os que seguem as lições do Cristo, na sua pureza e na sua verdade, Gastin pergunta:

Por que não estender a interdição ao consumo das bebidas alcoólicas, nocivas aos indivíduos, nocivas a tal ponto que um grande estadista inglês foi levado a afirmar que *o alcoolismo era um flagelo pior que a guerra*, a fome e a peste reunidas? Por que o Estado-Providência, embora reconhecendo esta verdade, não promulgou até agora nenhuma lei eficaz contra o alcoolismo ou contra os mercadores do álcool, para suprimir de vez a traficância desse veneno terrível para o indivíduo e para a raça? Por que ostenta tamanha severidade para com os curadores e revela essa mansuetude para o comércio do álcool?

Gastin reproduz em seu livro um curioso manifesto “Manifesto de Albert d’Angers”, um magnetizador que fez a sua própria defesa ante o Tribunal Correccional de Chateaubriand, por meio de 60 proposições em favor da prática do magnetismo. Algumas dessas proposições merecem citadas:

16. A lei que regula o exercício da Medicina foi feita somente no interesse dos médicos, prejudicando seriamente os interesses dos doentes, que, de resto, nunca foram consultados.

21

.9

19. Sendo a ação magnética a manifestação de uma força inerente à natureza humana, posta em jogo pela vontade, proibir a aplicação dessa força seria o mesmo que pretender a proibição de pensar.

25. Atenta contra a liberdade dos doentes ao privá-los do direito, o mais sagrado que deve ter um cidadão livre num Estado livre, de confiar sua vida e sua saúde a quem possui sua inteira confiança.

34. As dúvidas dos médicos, suas contínuas experiências, seus erros de diagnóstico, suas divergências, os acidentes que ocasionam, demonstram claramente que a Medicina, embora constituída de arte e ciência, ainda permanece em perpétuo empirismo.

38. A liberdade da Medicina não prejudicaria em nada os bons médicos, que saberiam sempre ganhar e conservar a confiança dos doentes, por seu devotamento e seus cuidados inteligentes e oportunos.

45. Impedir que uma pessoa, não munida de um diploma oficial, aplique um meio curativo de reconhecida eficácia para os doentes que a Medicina ordinária não pôde curar, equivaleria a obrigar estes últimos a sofrerem e mesmo a morrerem para gáudio da Faculdade.

56. Se, em todos os ramos da atividade humana, toda pessoa pode apresentar modificações, ideias novas, é difícil compreender, porque fora da Faculdade, um cérebro bem dotado não possa fazer valer sua capacidade.

Verifica-se destarte como os pobres médiuns curadores se devem acautelar para exercer a caridade... , a caridade que alivia as dores físicas e morais, a caridade que manda dar de graça o que de graça foi recebido.

Os verdadeiros cristãos viveram, continuam a viver, e viverão ainda por muito tempo nas *catacumbas*... Este é o símbolo, este o galardão, este o roteiro da mediunidade...

30 Nota do autor: Código penal. Art. 284.

31 Nota do autor: Acórdão da 1ª Câmara da antiga Corte de Apelação do Distrito Federal, *In*: “Direito”, v. XXX, p. 376 e ss.

32 Nota do autor: Acórdão da 1ª Câmara da antiga Corte de Apelação do Distrito Federal, *In*: “Direito”, v. XXX, p. 376 e ss.

33 N.E.: A disputa deu-se sobre a origem da eletricidade e foram contendores dois grandes personagens da história da Ciência, o médico italiano Luigi Galvani (1737–1798) e o físico (dizia-se filósofo natural) Alessandro Volta (1745–1827).

34 Nota do autor: Convém ter em mente que o Dr. Bertholet é médico laureado pela Universidade de Lausanne.

CAPÍTULO 19

22

.1

“Uma coisa nos consola desses fatos contristadores: é a certeza de que todo homem animado de uma simpatia profunda pelos deserdados, de verdadeiro amor pelos que sofrem pode aliviar seus semelhantes por uma prática sincera e esclarecida do magnetismo.” (DENIS, 2016a, cap. 17 – *Os fluidos. O magnetismo*).

Eis-nos chegados a um dos pontos capitais do magnetismo, que é o sonambulismo.

Sabe-se que o sono, na ordem natural das coisas, é um fenômeno necessário e mesmo indispensável à existência dos homens e dos animais.

A Ciência, porém, capaz de prescrever os agentes terapêuticos suscetíveis de provocar o sono, mostrou-se incapaz de apontar a sua natureza essencial.

O que importa, diz Teste, é determinar e analisar a causa natural e imediata do sono. Isso feito, ter-se-ia resolvido o mais interessante problema da Fisiologia (*Le Magnétisme animal expliqué*, p.294).

Na verdade, sabe-se que a saúde perfeita, a alimentação sadia, os exercícios moderados, e mais a calma do Espírito e dos sentidos, constituem as condições mais favoráveis ao sono. Mas as condições favoráveis à produção de um fenômeno podem ser, entretanto, estranhas à causa que o determina. Assim, a doença, os abusos de alimentação, a inatividade ou a fadiga, a excitação do Espírito ou dos sentidos etc., são obstáculos ao sono. Mas, por que? Como?

Sobre este ponto, diz Teste, a Ciência é muda.

Volvamos, pois, a nossa atenção para a explicação do sono espiritual, ou seja, no sentido do papel que neste fenômeno representa a alma.

22

.2

Verificaremos de imediato que a causa do sono reside precipuamente na alma, na luta constante pela sua emancipação ou regresso ao mundo donde ela proveio.

Kardec trata do sono precisamente em *O livro dos espíritos* no capítulo 8, sob o título — *Da emancipação da alma*. O sono, portanto, caracteriza-se pela necessidade que tem a alma de emancipar-se.

E como sabemos que há recíprocas reações entre a alma e o corpo, fácil será deduzir as circunstâncias ou condições favoráveis ou não à produção do sono.

“O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. [...]

[...]

Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o Mundo do Espíritos. Por isso é que os Espíritos Superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir

retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com os seus amigos do Céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio.” (KARDEC, 2016a, q. 402).

Um dos efeitos do magnetismo é o sonambulismo, que é um estado de emancipação da alma mais completo do que o sono, em que as suas faculdades adquirem maior amplitude.

E precisamente porque os sonâmbulos não dormem, na acepção vulgar do vocábulo, entendem alguns magnetizadores que imprópria é a denominação dada. É curioso assinalar que participam dessa opinião os próprios sonâmbulos, que protestam contra a alegação de sono quando eles estão vendo, ouvindo e sentindo.

Os magnetizadores espíritas, porém, de conformidade com a Doutrina, sabem, igualmente, que no sono comum a alma jamais está inativa, e que o repouso do corpo se verifica em virtude da liberdade ou ausência parcial daquela. Parece-nos, assim, que deverá ser mantida aquela denominação, porque ambas as expressões — sono e sonâmbulo — indicam para nós um estado de emancipação da alma e, conseqüentemente, de repouso do corpo.³⁵

22

.3

A concepção espiritualista é que nos importa. E passemos de largo sobre as lendas e superstições, como acontecia no século XVI, em que os sonâmbulos eram denominados de mal-batizados, porque supunham tratar-se de uma afecção que tinha como causa o esquecimento de alguma palavra sacramental ou de cerimônia importante por ocasião de ter sido batizado pelo padre (Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*, p. 469).

Dentro dessa concepção nada há a inovar no resumo teórico do sonambulismo apresentado por Kardec:

“Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Em certas pessoas dotadas de especial organização, porém, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético.

O estado que se designa pelo nome de *sonambulismo magnético* apenas difere do sonambulismo natural em que um é provocado, enquanto outro é espontâneo.

O sonambulismo natural constitui fato notório, que ninguém mais lembra de pôr em dúvida, não obstante o aspecto maravilhoso dos fenômenos a que dá lugar. Por que seria então mais extraordinário ou irracional o sonambulismo magnético? Apenas por produzir-se artificialmente, como tantas outras coisas? Os charlatães o exploram, dizem. Razão a mais para que não lhes seja deixado nas mãos. Quando a Ciência se houver apropriado dele, muito menos crédito terão os charlatães junto às massas populares. Enquanto isso não se verifica, como o sonambulismo, natural ou artificial, é um fato, e como contra fatos não há raciocínio possível, vai ele ganhando terreno, apesar da má vontade de alguns, no seio da própria Ciência, no qual penetra por uma imensidade de portinhas, em vez de entrar pela porta larga. Quando lá estiver totalmente, terão que aceitá-lo sem contestação.

22

.4

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode

estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista. Fundam-se os que contestam este fato em que o sonâmbulo nem sempre vê, e a vontade do experimentador, como com os olhos. Será de admirar que difiram os efeitos, quando diferentes são os meios? Será racional que se pretenda obter os mesmo efeitos, quando há e quando não há o instrumento? A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Cumpre julgá-las em si mesmas e não por analogia.

De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É *um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares em que sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude.

No caso de visão a distância, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê as presentes, como se se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente. Essa separação parcial da alma do seu corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém, não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando aquela se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada. Eis por que os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Veem porque veem, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. *Se se reportam ao corpo*, esse foco lhes parece estar nos centros em que maior é a atividade vital, principalmente no cérebro, na região do epigástrico, ou no órgão que

considerem o ponto de ligação *mais forte* entre o Espírito e o corpo. O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme ao grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito. É o que motiva não ser universal, nem infalível a clarividência sonambúlica. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais desviada seja do fim visado pela natureza e transformada em objeto de curiosidade *e de experimentação*.

22

.5

No estado de desprendimento em que fica colocado, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos *encarnados*, ou *não encarnados*, comunicação que se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que se lhe exprimam os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva. Essa também a razão por que uma assistência muito numerosa e a presença de curiosos mais ou menos malevolentes lhe prejudicam de modo essencial o desenvolvimento das faculdades que, por assim dizer, se contraem, só se desdobrando com toda a liberdade num meio íntimo ou simpático. *A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas lhe produz efeito idêntico ao do contado da mão na sensitiva.*

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo, os quais constituem, por assim dizer, dois seres que lhe

representam a dupla existência corpórea e espiritual, existências que, entretanto, se confundem, mediante os laços que as unem. Nem sempre o sonâmbulo se apercebe de tal situação e essa *dualidade* faz que muitas vezes fale de si, como se falasse de outra pessoa. É que ora é o ser corpóreo que fala ao ser espiritual, ora este que fala àquele.

Em cada uma de suas existências corporais, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência. Esquece-os parcialmente, quando encarnado em matéria por demais grosseira, *porém deles se recorda como Espírito*. Assim é que certos sonâmbulos revelam conhecimentos acima do grau de instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Portanto, da inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, quando desperto, nada se pode inferir com relação aos conhecimentos que porventura revele no estado de lucidez. Conforme as circunstâncias e o fim que se tenha em vista, ele os pode haurir da sua própria experiência, da sua clarividência relativa às coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos. Podendo o seu próprio Espírito ser mais ou menos adiantado, possível lhe é dizer coisas mais ou menos certas.

22

.6

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos, dessa maneira, o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa a distância, é evidente que vê, mas não com os olhos do corpo. Vê-se a si mesmo e se sente transportado ao lugar onde vê o que descreve. Lá se acha, pois,

alguma coisa dele e, não podendo essa alguma coisa ser o seu corpo, necessariamente é a sua alma, ou Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.” (KARDEC, 2016a, q. 455).

Embora um pouco longa, essa transcrição [parcial] se fazia necessária. Em vez de apanharmos alhures, por meio de diversas citações, a teoria sobre o sonambulismo, preferimos recorrer ao resumo de Kardec, em que a lógica e a clareza estão em perfeita consonância com o sistema.

Como vimos, para o Espiritismo, na opinião do mestre, o sonambulismo é mais do que um fenômeno, é uma luz projetada sobre a Psicologia, para o estudo da alma, em que esta surge em estado, não de absoluta, porém de mais completa emancipação.

Foi por isso que se disse que os magnetizadores pressentiram o Mundo Espiritual.

Os adversários do Espiritismo, criticando a reencarnação, estranham que, na sua nova vida corporal, o Espírito esqueça todo o seu passado. O sonambulismo demonstra-lhes a improcedência desse reparo, eis que no relativo estado de emancipação em que se encontra a alma do sonâmbulo, este, ao despertar, isto é, ao contato com a matéria grosseira, esquece todas as ocorrências. Ora, se assim acontece num estado momentâneo, e de relativa emancipação, sem o completo abandono do corpo, que dizer-se após um estado absoluto de separação e emancipação do Espírito?

Ainda aí o estudo da alma nos leva às mesmas e exatas observações a que chegou o Espiritismo.

Os magnetizadores em geral confirmam a lição de Kardec sobre a analogia do sonambulismo natural e do artificial, salientando do mesmo modo a diferença das causas da produção do fenômeno, em um caso espontâneo e noutro provocado.

Todos conhecem, diz Du Potet, os casos dos sonâmbulos naturais, entre outros, o do jovem seminarista que se erguia durante a noite, e escrevia seus sermões, fazendo-lhes correções minuciosas, compunha música, sabendo distinguir todas as notas, relia o que fora escrito, mesmo quando se lhe interpunha um cartão ou qualquer outro obstáculo diante dos olhos, os quais, de resto, se conservavam completamente fechados. Ora, isso, diz ele, é a imagem do que acontece no sonambulismo artificial (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 202).

É certo, e já tivemos oportunidade de dizê-lo, que a finalidade do magnetismo não é a de provocar o sonambulismo, e sim a de curar os doentes.

Agradecemos à Providência a graça que nos concede, adverte Gauthier, projetando luz tão preciosa no meio das trevas da nossa ignorância, e não caminemos além. Lembremo-nos de que não magnetizamos para obter uma vã satisfação de amor-próprio, chicanando com as ideias e as palavras, porém, unicamente para aliviar os sofrimentos do doente que se entrega aos nossos cuidados, à nossa benevolência e à nossa caridade (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*).

Diz Deleuze:

O primeiro conselho que posso dar é o de nunca se provocar o sonambulismo, mas deixá-lo vir naturalmente. Seria importuno que um doente pudesse acreditar que só lhe é possível a cura tornando-se sonâmbulo, pois, de cem pessoas, apenas dez caem no estado sonambúlico (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*).

Por isso, somente quando o magnetizador percebe que o paciente é sonâmbulo e se convence de que, nesse estado, ele poderá concorrer para a sua própria cura, é que deve auxiliar a produção do sonambulismo.

22

.8

De um modo geral, e com apoio nos mais autorizados mestres, podemos apontar em resumo as principais faculdades sonambúlicas.

O sonâmbulo vê através de corpos opacos e a distâncias mais ou menos consideráveis.

Ele vê o seu próprio mal, prevê as suas crises e as dos outros, e anuncia a maneira e a época do termo final.

Vê a origem das moléstias e pode indicar os meios mais acertados para curá-las.

Experimenta momentaneamente a moléstia das pessoas com as quais foi posta em relação.

Apresenta ao Espírito tudo quanto sabe, e pode perceber, às vezes, o que não sabe.

Lê o pensamento, ouve e responde sem que se lhe tenha falado.

Magnetiza sem ter nenhuma noção dos processos magnéticos.

Vê as radiações magnéticas, vê o fluido escapar-se das extremidades dos dedos do magnetizador e aponta a este a sua qualidade e força.

Executa em si mesmo e nos outros operações cirúrgicas e percebe quando os instrumentos e as mãos do operador se introduzem e agem no interior do corpo humano.

É suscetível de receber impressões morais e receber sugestões para depois do despertar, quando perde a memória dos seus atos e até do recebimento da própria sugestão, que persiste todavia.

Essas faculdades não existem sempre reunidas no mesmo sonâmbulo, convindo acrescentar, entretanto, que, como decorrência do estado de emancipação da alma, todos são capazes de ver os Espíritos.

Sobre a faculdade extraordinária de realizar intervenções cirúrgicas, Gauthier nos aponta o caso da menina Madalena Durand, que, afetada aos 7 anos, de um tumor canceroso na boca, foi abandonada pela Medicina, que julgou inexecutável a operação. Essa criança, em estado sonambúlico, no dia previamente por ela indicado, fez a incisão e cortou com o bisturi o tumor, cujas partes lhe saíam pela boca; depois dessa primeira operação, realizou outras, até que a cura se verificou (*Histoire du somnambulisme*, tomo 2, p. 189).

O sonambulismo produzido pelos processos magnéticos consegue apurar e regular essas preciosas faculdades, ao passo que o sonambulismo provocado pelos hipnotistas não conseguiu realizar esses efeitos, segundo a opinião insuspeita do Dr. James Braid, citado por Bué:

22

.9

“Os magnetizadores asseguram positivamente poder — diz ele — realizar certos efeitos que eu nunca pude provocar com o meu método, se bem que o tenha tentado. Os efeitos a que aludo são, por exemplo, ler a hora num relógio colocado por detrás da cabeça ou na cavidade epigástrica, ler cartas dobradas ou um livro fechado, reconhecer o que se passa à distância de alguns quilômetros, adivinhar a natureza das enfermidades e indicar-lhes o tratamento sem possuir conhecimentos médicos, magnetizar sonâmbulos na distância de muitos quilômetros, sem que eles tenham conhecimento da operação que se propõem a fazer. Devo dizer, a esse respeito, que não julgo razoável, nem mesmo conveniente, pôr em dúvida as afirmações de experimentadores, homens de talento e de observação, cuja palavra constitui autoridade em outras matérias, sob pretexto de que não fui pessoalmente testemunha dos fenômenos, ou que não pude reproduzi-los, quer pelo meu método, quer pelo deles.” (*Le*

Magnétisme curatif – Psycho-physiologie, v. 2, cap. 1 – *Hipnotismo e Magnetismo*).

Onde estará a razão dessa diferença? Será porque os hipnotistas, agindo violentamente sobre os sentidos, desequilibram o sistema nervoso, ao passo que os magnetizadores, agindo de preferência sobre o “plexo solar”, denominado “o cérebro da vida orgânica”, conseguem melhor estabelecer aquele equilíbrio?

³⁵ Nota do autor: Aubin Gauthier, sobre a significação da palavra sonambulismo, diz que ela é francesa, constituída de dois vocábulo latinos: *somnus* e *ambulatio*. Significa, pois, a ação de andar dormindo, e foi criada para indicar o fenômeno do sonambulismo natural. A palavra somente é encontrada nos dicionários franceses a partir de 1758. O sonambulismo magnético surgiu em 1784; e, na falta de outra expressão foi usado o mesmo vocábulo sonambulismo para indicar o novo fenômeno. Depois dessa época, diversas outras palavras foram propostas, tendo, porém, prevalecido as expressões: sonambulismo natural e sonambulismo magnético.

CAPÍTULO 20

23

.1

“Desde o começo, as coisas parecem misteriosas: o cometa, o raio, a aurora, a chuva, são outros tantos fenômenos misteriosos para aquele que os vê pela primeira vez. Tudo parece razoável, encarado sob um ponto de vista conveniente; as possibilidades do Universo são infinitas, como a sua extensão física. Por que procurar sempre negar, *a priori*, a impossibilidade das coisas que decorrem de nossa concepção ordinária?

Não devemos recuar diante de problema algum, desde que se apresente a oportunidade de abordá-lo. Não devemos hesitar em prosseguir livremente a investigação das leis, misteriosas embora, que regem a vida e o Espírito; o que sabemos, nada é ao lado do que nos resta aprender. Querer restringir a nossa pesquisa, aos territórios já meio conquistados, é enganar a fé dos homens que lutaram pelo direito de livre exame, e trair as esperanças mais legítimas da Ciência...” – *Sir Oliver Lodge (Phantom walls)*.

Vimos que o sonambulismo é natural, ou provocado.

Mas não só o magnetismo e o hipnotismo podem provocar esse estado. Causas outras, muitas vezes ainda desconhecidas, podem igualmente provocá-lo.

Os autores pouco se detiveram no estudo dessas causas. Quem mais amplamente examinou o assunto foi o Dr. Prosper Despine, consagrando-lhe todo o capítulo 4 de sua notável obra (*Étude scientifique sur le somnambulisme*, 1880), chegando à conclusão de que diversas causas mórbidas, provenientes de certas afecções, de acidentes, de aspiração de tóxicos etc., podem conduzir ao estado sonambúlico.

23

.2

Todavia, o sonambulismo provocado por essas causas mórbidas difere profundamente do sonambulismo magnético. Ao passo que, neste último, se busca imprimir equilíbrio à atividade nervosa, tornando-se excelente processo terapêutico para determinados casos, aquele se apresenta como fenômeno patológico, e neste caráter deve ser tratado.

Para ilustração, e também porque se trata de livro raro, citaremos dois dentre os casos curiosos apontados por Despine.

O primeiro caso refere-se à intoxicação pelo gás carbônico, que, respirado durante algum tempo, em lugar de produzir a asfixia, determinou um acesso de sonambulismo:

Numa casa de tolerância, no Havre, residiam L..., de 35 anos, e a Sra. R., de 40 anos. Percebeu-se que a porta do alojamento que ocupavam estava fechada havia muitos dias. Chamava-se, e ninguém respondia. Procedeu-se, então, ao arrombamento da porta. Verificou-se que dentro do quarto tudo estava hermeticamente fechado, tendo sido coladas tiras de papel sobre todas as fendas. Ao lado, um fogão já extinto. Um odor pútrido e asfixiante infectava o

apartamento. A aproximação das autoridades, uma mulher, em costume de noite, pálida, magra, como se fosse um espectro ambulante, ergueu-se cambaleante e, fixando neles seus olhos inexpressivos, disse: “Psiu! Caluda!³⁶ Eu vos digo que ele dorme...”.

Os agentes prosseguem e descobrem no leito o cadáver de L., vestido e em estado de franca decomposição. Um cheiro infecto exalava do ambiente em que a pobre louca havia passado oito dias e oito noites, resistindo à dupla ação do gás carbônico e dos miasmas da putrefação.

R. foi transportada para o hospício num estado que se assemelhava mais ao de uma criatura morta do que viva. Convenientemente tratada, ela recuperou em pouco tempo a razão. Interrogada sobre o que se havia passado durante os oito dias em que ficara encerrada no quarto, respondeu que de nada se lembrava. Evidentemente, o estado anormal dessa mulher, qualificado de loucura pelos presentes, nada mais era do que o estado de sonambulismo causado, pela ação do gás carbônico sobre o sangue e, conseqüentemente, sobre o cérebro.

Sintomas semelhantes foram verificados com a intoxicação pelo protóxido de azoto e pelo hidrato de cloral (*Étude scientifique sur le somnambulisme*, 1880).

23

.3

O segundo caso é o do sonambulismo causado por uma ferida no crânio:

F., um jovem cantor de café-concerto, foi, na guerra de 1870–1871, atingido por um projétil que lhe estraçalhou o parietal esquerdo numa extensão de 8 centímetros. Quase que imediatamente se verificou a paralisação do braço direito e, alguns minutos depois, a da perna do mesmo lado. Perdeu o conhecimento de tudo, e só o

readquiriu muitos dias depois, já prisioneiro em Mayence. Seis meses mais tarde, foi transportado para a França e hospitalizado. No fim de um ano estava curado da ferida e da paralisia, tendo voltado à profissão de cantor. Sobrevieram-lhe, porém, acessos de sonambulismo, em intervalos regulares e periódicos, de cinco a seis dias.

De repente, e sem nenhuma transição, manifestava-se o estado sonambúlico. Olhos muito abertos, pupilas imóveis e extremamente dilatadas, insensibilidade à dor, persistindo, porém, a sensibilidade tátil, abolidas a visão e a audição, eis o quadro.

Nesse estado, ele se locomovia natural e tranquilamente. Qualquer pessoa, desprevenida, não duvidaria da normalidade da situação. Qualquer obstáculo que se lhe antepusesse não lhe detinha a marcha; deslizava as mãos sobre os objetos, procurando-lhes os contornos, e os afastava. Comia, bebia, fumava e se vestia. Durante o dia passeava, à noite despia-se e deitava-se às horas habituais, parecendo agir sob o impulso de hábitos mecanicamente bem regulados. Ao passo que a sensibilidade cutânea, de um modo geral, não se manifestava, nem pelas picadas e nem pelas descargas elétricas, a sensibilidade dos músculos se revelava, por meio de ligeiras contrações, sob a influência de uma poderosa corrente elétrica.

Voltando ao seu estado normal, F. não guardava a menor lembrança do que havia ocorrido durante a crise, cuja duração era de 15 a 30 horas (*Étude scientifique sur le somnambulisme*, 1880).

Verificamos, neste último caso, a inexistência quase absoluta de qualquer sensibilidade, o que nem sempre ocorre com os sonâmbulos magnéticos. Estes, segundo a opinião geral dos experimentadores, se apresentam até com uma sensibilidade mais acentuada. Deleuze, v. g., depois de haver verificado vários casos em que a insensibilidade era confirmada pelos médicos, acrescenta:

Os meus sonâmbulos nunca a manifestaram; pelo contrário, a sensibilidade deles é *mais delicada* do que no estado de vigília. O contato dum corpo não magnetizado lhes é desagradável, o toque de pessoa estranha lhes faz muito mal. Tenho mesmo a certeza de que certos sonâmbulos experimentaram convulsões e despertaram, por terem sido tocados bruscamente por alguém que não estava em relação com eles (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*, p. 115).

Gauthier igualmente confirma que a sensibilidade moral e física do sonâmbulo chega a causar espanto. Assim como as emanções físicas dos seres vivos os afetam fortemente, os sonâmbulos ressentem, por igual, os efeitos do pensamento dos que os cercam e dos sentimentos que no momento trazem. O fluido de cada pessoa é sentido pelo sonâmbulo. Daí a perturbação que lhe causam a diferença e a desarmonia dos fluidos (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 586).

É, pois, um erro supor que os sonâmbulos são *geralmente insensíveis*.

A insensibilidade ocorre, às vezes, em consequência de uma predisposição natural ou de magnetização intensa e mal dirigida (Deleuze, *Instruction pratique sur le magnétisme animal*, p. 119).

Tocando uma pessoa enferma, o sonâmbulo geralmente se ressent das dores na parte correspondente à afetada no consulente. Essas dores são momentâneas, mas persistem, algumas vezes, até o despertar.

Veremos, agora, como agir para favorecer o sonambulismo magnético, ou para provocá-lo, nos casos em que isso se torne absolutamente necessário para a cura do enfermo.

Cada magnetizador tem o seu processo, mas todos operam rigorosamente dentro dos princípios do magnetismo, havendo, portanto,

muita semelhança no modo de conduzir os passes e dirigir o fluido para os pontos essenciais do organismo, pontos que favorecem a produção do fenômeno.

Aconselhamos o processo de Bué (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1), que é o mesmo preconizado por Gauthier (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 628 e 631) e seguido por outros experimentadores, com ligeiras modificações:

23

.5

Quando, ao magnetizar-se um indivíduo, não com a intenção de sonambulizá-lo, mas de curá-lo ou aliviá-lo, sobrevêm bocejos acompanhados de tremores dos olhos, batimento e fechamento das pálpebras, inclinação da cabeça, e uma dormência mais ou menos profunda parece querer invadi-lo, pode-se favorecer esse estado sonolento, conservando as mãos ou impondo os polegares sobre o epigástrico; depois, quando os olhos cessarem de rolar sob as pálpebras e o movimento de deglutição, por momentos acelerado, houver diminuído, levantam-se as duas mãos em cima da cabeça do paciente, faz-se uma imposição de alguns segundos no cérebro, descendo-as, em seguida, em passes longos, muito lentos, na extensão dos braços, até à extremidade dos dedos.

Repetem-se passes semelhantes, em frente ao tronco, até à altura do epigástrico, onde se faz uma parada de cada vez, apresentando-se os dedos estendidos; também se aplicam passes impondo as mãos sobre o cérebro e descansando-as por trás das orelhas e das espáduas, para voltá-las pelos braços, de maneira a envolver completamente o paciente com passes de grande corrente.

É a melhor maneira de agir para produzir normalmente o estado sonambúlico, e desenvolver, subsequentemente, a lucidez, podendo

toda a incitação direta e violenta sobre o cérebro acarretar inconvenientes e o desequilíbrio nervoso, prejudiciais aos sonâmbulos.

Depois de haver operado deste modo, durante alguns momentos, interroga-se delicadamente o paciente sobre o seu atual estado: “Está dormindo?”.

Se ele estiver apenas num estado de sonolência, despertará; susta-se então a operação, dispersam-se os fluidos, transferindo para outra ocasião uma tentativa que, em benefício do próprio doente, nunca deve ser levada ao extremo.

O sono pode ser tão profundo que nenhum barulho, nenhuma sensação venha a perturbar o paciente; interroga-se-lhe, e ele não responde; toca-se-lhe, e nem sequer pestaneja. Este é o primeiro passo para o estado sonambúlico.

23

.6

Pouco a pouco, este estado se acentua sob o impulso da ação magnética prolongada; o paciente acaba por perceber o som da voz; nesse momento, entretanto, não o instigueis a falar; é-lhe necessário tempo para habituar-se à sua nova situação: conserva-se num torpor, num aniquilamento corporal em que se compraz; daí a poucos instantes, responder-vos-á por um sinal de cabeça ou de mão, e indicará o momento em que deseja ser despertado. Por vezes, a pergunta — Dormis? — atinge-o como faísca elétrica, e ele responde. É um sinal manifesto de que o paciente se acha em estado sonambúlico completo.

Logo que se tenha certeza do estado sonambúlico do paciente, cumpre evitar assoberbá-lo de perguntas. Deleuze recomenda que as perguntas

sejam circunscritas ao seguinte:

- Como vos sentis?
- Vedes o vosso mal?
- Os processos que emprego vos são convenientes?
- Sabeis qual o remédio que vos poderá curar?
- Continuareis a ser sonâmbulo?
- Quanto tempo desejais dormir?
- Quereis ser magnetizado ainda?
- Tendes alguns conselhos a dar-me?
- Podeis ver se até à próxima sessão ocorrerá alguma modificação no vosso estado e a cujo respeito deveis instruir-me?
- Despertareis sem minha intervenção, ou será necessário que vos desperte? (*Instruction pratique sur le magnétisme animal*, p. 107).

Neste último caso, para despertar o paciente, deve o operador empregar os processos que já foram explicados em páginas anteriores, utilizando as *dispersões*, as *insuflações frias a distância* sobre a testa e sobre os olhos, tocando vivamente os supercílios, desde a sua origem até as têmporas. É importante dispersar bem, a fim de evitar o peso da cabeça e a dormência das pernas, que poderiam persistir.

Todos os autores advertem que, não obstante o emprego rigoroso dos processos dispersivos, ocorre, às vezes, que os doentes postos em estado sonambúlico, em poucos minutos, não podem ser despertados senão ao cabo de muitas horas. Du Potet confirma que, em casos semelhantes, quanto maior era o esforço de sua vontade para despertar o paciente, tanto maior parecia a intensidade do sono (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 170).

Lafontaine, por sua vez, cita diversos casos ocorridos com magnetizadores de suas relações, contudo, em alguns deles, houve necessidade da sua intervenção pessoal para fazer cessar o estado de sonambulismo (*L'Art de magnétiser*, p. 267).

Discutem os autores sobre a intensidade do sono magnético, classificando-o em graus.

Sob esse aspecto é curioso assinalar que, enquanto todos os hipnotistas usam as expressões — *estados de hipnose* — classificando-os em graus mais, ou menos profundos e mais, ou menos superficiais, os magnetistas falam em graus do sonambulismo ou do sono magnético. É que a palavra hipnose é criação dos hipnotistas e não pode servir para o magnetismo, cujos princípios se assentam em bases outras. Como quer que seja, a palavra já está consagrada pelo uso.

Nessa matéria de classificações e graus de sonambulismo ou de hipnose, é interminável o debate. Os magnetizadores não estão longe de um acordo geral, mesmo porque julgam tratar-se de questão de interesse mais de ordem taxinômica do que propriamente fisiológica, ao passo que os hipnotistas, salvo algumas exceções, se perdem na complexidade de nuances, apresentando as mais arbitrárias classificações.

Pierre Janet³⁷ admite a seguinte classificação: 1º) catalepsia; 2º) catalepsia letárgica; 3º) catalepsia sonambúlica; 4º) letargia cataléptica; 5º) letargia; 6º) letargia sonambúlica; 7º) sonambulismo.

De Rochas aceita a classificação de Charcot, que reputa clássica, apontando os seguintes estados: a letargia, a catalepsia e o sonambulismo (*Les États profonds de l'hypnose*, p. 5).

Liébeault estabelece duas espécies de sono:

A – o sono ligeiro; B – o sono profundo ou sonambúlico.

A – sono ligeiro, com quatro graus: 1º) sonolência; 2º) sono ligeiro propriamente dito; 3º) sono ligeiro mais profundo; 4º) sono ligeiro intermediário. B – sono profundo ou sonambúlico, com dois graus: 1º) sono sonambúlico ordinário; 2º) sono sonambúlico profundo (*Le Sommeil provoqué et les états analogues*, p. 290).

23

.8

J. Luys segue a mesma seriação de Charcot, ao que ele chama grande hipnotismo, com estes estados: letargia, catalepsia, sonambulismo, vigília (*Leçons cliniques sur les principaux phénomènes de l'hypnotisme*, p. 21).

Du Potet simplificou os graus do sonambulismo, da seguinte maneira: 1º) sono sem percepção; 2º) sono com percepção em começo, mas confusa; 3º) lucidez (*Manuel de l'étudiant magnétiseur*, p. 158).

Ochorowicz aproximou-se de Du Potet, ao apontar as duas fases principais: o *sono profundo*, que se dissipa pouco a pouco, e o *sono lúcido* ou o sonambulismo propriamente dito (*A sugestão mental*, p. 120).³⁸

Alguns outros distinguem sete, dez e até mesmo 33 estados de hipnose.

Gauthier põe de lado as distinções especiosas de muitos experimentadores, insinuando os adeptos do magnetismo a tirar do sonambulismo tudo quanto ele possa dar, em qualquer grau que atinja. “Que importa o número de degraus duma escada, se a altura é a mesma”, dizia logicamente uma sonâmbula, à qual se pedia opinião acerca das classificações (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 567).

Na realidade, diz Bué, só as distinções seguintes devem e podem ser estabelecidas:

1ª fase – o sonâmbulo dorme, mas não fala;

2ª fase – fala, porém, concentrado em si mesmo, não sente a vontade do magnetizador e nada vê;

3ª fase – finalmente, sente a vontade do magnetizador e é clarividente.

Se o sonâmbulo chega a ver a sua moléstia, a prever-lhe as crises e pode indicar a melhor marcha a seguir para obter prontamente a cura, do ponto de vista curativo, não é isto tudo quanto se deve esperar do sonambulismo? (*Le Magnétisme curatif – Psychophysiologie*, v. 2, cap. 6 – *Do sonambulismo*).

E mais adiante completa o seu pensamento:

23

.9

Se o estado sonambúlico só comporta três fases, como acabamos de dizê-lo, e se essas três fases realmente não são mais que graus ascendentes dum todo indivisível, não é menos verdade que o fenômeno se nos apresenta sob aparências complexas, muito próprias a nos enganarem. São tão diferentes os sonâmbulos, quanto o são as gradações que eles apresentam; do mesmo modo que nenhum ser é igual em a Natureza, assim também sonâmbulo algum é igual a outro sonâmbulo. Cada indivíduo, inversamente influenciado na razão de sua idiosincrasia e temperamento, vê surgir em si, nesse estado misto, toda a ininterrupta sucessão das relações que, sob a influência de condições especiais de tempo, meios ou incitações diversas, podem, incessantemente, produzir-se entre as influências internas e externas.

É, como no caleidoscópio, uma diversidade infinita de combinações e de gradações que se manifestam, da produção do fenômeno; e diante de tal variedade de manifestações, não é de admirar que os experimentadores, enganando-se quanto à origem dos fatos, tenham atribuído ao próprio fenômeno aquilo que na realidade é apenas

simples reflexo da idiosincrasia dos sonâmbulos sobre os quais se experimenta; daí esses agrupamentos artificiais e essas classificações que, longe de esclarecerem o problema, apenas conseguiram dificultá-lo (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 6 – *Do sonambulismo*).

Importa precipuamente, portanto, a observação acurada dos fatos e dos fenômenos. O estudo de cada caso, com atenção e critério, é tudo quanto se pode recomendar, em todas as fases do sonambulismo, sejam elas duas ou trinta...

36 N.E.: Serve para impor silêncio (em desuso).

37 Nota do autor: Pierre Janet – artigo da *Revue Scientifique*, apud J.-S. Morand – *Le Magnétisme animal (hypnotisme et suggestion): étude historique et critique...*, p. 157.

38 N.E.: Título em francês – *De la suggestion mentale*.

CAPÍTULO 21

24

.1

“O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são efeitos vários, ou de modalidades diversas, de uma mesma causa. Esses fenômenos, como os sonhos, estão na ordem da Natureza. Tal a razão por que hão existido em todos os tempos. A História mostra que foram sempre conhecidos e até explorados desde a mais remota antiguidade e neles se nos depara a explicação de uma imensidade de fatos que os preconceitos fizeram fossem tidos por sobrenaturais.” (KARDEC, 2016a, q. 455).

Verificamos que a tendência dos magnetizadores é no sentido de reconhecer a existência de três graus no estado sonambúlico, conforme a classificação de Charcot: a letargia, a catalepsia e o sonambulismo.

Essa é igualmente a classificação aceita por Kardec (2016a, q. 422 a 424).

O estado letárgico é o mais profundo. O paciente nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior, tornando-se incapaz de toda vida consciente. O mais completo aniquilamento da personalidade humana, diz Luys, é o que

se verifica nesse estado (*Leçons cliniques sur les principaux phénomènes de l'hypnotisme*, p. 32).

Para despertar o paciente é necessário fazê-lo passar para o estado cataléptico, o que se consegue quase instantaneamente pelo erguimento das pálpebras.

Não há ainda opinião definitiva sobre o período de duração do estado letárgico. Casos há em que o paciente, entregue à própria sorte, pode assim permanecer durante trinta ou mais dias, ou então sucumbir.

A catalepsia se caracteriza pela imobilidade dos músculos e pela fixidez das atitudes em que o paciente é colocado pelo experimentador. Assim, se lhe for erguido um braço, nesta posição ficará indefinidamente.

24

.2

Nesse estado, os olhos permanecem grandemente abertos, fixos, com o semblante imobilizado, apresentando o paciente uma fisionomia impassível, sem emoção e sem fadiga.

O operador, por meio de sugestões, pode fazer o paciente exprimir as mais diversas emoções, sem a menor resistência. Assim, pode provocar nele a mímica do êxtase religioso, da cólera, da alegria, do desgosto, da aflição, da repulsão etc.

É muito conhecida a experiência que se faz com as pessoas em estado cataléptico, que são colocadas em posição horizontal entre duas cadeiras, tendo sobre elas o corpo apenas apoiado pela cabeça e pelos pés. Nessa situação, a contração dos músculos é de tal ordem, que o corpo pode resistir aos maiores pesos. Essa contração muscular, tão extraordinária e que ninguém em estado normal poderia apresentar, prolonga-se por vários minutos, numa completa rigidez.

O cataléptico é verdadeiramente um autômato nas mãos do magnetizador, perdendo toda a liberdade de ação e de movimentos. Não anda, não fala, não ouve, não pensa, senão por determinação do

experimentador, que poderá fazê-lo rir, chorar, cantar, gritar, sentir calor ou frio etc.

Se o magnetizador disser, v. g., ao cataléptico: — *Ah! que linda música!* — vereis que ele passa imediatamente à atitude de quem procura ouvir para em seguida responder: — *Oh! é verdade eu nunca ouvi música tão bonita!* — E o seu semblante apresenta desde logo uma expressão de contentamento (Morand, *Le Magnétisme animal (hypnotisme et suggestion)*: étude historique et critique..., p. 128).

Precisamente porque o cataléptico não oferece a menor resistência às determinações do operador, prestando-se assim às situações cômicas ou ridículas que lhe são impostas, é o estado preferido para as representações públicas, para deleite dos auditórios, que, via de regra, ignoram os graves perigos desses espetáculos para os pobres pacientes, que são atraídos para a experimentação. Pode ocorrer um desequilíbrio nervoso como pode sobrevir uma contratura generalizada, que é sempre difícil de ser debelada.

Além dos três estados apontados — letargia, catalepsia e sonambulismo —, alguns autores estudam separadamente o êxtase, com tendência a encará-lo como outro grau do sono magnético.

24

.3

Kardec considera o êxtase um estado mais apurado de emancipação da alma:

“No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se os transpusesse, totalmente se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o, então, resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o

invade: goza antecipadamente da beatitude celeste, e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.

[...]

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. [...]

Dá-se com os extáticos o que se dá com os sonâmbulos: mais, ou menos perfeita podem ter a lucidez e o Espírito mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas, conforme seja mais ou menos elevado. Muitas vezes, porém, há neles mais excitação do que verdadeira lucidez, ou, melhor, muitas vezes a exaltação lhes prejudica a lucidez. Daí o serem, frequentemente, suas revelações um misto de verdades e erros, de coisas grandiosas e coisas absurdas, até ridículas. Dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando o indivíduo não sabe reprimi-la, Espíritos inferiores costumam aproveitar-se para dominar o extático, tomando, com tal intuito, aos seus olhos, *aparências* que mais o aferram às ideias que nutre no estado de vigília. Há nisso um escolho, mas nem todos são assim. [...]” (KARDEC, 2016a, q. 455).

Trataremos agora da clarividência sonambúlica e do fenômeno da lucidez.

Todos os autores versam o assunto com maior ou menor amplitude, não havendo uniformidade no modo de apreciá-lo.

Dentro do nosso ponto de vista, de situar o nosso estudo sob o seu aspecto predominantemente espiritualista, abandonamos aqui a opinião dos autores profanos para nos apoiarmos na lição magnífica de Kardec, que nos explica a causa e a natureza da clarividência sonambúlica e o fenômeno da lucidez.

É a seguinte:

Sendo de natureza diversa das que ocorrem no estado vigília, as percepções que se verificam no estado sonambúlico não podem ser transmitidas pelos mesmos órgãos. É sabido que neste caso a visão não se efetua por meio dos olhos que, aliás, se conservam, em geral, fechados e que até podem ser abrigados dos raios luminosos, de maneira a afastar todo motivo de suspeita. Ademais, a visão a distância e através dos corpos opacos exclui a possibilidade do uso dos órgãos ordinários da vista. Forçoso é, pois, se admita que no estado de sonambulismo um sentido novo se desenvolve, como sede de faculdades e de percepções novas, que desconhecemos, e das quais não nos podemos aperceber, senão por analogia e pelo raciocínio. Bem se vê que nada de impossível há nisso; mas, qual a sede desse novo sentido? Não é fácil determiná-la com exatidão. Nem mesmo os sonâmbulos fornecem a tal respeito qualquer indicação precisa. Uns há que, para verem melhor, aplicam os objetos sobre o epigástrico, outros sobre a frente, outros no occipital. O sentido de que se trata não parece, portanto, circunscrito a um lugar determinado; é, todavia, certo que a sua maior atividade reside nos centros nervosos. O que é positivo é que o sonâmbulo vê. Por onde e como? É o que nem ele próprio pode explicar.

Notemos, porém, que no estado sonambúlico, os fenômenos da visão e as sensações que o acompanham são essencialmente diferentes do que se passa no estado ordinário, pelo que não nos serviremos do termo *ver*, senão por comparação e por nos faltar naturalmente um com que designemos uma coisa desconhecida. Um povo composto

de cegos de nascença por certo careceria de uma palavra para designar *a luz* e referiria as sensações que ela produz a alguma das que lhes fossem familiares por lhes estar ele sujeito.

Alguém procurava explicar a um cego a impressão viva e deslumbrante da luz sobre os olhos. *Compreendo*, disse ele, *é como o som de uma trombeta*. Outro, um pouco mais prosaico sem dúvida, ao qual queriam fazer que compreendesse a emissão dos raios luminosos em feixes ou cores, respondeu: *Ah! sim, é como num pão de açúcar*. Estamos nas mesmas condições, relativamente à lucidez sonambúlica: somos verdadeiros cegos e, do mesmo modo que estes últimos com relação à luz, comparamo-la ao que tem mais analogia com a nossa faculdade visual. Mas, se quisermos estabelecer uma analogia absoluta entre essas duas faculdades e julgar de uma pela outra, forçosamente nos enganaremos, como os dois cegos que acabamos de citar. É esse o erro de quase todos os que procuram pretensamente convencer-se pela experiência: intentam submeter a clarividência sonambúlica às mesmas provas que a vista ordinária, sem ponderarem que entre elas a única relação existente é a do nome que lhes damos. Daí, como os resultados nem sempre lhes correspondem à expectativa, acham mais simples negar.

24

.5

Se procedermos por analogia, diremos que o fluido magnético, disseminado por toda a Natureza e cujos focos principais parece que são os corpos animados, é o veículo da clarividência sonambúlica, como o fluido luminoso é o veículo das imagens que a nossa faculdade visual percebe. Ora, assim como o fluido luminoso torna transparentes corpos que ele atravessa livremente, o fluido magnético, penetrando todos os corpos sem exceção, torna

inexistentes os corpos opacos para os sonâmbulos. Tal a explicação mais simples e mais material da lucidez, falando do nosso ponto de vista. Temo-la como certa, porquanto o fluido magnético incontestavelmente desempenha importante papel nesse fenômeno; ela, entretanto, não poderia elucidar todos os fatos. Há outra que os abrange todos; mas, para expô-la, fazem-se indispensáveis algumas explicações preliminares.

Na visão a distância, o sonâmbulo não distingue um objeto ao longe, como o faríamos nós com o auxílio de uma luneta. *Não é que o objeto, por uma ilusão de óptica, se aproxime dele, ELE É QUE SE APROXIMA DO OBJETO.* O sonâmbulo vê o objeto exatamente como se este se achasse a seu lado; vê-se a si mesmo no lugar que ele observa; numa palavra: transporta-se para esse lugar. Seu corpo, no momento, parece extinto, a palavra lhe sai mais surda, o som da sua voz apresenta qualquer coisa de singular; a vida animal também parece que se lhe extingue; a Vida Espiritual está toda no lugar aonde o transporta o seu próprio pensamento: somente a matéria permanece onde estava. Há pois uma certa porção do ser que se lhe separa do corpo e se transporta instantaneamente através do espaço, conduzida pelo pensamento e pela vontade. Evidentemente, é imaterial essa porção; a não ser assim, produziria alguns dos efeitos que a matéria produz. É a essa parcela de nós mesmos que chamamos: *a alma*.

24

.6

É a alma que confere ao sonâmbulo as maravilhosas faculdades de que ela goza. A alma é quem, dadas certas circunstâncias, se manifesta, isolando-se em parte e temporariamente do seu invólucro corpóreo. Para quem quer que haja observado com atenção os

fenômenos de sonambulismo em toda a sua pureza, é patente a existência da alma, tornando-se-lhe uma insensatez demonstrada até à evidência a ideia de que tudo em nós acaba com a vida animal. Pode-se, pois, dizer com alguma razão que o magnetismo e o materialismo são incompatíveis. Se alguns magnetizadores se afastam desta regra e professam as doutrinas materialistas, é sem dúvida que se hão cingido a um estudo muito superficial dos fenômenos físicos do Magnetismo e não procuram seriamente a solução do problema da visão a distância. Como quer que seja, nunca vimos um único *sonâmbulo* que não se mostrasse penetrado de profundo sentimento religioso, *fossem quais fossem suas opiniões no estado vígil*.

Voltemos à teoria da lucidez. Sendo a alma o princípio básico das faculdades do sonâmbulo, necessariamente nela é que reside a clarividência e não nesta ou naquela parte circunscrita do corpo material. Essa a razão por que o sonâmbulo não pode indicar o órgão dessa faculdade, como designaria os olhos, se se tratasse da visão exterior. Ele vê por todo o seu ser moral, isto é, por toda a sua alma, visto que a clarividência é um dos atributos de todas as partes da alma, como a luz é um dos atributos de todas as partes do fósforo. Onde quer, pois, que a alma possa penetrar, há clarividência; essa a causa da lucidez dos sonâmbulos através de todos os corpos, sob os mais espessos envoltórios e a todas as distâncias.

Uma objeção, como é natural, se apresenta a esse sistema e apressamo-nos a responder a ela. Se as faculdades sonambúlicas são as mesmas da alma despreendida da matéria, porque não são constantes essas faculdades? Por que alguns sonâmbulos são mais lúcidos do que outros? Por que, num mesmo indivíduo, a lucidez é variável? Concebe-se a imperfeição física de um órgão; mas não se concebe a da alma.

Esta se acha presa ao corpo por laços misteriosos que não nos fora dado conhecer antes que o Espiritismo houvesse demonstrado a existência e o papel do perispírito. Tendo sido essa questão tratada de modo especial na *Revista Espírita* e nas obras fundamentais da Doutrina, não nos estenderemos aqui sobre ela, limitando-nos a dizer que é pelos nossos órgãos materiais que a alma se manifesta ao exterior. Em nosso estado normal, essas manifestações ficam naturalmente subordinadas à imperfeição do instrumento, do mesmo modo que o melhor artífice não pode fazer obra perfeita com utensílios ruins, Assim, por muito admirável que seja a estrutura do nosso corpo, qualquer que tenha sido a providência da Natureza, com relação ao nosso organismo, para o exercício das funções vitais, acima desses órgãos sujeitos a todas as perturbações da matéria, há a sutileza da nossa alma. Enquanto, pois, ela se conserva presa ao corpo, sofre-lhe os entraves e as vicissitudes.

24

.7

O fluido magnético não é a alma; é um liame, um intermediário entre a alma e o corpo. Atuando mais ou menos sobre a matéria é que ele torna mais ou menos livre a alma, donde a diversidade das faculdades sonambúlicas. O sonâmbulo é o homem despojado apenas de uma parte das suas vestiduras e cujos movimentos são embaraçados pelo que lhe resta dessas vestiduras.

Somente quando tem alijado de si os últimos restos da ganga terrena, como a borboleta que abandona a sua crisálida, encontra-se a alma na plenitude de si mesma e goza de liberdade completa no uso de suas faculdades. Se houvesse um magnetizador bastante poderoso para dar liberdade absoluta à alma, romper-se-ia o liame terrestre e a morte imediata se seguiria. O sonambulismo, portanto, fez que

puséssemos o pé na vida futura; ergueu uma ponta do véu sob que se ocultam as verdades que o Espiritismo nos faz hoje entrever. Não na conheceremos, todavia, em sua essência, senão quando nos houvermos desembaraçado por completo da cobertura material que neste mundo a obscurece (KARDEC, 2011, *Causa e natureza da clarividência sonambúlica*, it. Explicação do fenômeno da lucidez).

Não se deve aproveitar da clarividência dos sonâmbulos para fins meramente especulativos, para satisfação da nossa curiosidade ou para outros objetivos que não dizem respeito ao tratamento e à cura das moléstias.

É certo que as pesquisas no interesse geral da Humanidade jamais seriam realizadas se esse preceito fosse absoluto, o que impediria o avanço nesse terreno e a possível descoberta de novos fenômenos. Mas para casos tais, entregues a operadores experimentados e prudentes, cessa o rigor da proibição, desde que sejam conscientemente observados os cuidados necessários e imprescindíveis para salvaguardar a saúde do paciente.

24

.8

Como quer que seja, tenhamos sempre em mente que a clarividência do sonâmbulo se manifesta com mais precisão no prescrever para si mesmo o tratamento de que carece, a marcha da sua moléstia, as crises que se verificarão e o tempo da cura.

Outros enfermos poderão valer-se da clarividência do sonâmbulo para tratamento e cura dos seus males. Para isso não haverá necessidade de colocar o doente em relação direta com o sonâmbulo, a fim de obter uma consulta. Utiliza-se, em regra, de corpos intermediários, que tenham servido ao doente, como quaisquer outros do seu uso, e especialmente de uma mecha dos seus cabelos.

Bué nos diz que:

Os cabelos, principalmente, possuem a propriedade de conservar e manifestar melhor que qualquer outro objeto, o estado patológico do doente; os cabelos, esses *nervos externos*, como lhes chama Louis Lucas,³⁹ são efetivamente, qual os nervos, verdadeiros acumuladores da força irradiadora; suas qualidades se modificam, ao mesmo tempo que a irradiação nervosa se transforma com a idade; o sexo, o temperamento, idiosincrasia, o estado de saúde ou de moléstia, e pode dizer-se que as impressões táteis e olfativas que eles dão acham-se em relação direta com as evoluções físicas e psíquicas do ser.

Qualquer sonâmbulo, ao qual se dê uma mecha de cabelos, procura primeiramente formar uma impressão pelo tato; manuseia-os, apalpa-os, alonga-os em todos os sentidos; submete-os, em seguida, ao exame do olfato, cheira-os por muito tempo; e o olfato, esse sentido *instintivo*, desenvolvido em tão alto grau entre os animais, parece aqui, por analogia, tirar do estado primitivo, que caracteriza o sono magnético, uma importância especial (*Le Magnétisme curatif – Psycho-physiologie*, v. 2, cap. 7 – *Da clarividência sob o ponto de vista terapêutico*).

³⁹ N.E.: Em sua obra, *La Médecine nouvelle*, o autor apresenta um sistema terapêutico muito simples, que se apoia sobre o dinamismo, baseado sobre os princípios da Física e da Química transcendentais.

CAPÍTULO 22

“O mais santo não será o que se isola em altares do supremo orgulho espiritual, evitando o contato dos que padecem, por temer a degradação e a imundície, mas sim aquele que descer da própria grandeza, estendendo mãos fraternas aos miseráveis e sofredores, elevando-lhes a alma dilacerada aos planos da alegria e do entendimento.”
(XAVIER, 2017, cap. 24 – *Os sinais da renovação*).

25

.1

No estado sonambúlico o magnetizador transmite ao paciente a sua vontade, como também o seu pensamento, o seu estado emotivo e as sugestões de toda a natureza.

As sugestões constituem um eficiente processo na terapêutica magnética para a cura das moléstias nervosas e psíquicas, sendo empregado com grande êxito para a reeducação dos indivíduos desviados pelos vícios e pelas más tendências.

O modo de transmitir as sugestões depende de cada um. A situação é a mesma de quando pretendemos aconselhar alguém para a prática das boas ações ou para a abstenção de certos atos. A habilidade em transmitir a sugestão, portanto, é mais do homem que do magnetizador propriamente.

Para a recepção da sugestão, basta o estado sonambúlico, pois já dissemos que o sonâmbulo, pela sua extrema sensibilidade, se torna como que um aparelho registrador de grande potencial.

Em alguns casos, as sugestões transmitidas devem ter um cunho paternal; em outros, devem primar pela elevação do pensamento ou pelo apelo aos sentimentos religiosos; em outros, ainda, deve predominar o sentido essencialmente energético.

25

.2

Como quer que seja, a garantia do êxito está sempre na vontade inalterável do magnetizador.

Fournel⁴⁰ diz ter feito um sonâmbulo, a quem ordenara, pegar um chapéu que estava sobre a mesa, no meio do gabinete, e ir colocá-lo na cabeça de uma pessoa da reunião:

“Eu não disse nada — acrescenta ele —, mas somente fiz um sinal que traçava as linhas que eu queria que ele percorresse”. O sonâmbulo, que tinha os olhos vendados, se levantou da cadeira, seguiu a direção indicada pelo dedo, foi até a mesa, apanhou o chapéu entre muitos objetos e colocou-o na cabeça da pessoa indicada.

Diz J. Ochorowicz que os gestos facilitam o resultado, por força dos seguintes motivos:

- 1º) as correntes de ar são muito bem sentidas à distância;
- 2º) as impressões auditivas que acompanham os gestos;
- 3º) as atrações, muito ativas, entre certos sujeitos;
- 4º) a própria concentração mental no operador, muito facilitada pela mímica (*A sugestão mental*, cap. 5 – *Transmissão direta da vontade*).

As sugestões são dadas e executadas durante o sono lúcido, ou são dadas durante esse sono para serem executadas no estado de vigília. Os hipnotistas denominam as primeiras de sugestões *intra-hipnóticas*, e as últimas *pós-hipnóticas* (L'Abbé de Faria, *De la cause du sommeil lucide, ou étude de la nature de l'homme, Introduction*, p. XXXIV).

Escapa ao nosso objetivo o estudo da sintomatologia das sugestões. Os exemplos que passaremos a dar, e que poderão variar ao infinito, ilustrarão com mais eloquência os nossos leitores sobre o *modus operandi* do fenômeno sugestivo.

Começaremos pelos casos selecionados por De Rochas:

I

25

.3

Paciente: T.

Sugestão: — Você é Sr. X., empregado da administração do Asilo (Experiência realizada no Asilo Saint-Robert).

O efeito: Logo que foi despertado, T. se dirige com toda a naturalidade para Sra. X., que assistia à sessão e lhe diz:

— Você, tem a chave, não é?

Puseram-se todos a rir. Então, perguntei-lhe:

— Que chave?

— Nada de engraçado nisso, diz T., pergunto à minha mulher se ela fechou convenientemente a porta de casa, pois todos saíram.

— Você diz que a Sra. X. é sua mulher; e que vem a ser em tudo isso o M. X., que aqui está?

T. o encara com um olhar espantado e diz:

— É apenas Sr. X.

— Bem! E você?

— Sou o verdadeiro X. e ele é falso.

Apresentaram-lhe um espelho:

— Se você olhar bem, o Sr. X. é barbado e você não o é.

T., depois de fixar o espelho, diz:

— É realmente a minha fisionomia; mas sou eu Sr. X., o contador do asilo.

— Entretanto, a Sra. X. não pode ter dois maridos...

— É verdade, diz T., é necessário que um de nós desapareça. — E imediatamente avançou ameaçadoramente para Sr. X.

Posto novamente em estado sonambúlico, foi-lhe retirada a sugestão.

II

Paciente: R. de 20 anos, funcionário da Prefeitura, em Grenoble.

Sugestão: — Quando R. despertar, o Sr. F. tornar-se-á invisível, você não sentirá a sua presença e nem o ouvirá.

O efeito: Ao despertar, R. não vê o Sr. T., que lhe fala e o belisca, sem provocar por parte daquele qualquer movimento. O Sr. T. ergue um dos assistentes e R. fica espantado, vendo um homem suspenso no ar, sem qualquer apoio. O Sr. T., em seguida, apanha na mesa um lápis e o agita no ar; R., não menos espantado, vê o lápis agitar-se em pleno ar, sozinho. Procuram convencê-lo de que se trata de fenômeno mediúnico, e que o lápis responderá às perguntas que lhe forem apresentadas. R., então, indaga qual a sua idade e o sobrenome. Ora, o “lápis” respondeu com exatidão, pois o Sr. T., que o detinha, era o chefe de serviço de R.

III

25

.4

Paciente: R.

Sugestão: — Despertado, você ouvirá imediatamente a sineta, anunciando um incêndio, e depois você confessará ter assassinado uma senhoras

O efeito: Depois de despertado, R. não tardou em tomar a atitude de quem estava escutando alguma coisa. Pergunta-se-lhe o que acontecia. E ele responde:

— Não ouvem a sineta de incêndio?... É na rua Très Cloître.

Passou-se logo a conversar sobre um assassinio que teria sido cometido momentos antes; ele tudo ouve atentamente, sem nada dizer... Depois, voltando-se para ele, De Rochas diz que ele está sendo acusado como autor desse crime. Ele nega. Mas diante da insistência da acusação e da referência às provas colhidas, ele acabou por confessar em prantos ser o autor do assassinio... Nova sugestão e tudo foi esquecido, pelo paciente.

IV

Paciente: Benoît, de 18 anos, funcionário público.

Sugestão: — Você apanhará na minha biblioteca, na segunda estante, à direita, o 3º volume, que você folheará. Ao chegar à página 34, você encontrará o seu retrato e o mostrará ao Sr. L. Quando este último tocar no seu próprio anel, tornar-se-à invisível. Então, você irá ao quadro negro e nele escreverá o seu nome, isto é, Benoît, mas, chegando à letra “o”, você adormecerá.

O efeito: Benoît realiza o que lhe foi ordenado, apanhando um volume de *La Nature*. Ao chegar à página 34, ficou espantado por encontrar o próprio retrato, e pergunta como isso teria acontecido. Ele o mostra ao Sr. L., acrescentando que o retrato é perfeito. Nesse momento, o Sr. L. toca o anel. Benoît faz um gesto de espanto, lançando os olhos ao seu redor: “o Sr. L. havia desaparecido”. Benoît, então, vai ao quadro negro, escreve *Ben*, e, quando começa a escrever *o*, adormece. Despertado, ele recomeça, e os mesmos fenômenos se reproduzem. Finalmente, impaciado, ele escreve de novo e rapidamente *Ben*, hesita um instante, depois deixa um pequeno espaço em branco e termina por *it*, deixando escapar um suspiro de satisfação.

V

25

.5

Paciente: Benoît.

Sugestão: — Dentro de um quarto de hora você verá a porta se abrir e entrar o porteiro da Prefeitura, que lhe entregará uma carta; você a lerá e verá que ela é do Sr. Emílio, que lhe pede dizer-me que ele não poderá vir esta noite; você me dará o recado e despedirá o porteiro.

O efeito: Ao cabo de dez minutos, Benoît volta-se para a porta e diz que chega o porteiro da Prefeitura. Ele recebe a carta imaginária, que lê, dando em seguida o recado, como lhe fora sugerido, e despedindo o porteiro.

Benoît volta para o seu lugar, junto do Sr. De Rochas, e este lhe pede a carta. Ele a procura em todos os seus bolsos e, não a encontrando, diz que possivelmente a devolveu ao porteiro, sem prestar atenção

no fato. De Rochas pede-lhe, então, que dissesse com exatidão o que a carta continha. Ele respondeu: “Meu caro Benoît, peço dizer a De Rochas que não poderei ir esta noite, como estava combinado”. De Rochas assegura a Benoît que tudo quanto se passara nada mais era do que uma sugestão. Ele não quer acreditar e apela para o testemunho das pessoas presentes.

[...]

VII

Paciente: Benoît.

Sugestão: — Três e dois são quatro, e não cinco.

O efeito: Ao despertar, foi-lhe pedido fazer a soma dos seguintes números: $35.142 + 29.473$.

Ele apresentou o seguinte resultado: 64.614.

25

.6

De Rochas pede-lhe, então, que resolva o seguinte problema: dividir a soma de 500 francos entre duas pessoa, de maneira que uma venha a ter cem francos a mais do que a outra. Ele calcula e responde: “Uma terá 300 francos e a outra 200 francos”. Pedida uma demonstração, ele escreve: $300 + 200 = 400$. Ele refaz seus cálculos e se embaraça. Vendo que ele não podia chegar a uma conclusão, De Rochas faz notar que $3 + 2 = 5$, o que ele não admitiu, senão depois do seguinte diálogo:

— Quanto são $3 + 1$?

—Quatro.

—E $3 + 2$?

(Com hesitação), responde:

— Quatro.

— Você verá que isso não é possível: $3 + 1 = 4$ e $4 + 1 = 5$ e $3 + 2 = 5$.

Ele volta a raciocinar. Então, De Rochas o adormeceu para afastar a sugestão. E, apesar disso, no dia seguinte, no seu trabalho, Benoît cometeu ainda diversos erros de cálculo sob o império daquela sugestão. Foi necessário adormecê-lo novamente para varrer definitivamente da sua memória o absurdo.

[...]

X

Pacientes: Emile, de 16 anos, tipógrafo, e Benoît.

Sugestão: — Vocês despertarão em um prado. Todas as pessoas que se encontram aqui, salvo eu, serão carneiros ou cães de propriedade de vocês. Vocês almoçarão com uma cesta de morangos. Verão o guarda campestre, e este procederá a uma inquirição para o respectivo processo.

O efeito: A cena se produz, tal qual foi sugerida. Os jovens pastores, assentados na relva, conversam e comem. De quando em quando, um deles se levanta para chamar o seu cão ou para fazer o gesto de quem lança uma pedra num carneiro que se desgarrar.

De Rochas apresenta-se para comprar carneiros e os escolhe, regateando sempre no preço. Benoît defende seus interesses, fazendo valer as qualidades correspondentes a cada carneiro, segundo o aspecto da pessoa que, como tal, era considerada. O primeiro (uma criança) era um lindo cordeirinho; o segundo, um carneiro gordo; o terceiro, um magnífico carneiro de lã abundante; o quarto, possuía soberbos chifres etc.

Quando o guarda campestre imaginário aparece e inicia a inquirição, os pastores protestam, sob a alegação de que não estão praticando mal algum e de que têm o direito de permanecer no prado em que se encontram.

Intervém, então, De Rochas, e, levando Emílio para um lado, observa que estão sozinhos, e que, para evitar o processo, não haveria outro remédio senão se desembaraçarem do guarda. Para isso, ofereceu-lhe um revólver, que ele descarrega sem nenhuma hesitação sobre o inimigo. De Rochas dirige-se incontinenti para o lugar em que se encontrava a suposta vítima, abaixa-se, e declara que ela se achava morta, mas que havia necessidade agora de fazer desaparecer o cadáver.

— A propósito, diz um deles, eis aqui um fosso, onde poderemos colocá-lo, cobrindo-o em seguida com folhas.

Emile e Benoît tomam a aparência de que tivessem agarrado o corpo, um pelos pés, outro pela cabeça, erguendo-o com esforço e trazendo-o para um canto, onde amassam folhas com os pés e com as mãos.

Retirada a sugestão, não guardaram eles a menor lembrança do ocorrido, voltando logo ao estado normal.

XI

Pacientes: Gabrielle, 18 anos, costureira, Benoît e Emílio.

Sugestão: — Vocês despertarão no momento em que o Sr. A. assoar o nariz. Gabriela estará com 30 anos e será dona de um ateliê de costura; Benoît e Emílio serão as costureiras do ateliê. Benoît será

uma jovem de 15 anos e chamar-se-á Félicie. Emile será uma jovem de 18 anos, com o nome de Valentine.

Todos estarão no ateliê, não verão e nem ouvirão ninguém, a não ser eu. Ao cabo de alguns instantes, vocês sentirão muito calor e mau cheiro, e abrirão uma janela; ouvirão música militar ao longe e verão passar o 113º Regimento; a Sra. L., aqui presente, chegará então para encomendar um vestido.

Gabrielle, você tomará as medidas; a Sra. L., pagar-lhe-á uma conta anterior com três moedas de 20 francos; você não saberá escrever e, por isso, encarregará desse mister Félicie, a fim de que ela passe o recibo, com o papel e a tinta que se encontram na mesa.

25

.8

Félicie, no momento em que assinar o seu nome, você terá paralisados os braços e as pernas.

O efeito: A cena começa como foi indicada. Gabrielle distribui o trabalho, e, quando vira as costas, Emile e Benoîte, que cosem vestidos imaginários, põem-se a cochichar, projetando um passeio, antes de voltarem para a casa dos seus pais. Quando Gabrielle os olha, eles curvam a cabeça sobre o trabalho. Benoît se levanta, dizendo que se sente mal com o excessivo calor, e vai abrir a janela, aprestando o ouvido. Os outros se reúnem à janela; um faz notar o tambor-mor, o outro, o coronel, que passam. Benoît afirma que está sendo executada a marcha militar do Regimento. Depois, todos os três retomam o seu trabalho.

A Sra. L. pede para que sejam tomadas as medidas para o seu vestido. Gabrielle procura alguma coisa e acaba por dizer que perdeu seu metro. Foi-lhe dado outro e ela toma as medidas. A Sra. L. diz

que quer regularizar sua conta, que é de 60 francos, e entrega três moedas de 20 francos, pedindo um recibo.

Gabrielle, embaraçada, diz que não sabe escrever bem, mas que Félicie passará o recibo.

Enquanto Benoît passa o recibo, De Rochas passa os dedos pelas moedas que se encontram na mesa e observa que correm no momento muitas moedas falsas, e que aquelas não apresentavam boa aparência. Benoît as experimenta e diz que são excelentes, acrescentando com vivacidade que conhecia muito bem o dinheiro, ao mesmo tempo que continuava a escrever o recibo. Terminado este, sente-se mal, alegando que não podia mover-se.

Emile e Gabrielle ficam espantados. De Rochas indaga de Gabrielle se o mal de que Félicie havia sido acometida ocorria frequentemente, e ela responde que não, que era a primeira vez que tal coisa acontecia.

— Há muito tempo que ela trabalha em sua casa?

— Sim, senhor.

— Como se chama ela?

Gabrielle hesita em responder.

— Vê-se bem que a conhece há pouco tempo, pois nem sequer se lembra do seu nome...

25

.9

Ela interroga Emílio pelo olhar, o qual lhe sopra aos ouvidos: “Félicie!”

— Ah! sim, Félicie. É que me encontro muito perturbada.

Varrida a sugestão, todos os três voltaram ao seu estado normal.

[...]

XIII

Paciente: Benoît.

Sugestão: — Daqui a quinze dias, a contar de hoje, às 5h30, você terá contratura no polegar da mão esquerda, e virá mostrar-me o polegar.

O efeito: O efeito ocorreu quinze dias depois. Benoît estava pescando a vários quilômetros da cidade, quando, repentinamente, às 5h30, a linha que prendia o anzol é bruscamente sacudida. Nessa ocasião, com grande espanto, ele verifica a contratura que se operava no seu polegar. Ele pensou em ir imediatamente perguntar a De Rochas a explicação do fato, mas, como era muito tarde, adiou a pergunta para o dia seguinte.

Observação: A propósito desse caso, De Rochas chama a atenção para o perigo das sugestões. E comenta: Se eu tivesse dito a Benoît: “Na primeira vez em que você for banhar-se no Loire, experimentará uma contratura geral”, a morte lhe seria fatal. Como se poderia reconhecer o autor desse assassinio?

[...]

XVII

Paciente: P. N.

Sugestão: — No ano próximo vindouro, no mesmo dia de hoje e no mesmo mês (transcorria o ano de 1885, aos doze dias do mês de outubro), você irá à residência do Sr. Liébault, na parte da manhã. Você dirá, então, que durante todo o transcurso de um ano se sentiu muito bem dos olhos, e que, por esse motivo, estava ali para

agradecer-lhe, bem como ao Sr. Liégeois os cuidados que tiveram. Você exprimirá sua gratidão a ambos e pedirá permissão para abraçá-los. Isto feito, você verá entrar no gabinete do doutor um cão e um macaco amestrados, um carregando o outro. Eles farão mil travessuras e caretas, e isso lhe divertirá muito. Cinco minutos depois, você verá entrar um cigano seguido de um urso. Sentir-se-ia feliz esse homem se encontrasse seu cachorro e seu macaco, que julgava já perdidos. E para divertir os presentes, ele fará dançar o seu urso, de grande porte, mas muito manso, e de quem você não terá medo. Quando ele estiver de saída, você pedirá a Liégeois dez cêntimos para dar ao cigano, a quem você mesmo os entregará.

25.

10

O efeito: Dia 12 do mês de outubro de 1886, antes das nove horas o Sr. Liégeois já se encontrava em casa do Sr. Liébault. Às 9h30, não tendo chegado ninguém, o Sr. Liégeois retirou-se para sua casa, na suposição de que a sugestão feita um ano atrás não produzira nenhum efeito. Mas o jovem P. N. chegou às 10h10. Dirigiu ao Sr. Liébault os agradecimentos, conforme lhe fora sugerido, e perguntou se o Sr. Liégeois não viria. Este, prevenido por um mensageiro, regressou imediatamente. Apenas chegado, P. N. se levanta para exprimir-lhe os mesmos sentimentos de gratidão já testemunhados ao Sr. Liébault. A sugestão, embora retardada pela ausência do Sr. Liégeois, produz os seus efeitos precisamente na ordem prevista: P. N. vê entrar um macaco e um cachorro, que se entregam aos seus exercícios ordinários, divertindo-se muito com isso; terminados os exercícios, ele vê o cão dirigir-se para o seu lado, para arrecadar dinheiro, levando um pires na boca; ele pede dez cêntimos ao Sr. Liégeois e faz o gesto de dar a moeda; finalmente, ele vê um cigano,

que conduz o macaco e o cachorro; o urso não apareceu, e P. N. não se lembrou de abraçar os Srs. Liébault e Liégeois.

Observação: Como se vê, embora executada rigorosamente na ordem determinada, a sugestão não foi integralmente realizada. Por esse motivo, o Sr. Liégeois adormece o paciente para fazer-lhe, entre outras, as seguintes perguntas:

— Não teria você se enganado na hora, pois creio ter indicado nove horas da manhã.

— Não, senhor, o erro é vosso, pois determinastes que viesse no mesmo dia e na mesma hora, no ano seguinte ao da determinação, que me foi dada em 12 de outubro de 1885, às 10h10, hora exata em que cheguei.

— Mas por que não viu o urso e nem nos abraçou?

— Porque isso me foi dito uma só vez, ao passo que o resto da sugestão, duas vezes.

P. N., depois de despertado, não se lembrou mais da sugestão (*Les États superficiels de l'hypnose*, cap. 3).

⁴⁰ Nota do autor: Jean-François Fournel, *Essai sur les probabilités du somnambulisme magnétique*, apud Dr. J. Ochorowicz, *A sugestão mental*, cap. 5 – *Transmissão direta da vontade*.

CAPÍTULO 23

26

.1

“A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa, não trata com leviandade, não se ensoberbece.” – Paulo (I *Coríntios*, 13:4).

Voltamos hoje a citar novas experiências realizadas com diversos sonâmbulos.

Citaremos os casos de Teste, que se encontram na edição de 1845 do seu velho livro (*Le Magnétisme animal expliqué*, p. 410), ainda hoje citado como uma grande autoridade na matéria.

Tomemos o primeiro caso:

Trata-se de uma jovem senhora, sonâmbula muito lúcida. Numa das sessões realizadas, depois de despertada, com um ar inexprimível de ansiedade fixou os seus olhos no magnetizador, e exclamou, aterrorizada:

— Vosso braço! vosso braço esquerdo! Que é feito dele? Não tendes senão um só braço!

Havia tanta naturalidade na sua voz e nas suas expressões, que ao magnetizador não era dado duvidar um instante sequer da sinceridade da perturbação dela. Um dos braços, pois, havia se tornado invisível para ela.

Mas por que o esquerdo e não o direito? Por que uma parte do corpo e não todo o corpo? Isso parecia inexplicável.

— Acalmai-vos, senhora, disse-lhe Teste, e olhai: graças a Deus, tenho todos meus membros, e vereis que vos apresento minha mão esquerda.

— Não, não a tendes mais — repetiu ela sem hesitação.

— Pois, então, ides tocá-la.

E, ao mesmo tempo, o magnetizador tomou com a sua mão esquerda a mão da paciente. A perturbação aumentou de intensidade.

26

.2

— Sinto a mão esquerda, mas não a vejo... Deixai-me! Tenho medo, tenho muito medo!...

E sua voz se foi extinguindo, ao mesmo tempo que repetia indefinidamente essas palavras, até cair novamente em estado sonambúlico.

— Então, senhora, podeis agora explicar o que ocorreu?

— Sim. No instante em que fui despertada, por um movimento espasmódico, e sem o querer, fechei a vossa mão esquerda.

— E isso foi o bastante para torná-la invisível aos vossos olhos? Que se passou então?

— Não via senão uma ligeira nuvem branca: era uma atmosfera de *fluido*, que o meu esforço involuntário havia envolvido em vossa mão.

Teste despertou a sonâmbula e ficou surpreendido com o insólito fenômeno dessa estranha invisibilidade, de um corpo involuntariamente magnetizado. E provocou a repetição do fenômeno, mas já sob a influência de um esforço voluntário.

Dez velas novas, do mesmo fabricante, da mesma qualidade, foram colocadas em dez castiçais, ao mesmo tempo que, no cômodo vizinho, Mme. X... era adormecida. Pediu-se à sonâmbula para que magnetizasse

uma das velas, que ela segurou durante um ou dois minutos. Quando foi despertada, os assistentes lhe apresentaram sucessivamente cada um dos dez castiçais. Sempre que chegava a vez da vela, que ela havia segurado, a sonâmbula pretendia não tê-la visto. O fenômeno persistiu de tal maneira, que ela se julgou objeto de alguma mistificação.

Nova experiência é realizada. Mme. X... magnetiza desta feita quatro velas, que permanecem acesas no apartamento, as demais ficam apagadas. Despertada, a sonâmbula exclama que se encontra em absoluta escuridão, apesar de ter os olhos abertos. Os seus olhos buscam os assistentes que se encontram juntos dela, e não os encontram naquela escuridão. Finalmente, a luz somente voltou para ela no momento em que foram acesas as velas que ela não havia segurado.

Vejamos o segundo caso. Trata-se da jovem sonâmbula, Mlle. Henriette L., de grande impressionabilidade.

Teste, colocado no meio do seu salão, cria mentalmente uma barreira de madeira, de cerca de um metro de altura. Depois de haver bem fixado essa imagem, ele despertou a paciente no quarto vizinho, pedindo-lhe para trazer um livro que se achava perto dela. Mlle. Henriette, com efeito, toma o livro e vem; chegando, porém, no lugar em que se erguia a barreira imaginária, ela se deteve subitamente. Perguntada se alguma coisa impedia a sua aproximação, respondeu:

26

.3

— Não estais vendo? Estais cercado por uma barreira...

— Que loucura! Aproximai-vos.

— Já vos disse que não posso.

— Como, em realidade, estais vendo essa barreira?

— Tal como se apresenta... *de madeira vermelha*... Que ideia singular essa, de colocar uma barreira dentro deste salão!

O magnetizador tentou persuadir a paciente de que ela era vítima de uma ilusão e, para isso, pegou-a pelas mãos e forçou-a a caminhar. Mas seus pés ficaram colados ao chão; o busto apenas se inclinava para a frente. Finalmente, ela gritou que o magnetizador estava comprimindo o seu estômago de encontro ao obstáculo que a detinha...

Esta mesma sonâmbula, em uma reunião íntima, submete-se a uma nova experiência. Sob um pretexto qualquer, a paciente é levada para fora do apartamento, enquanto os assistentes sugerem os objetos que a imaginação do magnetizador deveria fixar. Um lembra chifres de veado, outro um chapéu de mágico, uma senhora pede para ser “metamorfoseada” em sultão, enquanto uma terceira sugere um leopardo etc.

Tudo preparado, Mademoiselle regressa ao salão sem de nada suspeitar. Mal a porta se abriu, ela recuou alguns passos, exclamando:

— Que ajuntamento estranho!

— Que é que estais vendo?

— Um turco, um mágico, um veado, um tigre... enfim, uma “misturada”.

E tudo voltou aos seus lugares com os passes de dispersão.

A seguir, o terceiro caso:

A sonâmbula, Mme. G., havia sido adormecida por M., um culto magistrado. Recostada num divã, ela tinha os dois pés sobre o tapete. Teste sussurrou aos ouvidos de M.: “Imaginai um pequeno lago diante dela, em que faremos nadar os cisnes”. E, imediatamente, Mme. G., que se viu envolvida pela água, retira seus pés, alegando que ambos estavam já molhados e procurando mantê-los no ar, numa posição fatigante e grotesca, que a todos fazia rir. Depois da comicidade dessa cena, M. se dispunha a despertar a paciente, quando se lembrou de perguntar a Teste:

— Que faremos que ela veja quando voltar ao estado de vigília?

— O que lhe agradar.

— Um precipício?

— Não, isso poderia amedrontá-la, e o seu mal de coração não o permitiria.

— Um lindo jardim?

— E por que não o paraíso terrestre?

M. pôs-se a rir.

— Ao menos ficaria eu curioso, disse Teste, em saber como fixaria em sua imaginação a ideia.

— Quer ser Adão?

— Serei a serpente, se lhe agradar.

— Bem. A poltrona grande será a árvore do fruto proibido.

M., depois de alguns minutos de recolhimento, achou-se no dever de realizar o Éden que concebera. E com a sua declaração de achar-se tudo pronto, M. desperta a sonâmbula já impaciente pelo longo tempo decorrido.

Madame G. abre os olhos, mas não diz nada. Nenhuma expressão de surpresa apresenta em seu semblante. Teria sido falha a experiência, ou mesmo impossível? Os magnetizadores entreolhavam-se desapontados. Entretanto, esperavam ainda. A um movimento de Mme. G., eles se voltam ansiosos para ela, parecendo-lhes que seus olhos exprimem espanto e admiração.

Finalmente, ela exclama:

— Que belas árvores! que belas árvores!

Madame G. parece duvidar, a princípio, do que vê. Esfrega as mãos pelos olhos, para bem se assegurar de tudo.

— Que horror! — disse ela —, um homem nu!

M. tinha levado a sua concepção até esse ponto.

— Coisa estranha! Quando lhe dirijo a palavra, parece que me ouve, mas não compreende o sentido dos vocábulos...

Depois que M. *destruiu sua obra*, fazendo Mme. G. passar do paraíso terrestre para o salão em que se encontravam, ensaiou a seguinte interpelação a Teste:

26

.5

— Depois do que acabou de verificar, eu pergunto, finalmente, se você é materialista ou espiritualista?

— Nada sei dizer. Há dez anos que insisto em perguntar a mim mesmo... sempre com a grande esperança de morrer cristão...

— Mas, afinal, que me diz desta experiência?

— O que disse inicialmente: *daguerréotype*⁴¹ *de la pensée*...

A seguir, o quarto caso que poderíamos chamar de retrovisão:⁴²

Duas senhoras se apresentaram em casa de Teste para consultar a sua sonâmbula. Eram inteiramente desconhecidas, no entanto, a senhora doente parecia ter 40 anos. A conversação entabulada revelou que a jovem que a acompanhava era sua filha. A doença era sem dúvida um pretexto, porque a consulente, depois de exprimir sua admiração pela lucidez da sonâmbula, pediu permissão para interrogá-la sobre assunto estranho, que não se prendia ao seu estado de saúde.

Como a senhora manifestasse um interesse excepcional pela consulta, foi-lhe concedida a permissão, embora em transgressão ao hábito de não se consentir qualquer consulta estranha ao assunto da enfermidade.

Disse ela, então, à sonâmbula:

— Eu e meu marido somos separados há cinco anos. Não sei o que lhe aconteceu desde então. Podeis dar-me notícias dele?

— Tendes cabelos, ou qualquer coisa que lhe haja pertencido?

— Tenho apenas esta carta.

— Dai-ma. — E tomou a carta, que amarrotou em suas mãos.

Apesar de a consulente ter recebido essa carta no ano seguinte ao da separação, a sonâmbula, depois de pequena pausa, disse:

— Vosso marido é um homem pequeno, muito forte, moreno. Com uma cabeça grande e a testa larga.

— Isso mesmo. Eis o seu retrato... Onde estará ele agora?

— Espantoso! Era um homem mau o vosso marido! Vejo-o em uma grande cidade, perto do mar, e nela as ruas são arborizadas...

26

.6

— Marselha!... — observou a consulente, que teria tido notícias dele vindas dessa cidade.

— Mas não está mais aí... Ele chega em um país... em que as mulheres são amarelas...

— Argélia!... Ele foi visto em Argélia no ano seguinte — diz a consulente estupefata.

— Eis agora! Não está trajado como anteriormente... Usa uniforme e traz uma arma.

— Ter-se-ia tornado militar?

— Sim. Ele se bate... que fúria!... Lá... agora... aonde está ele agora?... Não o vejo mais!... Isso me impacienta!... Não o vejo mais!... Sim, ei-lo novamente... lá... É ele mesmo!... Doente, muito doente... Tomai a carta, senhora, ela me ataca os nervos!... Vosso marido está morto!

— E eu duvidei — disse a senhora em prantos... — Que o Céu lhe perdoe os males que me fez!

A propósito desse caso, chamamos a atenção dos nossos leitores para o que já ficou dito no capítulo 14, quando, com apoio na autoridade de

Ernesto Bozzano, lembramos que a psicometria não passa de uma das modalidades da clarividência. Estamos diante de casos típicos que confirmam a assertiva.

Vamos ao quinto caso:

O sonâmbulo Alexis já havia sido consultado por diversos assistentes, quando um deles lhe apresentou uma espécie de pasta de couro envolta em várias folhas de papel.

O sonâmbulo toma esse objeto, que examina e *cheira*, e diz logo em tom de gracejo:

— Isso dá a impressão de um buquê; entretanto, não o ofereceria a uma dama, porque não são flores, mas sim uma pasta.

— De que cor?

— Do mais belo vermelho. E para que ninguém duvide, ei-la aqui...

Com efeito, ele rasga o invólucro de papel e mostra uma pasta vermelha.

A pessoa que apresentou esse objeto se aproxima de Alexis e pergunta a quem ele pertence.

— A um guarda nacional.

— Enganais-vos.

26

.7

— É possível, porque esta pasta é nova e *nunca foi usada*.

— Isso é absolutamente exato. Mas a quem pertence?

— A um militar, sem dúvida.

— Onde está ele?

— Do outro lado do Sena.

— É verdade.

— Perto dos Inválidos.

— Prestai atenção, ele não se encontra mais aí.

— Ah! Esperai...

— Procurai bem.

— Não o encontro.

— Bem. Vou ajudá-lo, O militar estava no Hospital de Gros-Caillou, e...

— Não informeis mais nada... ferido... na cabeça ... na coxa... fratura dupla... queda do cavalo... Tínheis razão... Esse homem não está mais no hospital... Está morto!

O sexto caso ocorreu com a sonâmbula Rosália. Depois de magnetizada, Teste indagou que desejavam os assistentes que a sonâmbula visse. Respondeu-se-lhe: uma menina.

Teste aproximou-se de uma cadeira, e, por meio de alguns passes, procurou fixar nessa cadeira a imagem. Em seguida, conduziu a paciente para junto da cadeira. Houve um momento de hesitação, mas a sonâmbula finalmente disse:

— Vejo muito bem: é a pequena Hortência.

Rosália é conduzida para outra sala, enquanto Teste procura, pela mudança de lugar da cadeira, embarçar a sonâmbula para que não reconheça a pequena Hortência. Aconteceu, entretanto, que o magnetizador hesitou, colocando mentalmente a cadeira em diversos pontos do salão, antes de fixá-la definitivamente num lugar.

Em seguida, despertou a sonâmbula, conduzindo-a novamente para o salão. Mas, com grande espanto para o magnetizador, a paciente não via apenas uma, mas seis crianças.

Por meio de passes transversais, o magnetizador procura desmanchar a multiplicidade das crianças. Todos os esforços foram inúteis.

Curioso em conhecer a causa do que ocorrera, Teste adormece novamente a paciente e lhe pede a explicação do enigma.

— Tudo muito claro — responde a sonâmbula. — Se não tivesse mudado a cadeira de lugar, eu teria visto apenas uma criança. Mas, com a mudança, em toda a parte do salão em que colocou a cadeira, o fluido que a atravessava formou outras tantas crianças semelhantes.

Não há dúvida de que esse caso é muito curioso, e serve para nos colocar de sobreaviso na produção de fenômenos insólitos, que surgem inesperadamente, sem que se conheça ou se possa deduzir-lhe a causa.

A história do magnetismo está cheia dessas surpresas.

41 N.E.: Daguerreótipo, antigo aparelho fotográfico inventado por Louis Jacques M. N. P. Daguerre (1787–1851), físico e pintor francês, que fixava as imagens obtidas na câmara escura numa folha de prata sobre uma placa de cobre. Imagem fotográfica obtida (de alguém, algo ou de si mesmo).

42 N.E.: Tipo de visão extrafísica.

CAPÍTULO 24

2
7.
1

“O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas ideias são as mais falsas, se apoiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliam as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos endereçavam seus apelos a esse juiz, para repeli-las. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. [...]” (KARDEC, 2016a, *Introdução*, it. VII).

Prosseguindo na citação dos fenômenos mais interessantes observados no estado sonambúlico, apresentaremos agora os narrados por Deleuze (*Histoire critique du magnétisme animal*, p. 213 a 214).

Vejamos o primeiro caso: trata-se de um jovem, de 20 anos, doente havia alguns dias. Não tinha grande confiança no magnetismo, e encarava o estado sonambúlico como uma espécie de loucura, no qual não desejava cair.

Apenas iniciada a ação magnética, o jovem caiu naquilo que não desejava: no estado sonambúlico acompanhado de sintomas de catalepsia. Os braços e os dedos permaneciam na posição em que eram postos; apenas conservava a faculdade de fazer um pequeno movimento de cabeça. Foram-lhe feitas diversas perguntas, que não receberam resposta. Somente quando foi consultado se desejava despertar, ele fez um sinal de cabeça para dizer que não. Eram já onze horas quando concordou em voltar ao estado de vigília. Enorme foi seu espanto ao saber que dormira durante tanto tempo, pois certo estava de que despertara às sete horas.

27

.2

Foi com dificuldade que Deleuze conseguiu a aquiescência do jovem para ser novamente magnetizado. Durante uma semana inteira, os fenômenos se reproduziram do mesmo modo; somente o sono era menos prolongado.

Nessa ocasião, Deleuze relatou a M..., discípulo de Mesmer, o caso do jovem sonâmbulo. M..., que era então considerado um vigoroso magnetizador, disse-lhe: se o sonâmbulo não fala é porque não sabeis querer; ordenai, sabeis querer, e ele falará.

Convidado por Deleuze, M... compareceu à sessão seguinte. Repetiram-se os mesmos fenômenos, sem qualquer alteração. Momentos depois, M... tira do bolso um bastonete de aço, entregando-o a Deleuze. Este, imediatamente, colocou-o à altura do estômago do sonâmbulo, provocando-lhe um tremor convulsivo, tanto mais digno de nota, quanto é certo que até então ele não havia feito nenhum movimento. Devolvido o bastonete a M..., este saiu logo a seguir. O sonâmbulo continuou silencioso.

Magnetizado no dia seguinte, o paciente ainda apresentou a mesma imobilidade. Ao cabo de uma hora, porém, ele estende as pernas e os braços, e esfrega os olhos, dando a falsa impressão de que despertava; seus olhos, entretanto, continuam fechados e ele prossegue em seu sono. Depois de haver suspirado, diz:

— Bom Deus! Esse fluido, que me veio ontem, fez-me mal! Ele quis fazer-me falar; bem, falarei.

Perguntado se essa prática estava errada, respondeu:

— Precisava ficar em silêncio ainda durante alguns dias para coordenar as ideias; tornar-me-ia um excelente sonâmbulo, mas a interrupção verificada me prejudicou, de algum modo, no sentido de vir a ser um bom clarividente.

Foi-lhe ordenado, então, que voltasse à situação anterior, guardando silêncio por tanto tempo quanto julgasse necessário para recuperar o que fora perdido. Respondeu que isso seria impossível, e acrescentou:

— Quando esse fluido penetrou, ocupava-me com os remédios; pensava em sene; já havia pensado em maná, quássia, ruibarbo etc.

Estabeleceu-se, logo a seguir, o seguinte diálogo entre o magnetizador e o paciente:

— Mas se isso lhe prejudicava, porque, então, anuiu em falar?

27

.3

— Pela simples razão de que não pude resistir ao fluido.

— Todavia, não era ele quem o magnetizava, e eu não o forcei a falar.

— Não, mas não vos opusestes à vontade por ele manifestada. Esse fluido tem uma vontade forte; não desejaria ser magnetizado por ele, pois temeria ficar louco.

— E não terei porventura uma vontade igualmente forte?

— Sim, mas é uma vontade calma, e que não objetiva outra coisa senão curar.

Depois desse diálogo, M... bate à porta. O sonâmbulo não sabia que era M... que ali se encontrava, mas o sentiu, manifestando de imediato uma grande inquietude. Deleuze, porém, não o deixou entrar.

Sem embargo das circunstâncias expostas, o sonâmbulo tornou-se, entretanto, bastante clarividente. Descrevia seus males, apontava-lhes as causas e prescrevia o remédio adequado com extrema precisão.

Certo dia, o paciente advertiu que se viesse a saber que ele havia falado, durante o estado sonambúlico, não consentiria mais em ser magnetizado. Aconteceu, porém, que, por uma imprevidência de todo involuntária, e que não vem ao caso relatar, o sonâmbulo conseguiu adivinhar que falava. Desde então, foi inteiramente impossível fazê-lo voltar às sessões.

Antes dessa interrupção, entretanto, apresentou fenômenos singulares. Era possuidor de extrema sensibilidade, com uma disposição para a melancolia. Contudo, tranquilo era seu caráter. Havia passado dois anos em Candia. Um dia, falando-se sobre esse lugar, *ele* declarou que havia esquecido a língua nacional de Candia, mas, se encontrasse alguém que a soubesse, recordar-se-ia e a falaria com prazer. Deleuze, não podendo certificar-se da veracidade da afirmação, entabulou com ele a conversação seguinte, durante o estado sonambúlico:

— Lembra-se de ter lido alguns livros nessa língua?

— Sim. Em Candia, li um livro muito triste e que me impressionou profundamente.

— Poderia citar-me alguma coisa desse livro?

— Certamente. E tanto quanto quiserdes.

E o sonâmbulo pôs-se a recitar *Nuit de Narcisse*, de Young, precisamente como se estivesse lendo o livro.

No dia seguinte, certificou-se Deleuze de que ele havia recitado duas páginas de *Nuit de Narcisse* e, possivelmente, sem trocar sequer uma só palavra.

Uma derradeira experiência com esse sonâmbulo realizou-se na estrada, ao ar livre, quando de regresso de um passeio ao campo. Às 6h30, diz Deleuze, hora habitual das sessões, estávamos ainda em caminho, à distância de uma légua da cidade. O sonâmbulo diz que estava sob o domínio de um sono irresistível. Coloquei, então, pelo espaço de um minuto, minha mão sobre seus olhos, dizendo-lhe com firme vontade: *dorme e continua a andar*. Imediatamente, ele fechou os olhos, suspirou e continuou a marcha.

O caminho era longo e muito acidentado. Algumas vezes dizia que estava muito fatigado e indagava se estavam ainda muito longe. Assentou-se numa pedra e disse, queixando-se: *esta cadeira é muito fria*. Quando encontravam outras pessoas na estrada, ele observava: *eis um fluido que passa*.

Ao chegar à cidade, foi despertado.

Passemos ao segundo caso: a mulher de um tabelião da cidade de Pernes, França, encontrava-se, havia dois anos, gravemente enferma, hemiplégica. Todo o lado direito do corpo estava privado de qualquer movimento. Via e percebia muito bem tudo quanto se passava em seu derredor, mas perdera a faculdade de ler, de contar e de falar corretamente o francês. E isso ocorria sem que apresentasse qualquer embaraço na língua, o que tornava o fenômeno singularíssimo.

Falando, ela não empregava, de maneira alguma, senão o infinitivo dos verbos e, por igual, não fazia uso de nenhum pronome. Assim dizia, pronunciando claramente, sem qualquer dificuldade — *desejar bom dia, ficar, marido vir* — para exprimir: *eu vos desejo bom dia, ficai, meu marido virá em breve*.

Quanto à faculdade de contar, ela conseguia chegar até três, e a quatro quando ajudada. Assim, quando lhe apresentavam três moedas, ela contava desembaraçadamente — *uma, duas, três*. Se se acrescentasse uma quarta, dizia: *não saber*; se, porém, esse número lhe fosse dito, repetia então corretamente — *uma, duas, três, quatro*. Mas se se acrescentasse uma quinta, e embora lhe fosse declarado o número cinco, respondia invariavelmente — *não saber*.

Magnetizada por Deleuze, sentiu logo no primeiro dia calor e formigamento nos braços; alguns dias depois, movia os dedos, e ao cabo de 15 dias mexia o braço. Aos poucos, foi readquirindo a faculdade de contar, progredindo sempre, até chegar a 40. Já dizia: *antigamente, não poder dizer eu, vós, tu, ele; agora dizer bem.*

27

.5

Vê-se que ela não havia ainda readquirido o hábito de se servir dos pronomes e de conjugar os verbos, mas já estava concebendo paulatinamente o seu uso.

Forçado a partir, Deleuze deixou ao marido dela a tarefa de terminar a cura.⁴³ Não tendo conseguido reatar comunicação com a paciente, não podia, destarte, informar o desfecho do curioso fenômeno.

Agora, o terceiro caso: um intelectual esclarecido e observador, durante algum tempo, ao entregar-se aos seus estudos, principalmente quando empregava fortemente a sua atenção, era acometido de dores de cabeça, que impediam a continuação do seu trabalho. Quis então aproveitar-se dessa circunstância para verificar se o magnetismo teria alguma ação sobre ele. Em consequência, pediu a seu irmão que o magnetizasse, recomendando-lhe que a ação fosse concentrada sobre a cabeça, e tal modo que viesse a adormecer.

Assim foi feito. As dores de cabeça foram cedendo à medida que a magnetização ia sendo feita metodicamente, sem nenhum acidente. Aconteceu, porém, que, ao cabo de oito a dez dias, com grande surpresa, o intelectual adquiriu uma faculdade singular: percebia na obscuridade, *tendo os olhos abertos*, todos os objetos de cor branca; e esses mesmos objetos eram percebidos, à luz do dia, *conservando os olhos fechados*. E como o paciente apresentasse no órgão da visão uma irritação, com tendências a aumentar, seu irmão houve por bem suspender as experiências.

Um mês ainda depois dessas experiências o fenômeno persistia. Foi então consultado um sonâmbulo sobre a causa dessa curiosa faculdade. A

resposta não se fez esperar. A causa do fenômeno residia na acumulação do fluido no cérebro, e, uma vez dispersado este fluido pela magnetização a grandes correntes, o equilíbrio facilmente se restabeleceria.

Como se vê, estamos diante de mais um fenômeno insólito, dos muitos que surgem inesperadamente nas magnetizações e cuja explicação não ocorre no momento ao experimentador, por mais avisado que seja.

27

.6

O quarto caso refere-se a uma senhora, que sofria de hidropsia, e em quem haviam feito diversas punções. Tornou-se sonâmbula. A particularidade curiosa dessa paciente residia no seguinte fato: sonambulizada, apresentava suas mãos diante do magnetizador, como se se aquecesse diante de um forno, para carregar-se assim de fluido; em seguida, magnetizava-se ela própria, passando as mãos sobre todo o corpo, de alto a baixo, com notável desembaraço.

O quinto caso é o de uma sonâmbula epiléptica, muito devota. No estado sonambúlico via anjos, que pousavam em toda a parte por onde passavam as mãos do seu magnetizador. Deleuze estava curioso para saber o que representavam, na sua realidade, esses anjos apontados pela paciente. Certa vez, seu magnetizador pediu a Deleuze que o substituísse na sua ausência, ensejando-lhe, desse modo, a oportunidade para conhecer de perto o fenômeno. A sonâmbula continuou a ver os anjos, mas menos belos, menos brilhantes. Diz, então, Deleuze que esses anjos outra coisa não eram senão a luz do fluido, que era muito menos viva quando emanava dele do que quando emanava do seu magnetizador efetivo.

Já tivemos oportunidade de falar sobre o assunto, quando tratamos do fluido, afirmando então que este era visto pelos sonâmbulos, que podiam distinguir nele diversas qualidades e determinar a própria força do magnetizador. Há sonâmbulos que continuam a vê-los durante alguns minutos depois de despertados. E há igualmente indivíduos que conseguem

percebê-los durante a magnetização, mesmo fora do estado sonambúlico, o que constitui caso exceptivo, mas de extrema raridade.

O sexto caso põe em relevo um fenómeno psicológico, não pouco raro, pelo qual o indivíduo, em estado sonambúlico, se julga diferente de quando regressa ao estado natural, como que constituindo uma outra pessoa completamente distinta.

Madame N., possuidora de uma educação esmerada, como perdesse toda a sua fortuna, em consequência de um processo judicial, resolveu dedicar-se à carreira teatral, em que seu talento lhe poderia assegurar ilimitados êxitos e consideráveis proventos. E quando se ocupava seriamente das providências essenciais para a realização desse projeto, veio a adoecer. Submetida ao tratamento magnético, tornou-se sonâmbula.

27

.7

Posta em estado sonambúlico, ela expunha e defendia princípios completamente contrários à carreira teatral, o que era curioso, em face do seu grande entusiasmo, constantemente demonstrado, por essa carreira, no estado de vigília.

Desse antagonismo resultou o seguinte diálogo, provocado pelo seu magnetizador:

- Por que quereis entrar para o teatro?
- Não sou eu que o deseja.
- Quem, então?
- Ela.
- Quem?
- A outra...
- Mas por que não afastais essa outra?
- Que quereis que lhe diga, se ela é uma louca!...

Pelo sétimo caso, que segue, verifica-se que o sonambulismo se apresenta, algumas vezes, com todas as aparências do estado de vigília, podendo ser prolongado por muito tempo sem nenhum inconveniente, se o doente julgar útil ao seu tratamento.

É o seguinte: uma senhorita, com 19 anos, doente desde a infância, recorrendo ao tratamento magnético, tornou-se sonâmbula dentro de um mês. Quando entrava no estado sonambúlico, seus olhos se fechavam. Mas, meia hora depois, pedia habitualmente que os abrissem, sem despertá-la, passando os dedos sobre as pálpebras. E nessa situação ficava em contato com todas as pessoas, durante bastante tempo.

Depois de muito ter procurado os processos de cura, ela afirmou que não havia outro meio senão este: conduzi-la ao campo, a fim de que fizesse, pelos próprios pés ou em charrete, um exercício bastante violento para provocar e dirigir uma crise, que a tornaria, no começo, mais doente. Como sua irmã mais velha, que a magnetizava, não pudesse acompanhá-la, seguiu ela em companhia de sua mãe.

Na véspera da partida, posta em estado sonambúlico, ela pediu que a deixassem assim até que, por si mesma, saísse desse estado, porque veria melhor o que conviria ao seu tratamento e não se recusaria absolutamente a fazê-lo.

O sonambulismo durou oito dias, sem interrupção, voltando ela ao seu estado natural no nono dia. Sua mãe, que não na havia deixado um instante sequer, informava-a de tudo quanto passava nesse espaço de tempo, de modo que todos quantos a tivessem visto, e que nenhuma suspeita tiveram do seu verdadeiro estado, não viessem a acreditar que ela havia perdido a memória.

27

.8

Sua permanência no campo foi de três semanas. A crise que havia anunciado, e que ela mesma dirigiu, realizou-se integralmente. Cumpriu

todas as prescrições anunciadas no estado sonambúlico, regressando completamente curada.

Chegamos ao oitavo e último caso dentre muitos outros que se encontravam na citada obra de Deleuze.

Esse caso constitui uma séria advertência para aqueles que fazem do magnetismo mero passatempo para satisfazer incontida curiosidade.

Uma senhora, cuja atenção estava voltada inteiramente para os seus dois filhos, adoeceu. Magnetizada por seu marido, manifestou-se imediatamente o sonambulismo. Nesse estado, a senhora anunciou suas crises, a marcha da doença, e deu úteis conselhos a um dos seus filhos, que se encontrava indisposto. Seu marido, encantado com a penetração que ela demonstrava e com a facilidade de discorrer sobre os mais diversos assuntos, deixou que ela continuasse livremente. Mesmo depois de curada, por mera curiosidade seu marido continuou a pô-la em estado sonambúlico.

Em pouco tempo a imaginação da paciente se exaltou de tal modo, que ela começou a ver coisas *extraordinárias e importantes*. Assim é que indicou ao seu marido o lugar onde estavam ocultos papéis de suma importância para sua família, que haviam sido levados e escondidos por um dos seus parentes, já falecido havia muitos anos, em tempos de perturbação e de graves perigos. E apresentou ainda, com minuciosos detalhes, todas as providências a serem tomadas para a descoberta desses papéis.

Tendo-se prolongado durante três meses essas visões, sem que ela conservasse, ao despertar, a menor lembrança, e como tudo que dizia estava perfeitamente coordenado, com absoluta clareza, seu marido, que não via em tudo isso senão um fenômeno incompreensível, resolveu verificar os fatos para chegar a uma conclusão positiva sobre a sua veracidade.

Transportando-se para os lugares que lhe haviam sido indicados, não somente nada encontrou, mas também se certificou de que as redondezas, que lhe haviam sido minuciosamente descritas, não eram em nada semelhantes à descrição. Nessas condições, concluiu pela evidente fantasia de tudo quanto lhe relatara sua mulher, no estado sonambúlico.

Uma sonâmbula clarividente foi então posta em contato com essa senhora, tendo concluído que tudo aquilo que ela indicava com visos de verdade não era senão uma ilusão ocasionada pela extrema exaltação em que se encontrava a paciente, em virtude de abuso do sonambulismo.

43 Nota do autor: Em casos tais, segundo já se disse anteriormente, é necessário que o substituto receba do substituído passes, antes de prosseguir no tratamento do doente, para que não se altere o tom da magnetização.

CAPÍTULO 25

28

.1

“O Espiritismo apenas prossegue a marcha no caminho aberto pelo Magnetismo e nos conduzirá mais longe e em número cada vez maior no âmbito da espiritualidade.

Toda a diferença que existe entre o Espiritismo e o Magnetismo decorre do fato de que os meios e processos de comunicação com os Espíritos são diferentes. No Magnetismo, a única forma de se entrar em relação com as almas dos mortos é por meio do sonambulismo. Ora, os bons sonâmbulos são extremamente raros, de modo que nem todos têm oportunidade de recorrer ao seu concurso para obter a demonstração desejada.” (Rouxel, *Relações do magnetismo e do espiritismo.*)

Já dissemos que os magnetizadores pressentiram o Mundo Espiritual por meio dos fenômenos do sonambulismo.

Com efeito, muitos sonâmbulos veem os Espíritos, descrevendo-os pelo corpo que cada um possuiu, pelo seu caráter e pelas suas qualidades, e com eles se comunicam.

A esse propósito convém lembrar a advertência de Rouxel, p. 328, e isso confirma os princípios gerais do magnetismo, que certos magnetizadores possuem a faculdade de tornar seus sonâmbulos videntes, fenômeno que não ocorre quando sob a ação de outros magnetizadores.

Sob esse aspecto, notáveis foram as experiências realizadas por Cahagnet.

Zêus Wantuil, em brilhante artigo de *Reformador* (abr. 1950, *Alfonse Cahagnet*, p. 77 a 79), sobre as obras e pesquisas de Cahagnet, anteriores às de Kardec, disse com muito acerto:

28

.2

Não obstante todo o cuidado que se deve tomar na aceitação das narrativas dos sonâmbulos, Gabriel Delanne é o primeiro a afirmar que com Cahagnet o caso é diferente, sustentando que o célebre magnetista realmente conversou com os Espíritos, identificando muitos deles. “Não são simples reprodução de imagens dos seres desaparecidos: são individualidades que conversam, se movem, vivem e afirmam categoricamente que a morte não as atingiu” — fala Delanne, confirmando o intercâmbio entre o Além e Cahagnet.

Nos três volumes dos “Arcanos” (*Arcanes de la vie futura dévoilés*) encontramos farta messe de experiências realizadas por Cahagnet com oito extáticos. Dessas experiências foram redigidas centenas de atas, devidamente autenticadas por testemunhas entre as quais merece citado o abade Almignana, Doutor em Direito Canônico, que não só se tornou, por esse motivo, adepto do magnetismo, mas também procurou desenvolver a sua mediunidade.

Passemos em revista algumas dessas experiências.

O primeiro caso resultou de uma sessão com o sonâmbulo Binet Bruno, com 24 anos, de inteligência muito restrita em matéria de espiritualismo,

com pouca leitura sobre magnetismo, mas que apresentava fenômenos assaz interessantes.

— Seria muito mais lúcido — diz o paciente em estado sonambúlico ao seu magnetizador — se não estivésseis acompanhado de um mau Espírito.

— Que quereis dizer com isso?

— Digo que uma pessoa com a qual não tendes mais boas relações é a causadora de serdes obsidiado por um mau Espírito.

— Que pode fazer esse Espírito, como pode influenciar-me, se não o temo e se nunca lhe senti a presença?

— Eis os homens que não temem nada; ficai sabendo, entretanto, uma vez por todas, que vosso poder nada é diante de um Espírito; é ele que possui a ação e a força, e só Deus sabe que força um Espírito pode desenvolver! Dizeis não ter nunca sentido a influência disso de que vos falo; não vos lembrais que a cerca de três anos experimentastes penoso mal-estar ao dormir, tivestes visões horríveis, e, se quiserdes confessar, fostes erguido do leito, e ainda agora deveis sofrer muitas dificuldades para dormir.

28

.3

— É verdade que há muito tempo padeço de crises nervosas durante a noite, que atribuo à fraqueza da minha constituição. É verdade também que tenho tido sonhos penosos. Mas isso não prova que seja a ação de um Espírito, máxime enviado pela pessoa que indicastes e que me causou semelhante distúrbio.

— Basta que saibais que fostes obrigado a conhecer o poder de um Espírito, porque assim o desejastes por meio das suas constantes experiências e evocações. Não me dissestes toda a verdade, segundo me declara o meu guia, e ele acrescenta que, se o anjo de luz que vos guarda não fosse tão poderoso, outros Espíritos viriam tomar parte na ação para vos

atirar do leito abaixo. Poderíeis ter sofrido muito mais. Agora, orai e vos sentireis completamente desembaraçado.

— Não compreendo tudo que me dizeis. Na verdade, ocorreram fatos que me surpreenderam e que muito me fizeram sofrer. Mas atribuí esses fatos a uma irritação nervosa e a causas de ordem puramente material.

— É verdade que os sofrimentos que experimentastes podem ser atribuídos ao vosso sistema nervoso; tudo, porém, que diz respeito à inteligência estava sob o domínio desse mau Espírito.

— Dizeis que me enviaram um Espírito. Entretanto, a pessoa indicada nada conhece sobre o assunto, e estou certo do vosso erro.

— Explicar-vos-ei como os fatos se passaram. O desentendimento que surgiu entre vós e essa pessoa, que se encontra a poucas léguas daqui, verificou-se por meio de correspondência. Escrevestes alguma coisa que feriu profundamente essa pessoa, a qual vos respondeu sob o império da contrariedade que lhe causastes. Essa pessoa tem humores muito fortes e desejos ardentes. A vibração do seu pensamento foi intensa no sentido de vos desejar todo o mal. A carta que então vos dirigiu, e que muito vos aborreceu, foi a condutora desse fluido colérico. A disposição nervosa em que vos encontráveis deixou porta aberta para a penetração desse fluido. Além disso, como evocáveis Espíritos, sobre cuja existência, a esse tempo, não acreditáveis, fácil foi, sob a ação dessas circunstâncias, atrair um mau Espírito, cuja influência estais agora sentindo. Orai com fervor, e ficareis livre desse jugo, e eu me tornarei lúcido.

28

.4

Como era natural, fiz minuciosas pesquisas para estabelecer um nexo de relação entre a data apresentada pelo sonâmbulo e a da suposta carta. No dia seguinte, uma pessoa, a quem havia narrado o acontecimento, colocou-me na trilha exata dessa inimizade, que efetivamente datava desse tempo em que eu recebera a carta que tão profundamente me havia chocado.

É certo que tive visões extraordinárias a partir desse tempo; é também certo que, estando acordado em meu leito, experimentei os efeitos da atração; que fui obrigado, certa vez, a agarrar-me ao leito, para evitar a minha queda iminente. Não é menos certo que naquela ocasião procurei entrar em comunicação com os Espíritos, tendo conservado notas e observações das visões e dos fenômenos corporais que experimentei, classificando-os, porém, como sintomas de moléstia nervosa, e não como os classificou o sonâmbulo.

Outro caso nos oferece o mesmo paciente, que, consultado sobre a existência, de cidades no Mundo Espiritual, respondeu:

— Sim, há cidades no céu para aquele que deseja habitar cidades.

— O Espírito que em outra oportunidade foi consultado sobre o assunto, pareceu hesitar nas suas respostas. Por quê?

— Porque lhe perguntaram coisas sobre as quais não lhe era permitido pronunciar-se; e outras que ignorava. Já vos disse que um Espírito não sabe senão aquilo que deseja saber. E nisso consiste a sua felicidade: conhecer uma coisa, não se interessando pelas outras.

— Entretanto, todos os Espíritos deveriam ver cidades, grupos de casas e de entidades, uma vez que se encontram em lugares habitados como na Terra.

— Os Espíritos não veem senão o que querem ver; se lhes agrada uma casa, não verão senão essa casa; se lhes agrada uma cidade, veem uma cidade, do mesmo modo que um campo, jardim, lugar público e de reuniões; se querem viajar, viajam; há de tudo e não há nada.

— Como nada! Não compreendo que alguma coisa seja nada.

— Eu o compreendo bem. São imagens, aparências, efeitos e nada; pois, satisfeito o desejo, nada mais resta: são imagens destinadas pela bondade de Deus à natureza dos seres.

— É vosso guia que me responde essas coisas? Tão prontamente me respondeis que chego a duvidar...

— Não vos responderia com essa presteza se não fosse o meu guia, que o está fazendo em meu lugar.

— Está convosco o vosso guia?

— Já vos disse que um Espírito pode estar comigo, falar pela minha boca sem que eu saiba como; meus lábios mexem independentemente da minha vontade, articulo as palavras de um jato e as ouço, algumas vezes, ao meu lado. Outras vezes, não obtenho as respostas. Neste momento meu guia não está comigo, mas a centenas de léguas; comunico-me com ele por um fio simpático; considero-me, para melhor exprimir-me, como o porta-voz por meio do qual ele fala à distância.

— É surpreendente que possais ouvi-lo assim por meio desse fio simpático.

— Tudo vos parece espantoso, mas não para mim; não há distância para nós: um Espírito poderia falar-me do princípio do Universo, se o Universo tivesse um princípio. O que mais vos espantará é que um Espírito pode falar e aparecer, ao mesmo tempo, a diversas pessoas e em lugares diferentes. Ficai sabendo, todavia, que isso, muitas vezes, não é senão sua imagem, uma espécie de desdobramento da sua pessoa, que pode tomar todas as formas e ser encontrado em diferentes lugares, sem deixar o lugar que ocupa no Mundo Espiritual. Meu guia não responde exclusivamente a uma só pessoa, mas a muitas que se acham sob sua influência.

A princípio, diz Cahagnet, fiquei espantado com a revelação que um Espírito pode estar, a um só tempo, em diferentes lugares e falar a diversas pessoas. Mas a reflexão nos leva à confirmação do fato, tomando como ponto de partida e como provas materiais o que observamos nos sonâmbulos, para os quais não há distâncias.

Em sessões subsequentes voltou Cahagnet a interrogar o sonâmbulo sobre o mesmo assunto.

— Dissestes-me que no Mundo Espiritual há cidades e lugares conforme o desejo de cada Espírito. Dissestes-me também que não se via senão o objeto desejado, o que faz pensar que isso seria o efeito da criação do Espírito, e não propriamente lugares que existem eternamente.

— Há lugares que existem eternamente. Mas a facilidade que se tem de comunicar-se com eles, e de não mais os ver, faz pensar que não existem realmente como os objetos terrestres. Dar-vos-ei um exemplo. Estou ao vosso lado em um lugar qualquer do Mundo Espiritual. Desejo estar em um plano, em um jardim ou em uma casa, aí me acharei e verei o que quero, sem deixar o meu lugar; manifestais igualmente os vossos desejos, e quereis estar em uma igreja ou em outro lugar, aí estareis sem, entretanto, me ter deixado um instante sequer. Essas duas coisas são simultaneamente visíveis aos dois desejos e no mesmo lugar. Como vedes, é um mistério incompreensível, que os homens negarão, mas que, entretanto, é absolutamente verdadeiro.

28

.6

— A descrição que me fizestes faz duvidar que haja alguma coisa de real no Mundo dos Espíritos

— Tudo que há é mais real do que aí na Terra, em que tudo parece ou muda de forma, ao passo que no Plano Espiritual todos esses objetos são imperecíveis e fazem a nossa eterna alegria. É por isso que não estão submetidos às mesmas leis que as da matéria, não há necessidade, por exemplo, de demolir uma casa para construir outra em seu lugar; torna-se desaparecida e uma outra a substitui; posto que desaparecida, não deixa de existir, porque ela não pode ser destruída, o que quer dizer que ela não oferece nenhuma dificuldade para que se veja outra em seu lugar.

— Então, no céu, cada qual, conforme seu gosto, pode construir cidades, templos, palácios. Não é?

— Não. Os desejos que os Espíritos têm, esses lhes são comunicados por Deus, que é o único e grande arquiteto. O homem acredita fazer por si

mesmo essas coisas, quando nada mais faz senão desejá-las. Mas as cidades aí são uniformes, os palácios cem vezes mais belos do que tudo que a concepção humana poderia idealizar e criar. E tudo isso adequado aos gostos e às necessidades dos grupos que os habitam. Há tanta harmonia entre os gostos espirituais, que um Espírito não saberia desejar o que um outro não quisesse, principalmente, notai-o bem, quando o Espírito é membro da mesma sociedade ou agrupamento, o que o torna de alguma sorte uma fibra do mesmo corpo. Assim, onde percebem que não impera o gosto, o desejo deles, aí não se associam.

— Dissestes-me que um Espírito podia aparecer em vários lugares ao mesmo tempo. Como isso se opera?

— São as imagens do Espírito que aparecem; ele pode possuir tantas quantas desejar e enviá-las até vós.

28

.7

— Muito bem. Mas essas imagens falam?

— Sim.

— São, pois, outras tantas entidades?

— Não. É sempre a mesma.

— Todas essas imagens, dizeis, aparecem a um só tempo em lugares diferentes e respondem a perguntas também diferentes, o que faz supor que são multidões de Espíritos, e não um só.

— É bastante difícil explicar-vos esse mistério. Entretanto, tentarei fazê-lo para vossa instrução. O Espírito que me dirige, e que está no céu, pode retirar de si, ao infinito, uma multidão de fios que se estendem, e servem para a comunicação dos que desejem corresponder-se com ele. O Espírito pode dar a cada fio a semelhança e o som da sua palavra, posto que pouco se fala entre Espíritos, pois o pensamento é o único meio de comunicação. Assim, ele pode a um só tempo enviar seu pensamento aos que estão em relação com ele, por intermédio desses fios simpáticos.

Vejamos uma experiência com a extática Adélia Maginot, que causou sérias apreensões a Cahagnet.

Adélia manifestou o desejo de entrar em êxtase. Cahagnet, em busca de uma experiência decisiva, deixou-a à vontade, depois de ter adormecido também o sonâmbulo Bruno, que, posto em relação com ela, poderia advertir o magnetizador dos perigos desse gênero de experiência. E isso porque a própria sonâmbula lhe havia dito, em outra sessão, que esteve prestes a não mais regressar ao seu corpo.

Depois de um quarto de hora, Bruno entra a exclamar assustadíssimo:

— Perdi-a de vista! Despertai-a imediatamente! Não há tempo a perder!

Diz Cahagnet que toda a sua atenção estava voltada para o sonâmbulo Bruno, confiado que se encontrava na sua observação e vigilância.

Sucedeu, porém, que, durante esse quarto de hora, transformou-se o aspecto da paciente. Seu corpo se tornara frio, a ponto de ficar gelado; não tinha mais pulso, nem respiração; sua fisionomia era de um amarelo-verde, seus lábios roxos, o coração não dava nenhum sinal de vida.

Cahagnet magnetizou-a com grande energia para chamá-la à vida, nada obtendo de apreciável, durante cinco minutos. Amedrontados com o insucesso da ação magnética, Bruno e as pessoas presentes à sessão muito concorreram para perturbar o magnetizador, já intranquilo, e que acreditava que o fato estava consumado pela separação completa e definitiva da alma, do corpo.

28

.8

A cena tornara-se dramática. O magnetizador foi obrigado a pedir às pessoas presentes que se retirassem para outro cômodo, a fim de que, sozinho, sem qualquer perturbação, pudesse recuperar e concentrar toda a sua energia.

Depois de alguns instantes, alimentei a esperança, diz Cahagnet, de que não teria a deplorar semelhante desgraça, embora, exausto, nada mais

pudesse fisicamente. E pôs-se de joelhos, numa fervorosa prece, pedindo a Deus que aquela alma regressasse ao corpo, do qual deixara partir por causa da sua dúvida.

O magnetizador tivera a intuição de que aquela adequada prece produziria os seus efeitos. Depois de um minuto ainda de angústia, ele obteve estas palavras:

— Porque me chamastes? Tudo se consumara! Mas Deus, ouvindo a vossa prece comovida, me mandou de volta. Não devo mais penetrar no Céu, estou punida.

— De que punição quereis falar?

— Rafael proibiu à minha mãe, ao meu pai e a todos os parentes que voltassem a ver-me até nova ordem. E essa privação, devo-a à vossa ação. Não mais poderei voltar ao Céu, quando, sem a vossa intervenção, eu estaria lá para sempre.

Cahagnet assumiu consigo mesmo o compromisso de nunca mais voltar a essas experiências.

Tal qual a sonâmbula havia previsto, cessaram inteiramente as comunicações com seus parentes, exceto com seu irmão, que a instruíra e advertia das coisas desagradáveis que lhe podiam ocorrer se tentasse novamente a experiência.

Adélia, todavia, não abandonara a intenção de suicídio por meio do êxtase. Entre ela e o magnetizador estava travada uma luta de sutilezas, a ponto de este último não mais desejar magnetizá-la. Ela tentou várias vezes reincidir nessa falta. Mas, a cada tentativa, ela sentia que sua cabeça era fortemente impelida para frente, por mão invisível, ao mesmo tempo que a música barulhenta a atormentava, fazendo fracassar a intenção suicida. De outras vezes, alguém gritava aos seus ouvidos: isso é proibido. Era o seu irmão que operava todos esses prodígios, além de outros, para afastá-la do seu intento.

Passemos a outra experiência em que surgem revelações sobre a Justiça Divina.

Tratava-se de um indivíduo que se julgava vítima de algum feitiço. Durante a noite ouvia em seu quarto ruídos que lhe perturbavam o sono; durante o dia estava constantemente sob a impressão de que algum animal, como se fosse um rato, lhe subia pernas acima até o rosto.

Posta em estado sonambúlico, Adélia diz:

— Uma mulher é a causadora de toda essa perturbação.

— Como? Não foi o pastor que me lançou o feitiço?

— Não. É mesmo a mulher que vejo..., que sofre e que tem necessidade de preces... Por isso, ela vos atormenta.

— Quem é ela?

— Está morta.

— Conheci essa mulher?

— Sim, muito.

— Dizei-me seu nome.

— Darei seus sinais, o que vos facilitará o reconhecimento.

Adélia fez uma descrição tão minuciosa que o consulente acabou por exclamar:

— Mas é minha mulher!...

— Exatamente. Ela tem necessidade de preces, e vo-las pede.

— Que ela me deixe tranquilo; atormentou-me muito em vida para continuar a fazê-lo depois de morta. Há mais de 15 anos ela me havia abandonado para entrar em uma casa de perdição, onde levou uma vida que me desonrou. Que ela mesma faça as suas preces e me deixe em paz.

— Ela não o poderia sem o vosso socorro!...

— Como seria isso possível? Em que essa mulher, intervém Cahagnet, funda o seu direito de pedir preces ao homem que desonrou e de atormentá-lo para esse fim? É assim que ela julga aparecer com as melhores disposições para com o seu marido? Que ela mesma peça a Deus que lhe perdoe!

Adélia respondeu:

28.

10

— Poderias dizer-me qual o ofendido, Deus ou o marido, e quem em primeiro lugar deveria perdoar?... Acreditais que essa mulher ouse apresentar-se diante de Deus, para gozar da sua Infinita Bondade, com as suas impurezas e faltas que exigem reparação?... Acreditais que é bastante que o criminoso peça a Deus perdão dos seus crimes e das faltas de toda a natureza praticadas contra suas vítimas, seus irmãos? Que responderia Deus a estes últimos, quando implorassem sua justiça *inflexível*? Quem teria recebido mais e quem mais teria dado? Onde estaria *a balança eterna da equidade*? Não, isso não é assim... Deus, cheio de misericórdia, perdoa as ofensas que lhe foram dirigidas, e dá a cada um a liberdade de seguir-lhe o exemplo!... *Nenhum Espírito pode entrar no seio das felicidades eternas, se uma só voz clamar contra ele justiça!* A melhor prova de que essas faltas já foram esquecidas é pedir o próprio marido que Deus lhe perdoe a esposa... Fazei durante nove dias uma prece com o pensamento de perdão, e ficareis livre de toda a obsessão...

E dirigindo-se a Cahagnet:

— *E vós! Crede na Justiça de Deus e no direito que cada ser tem à aplicação dessa Justiça!*...

CAPÍTULO 26

29

.1

“Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um meio é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis... A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos pergunteis, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição.” – SANTO AGOSTINHO (KARDEC, 2017, cap. 5 – *Bem-aventurados os aflitos*, it. 19).

Citaremos, agora, outra magnífica experiência de Bué (*Le Magnétisme curatif – Pshyco-physiologie*, v. 2, cap. 7 – *Da clarividência sob o ponto de*

vista terapêutico):

Entre os sonâmbulos que encontrei houve um cuja notável clarividência não somente me permitiu fazer as mais curiosas experiências de transmissão de pensamento e vidência a distância, como ainda me forneceu meios de ultimar uma das mais interessantes curas. Meu sonâmbulo era uma encantadora jovem de 24 anos, Blanche H.

Havia muitos anos que ela definhava, sem que pudessem dar um nome à sua moléstia.

Tinha consunção geral, e os médicos consultados, atribuindo-a a essa coisa vaga, indefinida, que se conveio chamar *anemia*, prescreveram, como sempre sem resultado: ferro, quinina, óleo de fígado de bacalhau, regime fortificante etc. Os pais, justamente alarmados ante esse estado de abatimento que nada conseguia vencer, tiveram a feliz ideia de recorrer ao magnetismo. Como houvesse entre nós íntima amizade, confiaram-me a filha e Blanche veio habitar nosso lar, onde encontrou todos os desvelos de que carecia o seu estado de saúde.

29

.2

Depois de um tratamento de seis meses, cheio de mil peripécias, a cura foi completa; sonâmbula de notável lucidez, a jovem doente ficou tão maravilhada com os esforços para se chegar ao resultado que havíamos alcançado, que me convidou insistentemente, quando se achava um dia em estado sonambúlico, a dar publicidade à narração dessa cura importantíssima.

Para referir com todos os pormenores as diferentes fases da moléstia, minha narrativa necessariamente falharia, por isso que deixei de

tomar apontamentos durante o curso do tratamento; exprimi-lhe meu embaraço, porém ela cortou a dificuldade oferecendo-se para fazer o histórico da sua cura, enquanto permanecia em estado sonambúlico.

Muito curioso em saber de que modo ela se sairia dessa tarefa, aceitei o oferecimento com ardor, e eis o documento que me foi ditado em três sessões consecutivas, nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 1875. Não lhe acrescentei nem mudei palavra alguma. É impossível fazer, em estilo mais correto, uma exposição mais exata dos fatos que se passaram. Fora eu encarregado dessa tarefa e dificilmente teria atingido o mesmo grau de clareza e precisão; em todo caso, essa redação teria exigido de minha parte um trabalho por demais longo, o que não sucedeu à sonâmbula.

Eis o documento a que se refere Bué:

Estou salva! Com o auxílio da homeopatia, o magnetismo restituiu-me suavemente à vida, que se extinguia pouco a pouco. Hoje, depois de três meses do mais simples tratamento, do mais natural, vejo-me em vésperas de ficar radicalmente curada de moléstia sempre muito grave, frequentemente mortal [...]. Que os ignorantes neguem o Magnetismo; que os tolos o ridiculizem; que os que têm interesse em asfixiar esta ciência em seu germe fecundo a chamem magia ou feitiçaria; e nem por isso ela deixará de ter um domínio brilhante e universal. Dia virá em que o mundo, arrependido dos seus erros grosseiros, dos seus velhos preconceitos, da sua cegueira sistemática, compreenderá a luminosa simplicidade do magnetismo e quererá conhecer-lhe os maravilhosos efeitos. [...]

É a minha cura que eu quero referir, tal como a vejo neste sono imaterial, no qual a alma, desprendida dos laços naturais que a prendem ao corpo, é tão clarividente e só se inspira na verdade.

Possa esta narração esclarecer alguns cegos, converter alguns incrédulos. Seja como for e o que quer que pensem os homens, cumpro um dever para com a ciência que me restituiu a vida. Presto uma solene homenagem de reconhecimento, tocante e profundo, ao amigo dedicado, cuja inteligência e coração, acima dos míseros escrúpulos do vulgo, me salvaram de morte iminente e próxima.

O Magnetismo já me havia curado de uma afecção do estômago, que datava da minha infância; logo que me senti fraca, elanguescida, presa dum abatimento que me arrebatava até a faculdade de ver claro e de bem raciocinar ao manancial da saúde.

Minha tez estava medonhamente amarelada e terrosa, os olhos cavos e com olheiras; testa, nariz e queixo achavam-se cobertos de uma porção de pontos pretos; indícios certos de uma desordem interna: tudo anunciava uma decomposição gradual: a consunção seguia marcha progressiva e lenta.

As primeiras sessões (duas diariamente e de cerca de 3/4 de hora cada uma) mergulharam-me numa prostração vizinha da estupidez: depois de cada magnetização, conservava-me longas horas em estado de depressão, muda e exausta; se tentava dar alguns passos, caía imediatamente na cadeira, inerte, atordoada, semelhante à criança habituada a beber água e à qual se tivesse dado um vinho puro, generoso; estava como que ébria de um fluido ainda muito forte para meu sangue enfraquecido.

Não experimentava grande sofrimento, mas tal era o torpor geral, que, no sono sonambúlico, já não tinha a mesma lucidez, a mesma segurança do olhar, a mesma precisão da linguagem. “Receitei”, entretanto, *alumina* para fazer cessar a leucorreia que me

enfraquecia; depois *arsenicum*, a fim de restabelecer o equilíbrio dos órgãos. Passaram-se três semanas; comecei a sair deste entorpecimento mórbido; vi mais claramente o meu estado: o Magnetismo despertou a dor, rasgando o véu que empanava a minha penetração.

29

.4

O interior do corpo apareceu-me claramente, como num espelho, mais puro, mais fiel: uma inflamação terrível roía-me as entranhas, devorava-me o útero; após dois meses no máximo, uma peritonite aguda, mortal, se declararia. Tomei *sépia* e aguardei uma primeira crise, que o Magnetismo não podia deixar de operar. As dores tornavam-se cada vez mais vivas durante as sessões; a imposição das mãos sobre o ventre, e principalmente sobre o útero, causava-me cruéis sofrimentos: os dez dedos do meu magnetizador produziam o efeito de dez ferros em brasa que caíssem pesadamente numa ferida viva, revolvendo-a em todos os sentidos.

Mas, sempre admiravelmente previdente, quando mãos tão culposas quão inábeis não se antepõem aos seus esforços ou as desviam do seu intento, a Natureza agia com precaução, medindo o seu trabalho de acordo com a debilidade, do mesmo modo qual mãe terna e prudente, que, no momento de administrar ao filho querido o remédio amargo que deve restituí-lo à vida, acaricia-o por muito tempo e multiplica os beijos na proporção dos sofrimentos. A crise anunciada não se fez esperar: o catamênio sobreveio e decidiu-lhe a explosão.

Então compreendi donde partia esta moléstia de útero, que podia causar admiração a uma jovem. Ainda muito nova, aos 11 anos, meu

sangue achava-se empobrecido, na idade ordinária da puberdade. Havia necessidade de ser renovado pelo casamento. Em vez disso, uma existência concentrada, monótona, absolutamente contrária às aspirações ardentes da minha natureza essencialmente amorosa e ativa, havia esgotado em mim a fonte vital; perdas brancas contínuas, regras demasiadamente frequentes, forçando o útero a um trabalho incessante, tinham feito o resto.

Durante esta crise de dores lancinantes, as sensações de queimadura eram tão agudas que eu parei com o magnetismo um dia inteiro. O fluido perfurava o útero, forrado de botões purulentos, com intensidade que eu não tinha ainda a força de suportar; a meu pedido, aplicou-se-me no ventre uma cataplasma de farinha de linhaça (feita com água magnetizada) e destinada simplesmente a amolentar os tecidos, preparando-os para uma saída de botões, que eu previa.

Esta se deu abundante, pruriginosa, causando-me dolorosas comichões internas e externas; estando, porém, o útero provisoriamente exonerado, levantei-me dessa crise, já menos fraca. [...]

Substituí o *arsenicum* pela *sépia*, que reservei para as crises. Recomendei as abluções frias, a fim de restituir vigor aos nervos abatidos.

29

.5

Alguns dias depois, produziu-se uma segunda crise; mas, desta vez, minhas forças permitiram tolerar o magnetismo; nova erupção, ainda mais considerável; prurido intolerável nas partes tumefatas. Durante as sessões, os choques eram tão fortes que eu afastava com violência as mãos do magnetizador; meus braços se torciam, os dedos em

crispação davam estalidos, um suor frio transudava do corpo sacudido, convulsivamente; lágrimas abundantes corriam-me dos olhos; meu rosto contraía-se em movimentos espasmódicos e, no meio desses sofrimentos inauditos, eu afirmava com segurança e serenidade, a cura ainda indeterminada, mas certa.

Duas outras crises se sucederam do mesmo modo, sempre mais fortes; à medida que a fraqueza diminuía; crises com corrimentos fétidos, nos quais se encontravam pequenas peles delgadas, enegrecidas e destacadas do útero.

O estado geral era mais satisfatório; meu olhar readquiria um pouco de vivacidade; as funções intestinais se faziam regularmente e a lucidez sonambúlica tornava-se aguda, penetrante. Descobri, então, unido às paredes do ovário esquerdo, imóvel e meio oculto por baixo da inflamação, um tumor do tamanho duma noz, porém, alongado como uma amêndoa; não me atemorizei com isso; se enxergava o mal, certamente também já via a cura; entretanto, ela devia fazer-se esperar; antes que o magnetismo atuasse de maneira enérgica e direta sobre o tumor, era necessário que o útero estivesse a pleno caminho da cura. Disse-o e repito: zelosa dos seus meios, ambiciosa por atingir o seu fim, mas, antes de tudo, sábia e acutelada, a Natureza caminha lentamente e nunca procede como os homens, com intervalos e movimentos bruscos.

Cada crise, cada dor, eram um passo para a saúde. Eu bem o compreendia. Seguia, escrupulosamente, os progressos desse mal, que todos convergiam para um só fim: *a cura*. Meu corpo sofria, mas a alma pairava acima da Terra, admirando e abençoando essa vontade dominadora e soberana que, com um só esforço, me adormecia num sono profundo, num repouso benéfico, permitindo-me sofrer torturas que, acordada, jamais teria podido suportar...

O quinto assalto foi terrível. Afetando todas o mesmo caráter, produzindo todas o mesmo resultado, essas crises só diferiam por uma intensidade sempre crescente. Para acalmar os ardores intoleráveis do útero, fiz que me magnetizassem meio litro d'água e pedi que pingassem nela duas gotas de *arnica* e três de *rhus toxicodendron*. Imediatamente experimentei um grande alívio. O útero ia melhor, aquelas erupções cinco vezes repetidas tinham atenuado o tumor, poderosamente; o apetite era bom, o sono menos agitado; a vida circulava mais quente e rápida nas minhas veias regeneradas.

29

.6

Um dia, após vigorosa magnetização durante a qual sofri de arrancar os cabelos e gritei de maneira áspera e selvagem, depois de insuflações quentes nos rins e do lado, ouvi um choque no corpo. Era o tumor que se despregava. Debaixo da ação calorosa do magnetismo, senti que ele batia e se agitava. Não havia dúvida, tinha mobilidade. Não restava mais senão *querer o resultado...*

Chegou a sexta crise; meu sangue, até então água vermelha, começava a espessar-se; *rhus* e *beladonna*, alternados, acabaram por dar-lhe uma cor natural, ao mesmo tempo que o magnetismo fortificava-o e apurava-o; as regras apareciam, então, em épocas fixas, o que havia dez anos não acontecia: a Natureza prosseguia, entretanto, na sua obra estratégica, com circunspeção notável; estava tudo aparelhado para a luta suprema: a vida e a morte, face a face, iam dar-se um combate decisivo.

Perseverante como a Natureza, de que é ele o agente principal, o mais fiel e zeloso, o magnetismo vendo um novo inimigo a

combater, uma nova vitória a ganhar, dobrou de esforços corajosos; não somente as partes doentes foram impregnadas de fluido, como também todo o meu corpo; fiquei literalmente banhada, inundada. Sons surdos, semelhantes a lamentos inarticulados, ruídos duradouros e de pavorosa sonoridade, fizeram-se ouvir no ovário; era o inimigo que, forçado no seu reduto, decidia-se afinal abandonar a praça. Como adversário hábil e implacável, o magnetismo havia atacado o tumor pelo centro, e, semelhante ao verme que rói o interior do fruto, ele fazia corromper o tumor, dissolver-se e perder-se em corrimento.

Ficámos neste ponto: tomo *carbo vegetabilis* a fim de fazer desaparecer qualquer traço de clorose; meus sofrimentos são atrozes, inauditos e tanto mais insuportáveis, quando se prolongam ao despertar. Mas, antes que se passem dois meses, virá a cura. Antes de dois meses a Natureza e o magnetismo terão terminado a sua obra. Cinco meses de labores pacientes, de dedicação infatigável, bastarão para realizar esta prodigiosa ressurreição...

29

.7

E agora, que se ouse negar a poderosa ação do magnetismo. Que se tenha a audácia de dizer que o magnetismo não existe...

Eu bem o sei; para provocar a confiança e obter aprovação da nossa sociedade ‘chamada do progresso’, é necessário o apoio, a sanção de uma autoridade superior; ao mesmo tempo, cétricos obstinados e crédulos, os homens repelem a luz que não lhes é apresentada por mãos legalmente autorizadas, quando, entretanto, admitem como artigos de fé certos absurdos ridículos, revoltantes. Primeiramente o

egoísmo, depois os hábitos inveterados, são outros tantos obstáculos à fundação de uma doutrina *humanitária*, antes de tudo!

Sim. A nossa civilização moderna se opõe a esse espírito de confraternidade que deveria fazer palpitar todos os corações, dirigir todas as ações; mas *o magnetismo é a ciência de todos*; o magnetismo triunfará contra todos... Não é necessário ser mais ou menos influente membro de uma Faculdade para ser depositário desse fluido precioso, manancial de vida e de saúde; cada qual o possui, pode servir-se dele com eficácia para fazer o bem e ser útil ao seu semelhante.

Que de mais belo e maravilhoso? É necessário que a inteligência tenha sido atrofiada por lucubrações nocivas, o coração esterilizado por um amor imoderado do *eu*, para que o homem, naturalmente caritativo e bom, desdenhe e menospreze uma força que o Cristo e seus apóstolos haviam elevado ao ponto de divinizá-la. Mas, paciência. O mundo voltará ao que deve ser, que era primitivamente: uma família imensa, unida pelos mesmos interesses e os mesmos afetos. Será, talvez, o magnetismo a cadeia misteriosa que ligará os seus elos desunidos; todo amor e caridade, ele ensinará os homens a se conhecerem, a se fraternizarem, a se consolarem mutuamente, enfim, a se amarem.

Coragem, portanto, nobres campeões da mais generosa das causas; neste momento estabeleceis as bases de uma sociedade nova. O solo é árido, mas vós o desbravareis. Não haja desfalecimento. Nossas fileiras, tão cheias de claros, se tornarão numerosas e compactas; hoje sois apupados, ridiculizados. Não vos entibieis, no correr dos tempos o vosso nome será abençoado, a vossa lembrança será deificada, milhares de vozes entusiastas e reconhecidas, qual a minha, vos denominarão: *Salvadores da Humanidade*.” (it. Restabelecimento de uma sonâmbula, referido por ela própria).

Em conclusão, diz Bué:

29

.8

Como se pode julgar pela narração [...], não somente a minha sonâmbula tinha seguido passo a passo a marcha da sua moléstia, determinando-lhe a origem e a natureza, vendo o estado dos órgãos e predizendo a época das suas crises, como ainda, embora não tivesse conhecimento algum da medicina homeopática, havia indicado os remédios que convinham ao seu estado e deviam favorecer a cura. [...].

CAPÍTULO 27

30

.1

“Desde que a Ciência sai da observação material dos fatos, tratando de os apreciar e explicar, o campo está aberto às conjeturas. Cada um arquiteta o seu sistemazinho, disposto a sustentá-lo com fervor, para fazê-lo prevalecer. Não vemos todos os dias as mais opostas opiniões serem alternativamente preconizadas e rejeitadas, ora repelidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos, eis o verdadeiro critério dos nossos juízos, o argumento sem réplica. Na ausência de fatos, a dúvida se justifica no homem ponderado.” (KARDEC, 2016a, *Introdução*, it. VII).

Todos os magnetizadores estudam o fenômeno a que chamam dupla vista, que ocorre por força de uma forte ação magnética (Moutin, *Le Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spiritalisme moderne*. p. 277), segundo uns, ou espontaneamente, segundo outros (Mound, *Le Magnetisme animal*, p. 349).

Para Du Potet o fenômeno resulta da acumulação do fluido magnético no cérebro, nos plexos ou em alguns pontos dos trajetos nervosos (*Traité complet du magnétisme animal*, p. 434).

Por igual, a literatura sobre o magnetismo se apresenta rica de exemplos e experiências, cada qual mais interessante e mais surpreendente.

Uma coisa, porém, deve ser posta em relevo de imediato: não há entre os autores que versaram o assunto um ponto de vista uniforme sobre as verdadeiras causas do fenômeno.

A razão parece estar com Bernardin de Saint-Pierre,⁴⁴ quando diz que essas comunicações da alma, com uma ordem de coisas invisíveis, são sempre rejeitadas pelos nossos sábios modernos, porque não são pertinentes aos seus sistemas e aos seus almanaques; todavia, quantas coisas existem, que não estão nas conveniências da nossa razão e que não foram sequer percebidas!...

30

.2

O certo é que o fenômeno da dupla vista revela apenas uma faculdade do indivíduo. E, como resultante do estado de libertação da alma, o exercício dessa faculdade tanto pode ser espontâneo como provocado pela ação magnética, pois, como vimos, o sonambulismo é um desses estados de libertação.

Segue-se, portanto, que a ação magnética apenas revela ou enseja o fenômeno, mas não o produz propriamente.

A teoria de Du Potet da acumulação dos fluidos nos trajetos nervosos pode igualmente ensejá-lo, tal como acontece com outras circunstâncias, v. g., a moléstia, a iminência de um perigo, uma grande comoção etc.

Dentro da coerência, até aqui seguida pelo nosso trabalho, não nos é dado deixar de largo a magistral lição de Kardec, que, ainda uma vez, pôs todas as coisas no seu devido lugar, transcrevendo-a como parte integrante deste capítulo.

A teoria de Kardec é a seguinte:

Desde que no estado sonambúlico as manifestações da alma se tornam, de certo modo, ostensivas, fora absurdo supor que no estado normal ela se ache confinada, de modo absoluto, em seu envoltório, como o caramujo em sua concha. Não é de maneira alguma a influência magnética que a desenvolve; essa influência nada mais faz do que a tornar patente pela ação que exerce sobre os órgãos corporais. Ora, nem sempre o estado sonambúlico é condição indispensável a essa manifestação. As faculdades que se revelam nesse estado desenvolvem-se algumas vezes espontaneamente, no estado normal, em certos indivíduos. Resulta-lhes daí a faculdade de verem as coisas distantes, por onde quer que a alma estenda sua ação; veem, se podemos servir-nos desta expressão, através da vista ordinária; e os quadros que descrevem, os fatos que narram se lhes apresentam como efeitos de uma miragem. É o fenômeno a que se dá o nome de *segunda vista*. No sonambulismo, a clarividência deriva da mesma causa; a diferença está em que, nesse estado, ela é isolada, independe da vista corporal, ao passo que é simultânea nos que dessa faculdade são dotados em estado de vigília.

Quase nunca é permanente a segunda vista. Em geral, o fenômeno se produz espontaneamente, em dados momentos, sem ser por efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise que, algumas vezes, modifica sensivelmente o estado físico. O indivíduo parece olhar sem ver; toda a sua fisionomia reflete uma espécie de exaltação.

30

.3

É de notar-se que as pessoas dotadas dessa faculdade não suspeitam possuí-la. Ela se lhes afigura natural, como a de ver com os olhos. Consideram-na um atributo de seu ser e nunca uma coisa

excepcional. Cumpre acrescentar que muito amiúde o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, cada vez mais imprecisa, acaba por desvanecer-se como a de um sonho.

Há infinitos graus na potencialidade da segunda vista, desde a sensação confusa, até a percepção tão nítida quanto no sonambulismo. Há carência de um termo para designar-se esse estado especial e, sobretudo, os indivíduos suscetíveis de experimentá-lo. Tem-se empregado a palavra *vidente*, que, embora não exprima com exatidão a ideia, adotaremos até nova ordem, em falta de outra melhor.

Se agora confrontarmos os fenômenos de segunda vista com os da clarividência sonambúlica, compreenderemos que o vidente possa perceber coisas que lhe estejam fora do alcance da visão ordinária, do mesmo modo que o sonâmbulo vê, a distância, acompanha o curso dos acontecimentos, aprecia-lhes a tendência e, em certos casos, lhes prevê o desenlace.

Esse dom da segunda vista que, em estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança aos atos, o que se pode com justeza denominar: golpe de vista moral. Mais desenvolvido, ele acorda os pressentimentos; ainda mais desenvolvido, faz ver acontecimentos que já se realizaram, ou que estão prestes a realizar-se; finalmente, quando chega ao apogeu, é o êxtase vígil.

Como já dissemos, o fenômeno da segunda vista é quase sempre natural e espontâneo; parece, entretanto, que se produz com mais frequência sob o império de determinadas circunstâncias. Os tempos de crise, de calamidades, de grandes emoções, de tudo, enfim, que sobreexcita o moral, que provoca o desenvolvimento. Dir-se-ia que a Providência, diante de perigos iminentes, multiplica em torno das criaturas a faculdade de prevêê-los.

Videntes sempre os houve em todos os tempos e em todas as nações, parecendo, no entanto, que alguns povos são mais naturalmente predispostos a tê-los. Dizem que na Escócia é muito comum o dom da segunda vista. Não se lhe nota a existência entre a gente do campo e os que habitam as montanhas.

Os videntes têm sido diversamente considerados, conforme os tempos, os costumes e o grau de civilização. Para os céticos, eles não passam de cérebros desarranjados, de alucinados; as seitas religiosas os arvoraram em profetas, sibilas, oráculos; nos séculos de superstição e ignorância, eram feiticeiros e acabavam nas fogueiras. Para o homem sensato, que acredita no poder infinito da Natureza e na bondade inesgotável do Criador, a dupla vista é uma faculdade inerente à espécie humana, por meio da qual Deus nos revela a existência da nossa essência espiritual. Quem não reconheceria um dom dessa natureza em Joana d’Arc e em toda uma multidão de outras personagens que a História qualifica de inspiradas?

Muito se tem falado de pessoas que, deitando as cartas, disseram coisas de surpreendente verdade. De modo nenhum pretendemos fazer-nos apologista dos ledores da *buena-dicha*, que exploram a credulidade dos espíritos fracos e cuja linguagem ambígua se presta a todas as combinações de uma imaginação abalada; mas, não é de todo impossível que certas pessoas, fazendo disso um ofício, tenham o dom da segunda vista, mesmo mau grado seu. Sendo assim, as cartas, entre as suas mãos, não passam de um meio, de um pretexto, de uma base de conversação. Elas falam de acordo com o que veem e não com o que indicam as cartas para as quais apenas olham.

O mesmo se dá com outros meios de adivinhação, tais como as linhas da mão, a clara de ovo e outros símbolos místicos. Os sinais das mãos talvez tenham mais valor do que todos os outros meios, não por si mesmos, mas porque, tomando e palpando a mão do consulente, o pretense adivinho, se é dotado de dupla vista, estabelece relação mais direta com aquele, como se verifica nas consultas sonambúlicas.

Podem incluir-se os médiuns videntes na categoria das pessoas que possuem a dupla vista. Com efeito, de mesmo modo que estas últimas, aqueles julgam ver com os olhos, mas, na realidade, a alma é que vê e por essa razão é que eles veem tão bem com os olhos abertos como com os olhos fechados. Segue-se, necessariamente, que um cego poderia ser médium vidente, tanto quanto um que tenha perfeita a vista. Constituiria estudo interessante indagar se essa faculdade é mais frequente nos cegos. Somos levados a crê-lo, dado que, como se pode verificar experimentalmente, a privação de comunicar-se com o meio exterior, por falta de certos sentidos, confere em geral poder maior à faculdade de abstração da alma, e, conseqüentemente, maior desenvolvimento ao sentido íntimo pelo qual ela se põe em relação com o Mundo Espiritual.

30

.5

Podem, pois, os médiuns videntes ser identificados às pessoas que gozam da vista espiritual; mas, seria porventura demasiado considerar essas pessoas como médiuns, porquanto a mediunidade se caracteriza unicamente pela intervenção dos Espíritos, não se podendo ter como ato mediúnico o que alguém faz por si mesmo. Aquele que possui a vista espiritual vê pelo seu próprio Espírito, não

sendo de necessidade, para o surto da sua faculdade, o concurso de um Espírito estranho.

Isto posto, examinemos até que ponto a faculdade da dupla vista pode permitir se descubram coisas ocultas e se penetre no futuro.

Desde todos os tempos, os homens não queriam conhecer o futuro e volumes se poderiam escrever sobre os meios que a superstição inventou para erguer o véu que encobre o nosso destino. Muito sábia foi a Natureza no-lo ocultando. Cada um de nós tem a sua missão providencial na grande colmeia humana e concorre para a obra comum na sua esfera de atividade. Se soubéssemos de antemão o fim de cada coisa, é fora de dúvida que a harmonia geral ficaria perturbada. A segurança de um porvir ditoso tiraria ao homem toda a atividade, pois que nenhum esforço precisaria ele empregar para alcançar o objetivo que sempre colima: o seu bem-estar. Paralisar-se-iam todas as forças físicas e morais. As mesmas consequências produziria a certeza da infelicidade, em virtude do desânimo que ganharia a criatura. Ninguém se disporia a lutar contra a sentença definitiva do destino. O conhecimento absoluto do futuro seria, portanto, um presente funesto, que nos conduziria ao dogma da fatalidade, o mais perigoso de todos, o mais antipático ao desenvolvimento das ideias. A incerteza quanto ao momento do nosso fim neste mundo é que nos faz trabalhar até ao último batimento do nosso coração. O viajante levado por um veículo se entrega ao movimento que o fará chegar ao ponto demandado, sem pensar em lhe impor qualquer desvio, por estar certo da sua impotência para consegui-lo. O mesmo se daria com o homem que conhecesse o seu destino irrevogável. Se os videntes pudessem infringir essa lei da Providência, igualar-se-iam à Divindade. Por isso mesmo não é essa a missão que lhes cabe.

No fenômeno da dupla vista, por se achar a alma parcialmente liberta do envoltório material, que lhe limita as faculdades, não há duração, nem distância; visto que lhe é dado abranger o espaço e o tempo, tudo se lhe confunde no presente. Livre dos entraves da carne, ela julga dos efeitos e das causas melhor do que nós, que não podemos fazer outro tanto; vê as consequências das coisas presentes e pode levar-nos a pressenti-las. É neste sentido que se deve entender o dom da presciência atribuído aos videntes. Suas previsões resultam de ter a alma consciência mais nítida do que existe e não de uma predição de coisas fortuitas, sem ligação com o presente. É por dedução lógica do conhecido que ela chega ao desconhecido, dependente muitas vezes da nossa maneira de proceder. Quando um perigo nos ameaça, se somos avisados, ficamos em condições de tentar tudo o que seja preciso para evitá-lo, cabendo-nos a liberdade de fazê-lo ou não.

Em tal caso, o vidente tem diante de si um perigo que se nos acha oculto; ele o assinala, indica o meio de afastá-lo, pois de outro modo o acontecimento segue o seu curso.

Suponhamos que uma carruagem enveredou por uma estrada que vai dar num precipício que o condutor não pode perceber. É evidente que, se nada ocorrer que a desvie, ela ali se precipitará. Suponhamos também que um homem colocado de maneira a divisar a estrada em toda a sua extensão, vendo o perigo que corre o viajante, consegue avisá-lo a tempo de ele se desviar. O perigo estará conjurado. Da sua posição, dominando o espaço, o observador vê o que o viajante, cuja visão os acidentes do terreno circunscrevem, não logra divisar. Pode

ele ver se uma causa fortuita obstará à queda do outro: conhece então, previamente, o que se dará e prediz o acontecimento.

Imaginemos que esse homem, do alto de uma montanha, divise ao longe, pela estrada, uma tropa inimiga dirigindo-se para uma aldeia a que pretende atear fogo. Fácil lhe será, levados em conta o espaço e a velocidade, prever quando a tropa chegará. Se, então, descendo à aldeia, disser apenas: *A tal hora a aldeia será incendiada*, caso o fato ocorra, ele passará, aos olhos da multidão ignorante, por adivinho, feiticeiro; entretanto, apenas viu o que os outros não podiam ver e deduziu, do que vira, as consequências.

30

.7

Ora, o vidente, como esse homem, apreende e acompanha o curso dos acontecimentos; não lhes prevê o resultado porque possui o dom de adivinhar: ele o vê e, desde então, pode dizer-vos se estais no bom caminho, indicar-vos outro melhor e anunciar o que se vos deparará no extremo do que seguís. É, para vós, o fio de Ariadne, mostrando a saída do labirinto.

Como se vê, longe está isso de predição propriamente dita, conforme a entendemos na acepção vulgar do termo. Nada foi tirado ao livre-arbítrio do homem, que conserva sempre a liberdade de agir ou não, de evitar ou deixar que os acontecimentos se deem, por sua vontade, ou por sua inércia; indica-se-lhe um meio de chegar ao fim, cabendo-lhe utilizá-lo. Supô-lo submetido a uma fatalidade inexorável, com relação aos menores acontecimentos da vida, é despojá-lo do seu mais belo atributo: a inteligência; é assimilá-lo ao bruto. O vidente, pois, não é um adivinho; é um ser que percebe o que não vemos; é, para nós, o cão do cego. Nada nisto há, portanto,

que se contraponha aos desígnios da Providência quanto ao segredo de nosso destino; é ela própria quem nos dá um guia.

Tal o ponto de vista donde se deve considerar o conhecimento do futuro, por parte das pessoas dotadas de dupla vista. Se fosse fortuito esse futuro, se dependesse do a que se chama acaso, se nenhuma ligação tivesse com as circunstâncias presentes, nenhuma clarividência poderia penetrá-lo e nenhuma certeza, nesse caso, ofereceria qualquer previsão. O vidente (referimo-nos ao que verdadeiramente o é), o vidente sério e não o charlatão que simula sê-lo, o verdadeiro vidente não diz o que o vulgo denomina *buena-dicha*; ele apenas prevê as consequências que decorrerão do presente; nada mais e já é muito.

Quantos erros, quantos passos em falso, quantas tentativas inúteis não evitaríamos, se tivéssemos sempre um guia seguro a nos esclarecer; quantos homens se acham deslocados na vida, por não se haverem lançado no caminho que a Natureza lhes traçara às faculdades! Quantos sofrem malogros por terem seguido os conselhos de uma obstinação irrefletida! Uma pessoa houvera podido dizer-lhes: “Não empreendais isso, porque as vossas faculdades intelectuais são insuficientes, porque não convém ao vosso caráter, nem à vossa constituição física, ou, ainda, porque não sereis secundados, como fora preciso; ou, então, porque vos enganais sobre o alcance do que pretendeis e topareis com este embaraço que não prevedes.” Noutras circunstâncias, ter-lhes-ia dito: “Sair-vos-eis bem de tal empreendimento, se vos conduzirdes desta ou daquela maneira; se evitardes dar tal passo que pode comprometer-vos.” Sondando as disposições e os caracteres, poderia dizer: “Desconfiai de tal armadilha que vos querem preparar”, acrescentando, em seguida: “Estais prevenidos, fiz o que me cumpria; mostrei-vos o perigo; se sucumbirdes, não acuseis a sorte, nem a fatalidade, nem a Providência; acusai-vos unicamente a vós

mesmos. Que pode fazer o médico, quando o doente não lhe dá atenção aos conselhos?” (KARDEC, 2011, *A segunda vista*, it. Conhecimentos do futuro. Previsões).

30

.8

⁴⁴ Nota do autor: *Études de la nature*, apud Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*.

CAPÍTULO 28

3

1.

1

“Sim, a alma e a razão clamam de comum acordo: Entre Deus e o homem há uma profusão de seres gradualmente crescentes em inteligência. A alma humana não é o último termo da Criação. Existem Espíritos puros e, acima dessas criaturas celestes planam, seja qual for a distância que separe a criatura do Criador, o Ser Supremo, o Ser que existe porque existe! ...” Dr. Charpignon.

O fenômeno da ressurreição das lembranças esquecidas de uma parte da vida, que Albert Pitres batizou com o nome de “ecmnesia” (DELANNE, 2011, cap. 6 – *A memória integral*, it. *A memória integral*), foi assinalado por muitos autores que se ocuparam com o sonambulismo.

Diz Richet no seu livro *L’Homme et l’intelligence*:

Se a memória ativa [...] é profundamente perturbada, em compensação a memória passiva é exaltada, Os sonâmbulos representam, com um luxo inaudito de pormenores precisos, os lugares que viram outrora, os fatos aos quais assistiram. Têm eles

descrito, durante o sono, muito exatamente, tal cidade, tal casa que visitaram ou entreviram antigamente; mas, ao acordar, não podem dizer o que fizeram em tempos idos, e X., que cantava a ária do 2º ato da “Africana”, durante o sono, não lhe pode achar uma só nota quando desperto.

Eis uma mulher que foi, há 15 anos, passar uma hora ou duas em Versalhes, e que esqueceu, quase completamente, esse curto passeio. É mesmo absolutamente incapaz de afirmar que o deu. Entretanto, se a fazem dormir e falar de Versalhes, ela saberá descrever muito fielmente as avenidas, as estátuas, as árvores. Verá o parque, as aleias, a grande praça, e, com espanto dos assistentes, dará detalhes extremamente precisos (DELANNE, 2011, cap. 6 – *A memória integral*, it. Outros exemplos de ecmenesia).

31

.2

Devemos a H. Bourru et P. Burot (*Changéments de la personnalité*, p. 152) a curiosa história de Jeanne R.:

Jéanne, de 24 anos, é uma jovem muito nervosa e profundamente anêmica. É sujeita a crises de choro e soluços; não tem crises convulsivas, mas frequentes desmaios; facilmente hipnotizável, dorme com profundo sono e, ao acordar, perde a lembrança.

Disseram-lhe que se transportasse aos 6 anos. Ela se acha com seus pais; faz-se serão, descascam-se as castanhas. Quer dormir e pede para deitar-se. Chama seu irmão André para que a ajude a terminar sua tarefa, mas este, em vez de trabalhar, diverte-se em fazer casinhas com as castanhas. “É bem um vadio, descasca umas dez e eu que descasque o resto.”

Nesse estado fala o patoá *limousin*, não lê, mal conhece o a-bê-cê. Não sabe uma palavra de francês. Sua irmãzinha Luísa não quer dormir. É preciso — diz ela — ninar sempre minha irmã, que tem nove meses. Sua atitude é de criança.

Depois de se lhe pôr a mão na frente, diz-se-lhe que vá à idade de 10 anos. Transforma-se-lhe a fisionomia. Seu porte não é mais o mesmo. Ela se encontra em Fraix, no castelo da família Moustier, perto do qual habitava. Vê quadros e os admira. Pergunta onde se acham suas irmãs, que vieram com ela; vai ver se estão na estrada. Fala como uma criança que está aprendendo a falar; vai, diz ela, à escola com as irmãs, há dois anos, mas ficou muito tempo sem a frequentar. Sua mãe esteve enferma longo tempo, e ela foi obrigada a cuidar de seus irmãos. Começa a escrever há seis meses, lembra-se de um ditado que lhe deram *quarta-feira*, e escreve *correntemente e de cor*; foi o ditado que fez com a idade de 10 anos. Diz não estar muito adiantada: “Marie Coutureau tem menos erros que eu; estou sempre perto de Marie Puybaudet e de Marie Coutureau, mas Louise Roland está perto de mim. Creio que Jeanne Beaulieu é a que tem mais erros”.

Da mesma forma, disseram-lhe que fosse aos 15 anos. Ela serve em Mortemart, em casa da Srta. Brunerie: “Amanhã vamos a uma festa, a um casamento, ao casamento de Batista Colombeau; o marechal Léon será o meu cavalheiro. Oh! não irei ao baile, a Srta. Brunerie não quer; eu bem que irei, por um quarto de hora; ela, porém, não sabes”.

Sua conversa tem mais nexos do que há pouco. Escreve *Le Petit Savoyard*. A diferença das duas escritas é muito grande. Ao acordar, fica espantada por haver escrito *Le Petit Savoyard*, que não conhece mais. Quando lhe mostram o ditado que fez aos 10 anos, declara que não foi ela quem o escreveu (DELANNE, 2011, cap. 6 – *A memória integral*, it. Outros exemplos de ecmnesia).

Comentando esse fenômeno, diz Delanne que se trata de uma superposição de impressões que não se misturam, que permanecem em perfeita autonomia, e que abraçam todos os estados da personalidade. Nas “[...] camadas profundas da consciência, aí se encontram fielmente registrados todos os acontecimentos do passado, porque eles lá deixaram traços indelévelis; as sensações ulteriores podem recobri-los até os fazer esquecer por completo, mas não os destroem nunca.” (DELANNE, 2011, cap. 6 – *A memória integral*, it. Outros exemplos de ecmnesia).

Dessa categoria são as experiências realizadas por Pierre Janet, professor de Filosofia na Sorbonne.

Diz ele no seu livro *O automatismo psicológico*, p. 160:

Pode-se fazer com que o paciente represente todas as cenas da própria vida, e verificar, como se voltássemos a cada época, os pormenores que ele acreditava completamente esquecidos, e não os podia contar. Leonie ficou duas horas metamorfoseada em menina de 10 anos e revivia sua existência, com vivacidade e alegria estranhas, gritando, correndo, chamando a boneca, falando a pessoas de quem não mais se lembrava, como se a pobre mulher tivesse tornado, de fato, aos 10 anos. Apesar de estar, neste momento, anestesiada do lado esquerdo, *retomava sua sensibilidade completa*, para representar aquele papel. As modificações da sensibilidade e dos fenômenos nervosos, por uma sugestão desse gênero, dão lugar a singulares fenômenos. Eis uma observação, que parece um gracejo, mas que é exata, e, em realidade, bastante fácil de explicar.

Sugiro a Rosa que não estamos em 1888, mas em 1886, no mês de abril, para verificar, simplesmente, as modificações da sensibilidade que se poderiam produzir. Dá-se, porém, um acidente bem estranho;

ela geme, queixa-se de fadiga, e de não poder caminhar. — Que tens? — Nada, mas em minha situação! — Que situação? Ela me responde com um gesto; o ventre se lhe havia intumescido subitamente, e esticado por um acesso súbito de timpanite histérica. Eu a tinha levado, sem o saber, a um período de sua vida em que estivera grávida. Foi preciso suprimir a sugestão para que cessasse essa situação.

31

.4

Estudos mais interessantes foram feitos com Maria, por esse meio: pude, trazendo-a, sucessivamente, a vários períodos de sua existência, verificar os estados diversos da sensibilidade pelos quais ela passou, e as causas de todas as modificações.

Assim, ela está agora cega da vista esquerda e declara que o esteve desde que nasceu. Se a conduzimos à idade de 7 anos, vemos que ainda está insensível da vista esquerda; mas, se lhe sugerem que ela só tem 6 anos, percebe-se que vê bem de ambos os olhos, e pode-se determinar a época e as circunstâncias muito curiosas em que perdeu a sensibilidade da vista esquerda. A memória realizou automaticamente um estado de saúde de que a paciente não tinha conservado a menor lembrança (DELANNE, 2011, cap. 6 – *A memória integral*, it. Outros exemplos de ecmenesia).

Do mesmo gênero é também a experiência realizada por De Rochas (*Les Vies successives*, p. 148) com a médium Srta. Maria Majo, filha de um engenheiro francês. Posta em sonambulismo, a médium retorna à encarnação anterior, em que se chamava Lina, na época de sua gravidez.

A médium chora, torce-se, agarra-se à sobrecasaca do Sr. De Rochas, enquanto os seios apresentam, na realidade, volume maior que de ordinário.

A médium se queixa de dores; de repente sossega e diz: — Está pronto; a criancinha nasceu. Lina teve o seu bom sucesso.

Delanne nos diz que:

Em uma época em que não se conheciam as experiências sobre a regressão da memória, já ensinava Kardec que, no Espaço, o Espírito pode ser magnetizado como na Terra, e por esse motivo reconquistar a plenitude de uma memória integral. [...] (2011, cap. 7 – *As experiências de renovações da memória*).

E cita o seguinte fato publicado na *Revista Espírita* de junho de 1866. Trata-se do Espírito de um médico muito estimado, o Dr. Cailleux; conta ele, pelo médium Morin, que, apesar de ter saído, havia muito, da perturbação, achou-se um dia em um estado semelhante ao de um sono lúcido.

Diz ele:

31

.5

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, a bem dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, daí devia resultar uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa e, além disso, um encorajamento para marchar num caminho que segue o meu Espírito desde um bom número de existências.

Eu estava, pois, adormecido por um sono magnético-espiritual; vi o passado formar-se em um presente fictício; reconheci individualidades que haviam desaparecido ao longo do tempo, ou, melhor, que tinham sido apenas um indivíduo. Vi um ser começar uma obra médica, um outro, mais tarde, continuar a obra esboçada pelo primeiro, e assim por diante. Cheguei a ver em menos tempo do

que levo a vos dizer, de idade a idade, formar-se, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não passava dos primeiros ensaios de um cérebro ocupado em estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto, e só me reconheci quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, haviam trazido um complemento à obra. Aí tudo se desvanece e torno-me o Espírito ainda atrasado do vosso pobre doutor. [...] (KARDEC, 2009, *Visão retrospectiva das várias encarnações de um Espírito*. In: DELANNE, 2011, cap. 7 – *As experiências de renovações da memória*).

O coronel Albert de Rochas estudou o fenômeno da regressão da memória por meio de experiências realizadas com 18 sonâmbulos, no período de 1893 a 1910, descrevendo minuciosamente a imensa série de sessões, que foram enfileiradas em seu livro *Les Vies sucessives*, um alentado volume de 500 páginas, com numerosos detalhes.

Citaremos resumidamente apenas o caso de Mme. Trinchant, médium de cerca de 40 anos, que tinha a faculdade de provocar o fenômeno da escrita automática.

Posta em estado sonambúlico, De Rochas provocou a regressão da memória por meio de sugestões: “Tendes 25 anos, 10 anos...”.

Êxito absoluto: ela toma a expressão e faz os gestos da idade correspondente. À idade de um ano, ela ensaia transformar o dedo do magnetizador em chupeta... Antes do seu nascimento, encontra-se em perturbação. A princípio, não se lembra de ter vivido; depois, recorda-se de ter sido uma jovem árabe, cuja vida terminou aos 20 anos por um assassinio: fora apunhalada por um ladrão. A mentalidade então dessa jovem árabe era completamente absorvida pelos vestidos e pelos seus cavalos, pois era riquíssima.

Antes dessa vida de jovem árabe, ela vivera, há mais de mil anos, em Nápoles, em companhia de uma senhora, que era sua grande amiga, e que, desencarnada, continuava ainda a protegê-la. Fora essa amiga quem a impelira a procurar o Sr. De Rochas, em Paris.

Somente uma sessão havia sido realizada com Mme. Trinchant. Alguns meses depois, ela escreveu ao Sr. De Rochas a seguinte carta:

[...] Recordais as experiências de regressão da memória que realizastes comigo por meio do sono magnético? Vossas perguntas me levaram a dizer-vos que, em uma existência anterior, havia habitado a África, onde fora assassinada por um golpe de punhal. Narrei à minha mãe, esboçando um sorriso, essa comunicação. Qual não foi minha surpresa quando ela me respondeu que, durante minha primeira infância, queixava-me muitas vezes de experimentar a sensação brusca de uma punhalada, sensação inexata, evidentemente, para minha vida atual, mas que poderia ter certa relação com o assassinio de que teria sido vítima em uma existência anterior.

Acrescentarei, como circunstância interessante, que um Espírito amigo, engenheiro e homem digno, a quem tive a ideia de falar de minha existência anterior e do assassinio de que teria sido vítima, ao mesmo tempo do país que teria habitado, respondeu-me: “O Espírito de um dos meus amigos, Charles Carlier, disse-me que vos conhece muito bem e de vos ter outrora conhecido na Arábia.” Isso me foi dito da forma mais categórica e mais positiva.

Passemos a uma outra classe de fenômenos, a que tivemos oportunidade de nos referir anteriormente.

É a que se refere à transmissão das sensações e dos estados emotivos, que tanto pode ocorrer do magnetizador ao paciente, como deste àquele, como efeitos reflexo-magnéticos, como ainda às pessoas postas em relação com os sonâmbulos.

3

1.

7

Lafontaine (*Mémoires d'un magnétiseur*, v. I, p. 87) transcreve um curioso folhetim do Sr. A. Lebrun com o título: *Transmissão das dores de uma pessoa a outra*, em que vem narrado o seguinte fato:

Há dias encontrei dois poetas e um prosador. E como praxe, quando se fala de magnetismo, manda que sejam citados os nomes, direi que os poetas eram os Srs. Adolfo Mathieu e Van Hasselt, e o prosador o Sr. Deschamps. O primeiro e o último eram dois incrédulos obstinados; Van Hasselt já estava muito adiantado no caminho da fé, era um catecúmeno que só desejava esclarecer-se completamente. Fui buscar os meus três homens à rua des Carmes. Eu prevenira o Sr. Montius — o magnetizador —, que se encontrava em sua residênciã, já em companhia de uma sonâmbula. Imediatamente, o operador pôs mãos à obra. A estranheza da mímica do magnetismo fez rir interiormente os dois incrédulos. Quanto ao Sr. Van Hasselt, estava grave e pensativo como uma meditação de Lamartine. O Sr. Montius, percebendo isso, concebeu logo uma opinião favorável do poeta, e quis fazer com ele uma experiência. Nesse ínterim, a sonâmbula queixou-se de uma violenta dor de cabeça que lhe ocorrera subitamente. O magnetizador sorria com um ar de satisfação. Perguntaram-lhe qual o motivo desse misterioso sorriso.

— Na verdade — respondeu ele —, fui eu quem lhe transmiti propositadamente a dor de cabeça.

Os incrédulos riram-se, mas a sonâmbula, que ouvira o Sr. Montius falar, exclamou:

— Se fostes vós que transmitistes, podeis retirá-la! Retirai pois a dor! Desejo que a retireis!

— Um instante! — disse o Sr. Montius.

E apoiando uma das mãos sobre a fronte da sonâmbula, e outra sobre a de Van Hasselt, fez presente a este da dor de cabeça da sonâmbula, que exclamou alegremente:

— Obrigada! minha dor de cabeça já passou.

— Sim, ela passou, mas veio para mim! — exclamou vivamente o Sr. Van Hasselt com a fisionomia transtornada.

Assim dizendo, o poeta batia a mão contra a testa, como para fazer sair uma ode, que se armava num ponto. Estalamos de riso, à exceção do paciente, cuja dor se tornava cada vez mais intensa. Suplicou ao magnetizador que fizesse passá-la para outra cabeça.

31

.8

— Tendes aqui a minha — disse então o Sr. Deschamps (um clássico inveterado) —, e se conseguirdes fazer aqui entrar o que há na cabeça do Sr. Van Hasselt, eu vos proclamarei, não em verso, mas em prosa correta e polida, um ser fantástico, um verdadeiro mágico!

— Tentarei — respondeu o magnetizador —, porém, não respondo pelo êxito; a incredulidade é uma força que pode repelir a ação magnética.

Ao mesmo tempo, erguendo o braço, colocou a mão sobre a cabeça do Sr. Van Hasselt, e a outra sobre a cabeça do Sr. Deschamps. Observei atentamente a fisionomia deste último; os dois cantos da sua boca, a princípio afastados por um sorriso sardônico, aproximaram-se insensivelmente, de modo que, em instantes,

formaram um “o” perfeito. De repente, ele retirou a mão do Sr. Montius, dizendo:

— Basta, eu me rendo!... Os diabos me levem, se não tenho uma enxaqueca bem caracterizada!

— Nada mais tenho — disse por sua vez o Sr. Van Hasselt.

— E eu começo a crer que estais todos combinados para vos divertirdes à minha custa — disse o Sr. Mathieu —, que até então assim considerava a cena, parecendo refletir profundamente.

— Transmíti-lhe portanto a dor, a fim de convencê-lo — disse o Sr. Deschamps ao operador.

— Com todo o gosto — disse o Sr. Montius. E operou sobre o Sr. Mathieu como fizera sobre os outros.

A experiência teve ainda pleno êxito, e tão completo que o novo paciente sacudiu a cabeça por diversas vezes, como para assegurar-se da tenacidade da dor que sentia. Entretanto, quis conservar a enxaqueca durante algum tempo, receando que a sua convicção se dissipasse com ela subitamente.

Gauthier cita o caso de uma senhora de aproximadamente 50 anos que, presidindo aos diversos partos de sua nora e ao colocar as mãos sobre o local da dor, sentia e anunciava com antecedência as crises que deveriam seguir-se (*Traité pratique du magnétisme et du somnambulisme*, p. 233).

CAPÍTULO 29

32

.1

O pensamento, utilizado como força magnética, poderia reparar bastantes desordens, destruir muitas chagas sociais. Projetando, resoluta e frequentemente, nossa vontade sobre os perversos, sobre os desgarrados, poderíamos consolar, convencer, aliviar, curar. Por esse exercício obter-se-iam não só resultados extraordinários para o melhoramento da espécie, mas também se poderia dar ao pensamento uma acuidade, uma força de penetração incalculáveis (DENIS, 2016a, cap. 32 – *A vontade e os fluidos*).

Verificamos na lição de Kardec, quando abordamos o fenômeno da segunda vista, que esta se produz espontaneamente, sem ser por efeito da vontade, e provoca uma espécie de crise que, algumas vezes, modifica sensivelmente o estado físico; e que há infinitos graus na sua potencialidade, desde a sensação confusa, até a percepção tão nítida quanto no sonambulismo.

Fenômenos análogos, dentro da generalidade, mas de difícil classificação, como reconhece Kardec, pois a palavra *vidente* não explica com exatidão a ideia, são citados frequentemente pelos autores.

Um desses casos merece citado. É o apresentado por Paul Gibier, de que se serviu também De Rochas (*Les Vies successives*, p. 281):

M. H... é um jovem alto, louro, de uns 30 anos, filho de pai escocês e mãe russa. É um artista gravador de talento. Seu pai foi dotado de faculdades “mediúnicas” muito poderosas. Sua mãe foi igualmente médium. Conquanto nascido em um meio espiritualista, ele jamais se ocupara de Espiritismo e nunca houvera experimentado nada de anormal, até o momento em que sofreu aquilo que apelidou de “acidente” e a respeito do qual veio consultar-me, em princípios de 1887.

32

.2

Há poucos dias — disse-me ele —, entrava eu em casa, pelas dez horas da noite, quando subitamente se apoderou de mim um sentimento de prostração estranha, que eu não compreendia. Decidido, entretanto, a não me deitar imediatamente, acendi a lâmpada e coloquei-a sobre a mesa da cabeceira, perto do leito. Apanhei um charuto, acendi-o, aspirei algumas fumaças, depois me estendi numa espreguiçadeira.

No momento em que indolentemente me virara de costas, para encostar a cabeça na almofada do sofá, senti que andavam à volta os objetos próximos, experimentei como que um atordoamento, um vácuo; depois, de repente, achei-me transportado ao meio do quarto. Surpreendido por esse deslocamento, do qual não tinha consciência, olhei em torno de mim, e meu espanto aumentou muito mais.

A princípio, *dei comigo estendido no sofá*, suavemente, sem rigidez, apenas tendo a mão esquerda acima de mim, estando o cotovelo apoiado, e segurava o charuto aceso, cujo lume aparecia na

penumbra produzida pelo abajur da lâmpada. A primeira ideia que tive foi que havia, sem dúvida, adormecido, e experimentava o resultado de um sonho. Entretanto, reconhecia que nunca sentira coisa semelhante e que me parecesse tão intensamente a realidade. Direi mais: tinha a impressão de que jamais havia estado tão deveras na realidade. Compreendendo que não se tratava de um sonho, o segundo pensamento que acudiu, de súbito, à minha imaginação, foi de haver morrido. E, ao mesmo tempo, lembrei-me de ter ouvido dizer que há Espíritos, e pensei que eu mesmo me tornara Espírito. Tudo quanto podia saber sobre este assunto desenrolou-se longamente, mas em menos tempo do que é preciso para lembrá-lo em minha vida interior. Lembro-me perfeitamente de ter sido assaltado, então, por uma espécie de ansiedade e pesar por coisas inacabadas; a minha vida apareceu-me qual uma profissão de fé.

Aproximei-me de mim, ou antes, do meu corpo, ou do que acreditava ser já o meu cadáver. Um espetáculo, que não compreendi logo, me atraiu a atenção: contemplei-me respirando, porém, vi mais o interior do meu peito, e dentro dele o coração batia lentamente em débeis palpitações, mas com regularidade. Via meu sangue, de um vermelho de fogo, correndo nas artérias. Nesse momento compreendi que devia ter tido uma síncope de caráter particular, a menos que as pessoas sob a ação de uma síncope, pensava à parte, se esqueçam de tudo quanto lhes ocorra durante o desmaio. Então, receei perder a lembrança quando voltasse a mim...

32

.3

Sentindo-me mais animado, olhei ao redor, perguntando a mim mesmo até quando ia isso durar; depois, não fiz mais caso do meu corpo, *do outro eu*, que continuava a repousar. Via a lâmpada

continuando a iluminar silenciosamente, pensei que ela estava muito perto do meu leito e poderia incendiar-lhe o cortinado: segurei o botão, isto é, na chave da torcida para apagá-la, porém, ainda aí, encontrei novo motivo de surpresa! Sentia perfeitamente o botão com a roseta, percebia, por assim dizer, cada uma das suas moléculas, mas, embora desse voltas com os dedos, estes executavam sozinhos o movimento, e debalde eu procurava mover o botão.

Então, examinei-me a mim mesmo e vi que, embora minha mão pudesse passar através do corpo, eu o sentia perfeitamente, e ele me pareceu vestido de branco, se neste ponto a memória não me falha. Depois, coloquei-me diante do espelho, em frente da chaminé. Em vez de ver minha imagem no espelho, reparei que a vista parecia estender-se sem estorvo, e apareceram-me, primeiro, a parede, depois a parte posterior dos quadros e dos móveis que existiam na casa do vizinho, e, finalmente, o interior do seu quarto. Notei a falta de luz nesses aposentos, que a vista devassava, e divulguei claramente um raio de claridade, que, partindo do meu epigástrio, iluminava os objetos.

Ocorreu-me a ideia de penetrar na casa do vizinho, a quem não conhecia, e que estava ausente de Paris naquele momento. Apenas pensava em visitar a primeira sala, aí me achei conduzido. Como? Nada sei; mas julgo que vareei a parede tão facilmente quanto a vista a penetrava. Logo me encontrei em casa do vizinho pela primeira vez na minha vida. Examinei os quadros, gravei seu aspecto na memória, dirigi-me a uma biblioteca onde notei com todo o cuidado muitos títulos de obras colocadas numa prateleira à altura de meus olhos.

Para mudar de lugar, bastava-me querer e, sem esforço, achava-me imediatamente onde desejava ir.

Desse momento em diante, as minhas reminiscências são muito vagas; sei que andei por longe, muito longe, pela Itália, creio, mas não posso contar como empreguei o tempo. Foi como se, não tendo mais ação sobre mim mesmo, não sendo mais senhor das minhas ideias, andasse transportado de uma a outra parte, carregado para onde meu pensamento me dirigisse. Ainda não tinha recuperado a consciência; o pensamento se me dispersava antes que eu pudesse apanhá-lo; a imaginação, naquela ocasião, levava a casa consigo.

32

.4

O que posso acrescentar, concluindo, é que acordei às cinco horas da manhã, no meu sofá rígido, frio, segurando ainda a ponta do charuto entre os dedos. A lâmpada apagara-se, enfumaçando o tubo. Atirei-me à cama sem poder dormir e fui sacudido por um calafrio. Finalmente conciliei o sono e, quando despertei, era dia claro.

Por meio de um inocente estratagema, no mesmo dia induzi o porteiro da casa a ir examinar no aposento vizinho se tudo estava em ordem; e, subindo com ele, pude encontrar os móveis, os quadros vistos por mim, assim como os títulos dos livros que houvera atentamente observado durante a noite precedente.

Evitei com cuidado falar disso a qualquer pessoa, não querendo passar por *maluco* ou *alucinado*[...] (GIBIER, 2009, Pt. 3 – Perquirição do terceiro elemento do Universo e do homem, cap. 4).

Comenta ainda Gibier:

Esses fatos são raros [...]. Se fossem vulgares, ninguém escreveria livros a esse respeito: em qualquer situação, não provocariam pasmo. Os fatos existem e provam que, mesmo em vida, o homem pode assistir, por assim dizer, à separação, ao desdobramento dos seus

diferentes princípios. [...] (GIBIER, 2009, Pt. 3 – Perquição do terceiro elemento do Universo e do homem, cap. 4).

Centenas de videntes, e já tivemos ocasião de assinalar o fato, descrevem a forma pela qual a alma se separa do corpo no momento da morte.

Um desses videntes, Jackson Davis, assim descreve o momento crítico:

Minhas faculdades de vidência me permitiram estudar o fenômeno psíquico e psicológico da morte à cabeceira de um moribundo.

Tratava-se de uma senhora de cerca de 60 anos, a quem havia dado muitas vezes conselhos médicos. Quando a hora da morte chegou, estava eu gozando muito boa saúde, o que permitiu que pudesse exercer livremente, sem qualquer obstáculo, as minhas faculdades de vidente. Coloquei-me de maneira a não ser visto ou perturbado nas minhas observações psíquicas, e pus-me a estudar com acurada atenção os misteriosos processos da morte.

32

.5

Vi que a organização física não podia mais bastar às necessidades do princípio intelectual, mas diversos órgãos internos pareciam resistir à partida da alma. O sistema vascular se debatia para reter o princípio vital; o sistema nervoso lutava com todo o seu poder contra a “debacle” dos sentidos físicos, e o sistema cerebral esforçava-se para reter o princípio intelectual. O corpo e a alma, como dois esposos, resistiam à sua separação absoluta. Esses conflitos internos pareciam a princípio produzir sensações penosas e perturbadoras, mas quedei-me tranquilo e mesmo feliz quando me apercebi que essas manifestações físicas indicavam — não a dor e a angústia —, mas simplesmente a separação da alma e do corpo.

Logo depois, a cabeça foi envolvida por uma atmosfera brilhante; de repente, vi o cérebro e o cerebelo estenderem suas partes interiores, fazendo cessar suas funções galvânicas; eles se tornaram saturados de princípios vitais de eletricidade e de magnetismo, que penetravam pelas partes secundárias do corpo. Por outras palavras: o cérebro subitamente se tornou dez vezes mais vigoroso do que no seu estado normal. Esse fenômeno precede invariavelmente a dissolução física.

A seguir, verifiquei o processo pelo qual a alma se separa do corpo. O cérebro atrai os elementos de eletricidade, magnetismo, vida, movimento, sensibilidade, espalhados por todo o organismo.

A cabeça ficou como que iluminada e notei que, ao mesmo tempo, as extremidades se tornaram frias e escuras; o cérebro tomou um brilho particular.

Em torno dessa atmosfera fluídica que envolvia a cabeça, vi formar-se uma outra cabeça que se desenhava cada vez mais nitidamente; ela era tão brilhante que eu só podia fixá-la com dificuldade, mas, à medida que esta cabeça fluídica se condensava, a atmosfera brilhante desaparecia. Daí deduzi que esses princípios fluídicos que haviam sido atraídos de todas as partes do corpo para o cérebro, e então eliminados sob a forma de a atmosfera particular, estavam antes unidos solidamente de acordo com o princípio superior de afinidade do Universo, que se faz sempre sentir em cada parcela da matéria. Com surpresa e admiração, segui as fases do fenômeno.

32

.6

Do mesmo modo que a cabeça fluídica, vi formarem-se sucessivamente o pescoço, as espáduas, o dorso, e enfim o conjunto do corpo fluídico. Tornou-se evidente para mim que as partes

intelectuais do ser humano são dotadas duma afinidade eletiva que permite a sua reunião no momento da morte. As deformidades do corpo físico haviam desaparecido do corpo fluídico.

Enquanto esse fenômeno espiritualista se desenvolvia diante das minhas faculdades particulares, de outro lado, para os olhos materiais das pessoas presentes no quarto, o corpo da agonizante parecia experimentar sintomas de angústia e de penosas dificuldades, que eram puramente fictícios, pois provinham tão só da separação das forças vitais e intelectuais, que se retiravam de todo o corpo para se concentrarem no cérebro e, em seguida, no novo organismo.

O Espírito (ou Inteligência desencarnada) se colocou no ângulo direito da cabeça do corpo abandonado, mas, antes da separação final do laço que havia ligado durante tanto tempo os elementos materiais e intelectuais, vi uma corrente de eletricidade vital formar-se na cabeça da agonizante e na parte baixa do corpo fluídico. Isso me deu a convicção de que a morte mais não era do que um renascimento da alma ou do Espírito, passando de um estado inferior para um estado superior, e que o nascimento de uma criança neste mundo ou de um Espírito no outro mundo eram fatos idênticos. Nada aí falta, nem mesmo o cordão umbilical, sob a forma de um laço de eletricidade vital. Esse laço permaneceu durante algum tempo entre os dois organismos. Descobri então o que me passara despercebido em minhas observações psíquicas, isto é, que uma pequena parte do fluido vital voltava ao corpo material logo que o cordão ou laço elétrico era rompido; esse elemento fluídico ou elétrico, espalhando-se por todo o organismo, impedia a dissolução imediata do corpo.

Não é prudente enterrar o corpo antes que a decomposição tenha começado. O cordão umbilical a que me referi não está muitas vezes ainda rompido. É o que acontece nos casos de morte aparente, em

que os indivíduos voltam à vida depois de um ou dois dias, como na letargia, na catalepsia etc.

Logo que a alma da pessoa que eu observava ficou desembaraçada dos laços terrestres do corpo, verifiquei que o *organismo fluídico* era apropriado ao seu novo estado, mas que o conjunto se assemelhava à aparência terrestre. Não me foi possível saber o que se passava nessa Inteligência rediviva, mas lhe notei a calma e o espanto ante a dor profunda dos que choravam ao lado do seu corpo.

32

.7

As lágrimas e as lamentações excessivas dos parentes não provinham senão do ponto de vista em que a maioria da Humanidade se coloca, isto é, da crença material de que tudo acaba com a morte do corpo. Pelas minhas diversas experiências, posso afirmar que, se uma pessoa morre naturalmente, a alma não experimenta nenhuma sensação dolorosa.

O período de transformação acima descrito dura cerca de duas horas, mas não é o mesmo para todos os seres humanos. Se todos pudessem ver com os olhos da alma, perceberiam ao lado do corpo rígido uma forma fluídica com a mesma aparência da pessoa que morre, mas essa forma é mais bela e como que animada dum vida mais exuberante (De Rochas, *Les Vies successives*, p. 287).

Como se vê, não foi possível ao vidente, no caso relatado, saber o que se passava com a Inteligência que retornava ao Mundo Espiritual.

No livro de Francisco Cândido Xavier *Voltei*, encontramos não só a confirmação, aliás, desenvolvida e detalhada, do que ocorre no momento da morte, mas também as primeiras sensações da alma ao separar-se do corpo.

É desse livro a transcrição seguinte, à guisa de elucidação:

Alongando o raio de meu olhar, verifiquei a existência de prateado fio, ligando-me o novo organismo à cabeça imobilizada.

Torturante emoção apossou-se de mim.

Eu seria o cadáver ou o cadáver seria eu? Por intermédio de que boca pretendia falar? Da que se fechara no corpo ou da que me serviria agora? Por meio de que ouvidos assinalava as palavras de Marta?

Intentando ver pelos olhos mortos, senti-me atirado novamente a espesso nevoeiro.

Assustado, soergui-me mentalmente.

Aquele grilhão tênue a unir-me com os despojos era bem um fio de forças vivas, jungindo-me à matéria densa, semelhando-se ao cordão umbilical que liga o nascituro ao seio feminino. Fitando, então, o corpo repousado e inerte, simbolizando templo materno ao meu ser que ressurgia na Espiritualidade, recordei, certamente inspirado pelos amigos que ali me socorriam, a enormidade dos meus débitos para com a carcaça que me retivera no planeta por extensos e abençoados anos. Devia-lhe à cooperação precioso amontoado de conhecimentos, cujo valor inestimável naquela hora reconhecia. Cabia-me vencer o mal-estar e a repugnância.

32

.8

Tranquelizei-me. Comecei a considerar o corpo, mirrado e frio, como valioso companheiro do qual me afastaria em definitivo. Enquanto perdurou a nossa entrosagem, beneficiara-me ao contato da luta humana. Junto dele, recolhera bênçãos inextinguíveis. Sem ele, por que processos continuaria o aprendizado? Fixei-o, enternecido, mas,

aumentando o meu interesse pela organização da carne, imóvel, incapaz de separar emoções e selecioná-las, afundei-me nas impressões de angústia. Minhas energias pareciam retransferir-se, aceleradamente, ao envoltório abandonado. Insuportável constrangimento martirizava-me. Percebi os conflitos da carne desgovernada. A diferença apresentada pelos órgãos impunha-me terrível desagrado (XAVIER, 2016e, cap. 3 – *Em pleno transe*, it. 3.3 Em posição difícil).

CAPÍTULO 30

33

.1

O pensamento é o gerador dos infracorpúsculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige. E a moradia dos homens ainda está mergulhada em fluidos ou em pensamentos vivos e semicondensados de estreiteza espiritual, brutalidade, angústia, incompreensão, rudeza, preguiça, má vontade, egoísmo, injustiça, crueldade, separação, discórdia, indiferença, ódio, sombra e miséria...
(XAVIER, 2016d, cap. 30 – *Renovação*).

Dos inúmeros casos de cura pela ação do magnetismo, quando frustrados foram todos os recursos da Ciência, dois merecem destaque. Um extraído da obra de Bué e o outro ocorrido nesta cidade.⁴⁵

O primeiro é assim relatado:

Estamos em setembro de 1873. Achava-me ainda em Angers, no 11º Regimento de Couraceiros (antigos Carabineiros da Guarda) e tinha resolvido retirar-me do Exército, a fim de me entregar mais

livremente aos estudos. As numerosas experiências magnéticas que tinha feito, desde muitos anos, nessa cidade, e os resultados que obtivera em casos reputados incuráveis pela própria Academia, tinham-me granjeado uma certa notoriedade. Recebi de um negociante da cidade, Sr. D., a longa *narrativa* seguinte; apesar da sua extensão, transcrevo-a por inteiro, porque dá, acerca do doente e da sua moléstia, detalhes muito precisos, de tal modo interessantes, que eu não poderia fazer do caso que vou expor uma pintura mais empolgante.

33

.2

Nada pode dar melhor uma ideia verdadeira da insuficiência da arte médica, do que esta simples narração de um homem cruelmente atacado pela enfermidade e pedindo, debalde, durante mais de 25 anos, à Medicina um alívio aos seus sofrimentos. Mostra-nos, também, como às vezes os maiores mestres dessa arte, imbuídos de um pirronismo intratável, podem transviar-se nos seus julgamentos e tornar vítimas de seus preconceitos pessoais aqueles que, à fé dos compromissos, cheios de cega confiança na elevada notoriedade de que gozam, vêm apelar para as suas luzes.

Angers, 24 de setembro de 1873

Senhor,

No inverno do ano de 1850 (tinha eu 21 anos), fui subitamente afetado de violenta moléstia dos rins, que em breve se complicou com uma dor aguda que partia do quadril direito e descia, em seguimento ao nervo ciático, até o joelho e à barriga das pernas.

Tintureiro de profissão, é provável que tivesse apanhado um resfriado ao passar da oficina para o rio, a fim de lavar as lãs; tive

que entrar para o hospital e seguir um tratamento. Tomei alguns banhos sulfurosos, sem resultado; depois, aplicaram-me vesicatórios volantes sobre os rins, coxas e barriga das pernas.

Não tendo produzido efeito esta primeira aplicação, deixaram-na, e os vesicatórios foram curados com *cloridrato de morfina*. Ao fim de alguns dias, tendo melhorado — o que atribuo antes à força da minha constituição do que ao próprio tratamento —, pude sair do hospital. Longe estava de considerar-me curado, por isso que experimentava sempre dores atrozes em todo lado direito e era obrigado a caminhar de muletas. Aconselharam-me tisanas quentes e fumigações de hera aquecida ao forno, a fim de determinar abundantes transpirações.

Os suores acalmavam um pouco as dores, mas enfraqueciam-me consideravelmente.

Contudo, pouco a pouco, consegui recuperar certa energia. Abandonei as muletas pelo uso de uma simples bengala, e finalmente, com auxílio da calma do estio, breve me achei suficientemente forte para recomeçar o trabalho.

Passados 18 meses, a moléstia voltou com incrível violência. Ocorreu-me a ideia de usar banhos de vapor, que já me haviam aliviado no começo da enfermidade. Como estávamos em pleno inverno, fiz-me transportar para a abadia do Port-Engoard, próximo de Laval, onde me prodigalizaram os maiores desvelos. Mas os banhos de vapor não me deram alívio algum.

33

.3

Nesta época, caiu-me às mãos um livro de Medicina. O autor, antigo membro da Faculdade de Medicina de Paris, era o Rev. Pe

Debreyne, então trapista no Convento de Mortagne (Orne).

Nesta obra tratava-se de uma cura especial a que tinham cedido numerosos casos de moléstias semelhantes à minha. De tal modo eu sofria, que resolvi ir solicitar os cuidados do Rev. Pe Debreyne. Fiz-me transportar a Mortagne; mas ali recusaram admitir-me como pensionista do Convento, e como se tratasse da aplicação de largas moxas nos rins, no quadril e no joelho, hesitei submeter-me a tratamento tão violento, e, logo depois, pus-me a caminho.

Estava desesperado. Meu estado, longe de melhorar, tornava-se mais grave. Tomei uma deliberação definitiva. Era absolutamente necessário reconquistar rapidamente a saúde, a fim de poder recomeçar o meu ofício e ganhar a vida. Decidi-me partir para Paris.

Ali, dizia eu, irei encontrar os médicos mais justamente afamados, os príncipes da Ciência infalivelmente me curarão.

Cheguei, todo esperança, à grande cidade e imediatamente me dirigi à consulta dos médicos de serviço nos hospitais; apresentei-me sucessivamente à portaria do de S. Louis, Beaujon e Charité. Nessas visitas, soube que o Dr. Bouillaud era decano da Faculdade; indicaram-no como um dos médicos mais hábeis de Paris. Resolvi recorrer aos seus cuidados.

Infelizmente, eu não era rico, e para entrar para a clínica hospitalar do Dr. Bouillaud era necessário declarar que morava em Paris e que ali exercia o meu emprego há dois anos. Não hesitei empregar um subterfúgio para poder fazer-me tratar pelo célebre doutor.

No dia seguinte ao da minha entrada no hospital, aguardava com ansiedade a hora da visita, quando vi o Dr. Bouillaud aproximar-se do meu leito; depois de um exame superficial, perguntou-me de que sofria.

— Sofro há muito tempo, doutor — disse-lhe eu —, de uma *ciática aguda*; é, pelo menos, assim que os médicos que me têm tratado denominaram a moléstia; alguns também pretendem seja infecção *sacrocoxálgica*.

— Então — diz o doutor — fizestes estudos de Medicina, meu rapaz?

33

.4

— Não, senhor doutor — respondi-lhe —, mas, infelizmente para mim, tenho ouvido muitas vezes falar dos meus sofrimentos, aqueles que em vão têm procurado curá-los, e apenas repito o que tenho ouvido falar. Tenho estado tão gravemente afetado que, afinal, pensou-se por momentos num amolecimento da medula espinhal.

— Ora essa. Estais caçoando — disse o doutor, sorrindo —; dissei, antes, que não há trabalho em Paris neste momento, e que o hospital é um bom refúgio para a má estação.

E dirigindo-se para o leito próximo, sem mais preocupar-se comigo e com o meu estado de saúde:

—*Dieta de saída* a este rapaz — acrescentou ele.

Fiquei consternado com esse acolhimento tão inesperado, e, para mostrar ao doutor que não era o homem que supunha, tirei da minha carteira as receitas dos médicos de Laval que me haviam tratado. Estes testemunhos, embora provassem realmente a minha moléstia, puseram a descoberto o embuste bem inocente que eu havia empregado para ter entrada no hospital.

O Dr. Bouillaud, surpreendido com o tom resolutivo com que eu lhe falara e no qual não podia deixar de transparecer o desapontamento e

a cólera, voltou, examinou os papéis que eu atirara sobre a cama, e, depois de concentrar-se um pouco, receitou que me aplicassem 18 ventosas escarificadas sobre a região renal e que conservassem o sangue até à sua próxima visita.

No dia seguinte, quando fez de novo a sua visita e passou pelo meu leito, ao apresentarem-lhe o sangue que me tinham tirado, perguntou-me:

— De que lugar sois?

— Da Morbihan — respondi-lhe.

— Tão somente pelo exame do sangue eu deveria adivinhar.

E voltando-se para o séquito:

— Vede, senhores — disse ele —, como este sangue é rico de seiva. Como este não encontramos outro no Departamento do Sena.

E ordenou de novo que me dessem alta.

Decididamente, o doutor persistia em não acreditar na realidade da minha moléstia.

Eu não podia compreender, porque me eram recusados os cuidados que viera procurar tão longe e de que tinha imperiosa necessidade; esbofei-me em persuadir o doutor, insisti ardentemente para que me deixassem ficar. Propus tomar um quarto particular e pagar uma pensão. Nada pôde demover o Dr. Bouillaud da sua decisão; objetou-me que tinha o tempo tomado com os doentes do Departamento, que não podia prestar cuidados aos estranhos. Tive que sair.

Fiquei alguns dias na casa de um parente que quis acolher-me. Depois entrei para o Hospital Beaujon, no arrabalde do Roule, ao serviço do Dr. Ribert.

Fui submetido, pouco depois de minha entrada, a uma conferência de que faziam parte os Drs. Ribert, Labbé, Velpeau, Ricord e Bouillaud. Esses senhores, e o próprio Dr. Bouillaud, que alguns dias antes não quisera recolher-me doente e me expulsara do seu hospital, decidiram que se devia aplicar-me a *cauterização transcorrente de ferro em brasa*, dos rins até aos calcânhares.

Cloroformizaram-me para fazer esta cruel operação. Na ocasião nada senti; mas alguns dias depois, ao começar a supuração, sofri torturas mil vezes mais horríveis que a própria moléstia. Ao fim de 40 dias, quando as feridas feitas pelo ferro em brasa estavam apenas cicatrizadas, falaram em submeter-me a uma segunda operação. Não pude resolver-me a suportar novas torturas e deixei o hospital.

Já não sabendo a que santo recorrer, mais abatido pelos tratamentos violentos que tinha sofrido do que mesmo pela moléstia, fui procurar um médico homeopata, cujas prescrições segui durante alguns dias; depois, decidi-me voltar para Laval.

Diretor de uma tinturaria, e já não estando obrigado a um trabalho manual fatigante, pude restabelecer-me aos poucos. Parei com todos os remédios e limitei-me simplesmente a cobrir-me de lã. A moléstia desapareceu com o correr do tempo e julgava-me restabelecido, quando, dois anos depois, ela reapareceu bruscamente.

Entre para o hospital da localidade, onde fui submetido a uma conferência. Fiz a exposição da minha moléstia e do tratamento que me fizeram sofrer em Paris, no Hospital Beaujon.

No dia seguinte, o Dr. Hubert, em cuja enfermaria me achava, mandou que eu ficasse nu no meu leito, e, sem advertir-me do que ia fazer, de pincel em punho, cobriu-me a pele, desde a nuca até os

calcanhares, de *ácido sulfúrico*, renovando com este cáustico violento as cauterizações que me haviam feito em Paris com o ferro em brasa. Um banho, que posteriormente me fizeram tomar, trouxe uma supuração abundante, que me ocasionou sofrimentos inenarráveis. Apesar de toda a minha coragem e do ardente desejo que tinha de curar-me, tive que renunciar ao tratamento que queriam renovar; e, deixando o hospital, fui em demanda do Port Enguard, a fim de descansar das torturas que me haviam feito sofrer, e tomar alguns banhos de vapor. Voltou a boa estação, e, como sempre, com o calor reapareceu a saúde.

33

.6

Durante alguns anos, estive quase bom, julgava-me livre dessa terrível moléstia, quando em 1859, estando em Angers, como diretor de tinturaria na casa do Sr. Oriolle, fui de novo surpreendido pelas dores; como, então, me achava casado, fiz-me tratar em minha casa.

Aplicaram primeiramente alguns vesicatórios, depois me fizeram uma operação muito dolorosa, enterrando-me na perna, ao longo do nervo ciático, 14 agulhas.

Depois dessa operação, tornando-se as dores mais agudas do que nunca, procuraram acalmá-las com injeções subcutâneas de *morfina*, fricções de linimentos diferentes, tais como *óleo canforado*, *bálsamo tranquilo*, *óleo de meimendo*, *terebintina* etc., mas sem resultado algum.

Fatigado de ser deste modo torturado pela Medicina, sem alcançar nenhum alívio, acabei renunciando aos médicos e contentei-me em ficar bem agasalhado e tomar alguns banhos.

Assim fui me arrastando durante dois anos, e afinal restabeleci-me inteiramente, pelo menos na aparência, porque de vez em quando experimentava ainda algumas dores, que, entretanto, eram suportáveis.

Durante a guerra de 1870, fui chamado à tinturaria a fim de preparar os tecidos para o nosso Exército; apanhei um resfriado que me trouxe uma recaída; minha saúde desde então alterou-se sensivelmente, e, apesar do desgosto pronunciado que tinha para qualquer espécie de tratamento, fui constrangido pelas circunstâncias a entregar-me de novo aos médicos.

Aconselharam-me as águas minerais, mandaram-me sucessivamente para as termas de Mont-Dore, de Barbotan e de Bagnères-de-Luchon.

Longe de me acalmarem as dores, este novo tratamento exasperou-as a tal ponto que a moléstia se complicou de novos males.

Fiquei afetado de constipações tenazes e de cólicas medonhas; as vísceras pareceram atacadas, como os músculos, dessas dores pungentes, que me faziam desejar a morte; todo o lado esquerdo, até então poupado, ficou sofrendo como o direito.

33

.7

Fizeram-me passar, nessa ocasião, por todas as torturas dos primeiros tratamentos: tintura de iodo, vesicatórios com cloridrato de morfina, injeções subcutâneas, picadas de agulha, moscas etc.

Desde essa época, a moléstia só piorou; os ataques, que se tornaram mais terríveis do que nunca, conserva uma periodicidade desoladora; das cinco horas da tarde até meia-noite, não cesso de gritar; já não

tenho sono, nem posso conservar-me em posição alguma; todo o lado esquerdo do corpo vai-se atrofiando e faz-me sofrer horrivelmente; desde o quadril até os dedos do pé, experimento dores lancinantes, afigurando-se-me cavarem o osso da perna e arrancarem a rótula; os músculos apresentam tremores e sobressaltos constantes; sinto alternadamente calor ardente e frio intenso; a carne e a epiderme são de uma sensibilidade tal que me parece que a carne está desnudada; qualquer contato, por mais leve que seja, é um sofrimento para mim.

Não tenho esperança alguma de restabelecer-me pelos meios comuns; e, ouvindo falar de vós, venho apelar para os vossos bons cuidados, a fim de tirar-me desta situação lamentável, se efetivamente julgais que o Magnetismo pode intervir beneficemente neste caso.

(Assinado) D.

Comovido com essa extensa narração de sofrimento, fui visitar o doente.

De simples operário, o Sr. D. tornara-se um dos importantes negociantes da cidade de Angers; encontrei-o na pequena sala de sua residência, todo vestido, envolto em cobertores, estendido num canapé e incapaz de fazer qualquer movimento. Era assim que ele passava dias e noites e havia deliberado não mais despir-se para deitar, por isso que qualquer movimento ou contato lhe arranca gritos. Fez-me de novo a narrativa dos seus males e, mostrando-me um revólver sobre a mesa, ao alcance da mão, disse, banhado em lágrimas: “Há muito tempo que teria acabado com a vida se não tivesse mulher e filhos”.

No dia seguinte, comecei o tratamento magnético. Desde as primeiras sessões tive a inestimável satisfação de obter um resultado que permitiu favorável prognóstico sobre o êxito do tratamento;

manifestou-se uma melhora sensível, as crises diminuíram pouco a pouco de intensidade, o sono voltou. Ao fim de duas ou três semanas, o doente conservava-se de pé e podia dar alguns passos, a princípio apoiando-se em duas bengalas e arrastando dificilmente as pernas; mais tarde, com maior facilidade.

33

.8

Finalmente, o tratamento fez tais progressos, que, dois meses depois, nos primeiros dias de dezembro, encontrei o Sr. D. em tão boas condições que cessei de prodigalizar-lhe cuidados e confiei-o ao seu primeiro empregado, um jovem muito inteligente, a quem mostrara minha maneira de proceder, fazendo-o assistir às sessões de Magnetismo.

Foi ele quem, por meio de magnetizações cada vez mais espaçadas, terminou a cura e favoreceu o retorno das forças que ainda faltavam ao patrão.

Apesar da estação desfavorável em que nos encontrávamos, o Magnetismo tinha atuado com uma rapidez que eu estava longe de esperar; o doente achava-se em estado tão lastimável, tinha passado tantos anos em peripécias de tal ordem, que eu não podia contar com uma cura tão pronta.

Eis aqui, certamente, um dos casos mais curiosos da ação magnética, e não se pode deixar de estabelecer um paralelo entre este modo de tratamento tão simples, consistindo em *alguns passes e imposições, sem sono provocado*, e as violências que a Medicina oficial impôs a este infeliz doente, durante 25 anos consecutivos (*Le Magnétisme curatif – Manuel technique*, v. 1, cap. 9 – *O exercício do*

Magnetismo sob o ponto de vista legal, it. 1º caso – Odisseia de um infeliz reumático).

45 N.E.: Ver no capítulo seguinte (cap. 31) o outro caso ocorrido na cidade do Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 31

34

.1

“O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma Lei Natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.” (KARDEC, 2017, cap. 19 – *A fé transporta montanhas*, it. 5).

O caso ocorrido nesta cidade, a que nos referimos no capítulo anterior e que pode ser considerado como um dos mais curiosos da ação magnética, apresenta como paciente a Sra. M. W., de 27 anos.

Os padecimentos dessa senhora são assim relatados por ela própria:

Cerca de nove meses após o nascimento de minha filha, comecei a sentir sintomas de reumatismo em todo o corpo, principalmente nas articulações.

Iniciei o tratamento médico, tendo consultado inúmeras autoridades no assunto. Durante quatro anos consecutivos, submeti-me aos mais diversos processos aconselhados para o caso em que me encontrava. Foram quatro anos de contínuos sofrimentos, de apreensões e angústias indescritíveis. Tomei muitas injeções, banhos de forno, massagens, drogas etc. E, finalmente, até banhos de parafina fervente me foram aplicados nas juntas das mãos e dos pés, os quais, como é fácil presumir, constituíam uma verdadeira tortura, que ainda mais me prostravam e que me arrancavam lágrimas de dor.

Nenhum resultado, nenhum. E as pesquisas e os exames continuavam, cada qual mais doloroso e mais desalentador.

34

.2

Extraíram-me vários dentes, extirparam-me as amígdalas, sofri uma laparotomia e, por último, uma intervenção para fixação do rim direito.

E o reumatismo não cedia, as dores continuavam intensas. As noites eu as passava em claro, gemendo e chorando.

Surgiu então o tratamento pela cortisona. Era uma nova esperança. Aplicaram-me quatro gramas. As dores, como por encanto, desapareceram. Mas, para meu desespero, tão logo deixaram de aplicar-me esse medicamento, as dores voltaram...

Nenhuma esperança mais restava. Apesar de me julgar um espírito forte, em face de tantos insucessos e depois de tanto martírio, já

prostrada pela insidiosa moléstia, voltei meus olhos para Deus, a quem roguei paciência e resignação para suportar a minha prova.

Certo dia, meu sogro, testemunha dos meus padecimentos, já apreensivo pela situação de miséria orgânica em que me encontrava, com todos os membros do meu corpo enfraquecidos e alguns até deformados, acercou-se de mim para encorajar-me e, ao mesmo tempo, aconselhar-me o tratamento pelo magnetismo.

Aceitei de bom grado o alvitre, embora o meu ceticismo em relação à possibilidade de minha cura... É fácil compreender esse estado do meu espírito, após quatro anos de tormentoso tratamento, em que tudo fora experimentado em pura perda.

A minha situação era a de uma inválida em plena mocidade. Locomovia-me com grande dificuldade, tendo os membros inferiores inchados e sempre doloridos. Não podia segurar qualquer objeto, pois não me era possível fechar as mãos e dobrar os dedos, tendo presa toda a articulação. Igualmente, todos os movimentos do corpo eram feitos com tremendos sacrifícios, pois a dor se espalhava ao longo da coluna vertebral. Dia a dia, minha fadiga aumentava, com o sono sempre interrompido pelas dores intensas e, às vezes, cruciantes.

Nesse estado em que me encontrava, foi iniciado o tratamento pelo magnetismo.

Ser-me-ia impossível descrever tudo quanto se passou desde o início desse tratamento. Posso, entretanto, afirmar que, graças a Deus, depois de um ano, com pequenos intervalos nas sessões (duas, e às vezes três, por semana), estou completamente restabelecida.

Vejamos como se operou a cura, que parecia sumamente problemática, por meio da sucinta descrição do magnetizador:

Estava realmente diante de um quadro desolador. Não me foi difícil perceber o pessimismo da paciente quanto à possibilidade da sua cura. Por isso, exortei-a a ter confiança e muita paciência, fazendo-lhe sentir que a sua assiduidade às sessões era condição precípua para que o tratamento seguisse a sua marcha natural.

Convidei-a a sentar-se em uma cadeira, comodamente, deixando-se ficar num estado de calma e descanso passivos, a fim de atingir o mais elevado grau de receptividade.

Pus-me adiante da paciente, tendo os joelhos e os pés opostos aos seus, sem os tocar, e estabeleci contato, segurando-lhe os polegares durante cinco minutos, ao mesmo tempo que erguia ao Alto a minha rogativa.

Como se vê, segui o processo de Mesmer, Puysegur, Deleuze, Gauthier e Bruno, estabelecendo contato magnético pelos polegares, como ato preliminar que precede a magnetização.

Em seguida, apresentando as minhas mãos estendidas, a face palmar para baixo, os dedos ligeiramente afastados, sem contração, nem rigidez, numa distância de 10 centímetros, sobre a cabeça da paciente, fiz descê-las com lentidão ao longo dos braços até à extremidade dos dedos. Fechei as mãos, afastando-as do corpo, para voltar ao ponto de partida, e descê-las novamente, com a mesma lentidão, até à extremidade dos pés.

E assim, alternativamente, fiz passes, ora até à extremidade das mãos, ora à dos pés, durante cerca de 10 minutos, quando a paciente, pálida, com visível depressão, pediu para interromper a ação magnética, pois sentia que ia desmaiar.

Exultei com essa solicitação, indício evidente de um elevado grau de receptividade.

Interrompi imediatamente a ação e fiz os passes de dispersão, dando como encerrada a primeira sessão, depois de a paciente me ter declarado que se sentia bem.

Voltando para a segunda sessão, dois dias depois, notei no semblante da paciente maior confiança, como se lhe renascesse a esperança de cura.

34

.4

Repeti-lhe os mesmos passes durante 30 minutos, verificando que melhor suportara a ação magnética, tendo acusado apenas peso na cabeça e dormência nos braços.

Nas sessões subsequentes prossegui com os mesmos processos, durante, em regra, 45 minutos. Procurava, assim com esses passes longitudinais, saturar o corpo da paciente de fluidos.

Além disso, dirigi a minha ação insistentemente para a parte inferior do corpo — ventre, rins, joelhos, barriga das pernas, tornozelos — porque, por seu efeito atrativo para os pés, no próprio sentido das correntes, produz uma dispersão notável, acalma e descarrega abundantemente.

Depois de cerca de dois meses de magnetização, a situação se apresentava bem mais animadora. As dores haviam diminuído de intensidade e cessavam por completo durante longas horas após cada sessão. No espaço de 48 horas, que mediava entre as sessões, as dores se alternavam — ora no braço direito e no esquerdo, ora nas pernas e sempre nas costas e mãos.

A paciente já conseguia dormir algumas horas durante as noites, principalmente nos dias de sessão, apresentando-se com uma aparência bem melhor.

Prosseguindo com os passes gerais, dirigi a minha ação para a coluna vertebral. Colocava-me atrás da paciente e impunha-lhe a minha mão esquerda sobre o seu ombro esquerdo, enquanto que com a minha mão direita fazia o passe à distância de cerca de 5 centímetros do corpo, ao longo da coluna e até à altura dos rins. Repetia esses passes durante alguns minutos.

No fim do terceiro mês de magnetização, as dores que se localizavam nas costas desapareceram definitivamente.

Entramos no quarto mês. Nessa época, a paciente me revelava que tinha muito sono e que não dormia durante toda a noite tão somente, porque, invariavelmente, às três horas da manhã, em ponto, sem discrepância de um minuto, era despertada por fortes dores nos braços e nas mãos.

Três horas da manhã!? E o fato era confirmado pelo esposo da paciente, que a essa hora precisamente era despertado pelos seus gemidos.

Estava diante do desconhecido. E tanta coisa há que desconhecemos!

Entreguei, então, à paciente placas de vidro magnetizadas para, envoltas em um pedaço de flanela, serem aplicadas nos braços e nas pernas durante a noite, recomendando igualmente o uso da água que eu magnetizava, cerca de um litro, cada 48 horas.

Ao mesmo tempo, precisamente às três horas da madrugada, da minha residência, dirigia em pensamento os meus passes, durante quinze minutos, findos os quais me sentia completamente exausto, o que não me ocorria na magnetização ordinária.

Ao entrarmos no quinto mês de magnetização, as curiosas dores da madrugada já não mais despertavam a paciente, que passou a dormir, o que havia muitos anos não acontecia: oito horas cada noite.

Mas não era ainda a cura. Brandas e alternadas sentia a paciente dores nos braços, mãos e pés. Entretanto, a não ser as mãos, que tinham os movimentos ainda presos, essas dores eram bastante espaçadas.

Cada gênero de magnetização, diz Gauthier, deve ser aproveitado de acordo com o caso; é preciso empregar os processos, conforme a virtude correspondente.

Foi o que fiz na continuação das sessões. Ao mesmo tempo que conservei os passes longitudinais, pois não devia esquecer que a moléstia havia invadido todo o organismo, voltei especialmente a minha atenção para os ombros, braços e pernas.

Coloquei minha mão direita sobre a espádua direita da paciente e tomei a sua mão direita na esquerda. Depois de alguns segundos, descii lentamente a direita ao longo do braço, e assim fiz um certo número de passes, continuando a segurar-lhe a mão. Do mesmo modo atuei sobre o braço esquerdo, colocando a mão direita sobre a espádua esquerda e segurando a mão esquerda em minha esquerda.

Sentada, a paciente estendeu ambas as pernas sobre uma cadeira, de modo a manter o corpo em posição cômoda, e a não me causar muita fadiga. Isso feito, iniciei a ação sobre as pernas, a partir do joelho e até aos pés. Fazia primeiramente os passes com muita lentidão e, ao terminar, fazia-os com muita vivacidade e rapidez, como se quisesse

atrair a ação para mim, retirando e fechando as mãos para fazê-las voltar ao ponto de partida.

Acontecia que, muitas vezes, a paciente acusava que alguma coisa parecia desprender-se e descer ao longo dos braços e das pernas, à medida que os passes eram feitos. Essa, pelo menos, era a sua impressão, o que me tranquilizava, porque patente estava que a recepção do fluido se operava no mais alto grau.

34

.6

Ao completar o oitavo mês, apresentava-se o seguinte quadro: nenhuma dor nos rins e ao longo da coluna vertebral, que, como já disse, desaparecera ao fim do terceiro mês de tratamento; nenhuma dor nos braços e nas pernas, tendo cessado completamente a inchação; muito sono e muita disposição para a vida ativa.

Parecia assim que tudo caminhava para um completo restabelecimento. Restava, porém, normalizar os movimentos das mãos, ainda doloridas e ressentidas.

Era necessário atacar com redobrada energia o reduto final. Foi o que fiz, embora espaçando as sessões para duas por semana.

Dois processos preconizam os autores para casos tais: a insuflação quente e a massagem magnética.

Usei ambos os processos, sem abolir de todos os passes gerais, que passaram a ser feitos por cautela, porém num espaço de tempo menor.

Comecei pela insuflação quente, que, como é sabido, é um processo dilatador, dissolvente e tônico.

Coloquei, sobre as mãos da paciente, uma de cada vez, um pedaço de flanela dobrado em quatro. Apliquei a boca sobre a flanela, e, armazenando ar, soprei, por uma expiração muito lenta e prolongada, sem empregar contração, nem força. Ao fim de cada insuflação, quando me faltava o sopro, afastava a boca, e, assim distanciado, aspirava o ar para encher os pulmões e voltava a iniciar outra insuflação.

Assim procedi pelo espaço de dois meses, findos os quais passei a fazer uso da massagem magnética, sem antes ter deixado de notar as sensíveis melhoras apresentadas, podendo a paciente já fechar a mão e dobrar os dedos, embora sentindo ainda um pouco de dor.

Passei ao processo da massagem magnética, que, como se sabe, pode consistir de fricções, malaxações, pressões, percussões e de outros movimentos.

Preferi a fricção digital, que se executa com a mão aberta, ficando os dedos ligeiramente afastados e um pouco curvados, sem crispações, nem rigidez, erguido o punho, para que só a ponta dos dedos aja sobre a pele.

Da altura do antebraço da paciente fazia deslizar lentamente os meus dedos, sem empregar nenhuma força, mas apenas fazendo ligeira pressão nas partes endurecidas dos tendões, até à extremidade dos dedos.

34

.7

Essas fricções continuaram durante cerca de dois meses. Um mês, porém, já havia decorrido do início dessa prática, quando a paciente me comunicou, com justificada alegria, que havia recomeçado os seus estudos de piano...

Era a cura em toda a sua verdade.

Realmente, ao completar o décimo segundo mês, a paciente deu por terminado o seu tratamento, julgando-se capaz de praticar todos os movimentos desembaraçadamente, sem nenhuma dor.

Antes de encerrar este relatório, em que procurei principalmente, pôr em relevo os processos seguidos, quero destacar um fato, à margem do tratamento.

É o seguinte:

Assistia ao tratamento, durante todo o transcurso das sessões, o marido da paciente que ficava sentado em uma poltrona, a cerca de um metro, ao lado da sua esposa.

Verifiquei certa vez um movimento singular, como o de uma pessoa em estado de aflição ou angústia, que partia do marido da paciente. Atento como estava ao ato da magnetização, não quis prestar maior atenção ao fato.

Ao fim da sessão tudo foi explicado. É que o esposo da paciente, que se mostrou de uma extrema sensibilidade, não podia arredar a perna direita do assoalho, por mais ingentes esforços que fizesse, o que o tornou irrequieto e nervoso. Apliquei-lhe alguns passes de dispersão, batendo o ar com a mão direita em direção a sua perna, e tudo se normalizou.

Esse fenômeno se repetiu por algumas vezes, já não causando nenhuma apreensão. Ao contrário, tornou-se motivo de hilaridade, porque, ao findar-se a sessão, quando o esposo demorava erguer-se da poltrona, a paciente lhe perguntava: quer que lhe retire o pé do “atoleiro”?

Esse caso, descrito com simplicidade e clareza, merece a atenção dos estudiosos. Além de servir de modelo para um tratamento regular, revela o poder da nossa vontade e da nossa fé, postas ao serviço do bem. Imenso é o

manancial de recursos de que Deus nos dotou, e que se acham armazenados dentro de nós para o socorro aos nossos semelhantes.

CAPÍTULO 32

35

.1

“Certamente, ninguém mais do que nós admira as conquistas da Ciência; sempre tivemos prazer de render justiça aos esforços corajosos dos sábios que fizeram recuar cada dia os limites do desconhecido. Mas a Ciência não é tudo. Sem dúvida, ela tem contribuído para esclarecer a Humanidade; entretanto, tem-se mostrado sempre impotente para a tornar mais feliz e melhor.” (DENIS, 2014, cap. 7 – *A ideia de Deus e a experimentação psíquica*).

Deixei para o derradeiro capítulo a curta história destes escritos sobre o magnetismo.

Ainda no início,⁴⁶ esboçamos o nosso pensamento, asseverando:

É tempo, portanto, de seguir o magnetismo a sua trajetória, dentro dos seus postulados. Ele nos conduzirá ao domínio pleno da espiritualidade. Aquilo que os seus adversários repeliram por lhes parecer sobrenatural — o fluido — continua a receber, dia a dia, a adesão da verdadeira ciência, que, nas suas observações, o descobre em tudo e por toda a parte.

[...] O que chamais fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão a matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente. (KARDEC, 2016a, q. 27-a).

Foi esse fluido que os magnetizadores pressentiram e que o Espiritismo, mais tarde, reconheceu e proclamou, segundo as comunicações dos Espíritos e por meio de observações e experiências.

[...]

35

.2

Essa distinção do magnetismo humano e do magnetismo espiritual, conforme a natureza do agente — se o homem ou o Espírito —, é acertada.

Entretanto, atendendo à natureza do fenômeno e à maneira pela qual ele se produz, consideraremos, em o nosso trabalho, como espiritual a ação magnética, quer ela provenha do homem, quer provenha direta e exclusivamente dos Espíritos. E daí a razão de ser do título deste livro.

[...]

Uma outra razão, ainda, nos fez inclinar para essa preferência. É que não convém aos espíritas a dissociação de fenômenos da mesma natureza, que intimamente se entrelaçam, e que a eles, mais do que aos magnetizadores, competirá a tarefa de reivindicar para o magnetismo a verdadeira conceituação que lhe foi dada desde remotos tempos.

Repeliram o magnetismo, porque viram nele uma filosofia transcendente (Du Potet, *Traité complet du magnétisme animal*, 8. ed., p. 40) e suspeitaram de uma causa sobrenatural, expressão de que se tem abusado por ignorância ou má-fé. A repulsa abrangia, por igual, o Espiritismo, que o aceitou como fenômeno natural e que deve agora prosseguir nas pesquisas que conduzirão o magnetismo ao seu verdadeiro lugar.

Cumpra que, de coração desnuado de paixões e preconceitos, estudemos e compreendamos as Leis Divinas, que tais são todas as Leis Naturais.

Kardec diz que:

O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma abre novos horizontes à Ciência e dá a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos até então, por falta de conhecimento da lei que os rege — fenômenos negados pelo materialismo, por se prenderem à espiritualidade, e qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Tais são, entre muitos, os fenômenos da vista dupla, da visão a distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos repousam em Leis Naturais, como os fenômenos elétricos, e em que condições normais se podem reproduzir, o Espiritismo derroca o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseguintemente, a fonte da maior parte das superstições. Se faz se creia na possibilidade de certas coisas consideradas por alguns como quiméricas, também impede que se creia em muitas outras, das quais o Espiritismo demonstra a impossibilidade e irracionalidade (KARDEC, 2016d, cap. 1 – *Caráter da revelação espírita*, it. 40).

35

.3

Resulta, portanto, de tudo quanto vem exposto, que o magnetismo repousa sobre as propriedades e sobre os atributos da alma, devendo ser, por isso, classificado entre os fenômenos de ordem psíquica, ou espiritual.

“[...] o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa”, eis a síntese do mecanismo de toda a ação magnética.

A vontade de fazer o bem parte do Espírito, que o deseja e o quer; essa vontade é determinada ao perispírito, órgão sensitivo do Espírito, corpo fluídico que o envolve, e que é o intermediário das suas manifestações, agindo no duplo sentido de força centrífuga e centrípeta, isto é, recebe do exterior e transmite ao Espírito e recebe deste para transmitir ao exterior; a execução é feita por intermédio do corpo físico, que emite os fluidos do perispírito.

O Espírito, a vontade, o perispírito, o fluido e o corpo físico — são, pois, os elementos integrantes do fenômeno magnético.

Esse pensamento que esboçamos no início do nosso trabalho, e que acaba de ser transcrito, era o mesmo que nos dominava, antes mesmo de cogitarmos em escrever este livro.

No princípio do ano de 1950, tendo ido visitar, em Belo Horizonte, pessoas de minha família, aproveitei a oportunidade, estendendo a viagem até Pedro Leopoldo.

Cheguei àquela cidade precisamente em uma segunda-feira, dia em que se reúne o Centro Espírita “Luiz Gonzaga”. Para lá me dirigi, tomando lugar à mesa. Enquanto os presentes debatiam o ponto do Evangelho, o médium Francisco Cândido Xavier se entregava à sua santificante tarefa, a um canto da mesa. Diversas mensagens foram recebidas. Uma delas me foi dirigida, com o seguinte teor:

Irmão Michaelus,

Muita paz.

35

.4

Seu plano quanto ao magnetismo curador, com expressões técnicas de aproveitamento geral, não resulta de mera elucubração pessoal.

Procede do círculo elevado a que se lhe filia a tarefa e creia, meu amigo, que o projeto objetiva campo muito amplo de esclarecimento coletivo.

Nós sabemos que seu cérebro e suas mãos se encontram assombrados de serviço urgente. Missionário do Direito, seu programa demora-se repleto de obrigações inadiáveis e prementes. Entretanto, o dia terrestre corre, e a oportunidade de socorrer a esfera dos nossos companheiros encarnados foge rápida.

Necessitávamos particularizar, mais detidamente, os imperativos da atenção que o perispírito vem exigindo.

Não bastará compreender a mecânica dos órgãos. É imprescindível penetrar o terreno das causas. A vida mental para os setores espiritistas é quase uma incógnita. O pensamento, traduzindo energia radiante, é relegado por muita gente a posição secundária. O homem, como dínamo psíquico, a que os complexos celulares se ajustam em obediência às leis que governam a matéria perispiritual, ainda é de compreensão muito difícil.

Precisamos, sim, meu amigo, de sua instrumentalidade intelectual. Você poderá realizar muitíssimo e fará serviço duradouro pela iluminação evangélica da inteligência. Prossiga em seus estudos e experimentações, concatene resultados, reúna material selecionado e conte conosco. Sou um insignificante cooperador, mas outros muitos permanecem à espera da sua decisão. A criatura aguarda a deliberação do Céu, todavia, há sempre maior ansiedade do Céu pela resolução da criatura. Ligue sua lâmpada à usina da Espiritualidade Superior e verá que a luz sublime lhe incendiará os filamentos.

O tempo, contudo, é estreito. Os trabalhadores legítimos são poucos. As dedicações fiéis escasseiam. Não perca, desse modo, o mapa que se desdobra ao olhar percuciente.

Nosso campo de realizações no Brasil reclama esse tipo de trabalho. O passe, o socorro magnético em seus variados matizes, o estudo progressivo dos fluidos, a seleção dos respectivos doadores, a formação de correntes psíquicas, a orientação das energias ectoplásmicas, a divisão de trabalhos nesse particular, a especialização de servidores, com definição exata dos valores passivos e positivos, a ambientação dos recursos espirituais, a assistência imperiosa às mentes enfermiças, todo um mundo novo dentro do Espiritismo evangélico espera desbravadores e missionários fiéis a Jesus e a si mesmos.

35

.5

Há problemas e experiências, tanto aí quanto aqui. Estamos longe da equação final. Não esperem vocês nos círculos carnavais que nossas mãos venham substituir-lhes os braços. A instituição do esforço próprio é universal.

E desejaríamos que sua inteligência se incumbisse de colaborar conosco nesse vasto reino de “descobertas novas”, ou de identificação de verdades não reveladas.

O Espiritismo, qual acontece ao próprio mundo, permanece criado, mas muito distante do aprimoramento final. A obra desafia-nos.

Que o Senhor nos proteja, nos fortaleça e abençoe.

Seu menor servidor,

ISMAEL SOUTO

Surpresa absoluta. E tanto maior porque nem sequer eu conhecia a entidade comunicante. Quem é Ismael Souto? Indaguei de Francisco Cândido Xavier se lhe era possível identificá-lo.

O médium de imediato respondeu: ele afirma que o viu, há alguns meses, em uma sessão de trabalhos de materialização, em Niterói, e que não se aproximou naquele momento, pela impropriedade da reunião para cogitar de assuntos dessa natureza.

Em verdade, havia eu comparecido na ocasião indicada pelo médium a uma dessas reuniões em Niterói.

Regressando ao Rio, tive o cuidado de comunicar-me com os componentes das reuniões em Niterói. Fiquei então sabendo que Ismael Souto era na realidade um dos mentores espirituais daqueles trabalhos de materialização, desencarnado naquela cidade fluminense em plena mocidade, vitimado pela tuberculose.

A princípio relutei muito. É certo que aquelas ideias verrumavam-me o cérebro havia muito tempo. Mas a complexidade do estudo, a magnitude do problema e as dificuldades naturais que surgem quando desejamos dar acertada solução a assuntos de tal transcendência, fizeram-me meditar profundamente.

35

.6

Afinal, pensei comigo, é preciso tomar uma iniciativa. Se a tarefa não puder ser levada a bom termo, outros trabalhadores virão mais capazes e mais resolutos.

E assim tomei a deliberação de publicar o trabalho que hoje concluo, embora reconhecendo que o assunto ainda comportava uma explanação mais completa.

Todavia, faltou-me o fôlego para ir mais longe. Mas confesso sem vaidade que fiz muito, muitíssimo em relação às minhas fracas forças; todavia, muito pouco, pouquíssimo ante a complexidade e a transcendência da matéria.

“Você poderá realizar muitíssimo e fará serviço duradouro pela iluminação evangélica da inteligência”, diz aquela comunicação.

Sim, todo esforço no sentido do bem é sempre “muitíssimo” e também “duradouro”, principalmente quando desperta as almas para a continuação do labor iniciado.

Consola-me, portanto, essa esperança. E só pensar que outros mais fortes e mais capazes completarão algum dia a tarefa tão modestamente iniciada, já é uma grande bênção.

Fiz o que pude — *Feci quod potui, faciant meliora potentes.*

46 N.E.: Capítulos 2 e 3 desta obra.

REFERÊNCIAS

- AGUAROD, Angel. *Grandes e pequenos problemas*. 7. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2010.
- BOZZANO, Ernesto. *Enigmas da psicometria*. Trad. Manuel Quintão. 5. ed. Brasília: FEB, 1999.
- DELANNE, Gabriel. *A alma é imortal*. Trad. Carlos Imbassahy. 8. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2010.
- _____. *A reencarnação*. 13. ed. 3. reimp. Brasília: FEB, 2011.
- DENIS, Léon. *O grande enigma*. 16. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2014.
- _____. *Depois da morte*. 28. ed. 4. imp. Brasília: 2016a.
- _____. *O problema do ser, do destino e da dor*. 32. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2016b.
- GIBIER, Paul. *Análise das coisas*. 6. ed. 2. reimp. Brasília: FEB, 2009.
- IMBASSAHY, Carlos. *A mediunidade e a lei*. 5. ed. Brasília: FEB, 2002.
- _____. *Religião*. 5. ed. Brasília: FEB, 2002.
- KARDEC, Allan. *Obras póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. 1. ed. 1. reimp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2011.
- _____. *O livro dos espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 93. ed. 2. imp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016a.
- _____. *O livro dos médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro. 81. ed. 9. imp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016b.
- _____. *O céu e o inferno*. Trad. Manuel Quintão. 61. ed. 4. imp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016c.
- _____. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. 4. imp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2016d.
- _____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. 8. imp (Edição Histórica). Brasília: FEB, 2017.

_____. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. ano 9, n. 6. jun. 1866. Trad. Evandro Noletto Bezerra. ed. imp. Brasília: FEB, 2009.

LAPPONI, José. *Hipnotismo e espiritismo*. Trad. Almerindo Martins de Souza (3 ed. italiana). 5. ed. Brasília: FEB, 2002.

MENEZES, Bezerra. *A loucura sob novo prisma*. 14. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2010.

ROUSTAING, J.-B. *Os quatro evangelhos*. v. 1. 9. ed. 1. reimp. Brasília: FEB, 2008a.

_____. _____. v. 2. 8. ed. Brasília: FEB, 1995.

_____. _____. v. 3. 8. ed. Brasília: FEB, 1996.

_____. _____. v. 4. 8. ed. 1. reimp. Brasília: 2008b.

SAYÃO, Antônio L. *Elucidações evangélicas*. 15. ed. 2. reimp. Brasília: FEB, 2011.

XAVIER, Francisco C. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. ed. imp. Brasília: FEB, 2016a.

_____. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 64. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2016b.

_____. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2016c.

_____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 14. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2016d.

_____. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 28. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2016e.

_____. *Jesus no lar*. Pelo Espírito Neio Lúcio. 37. ed. 13. imp. Brasília: FEB, 2017.

ÍNDICE GERAL⁴⁷

A

Ação magnética

- Allan Kardec – 3.3
- poder da fé – 31.1
- síntese do mecanismo – 3.6, 4.1
- temor das consequências – 10.8

Água

- absorção dos fluidos – 15.1, 16.1
- ação da vontade e da fé – 15.4
- Deleuze e * magnetizada – 15.4
- efeito laxativo da * magnetizada – 15.7
- eficácia dos banhos em * magnetizada – 16.3
- elemento primordial à vida – 15.4
- Hebreus e * da expiação – 15.1, nota
- importância da * no livro *Nosso lar* – 16.2
- iogues hindus – 15.2
- magnetização – 15.1
- valor terapêutico – 16.1
- vantagens da * magnetizada – 15.4-15.9
- Velho Testamento – 16.2

Água fluidificada *ver* Água magnetizada

Aguarod, Angel

- magnetismo, melhor agente curativo – 8.2

Albuquerque, Medeiro e

- descrição do efeito baquet – 13.5
- Hipnotismo*, livro – 1.4

Alma

- conceito – 4.1
- faculdades da * e magnetismo – 7.1
- funções psíquicas – 4.4

libertação do jugo da matéria – 1.2
requisitos para a * mais evoluída – 5.2

Antigo Egito

experimentação magnética – 1.4
magnetismo entre os sacerdotes – 11.7, 11,10
sacerdotes nos templos dos deuses – 1.4

Aprendizado

condições para * das verdades e do saber – 1.2

Arcanes de la vie futura dévoilés, livro

Louis Alphonse Cahagnet – 25.2

Aristóteles

domínio do pensamento – 4.5, nota

Átomo

composição – 14.6

Automagnetização

advertência sobre o processo – 16.6
Alphonse Bué – 16.6
relato do barão Du Potet – 16.6-16.8
significado do termo – 16.5

Automatismo psicológico, O, livro

Pierre Janet – 28.3

B

Bajolais, Réno-

Technique moderne de magnétisme humain, livro – 11.1

Baquet

descrição de Medeiros e Albuquerque – 13.5
relatos do médico Richard Mead – 13.6
significado do termo – 13.5

Baudouin, Charles

trabalhos de Charles Richet – 2.6, nota

Bertholet, médico

condenação de um curador – 18.5
curandeiros místicos e magnetizadores – 18.7, nota

Bíblia

fluido universal e sopro da formação do homem – 5.4

Bourru, H. Bourru et P. Burot

Changements de la personnalité, livro – 28.2

Bozzano, Ernesto

psicometria – 14.2, 14.3

Braid, James, médico

bases do hipnotismo moderno – 1.6

definição do estado hipnótico – 2.1

magnetismo – 2.3

processo de hipnotização – 11.6, nota

provocação do sono nervoso – 2.3

sonambulismo provocado – 19.8

Bruno, médium curador

prece antes da magnetização – 1.6

Princípios e dos processos do Magnetismo animal e das suas relações com as leis da física e da fisiologia, Dos, livro – 1.6

Bué, Alphonse

advertência de * sobre perigos e acidentes do magnetismo – 17.5

automagnetização – 16.6

caso de cura pela ação do magnetismo – 30.1

caso do couraceiro do 11º Regimento em Angers – 9.5

conselhos salutares – 8.3

experiências de * com sonâmbulos – 26.1-26.8

Louis Lucas – 21.8, nota

Magnétisme curatif, Le – Pshyco-physiologie, livro – 26.1

observação de * sobre magnetismo e hipnotismo – 2.6

poder magnético – 7.2

sonambulismo – 20.4

C

Cadeia

significado do termo – 1.5, nota

Cadeia magnética

aceleração da ação magnética – 13.3, nota

considerações – 13.1

inconveniências e perigos – 13.4

tipos – 13.2

Cahagnet, Louis Alphonse

Arcanes de la vie futura dévoilés, livro – 25.2

depoimento de Gabriel Delanne – 25.2

experiências de * com extáticos – 25.2-25.10

magnetismo – 3.1

Zêus Wantuil, obras e pesquisas – 25.1

Célula nervosa

natureza – 4.2

Cérebro

complexidade – 4.2

definição – 4.4

funções – 4.2

mecanismo físico – 4.2, nota

segregação do fluido nervoso – 5.2

vibrações individualizadas – 4.2

Changéments de la personnalité, livro

H. Bourru et P. Burot – 28.2

Chardel, CasimirMarieMarcellin

PierreCélestin

Mémoire sur le magnétisme animal, livro – 1.5, nota

pioneiro do magnetismo – 1.5

Charcot

estado sonambúlico – 21.1

Ciência

magnetismo – 3.1

novos horizontes – 32.2

Ciência materialista

enigma – 4.4

Ciência positiva

conhecimentos transcendentos – 1.2

Corpo físico

função – 5.2

sede dos órgãos – 7.4

Corpo fluídico *ver* Perispírito

Corpo sutil *ver* Perispírito

Couto, Miguel

hipnotismo – 2.2, 2.3

Cura

casos de * pela ação do magnetismo – 30.1, 31.1

conceito – 6.5

condições para obtenção – 10.6

dom – 3.2

explicação para a * instantânea – 11.9

Jesus e * da mulher hemorroíssa – 6.1

Jesus e * do cego – 8.1

Jesus e * do coxo de nascença – 11.1,

11.8, 11.9
necessidade de diagnóstico – 10.6

Curandeiro

conceito – 18.3

D

Daguerréotype

significado do termo – 23.5, nota

David Neel, Alexandra

ação dos magos no Tibet – 14.4

De Rochas, Albert, coronel

États superficiels de l'hypnose, Les, livro – 11.11

fenômeno de segunda vista – 29.1

magnetização de gatos – 11.11

regressão da memória – 28.5

sugestão mental – 22.2-22.10

Vies successives, Les, livro – 28.4, 28.5, 29.1

Delanne, Gabriel

depoimento de * sobre Cahagnet – 25.2

magnetismo e o amanhã da morte – 3.1

Revista Espírita – 28.4

sonambulismo – 3.1

Deleuze, Joseph Philippe François, Magnetizador

advertência de * sobre perigos e acidentes do magnetismo – 17.4

água magnetizada – 15.4

árvores magnetizadas – 13.6, 13.8

conselho de * sobre o sonambulismo – 19.7

estudos sobre magnetismo – 1.5

fenômenos no estado sonambúlico – 24.1-24.9

Histoire critique du magnétisme animal, livro – 2.3, 6.4, 7.2, 24.1

perguntas recomendadas ao paciente sonambúlico – 20.6

relatos sobre o encontro com Mesmer – 1.5, nota

sonambulismo – 20.3, 20.4

vantagens e inconveniente do efeito baquet – 13.5

Denis, Léon

fluido universal – 2.7

Deslon, Charles-Nicolas (d'Eslon)

membro da Faculdade de Medicina – 1.4, nota

Mesmerismo – 1.4, nota

Despine, Prosper, Dr.

casos curiosos de sonambulismo – 20.2
Étude scientifique sur le somnambulisme, livro – 8.5, 20.1
experiências com sonâmbulos – 8.5
sonambulismo – 20.1

Deus

nascimento do homem – 1.1
paradoxo – 1.1

Dispersão

insuflação fria – 12.4
processos – 12.3

Droit de guérir, Le, livro

Louis Gastin, magnetizador – 18.8

Du Potet, Jules Denis, barão

defesa de * no processo em Montpellier – 18.6, nota
fenômeno de dupla vista – 27.1
magnetizador – 1.6
passes – 9.9, 10.2
processo de magnetização à distância – 9.2, 9.3, 10.2
relato do * sobre automagnetização – 16.6-16.8
Traité complet du magnétisme animal, livro – 2.6, 3.5, 6.5, 7.6, 15.1, 32.2

Dupla vista *ver também* Segunda vista

Bernardin de Saint-Pierre – 27.1, nota
Lucien Moutin, Dr. – 27.1
Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spiritalisme morderne, Le, livro – 27.1
teoria de Allan Kardec – 27.2-27.8
teoria de Jules Denis Du Potet – 27.1, 27.2

Durville, Hector

advertências de * para os magnetizadores – 10.4
condenação – 11.5
magnetização intermediária – 14.5
polarização do corpo humano – 10.8
ponderação de * sobre a força mágica do olhar – 11.2
Théories et procédés du magnétisme, livro – 11.1
Traité expérimental de magnétisme, livro – 8.5, 12.1

E

Ecmnesia

significado do termo – 28.1

Emmanuel, Espírito

fetiches – 14.4
palavras de * sobre a água magnetizada – 15.8, nota

Esperanto

tradução do texto – 11.8, nota

Espírita

roteiro da conduta cotidiana – 18.2

Espiritismo

chave das relações entre a alma e o corpo – 11.10

curandeirismo – 18.4

esquecimento do passado – 19.6

império do maravilhoso e do sobrenatural – 3.5

preservativos contra as ideias supersticiosas – 9.1

reconhecimento e proclamação do fluido universal – 2.7, 32.1

sensação – 4.2

Espírito

ação e reação do * sobre o corpo – 5.2

conceito – 4.1

origem, natureza e formação – 4.1

Estado sonambúlico

Deleuze e fenômenos – 24.1-24.5, nota; 24.6-24.9

États superficiels de l'hypnose, Les, livro

Albert de Rochas, coronel – 11.11

magnetização de gatos – 11.11

Étude scientifique sur le somnambulisme, livro

experiências com sonâmbulos – 8.5, 20.1

Prosper Despine, Dr. – 8.5

Evangelho

resumo dos preceitos do magnetismo – 14.10

F

Faculdade(s) sonambúlica(s)

resumo das principais – 19.8

Fascinação

estado de * e poder do olhar – 11.4, 11.5

Fé

Allan Kardec e poder – 4.7

lâmpada vanguardeira do progresso individual – 5.1

magnetismo – 4.6

maior condição de receptividade – 8.3

poder da * na ação magnética – 31.1

prece – 4.6

produção de efeitos magnéticos – 4.6
prova do poder da * no magnetismo – 14.9
razão da cura da mulher hemorroíssa – 6.2
tipos – 14.9

Felicidade

obstáculos – 1.1

Fenômeno magnético *ver também* Ação magnética

elementos integrantes – 3.6, 4.1, 32.3

Fetiches

Emmanuel, Espírito – 14.4

Figueira amaldiçoada

mau uso da força magnética – 14.9

Filosofia

sensação – 4.2

Fluido elementar *ver* Fluido universal

Fluido elétrico *ver também* Fluido magnético

conceito – 2.7

modificação do fluido universal – 2.7, 6.4, 32.1

Fluido magnético

ação da vontade – 6.2

ação do * sobre o cérebro – 11.6, nota

corpos impregnados – 14.2

fonte – 5.3

modificação do fluido universal – 2.7, 5.3, 6.4, 32.1

Fluido nervoso *ver também* Fluido magnético

fonte – 5.3

modificação do fluido universal – 2.7, 5.3

segregação – 5.2

transusão – 5.3

Fluido primitivo *ver* Fluido universal

Fluido universal

base da teoria de Mesmer – 2.1

Bíblia e sopro da formação do homem – 5.4

definição – 2.7

Espiritismo, reconhecimento e proclamação – 2.7, 32.1

J.-B. Roustaing – 5.3

Léon Denis – 2.7

mistificação – 5.3, nota

papel – 2.1

propriedades – 2.1
pureza absoluta – 15.2, nota

Fluido vital *ver também* Fluido Magnético

modificação do fluido universal – 2.7, 5.3

Fluido(s)

ação de penetrabilidade – 6.2
conhecimento das leis – 5.6
demonstração da existência – 5.6
esgotamento – 6.5
invenções de aparelhos para registro e medição – 5.6
propriedades – 6.2, 6.3
propriedades dos * nos três reinos da Natureza – 8.5, 8.7
qualidades – 6.3, 7.1
quantidade de * nos seres orgânicos – 6.4

Força magnética

variedade de médiuns – 3.2

Fournel

sugestão mental – 22.1, nota

Fricção

conceito – 12.1
desequilíbrios orgânicos – 12.3
tipos – 12.1

G

Gastin, Louis, magnetizador

Droit de guérir, Le, livro – 18.8

Gauthier, Aubin

árvore magnetizada – 13.8
juramento de Hipócrates – 17.2
juramento do magnetizador – 17.2
magnetização intermediária – 14.7, 16.6
sonambulismo – 20.4
Traité pratique du magnétisme et du Somnambulisme, livro – 4.5, 6.2, 7.1, 8.2, 8.5, 12.1

Gênese, A, livro

Allan Kardec – 15.2, nota
pureza absoluta – 15.2, nota

Gibier, Paul

fenômeno de segunda vista – 29.1

Guide du magnétiseur Spirite, livro

exemplo do réptil que atrai o pássaro – 7.2

Célestin Saint-Jean – 7.2, 7.6

H

Hebreu, povo

água da expiação – 15.1, nota

Helmont, Jan Baptist Van

magnetismo – 3.1

magnetismo animal – 1.4

Hipnotismo

definição – 2.2

James Braid e bases do * moderno – 1.6

mesmerismo e * moderno – 2.1

método de Charles Richet – 2.5, 2.6

observação de Alphonse Bué sobre * e magnetismo – 2.6

opinião de Miguel Couto – 2.2

palavras de Juliano Moreira – 2.2

prestígio da ciência oficial – 2.2

professores e cientistas dedicados ao estudo – 2.2

Hipnotismo e espiritismo, livro

José Lapponi – 1.7

Hipnotismo, livro

Medeiros e Albuquerque – 1.4

Hipnotizador

auxílio na hipnotização – 2.6

exercício prático de fixação dos olhos – 11.5

teorias fluidista – 2.5, nota

Histoire critique du magnétisme animal, livro

Joseph Philippe François Deleuze – 2.3, 6.4, 7.2, 24.1

História da Humanidade

atestado – 1.1, nota

Homem

composição – 4.1

conhecimento dos fluidos – 1.3

estudo das leis – 1.1

ligação do * à imensa teia da vida universal – 2.7

ligação do * aos mundos invisíveis e divinos – 2.7

nascimento – 1.1

segredo da vida universal – 1.3

sensibilidade do * à ação magnética – 8.2

sopro da formação – 5.4

House, Robert E., Dr.

Use of scopolamine in criminology, The, artigo – 2.6

Humanidade

progresso – 1.2

Huxley, Julian

mecanismo físico do cérebro – 4.2, nota

I

Imbassahy, Carlos

Acórdão da Primeira Câmara, O – 18.2, notas

Lei e a Pena, A – 18.1, nota

necessidade da prece – 4.7

Imposição das mãos

considerações – 9.5, 9.6

Moisés – 9.6

Novo Testamento – 9.7

Velho Testamento – 9.6

Instataneous personal magnetism, livro

Edmund Shaftesbury – 8.3

Insuflação

tipos – 12.5, nota

J

Janet, Pierre

Automatismo psicológico, O, livro – 28.3

Jesus

ascensão – 7.1

bênção do copo de água fria – 15.9

cura do cego – 8.1

cura do coxo de nascença – 11.1, 11.8

curas – 12.1, 13.1

figueira seca – 14.1

parábola da mulher hemorroíssa – 6.1

piscina das ovelhas (Betesda) – 16.1

K

Kardec, Allan

ação magnética – 3.3

clarividência sonambúlica e lucidez – 21.4-21.7

esboço de nova obra – 1.3
estudo das propriedades do perispírito – 3.5
êxtase – 21.3
Gênese, A, livro – 15.2, nota
Livro dos espíritos, O, livro – 1.3, 19.2
novos horizontes à Ciência – 32.2
Obras póstumas, livro – 1.3
poder da fé – 4.7
poder *mágico* – 14.5
pureza absoluta – 15.2, nota
qualidades do magnetizador – 7.3
respostas dos Espíritos – 3.2
resumo teórico do sonambulismo – 19.3-19.6
telegrafia humana – 5.5
teoria do fenômeno de dupla vista – 27.2-27.8

L

L'Art de magnétiser, livro

Charles Lafontaine – 20.7

L'Homme et l'intelligence, livro

Charles Richet – 28.1

Lafontaine, Charles

experiências – 8.5

L'Art de magnétiser, livro – 5.5, 6.1, 20.7

magnetização intermediária – 14.6

magnetizador – 1.6

Mémoires d'un magnétiseur, livro – 28.7

transmissão das sensações e dos estados emotivos – 28.7

Lapponi, José – 1.7

Hipnotismo e espiritismo – 1.7

Lei de Afinidade

princípio de magnetização – 8.2

Lei Divina

caminho – 1.2

Lettres sur le magnétisme animal, considéré sous le point de vue physiologique et psychologique, livro

Charles de la Salzède, Dr. – 11.6

Livro dos espíritos, O, livro

Allan Kardec – 1.3, 19.2

sono – 19.2

questão número 338 – 1.3

Loubert, abade

carta recebida do marquês Puységur – 13.7, nota

Magnétisme et le somnambulisme devant les corps savants, la cour de Rome et les théologiens, Le,
livro – 11.11, 11.12

magnetismo entre os sacerdotes do Egito – 11.7

magnetização de gatos – 11.11

resumo das conclusões do * sobre o magnetismo – 11.13-11.15

M

Magia

confusão entre * e magnetismo – 14.5

deturpações do magnetismo – 14.3

Eusèbe Salverte – 14.3, nota

princípios magnéticos – 14.4

Magnétiser, L'Art de, livro

Charles Lafontaine – 5.5, 6.1

Magnétisme animal explique, Le, livro

Alphonse Teste – 13.9, 23.1

Magnétisme curatif, Le – Pshyco-physiologie, livro

Alphonse Bué – 26.1

Magnétisme et le somnambulisme devant les corps savants, la cour de Rome et les théologiens, Le, livro

abade Loubert – 11.11, 11.12

magnetização de gatos – 11.11

Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spritualisme morderne, Le, livro

dupla vista – 27.1

Lucien Moutin, Dr. – 27.1

Magnetismo

ação do * sobre pessoas de saúde perfeita – 8.1, nota

caminho para provar a tese espírita – 1.7

casos de cura – 30.1, nota; 31.1, nota

ciência – 3.1

conceito – 3.6

conceito de fricção – 12.1

condenação como obra do charlatanismo – 2.2

condução ao domínio pleno da Espiritualidade – 2.7

confiança – 4.6

confusão entre * e magia – 14.5

deturpações – 14.3

efeitos do * por Franz Anton Mesmer – 3.1
emprego do * com fé – 4.6
época – 2.4
erros de tratamento – 8.2, nota
esboço entre * e Espiritismo – 1.3
faculdade da alma – 7.1
fenômenos de ordem psíquica ou espiritual – 3.6
filosofia transcendente – 32.2
finalidade – 19.7
Gabriel Delanne, o * e o amanhã da morte – 3.1
J.-B. Roustaing – 3.3, 3.4
James Braid – 2.3
Joseph Philippe François Deleuze, magnetizador – 1.5
Louis Alphonse Cahagnet – 3.1
magnetizador e magnetizado – 8.1
observação de Alphonse Bué sobre * e hipnotismo – 2.6
perigo da atração dos sexos – 17.5
perigos e acidentes – 17.3, 17.9
preceitos do * resumidos no Evangelho – 14.10
preservativos contra as ideias supersticiosas – 9.1
propriedades e atributos da alma – 32.3
prova do poder da fé – 14.9
provocação do sonambulismo – 17.9
resumo das conclusões do abade Loubert – 11.13-11.15
Van Helmont – 3.1

Magnetismo animal

Franz Anton Mesmer – 1.4
Jan Baptist Van Helmont – 1.4
surgimento – 1.4

Magnetismo espiritual

complexidade da matéria – 1.3
fluido dos Espíritos – 3.3, 3.4, 32.2
piscina de Betesda – 16.4

Magnetismo humano-espiritual *ver* Magnetismo misto

Magnetismo humano *ver também* Magnetismo

fluido do magnetizador – 3.3, 3.4, 6.1, 32.2

Magnetismo misto

fluido que os Espíritos derramam sobre o magnetizador – 3.3

Magnetismo semiespiritual *ver* Magnetismo misto

Magnetização

animais, vegetais, minerais – 8.5

aumento ou diminuição da eficácia – 6.4, 7.1
barão Du Potet e processo de * à distância – 9.2, 9.3
caso de * de um compartimento para outro – 10.9
doutrinação do magnetizador antes do processo – 8.3
eficiência dos efeitos – 5.1
prática da * dos alimentos – 14.9
suscetibilidade – 8.5

Magnetizado

ação do * à ação magnética – 8.1
condições necessárias à ação magnética – 8.2
reflexo do estado de alma do magnetizador – 10.4

Magnetizador(es)

advertências de Hector Durville – 10.4
Armand-Marie-Jacques de Chastenet Puysegur – 1.4
Bruno – 1.6
cautela com o uso dos olhos – 11.5
cautela na escolha – 7.3
cautelos do * em relação às próprias forças – 7.6
Charles Lafontaine – 1.6
concentração da atenção – 17.1
crença nos Espíritos – 3.2
doutrinação do * antes da magnetização – 8.3
equiparação dos * aos médiuns curadores – 9.1
estado sonambúlico – 22.1
estudo das sensações manuais – 10.5
excessos da prática magnética – 17.2
força do * e pureza do coração – 4.7
Joseph Philippe François Deleuze – 1.6
Jules Denis Du Potet, barão – 1.6
juramento do * por Aubin Gauthier – 17.2
médium curador – 3.2, 3.3
melhores – 4.5, 7.2
pressentimento do Mundo Espiritual – 3.1
qualidades do magnetizador – 7.3, 8.1
regime de higiene física e mental – 7.4, 7.5
sonâmbulo e visão do fluido – 5.4, nota; 6.3
tipos de insuflações – 12.5, nota

Médium(uns) curador(es)

equiparação dos magnetizadores – 9.1

Meilleurs guérisseurs de France, Les, livro

curas supranormais – 18.5
Pierre Neuville – 18.5

Memóire sur la découverte du magnétisme animal, livro

Franz Anton Mesmer – 1.4

Mémoire sur le magnétisme animal, livro

Casimir-Marie-Marcellin-Pierre-
Célestin Chardel – 1.5, nota

Mémoires d'un magnétiseur, livro

Charles Lafontaine – 28.7

Menezes, Adolfo Bezerra de

fenômenos intelectuais e morais – 4.5

funções psíquicas da alma – 4.4

Mente

função – 4.2

Mesmer, Franz Anton

água – 15.3

base da teoria – 2.1

efeitos do magnetismo – 3.1

fluidez e solidez – 15.2, nota

magnetismo animal – 1.4

Memóire sur la découverte du magnétisme animal, livro – 1.4

relatos do encontro de * com Deleuze – 1.5, nota

três ordens de fluidez – 15.3

Mesmerismo

Charles-Nicolas d'Esmon(Deslon) – 1.4, nota

doutrina de Mesmer – 1.4

origem do hipnotismo moderno – 2.1

Michaelus(pseudônimo de Miguel Timponi)

mensagem recebida do Espírito Ismael Souto – 32.3-32.5

esboço do pensamento – 32.1, nota

Moisés

imposição das mãos – 9.6

Moreira, Juliano

hipnotismo – 2.2, 2.3

Moutin, Lucien, Dr.

Magnétisme humain, l'hypnotisme et le spritualisme morderne, Le, livro – 27.1

processo de magnetização – 10.2

Mundo Espiritual

magnetizadores e pressentimento – 3.1

Mundo(s) invisível(eis) e divino(s)

ligação do homem – 2.7

N

Neuville, Pierre

Meilleurs guérisseurs de France, Les, livro – 18.5

Nosso lar, livro

Francisco Cândido Xavier – 16.2

importância da água – 16.2

Novo Testamento

imposição das mãos – 9.7

O

Obras póstumas, livro

Allan Kardec – 1.3

Ochorowicz, J.

sugestão mental – 22.2

Od

significado do termo – 5.3, nota

P

Paixão

exaltação de inferiores sentimentos e egoísmo – 1.1

Parábola da mulher hemorroíssa

Jesus – 6.1

razões da cura – 6.2

significado do termo virtude – 6.2

Paracelso, Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim

simpatia magnética – 1.4

Passavant, Dr.

força mágica do olhar – 11.2, nota; 11.3

Passe

considerações – 9.9

desequilíbrios orgânicos – 12.3

prática do * perpendicular – 12.4

prática do * transversal – 12.3

Passe longitudinal

considerações – 9.10, 10.1

Pensamento

atributo da alma – 4.1
condição para transmissão do * e da vontade – 5.1
domínio do *, Aristóteles – 4.5, nota
educação – 4.5
força magnética – 29.1
negação da transmissão – 5.4
processo do fenômeno – 4.2

Perispírito

aperfeiçoamento – 5.1
estudo das propriedades – 3.5
função – 3.6, 4.2, 5.1, 5.2
órgão sensitivo do Espírito – 3.6
propriedades – 4.2
sistema nervoso – 4.2, 5.2
supostos sinônimos – 5.3
transmissor do fluido magnético – 5.2

Pinto, Antônio, padre

curas supranormais – 18.5

Piscina de Betesda

comentários de Roustaing – 16.4
magnetismo espiritual – 16.4

Pitres, Albert

significado do termo ecmnesia – 28.1

Polarização do corpo humano

contestação – 10.9
Hector Durville – 10.8

Prece(s)

aproximação de Deus – 4.6
ato da vontade – 5.1
coletânea de * espíritas – 4.6
confiança – 4.6
necessidade – 4.7

Princípios e dos processos do magnetismo animal e das suas relações com as leis da física e da fisiologia, Dos, livro

Bruno, médium curador – 1.6

Progresso

obstáculos – 1.1

Psicometria

Ernesto Bozzano – 14.2, 14.3
explicação natural e lógica – 14.2

Puységur, Armand-Marie-Jacques de Chastenet

árvore magnetizada – 13.7

sonambulismo, sugestão mental, transmissão do pensamento – 1.4, 1.5, 2.3

Q

Quatro evangelhos, Os, livro

J.-B. Roustaing – 1.3

Química fisiológica

química espiritual – 4.3

R

Rapports du magnétisme et du spiritisme, livro

Rouxel – 1.6, 2.4, 3.5

Reforma

preparo moral e espiritual para * do indivíduo – 1.2

Reformador, revista

artigo de Zêus Wantuil – 25.1

Regressão da memória

Albert de Rochas, coronel – 28.5

Renovação científica

precursores – 1.1

Retrovisão

significado do termo – 23.5, nota

Revista Espírita

Gabriel Delanne – 28.4

Richet, Charles, fisiologista

L'Homme et l'intelligence, livro – 28.1

método de hipnotismo – 2.5, 2.6

trabalhos de * na opinião de Charles Baudouin – 2.6, nota

Roustaing, J.-B.

árvore magnetizada – 13.8

emprego do magnetismo com fé – 4.6

figueira seca – 14.10

fluido universal – 5.3

magnetismo – 3.3, 3.4

Quatro evangelhos, Os, livro – 1.3

Rouxel

Rapports du magnétisme et du spiritisme, livro – 1.6, 2.4, 3.5

Traité théorique et pratique de magnétisme spiritualiste, livro – 3.5

S

Saint-Jean, Célestin

exemplo do réptil que atrai o pássaro – 7.2

Guide du magnétiseur Spirite, livro – 7.2, 7.6

Saint-Pierre, Bernardin

fenômeno de dupla vista – 27.1, nota

Salverte, Eusèbe

magnetização e magia – 14.3

Salzède, Charles de la, Dr.

idoneidade – 11.10

Lettres sur le magnétisme animal, considéré sous le point de vue physiologique et psychologique,
livro – 11.6

magnetismo animal – 11.6

Segunda vista *ver também* Dupla vista

Albert de Rochas, coronel – 29.1

Allan Kardec – 27.2-27.4, 29.1

espontaneidade – 29.1

Paul Gibier – 29.1

Sensação

Filosofia, Teologia, Espiritismo – 4.2

Shaftesbury, Edmund

Instataneous personal magnetism, livro – 8.3

Simpatia magnética

operador e paciente – 8.3

Paracelso (Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim) – 1.4

Sistema nervoso

agentes deprimentes – 2.7

perispírito – 4.2, 5.2

representação do perispírito – 4.2

Sócrates

médicos malsucedidos – 11.10

Sonambulismo

abuso – 2.3

Alphonse Bué – 20.4

Armand-Marie-Jacques de Chastenet Puységur – 1.4, 1.5, 2.3

Aubin Gauthier – 20.4

causas – 20.1

conceito – 19.2
Gabriel Delanne – 3.1
James Braid e * provocado – 19.8, 19.9
luz projetada sobre a Psicologia – 19.6
perguntas recomendadas ao paciente – 20.6
Prosper Despine, Dr. – 20.1
resumo teórico de Allan Kardec – 19.3-19.6
tipos – 19.7, 20.1

Sonambulismo provocado

sonambulismo magnético – 20.2

Sonâmbulo

realidade dos fluidos – 6.2, nota
visão do fluido do magnetizador – 5.4, nota; 6.3
visão dos Espíritos – 25.1

Sono

conceito – 19.2
condições favoráveis – 19.1
função – 19.2
Livro dos espíritos, O, livro – 19.2
papel da alma no * espiritual – 19.1
repouso do corpo – 19.2, nota

Sono magnético

classificações – 20.7-20.9

Souto, Ismael, Espírito

identificação – 32.5
mensagem dirigida à Michaelus – 32.3-32.5

Sugestão mental

Albert de Rochas, coronel – 22.2-22.10
Armand Marie Jacques de Chastenet Puységur – 1.4, 1.5
Fournel – 22.2, nota
J. Ochorowicz – 22.2
terapêutica magnética – 22.1

T

Technique moderne de magnétisme humain, livro

Réno-Bajolais – 11.1

Telegrafia humana

Allan Kardec – 5.5

Telepatia

negação – 5.4

Teologia

sensação – 4.2

Teoria fluidista

hipnotizadores – 2.5, nota

Teste, Alphonse

experiências com sonâmbulos – 23.1-23.8

Magnétisme animal explique, Le, livro – 13.9, 23.1

narrativa de * no caso da atração dos sexos no processo de magnetismo – 17.6-17.9

Théories et procédés du magnétisme, livro

Hector Durville – 11.1

Traité complet du magnétisme animal, livro

Jules Denis Du Potet, barão – 2.6, 3.5, 6.5, 7.6, 15.1. 32.2

Traité expérimental de magnétisme, livro

Hector Durville – 8.5, 12.1

Traité pratique du magnétisme et du Somnambulisme, livro

Aubin Gauthier – 4.5, 6.2, 7.1, 8.2, 8.5,

12.1

Traité théorique et pratique de magnétisme spiritualiste, livro

Rouxel – 3.5

Transmissão das sensações e dos estados emotivos

Charles Lafontaine – 28.7

Transmissão do pensamento

Armand Marie Jacques de Chastenet Puysegur – 1.4, 1.5

Trindade universal

constituição – 2.1

U

Universo

lei de atração magnética – 1.3

Use of scopolamine in criminology, The, artigo

Robert E. House, Dr. – 2.6

V

V.g.

significado da abreviatura – 6.4, nota; 8.3

Vida universal

ligação do homem à imensa teia – 2.7
segredo – 1.3

Vies successives, Les, livro

Albert de Rochas, coronel – 28.4

Virtude

significado do termo * na parábola da
mulher hemorroíssa – 6.2

Voltei, livro

Francisco Cândido Xavier – 29.7

Vontade

ação da * com firmeza e continuidade – 4.5, nota
ação da * no fluido magnético – 6.2
ato da * e prece por outrem – 5.1
condição para transmissão da * e do pensamento – 5.1
confiança – 4.6

W

Wantuil, Zêus

artigo da revista *Reformador* – 25.1
obras e pesquisas de Cahagnet – 25.1

Wells, George Philip

mecanismo físico do cérebro – 4.2, nota

Wells, Herbert George

mecanismo físico do cérebro – 4.2, nota

X

Xavier, Francisco Cândido

mensagem recebida do Espírito Ismael Souto – 32.3-32.5
Nosso lar, livro – 16.2
Voltei, livro – 29.7

Z

Zooterapia

perigos – 8.7

MAGNETISMO ESPIRITUAL

Esboçava Allan Kardec uma obra nova, quando, incansável, desencarna. Em seus papéis, anotações acerca das fundas relações entre Espiritismo e Magnetismo. Tal é o objeto de estudo do presente volume, a investigação e a compreensão dessa força oculta e inata, base das potências do Espírito, que ao Codificador tanto fascínio causava.

Hipnose e sonambulismo, telepatia e levitação, vidência e predição, processo obsessivo e tratamento espiritual pelo passe: das curas do Cristo aos milagres dos santos, dos fatos mediúnicos às manifestações anímicas, tudo se assenta no domínio desse nobre saber, o Magnetismo.

Que é, afinal? Qual sua causa e origem? Como se dá seu funcionamento? Como operá-lo e desenvolvê-lo? Sem a pretensão de dar a última palavra, Michaelus desnuda, em *Magnetismo espiritual*, esse intrigante fenômeno, que, à luz espírita, guarda a chave para as grandes descobertas científicas da Humanidade vindoura, no novo milênio que, sem pressa, se nos descortina.

ISBN 978-85-9466-297-2



9 788594 662972